

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
Faculdade de Letras
Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos

Sônia Caldas Pessoa

**ESTÉTICA DA DIFERENÇA: CONTRIBUIÇÕES AO ESTUDO DA
DEFICIÊNCIA E DAS REDES SOCIAIS DIGITAIS COMO
DISPOSITIVOS DE *MISE EN SCÈNE***

Belo Horizonte
2015

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
ESTUDOS LINGÜÍSTICOS

Sônia Caldas Pessoa

ESTÉTICA DA DIFERENÇA: CONTRIBUIÇÕES AO ESTUDO
DA DEFICIÊNCIA E DAS REDES SOCIAIS DIGITAIS
COMO DISPOSITIVOS DE *MISE EN SCÈNE*



Belo Horizonte
Março 2015

Sônia Caldas Pessoa

**ESTÉTICA DA DIFERENÇA: CONTRIBUIÇÕES AO ESTUDO DA
DEFICIÊNCIA E DAS REDES SOCIAIS DIGITAIS COMO
DISPOSITIVOS DE *MISE EN SCÈNE***

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais para a obtenção do título de Doutor em Linguística do Texto e do Discurso.

Área de Concentração: Linguística do Texto e do Discurso

Linha de Pesquisa: Análise do Discurso

Orientadora: Profa. Dra. Ida Lucia Machado

Belo Horizonte

2015

Ficha catalográfica elaborada pelos Bibliotecários da Biblioteca FALE/UFMG

P475e Pessoa, Sônia Caldas.

Estética da diferença [manuscrito] : contribuições ao estudo da deficiência e das redes sociais digitais como dispositivos de *mise en scène* / Sônia Caldas Pessoa. – 2015. 330 p., enc. : il., tabs., graf., color. + 1 CD-ROM.

Orientadora: Ida Lúcia Machado.

Área de concentração: Linguística do Texto e do Discurso.

Linha de pesquisa: Análise do Discurso.

Tese (doutorado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Letras.

Bibliografia: p. 251-263.

Apêndices: p. 265-288.

Anexos: p. 289-330.

Inclui CD com encarte.

1. Análise do discurso – Teses. 2. Cognição – Teses. 3. Metáfora – Teses. 4. Linguística – Teses. I. Mello, Renato de. II. Universidade Federal de Minas Gerais. Faculdade de Letras. III. Título.

CDD : 418



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS LINGÜÍSTICOS



FOLHA DE APROVAÇÃO

**ESTÉTICA DA DIFERENÇA: CONTRIBUIÇÕES AO ESTUDO DA DEFICIÊNCIA E
DAS REDES SOCIAIS DIGITAIS COMO DISPOSITIVOS DE *MISE EN SCÈNE***

SÔNIA CALDAS PESSOA

Tese submetida à banca examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-graduação em ESTUDOS LINGÜÍSTICOS, como requisito para obtenção do grau de Doutor em ESTUDOS LINGÜÍSTICOS, área de concentração LINGÜÍSTICA DO TEXTO E DO DISCURSO, linha de pesquisa Linha E – Análise do Discurso.

Profª Ida Lucia Machado – Orientadora
FALE/UFMG

Prof. Marcus Antonio Assis Lima
UESB

Profª Joana Ziller de Araujo Josephson
FAFICH/UFMG

Profª Adelia Barroso Fernandes
UNI-BH

Wander Emediato de Souza
FALE/UFMG

Belo Horizonte, 17 de abril de 2015.

A Pedro, inspiração sem limites
A Márcio, companheiro de tantos traçados
Aos meus pais, gratidão
Aos diferentes, aprendizado de vida.

AGRADECIMENTOS

A realização dessa pesquisa de doutorado é possível graças à bolsa de estudos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) no Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos (Poslin) da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) para o estágio doutoral (doutorado sanduíche) no Centre d'étude des discours, images, textes, écrits, communication (Ceditec) na Université Paris-Est Créteil - França.

Agradeço à professora Ida Lucia Machado, minha orientadora, pela gentileza e sabedoria e por me permitir seguir caminhos diferenciados em busca dos sonhos e dos projetos de pesquisa e ao professor Dominique Ducard por ter acreditado no nosso projeto e ter nos recebido com tamanha generosidade na França.

Meu obrigado à professora Emília Mendes, do Poslin, pelo incentivo e apoio ao projeto, à Mariana e às Grazielas pelas dicas preciosas sobre doutorado sanduíche em Paris, e às minhas colegas Allana, Gerlice, Tânia e Lorena, que me brindaram com a companhia jovial e sempre divertida.

Agradeço ainda aos dois grupos de pesquisa dos quais faço parte: Centro de Convergência de Novas Mídias (CCNM) do Departamento de Comunicação Social da UFMG, em especial às professoras Joana Ziller e Regina Helena Alves Silva, e Núcleo de Pesquisa de Estudos sobre Transgressões, Imagens e Imaginários (NETII) pela oportunidade de participar de discussões relevantes para a pesquisa.

Meu agradecimento especial a todos os usuários de redes sociais digitais* que contribuíram com a pesquisa e aos colaboradores e leitores do blogue** Tudo Bem Ser Diferente. Por último e não menos importante um obrigado, de coração, aos meus pais, que sempre incentivaram as nossas incursões pelos estudos, ao Márcio, companheiro e amor de todas as viagens, e ao Pedro, presente, luz e vida.

* Preferimos o termo redes sociais digitais a outros, sendouma tradução de “réseaux sociaux numériques”, sintagma utilizado por Marie-Anne Paveau em seu dicionário sobre o tecnodiscurso disponível em <http://technodiscours.hypotheses.org/category/dictionnaire-dadn>.

** Preferimos a grafia blogue, dicionarizada em português, à grafia blog, do inglês.

“Em realidade, não devemos aprender para saber,
mas devemos aprender para sempre podermos
aprender com a vida”.

Rudolf Steiner.

RESUMO

Estética da diferença: contribuições ao estudo da deficiência e das redes sociais digitais como dispositivos de *mise en scène* é um trabalho que investiga o vínculo entre dois dispositivos complexos, as redes sociais digitais e a deficiência a partir de duas problemáticas centrais: a deficiência como dispositivo de *mise en scène* e as conexões discursivas que se formam nas redes sociais digitais. Ancorada na Teoria Semiolinguística a investigação propõe uma abordagem *transgressiva* dos estudos do discurso, em sentido positivo e contemporâneo, com o objetivo de definir, discutir e evidenciar a deficiência como dispositivo de encenação. Como estética da diferença, identificamos e caracterizamos um conjunto de relações que conectam a deficiência e as redes sociais - em um movimento comunicacional que possibilita ao sujeito comum viabilizar a sua expressão cotidiana a partir da semiotização do mundo realizada por meio da seleção de experiências pessoais em determinada sociedade. A afirmação individual estaria no campo da sensibilidade, que permite aos sujeitos uma escolha do lugar discursivo e dos mecanismos que vão guiar o seu posicionamento no mundo. Para tal adotamos o modelo social da deficiência, que a percebe como singularidade ou diferença e não como patologia. Percorremos as pistas apontadas pelo nosso próprio objeto de estudo em diálogo com a Semiolinguística: o contrato, os sujeitos, os imaginários, a linguagem e as encenações em busca da compreensão dos elementos que se constituem em rede. A pesquisa visa permitir, na medida em que admite a flexibilização da noção de *corpus*, a sua coleta e o seu diálogo com a teoria, que os usuários de redes sociais digitais, envolvidos com a temática da deficiência, vislumbrem e materializem os seus próprios discursos sobre a deficiência ou que viabilizem a própria deficiência como dispositivo de encenação.

Palavras-chave: Estética da diferença; Deficiência; Redes sociais digitais; Tecnodiscurso; *Mise en scène*.

RÉSUMÉ

L'esthétique de la différence: des contributions pour l'approche des discours de gens qui portent un handicap et les réseaux sociaux en tant que dispositifs de la mise en scène: voilà le titre donné à cette thèse qui étudie le lien entre ces deux procédés discursifs complexes. Du point de vue discursif, la recherche a puisé dans la Théorie Sémiolinguistique. Le corpus a été formé par les paroles réelles des usagers des réseaux sociaux qui nous ont permis de discuter leur condition de différence par rapport aux autres. On propose ici une approche «transgressive» des études faites sur le discours, en général, car on tient à définir le handicap comme une formation discursive construite par de différents sujets: ceux qui le portent et en parlent et ceux qui assument la parole pour eux. On a ainsi discuté la question en mettant en évidence les sentiments qu'elle inspire dans la vie en société. L'esthétique de la différence a été considérée comme l'ensemble de relations qui connectent le handicap (son expression par le langage) et les réseaux sociaux, dans un mouvement communicationnel, construit à partir de la sémiotisation du monde réalisée à travers la sélection d'expériences personnelles, dans une société donnée. Pour ce faire, on a adopté un modèle social du handicap qui l'aperçoit comme singularité ou différence et jamais comme maladie. Des concepts propres à la Sémiolinguistique ont été de grand aide pour mieux procéder à cette étude: le contrat, les sujets-parlants, les imaginaires, les actes de langage et leurs mises en scène. Ces données ont permis l'élaboration d'une approche discursive concernant les éléments langagiers constitués dans de différents réseaux. On espère que cette étude permettra l'établissement d'un nouveau regard sur la thématique que nous a servi de corpus: les paroles de handicapés insérées dans des réseaux sociaux.

Mots clés: Handicap; Réseaux sociaux en ligne; Nappes discursives; Technodiscours; Technologie discursive.

ABSTRACT

Aesthetics of the difference: contributions to the study of disability and digital social networks such as devices of *mise en scène* is a work that investigates the relationship between two complex devices, the digital social networks and disability from two core issues: the disability as device of *mise en scène* and the discursive connections that are formed in digital social networks. Anchored in the Theory Semiolinguistics, the research proposes a transgressive approach to discourse studies, in positive and contemporary sense, in order to define, discuss and highlight the disability as a staging device. As aesthetic of difference, we identified and characterized a set of relationships that connect the disability and the social networks - in a communication movement that allows the average individual facilitate your everyday expression from the semiotization of the world performed by the selection of personal experiences in a given society. The individual claim would be in the field of sensitivity, which allows individuals a choice of the discursive place and the mechanisms that will guide his position in the world. To this end we have adopted the social model of disability, which perceives it as uniqueness or difference and not as pathology. We traveled the tracks identified by our own object of study in dialogue with Semiolinguistics: the contract, the subjects, the imaginary, the language and the scenarios in search of understanding of the elements that constitute a network. The research aims to allow, as far as it allows a more flexible notion of *corpus*, its collection and its dialogue with the theory, that the users of digital social networks, involved in disability issues, envisage and materialize their own speeches on disability or provide their own disability as staging device.

Keywords: Aesthetics of the difference; Disability; Digital social networks; Tecnodiscourse; *Mise en scène*.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Tríade do <i>continuum</i> discursivo tecnológico	52
Figura 2: Redes teórico-metodológicas possíveis	56
Figura 3: Filtros de pesquisa para coleta de dados	61
Figura 4: Circulação de conteúdo entre as redes de um mesmo perfil	63
Figura 5: Blogue Teias Discursivas	66
Figura 6: Arquitetura do blogue Teias Discursivas	67
Figura 7: Convite para participação na pesquisa em grupo público no <i>Facebook</i>	69
Figura 8: Enunciados purisemióticos de terceiros	97
Figura 9: Textualidade navegante	100
Figura 10: Contrato de autoajuda	112
Figura 11: Contrato de confissão	114
Figura 12: Contrato de Conscientização I	120
Figura 13: Contrato de Conscientização II	122
Figura 14: Contrato Documental I	125
Figura 15: Contrato documental II	126
Figura 16: Contrato documental III	127
Figura 17: Contrato de humor I	129
Figura 18: Contrato de humor II	130
Figura 19: Contrato de humor III	130
Figura 20: Contrato de humor IV	131
Figura 21: Contrato de informação	132
Figura 22: Contrato de Manual I	134
Figura 23: Contrato de Manual II	135
Figura 24: Contrato de Manual III	136
Figura 25: Contrato de protesto I	138
Figura 26: Contrato de protesto II	139
Figura 27: Contrato de protesto III	140
Figura 28: Contrato de relacionamento I	141
Figura 29: Contrato de relacionamento II	142
Figura 30: Contrato testemunhal I	143
Figura 31: Contrato testemunhal II	144

Figura 32: Reprodução de caretas de neurotípicos I	164
Figura 33: Reprodução de caretas de neurotípicos II	164
Figura 34: Reprodução de caretas de neurotípicos III	165
Figura 35: Reprodução de caretas de neurotípicos IV	165
Figura 36: Campanha #falapramimrafinhabastos	168
Figura 37: Reação Campanha #falapramimrafinhabastos	169
Figura 38: Efeitos de sentido manipulados tecnicamente	172
Figura 39: Reações patêmicas nas RSDs	175
Figura 40: Elementos dos imaginários sociodiscursivos (Desdobramento dos imaginários sociodiscursivos a partir do esquema de Charaudeau (2009a)	181
Figura 41: Deficiência: a porta de Simmel	182
Figura 42: Deficiência: invisibilidade com sonhos	183
Figura 43: Deficiência: múltiplas definições	185
Figura 44: Deficiência: limitação corporal	186
Figura 45: Deficiência: torta de limões	187
Figura 46: Deficiência: superação de obstáculos no ciclo de vida	188
Figura 47: Deficiência intelectual: estigma	189
Figura 48: Deficiência: condição humana	191
Figura 49: Deficiência: cidadania	193
Figura 50: Deficiência: limitações	195
Figura 51: Deficiência: desafio e ajuda	196
Figura 52: Deficiência: condição diferente	197
Figura 53: Deficiência: singularidade e atributos	199
Figura 54: Telespectadores da concorrência como retardados	206
Figura 55: Campanha pelo fim do uso de retardado	207
Figura 56: Autista na copa	208
Figura 57: Parabéns por frequentar a balada	212
Figura 58: A síndrome do coitadinho	214
Figura 59: Sistemas polissignificantes	219
Figura 60: Dinâmicas de temporalidade da <i>mise en scène</i>	220
Figura 61: <i>Mise en scène</i> da transformação	221
Figura 62: <i>Mise en scène</i> da acessibilidade	222
Figura 63: <i>Mise en scène</i> do preconceito	223
Figura 64: <i>Mise en scène</i> da normalidade I	224

Figura 65: <i>Mise en scène</i> da normalidade II	225
Figura 66: <i>Mise en scène</i> do tecnologismo I	226
Figura 67: <i>Mise en scène</i> do tecnologismo II	226
Figura 68: <i>Mise en scène</i> da afetividade I	227
Figura 69: <i>Mise en scène</i> da afetividade II	228
Figura 70: <i>Mise en scène</i> da maternidade	229
Figura 71: <i>Mise en scène</i> da sexualidade	230
Figura 72: <i>Mise en scène</i> da sensualidade I	231
Figura 73: <i>Mise en scène</i> da espiritualidade I	232
Figura 74: <i>Mise en scène</i> da espiritualidade II	233
Figura 75: <i>Mise en scène</i> da espiritualidade III	234
Figura 76: <i>Mise en scène</i> da espiritualidade IV	235
Figura 77: <i>Mise en scène</i> da espiritualidade V	236
Figura 78: <i>Mise en scène</i> da espiritualidade VI	236
Figura 79: <i>Mise en scène</i> da superação I	237
Figura 80: <i>Mise en scène</i> da superação II	238
Figura 81: <i>Mise en scène</i> da negação da superação	239
Figura 82: <i>Mise en scène</i> do movimento I	240
Figura 83: <i>Mise en scène</i> do movimento II	241
Figura 84: <i>Mise en scène</i> da aventura	242
Figura 85: <i>Mise en scène</i> artística	243
Figura 86: <i>Mise en scène</i> artística	243

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Redes Sociais Digitais em netnografia	64
Quadro 2: Representações sobre as redes	73
Quadro 3: Dispositivo de encenação da linguagem	84
Quadro 4: Proposta de desdobramento do quadro da situação de comunicação de Charaudeau	91
Quadro 5: Esquema de situações monolocutiva e interlocutiva de comunicação	94
Quadro 6: Descrição Semiolinguística das RSDs – Netnografia	147
Quadro 7: Esquema Imaginários Sociodiscursivos	157
Quadro 8: Deficiência como dispositivo de encenação	217

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	35
1.1 Corpus sensível e emoções	38
1.2 Narrativas epistemológicas e de vida	42
1.3 A bricolagem como artesanato científico	45
2 ENREDAMENTOS METODOLÓGICOS	49
2.1 Fios iniciais.....	49
2.2 Estética em rede.....	49
2.3 Traçados de pesquisa.....	57
2.3.1 Coleta de dados.....	61
2.3.2 Netnografia para análise semiolinguística.....	62
2.3.3 Etapa colaborativa	65
2.4 Redes possíveis.....	72
2.5 Fios das redes	74
2.6 Considerações finais.....	75
3 TEORIA SEMIOLINGUÍSTICA E REDES: ESTUDOS DE ALGUNS CASOS....	79
3.1 Fios iniciais.....	79
3.2 Tropicalização da semiolinguística	79
3.3 Ecos de transgressão na semiolinguística.....	81
3.4 O dispositivo da <i>mise en scène</i>	82
3.5 Os sujeitos	88
3.6 Os contratos	101
3.6.1 Autoajuda	110
3.6.2 Confissão	113
3.6.3 Conscientização.....	120
3.6.4 Documental.....	124
3.6.5 Humor.....	128
3.6.6 Informação.....	131
3.6.7 Manual.....	133
3.6.8 Opinião	136
3.6.9 Protesto	137

3.6.10 Relacionamento	141
3.6.11 Testemunhal	143
3.7 Semiolinguística e netnografia nas RSDs.....	144
3.8 Considerações finais.....	153
4 CIRCULAÇÃO DE REPRESENTAÇÕES DA DEFICIÊNCIA.....	157
4.1 Fios iniciais.....	157
4.2 Imaginários sociodiscursivos.....	157
4.3 Estigmas	176
4.4 Diferenças e repetições.....	181
4.5 Considerações finais.....	200
5 DEFICIÊNCIA E REDES SOCIAIS DIGITAIS EM MISE EN SCÈNE	203
5.1 Fios iniciais.....	203
5.2 Encenações em redes.....	203
5.3 A estética da diferença.....	216
5.3.1 <i>Mise en scène</i> da transformação	221
5.3.2 <i>Mise en scène</i> da acessibilidade	222
5.3.3 <i>Mise en scène</i> do preconceito	223
5.3.4 <i>Mise en scène</i> da normalidade.....	224
5.3.5 <i>Mise en scène</i> do tecnologismo	225
5.3.6 <i>Mise en scène</i> da afetividade	227
5.3.7 <i>Mise en scène</i> da maternidade	229
5.3.8 <i>Mise en scène</i> da sexualidade	230
5.3.9 <i>Mise en scène</i> da sensualidade	231
5.3.10 <i>Mise en scène</i> da espiritualidade	232
5.3.11 <i>Mise en scène</i> da superação	237
5.3.12 <i>Mise en scène</i> do movimento	239
5.3.13 <i>Mise en scène</i> da aventura	241
5.3.14 <i>Mise en scène</i> artística	242
5.4 Considerações finais.....	244
6 CONCLUSÃO.....	247
REFERÊNCIAS	253

APÊNDICES	267
APÊNDICE A - Descrição comentada de blogues, <i>Twitter</i> e <i>Facebook</i>	267
APÊNDICE B - Resumo comentado sobre termos dicionarizados sobre deficiência.....	275
APÊNDICE C - Entre leis e convenções: descrição comentada de algumas leis e convenções sobre as PcDs	283
ANEXOS	291
ANEXO A - Termo de uso de imagem e conteúdo - adulto.....	291
ANEXO B - Formulário de cadastramento dos interessados em participar da investigação	292
ANEXO C - <i>E-mail</i> enviado aos participantes da pesquisa	294
ANEXO D - Termo de uso do <i>Twitter</i>	295
ANEXO E - Termo de uso do <i>Facebook</i>	305
ANEXO F - Termo de uso do <i>Blogspot</i>	315
ANEXO G - Termo de uso do <i>Wordpress</i>	321

INTRODUÇÃO

1 INTRODUÇÃO

Uma inquietação metodológica, que se tornou um dos nossos grandes desafios, foi decisiva para as escolhas dessa investigação: a ideia de constituir uma rede que reúna a teoria, a análise dos dados e a atividade de usuária das redes sociais digitais (RSDs)¹, com perfil destinado à discussão da educação inclusiva para pessoas com deficiência (PcDs), permitindo que essas redes, entrelaçadas, em permanente tensão, nos apontassem pistas para compreender, evidenciar e refletir as relações entre a *mise en scène* e os imaginários sociodiscursivos sobre a deficiência e seus entrelaçamentos com essas redes sociais digitais.

A coleta de dados, recortando-os, em seus fragmentos, do ambiente digital para posterior análise do discurso, parecia-nos não dar conta de uma investigação que está concentrada na hipótese de que a deficiência se apresenta como um dispositivo de encenação em relação com outro dispositivo igualmente complexo, o das redes sociais digitais. Por isso, ampliamos o nosso universo em busca de algumas soluções que também pudessem contribuir para a investigação. O caminho para a formação desses dispositivos e as suas relações entrecortadas e com conexões em constituição ininterrupta nos abriram algumas trilhas e nos apontaram também limites típicos de uma obra aberta (ECO, 1991), a ser interpretada e ressignificada por cada interlocutor.

A Análise do Discurso, associada a outras disciplinas, nos apontou os fios que, em constantes relações subjetivas e objetivas, de proximidade e de distanciamento, de afirmação e de negação, poderiam nos conduzir à compreensão dessa complexa *rede discursiva* que se revelava na medida em que a nossa investigação era costurada e, contraditoriamente, se desmaterializava nas sucessivas observações nas RSDs.

Em resumo, nossa pesquisa visa definir, discutir e evidenciar a deficiência como dispositivo de *mise en scène* a partir da Teoria Semiolinguística (TS) de Patrick Charaudeau e de sua *tropicalização* (MACHADO; MENDES, 2013), que possibilita maior liberdade na definição dos *corpora*. Para tal adotamos o modelo social da deficiência, que a percebe como singularidade ou diferença e não como patologia.

¹ Optamos pelo sintagma redes sociais digitais como tradução a *réseaux sociaux numériques*, que consta no Dicionário de Tecnologia Discursiva elaborado por Marie-Anne Paveau, disponível em: <<http://technodiscours.hypotheses.org/431>>.

A tese é dividida em quatro capítulos, sendo que nesta introdução, refletiremos sobre *corpus* sensível, ou aquele que requer um olhar diferenciado, como acreditamos ser o nosso, e as emoções que possivelmente ele possa despertar. Apresentaremos uma seção introdutória na qual estão contempladas as nossas narrativas epistemológicas e de vida, além de uma reflexão sobre a maneira como articulamos a Semiologia a outras correntes teóricas, em um movimento no qual consideramos a bricolagem como artesanato científico. A nossa intenção é que o leitor encontre a reflexão teórica acompanhada de exemplos do conjunto de elementos que compõem a nossa investigação.

O segundo capítulo é dedicado ao percurso que percorremos na pesquisa sobre a estética da diferença com reflexões sobre as nossas hipóteses de investigação e os enredamentos metodológicos que nos levaram à investigação das relações constituídas entre a deficiência e as RSDs, a partir de uma concepção semiológica. Relacionamos os procedimentos de pesquisa, realizados em três grandes etapas, que podem ser resumidas como a coleta de dados, a netnografia para a análise semiológica e a busca por um trabalho colaborativo no qual as PcDs pudessem participar diretamente e nos oferecer as suas representações e encenações de deficiência, pelo viés da linguagem, além das conexões despertadas por elas. O leitor acompanhará ainda neste capítulo uma análise descritiva das RSDs escolhidas para a nossa observação: blogs, *Facebook* e *Twitter*.

No terceiro capítulo apresentaremos nosso olhar da Teoria Semiológica (TS), que norteia a nossa investigação por meio de Charaudeau (1983, 1992, 1995 e 2011) e Machado e Mendes (2013), e estabelecemos as conexões com as outras correntes teóricas nas quais nos baseamos para deslindar o encontro das redes estabelecidas entre os dois dispositivos já citados. Elegemos como prioritárias as noções de *mise en scène*, dispositivo e contrato da TS, bem como os lugares, papéis e atitudes dos sujeitos nos encontros sociais, além de outros conceitos correlatos. Aqui o leitor encontrará uma reflexão sobre o dispositivo da *mise en scène* e a relação entre as encenações dos sujeitos e os contratos estabelecidos com os leitores nas RSDs. A partir das concepções de Charaudeau (2011) reunimos elementos para a compreensão do dispositivo em uma perspectiva conceitual. De acordo com a abordagem charaudeana, a situação de comunicação é estruturada pelo dispositivo, que seria um conjunto de relações entre elementos distintos e as suas condições materiais.

No quarto capítulo apresentaremos uma reflexão sobre os imaginários sociodiscursivos a

partir da TS, ou seja, como os mecanismos de diferença e de repetição contribuem tanto para a circulação das representações quanto para a cristalização de estereótipos e de estigmas na perspectiva de Goffman (1975b)².

Embora esse trabalho não se concentre nos imaginários sociodiscursivos, entendemos que eles são fundamentais para desvelar as relações que se estabelecem entre os dois dispositivos por nós escolhidos para a pesquisa – deficiência e redes sociais digitais – a partir da construção da *mise en scène*, nas quais as representações de si e do outro se tornam componentes importantes para vislumbrar de que maneira as próprias representações se constituem encenações.

O último capítulo da tese abarca um conjunto de relações que nos levam à evidenciação da estética da diferença, ou seja, como *peessoas comuns* se dedicam à revelação de suas próprias vivências tornando a deficiência protagonista e também parte de todos os elementos necessários para a *mise en scène*, como cenário, linguagem, suporte e dispositivo com a finalidade de romper com os estigmas do passado e apresentar um discurso outro, que suscite encenações sobre tabus relacionados às PcDs, como a arte, o esporte, a sensualidade, a sexualidade, a maternidade, a aventura, além de outros articulados com a instância política, como a acessibilidade, a cidadania, o respeito, a igualdade e o preconceito.

Nos Apêndices (A, B e C), o leitor encontrará um material complementar de pesquisa por nós elaborado como uma incursão panorâmica sobre as representações das PcDs em alguns períodos importantes da história da humanidade. Nosso objetivo foi o de compreender como alguns imaginários, encontrados nos dias atuais nas RSDs, tiveram origem em tempos longínquos e ainda estão presentes no discurso contemporâneo. Consta deste material complementar um breve resumo sobre palavras e sintagmas dicionarizados e usados em leis e convenções sobre as PcDs e que, a nosso ver, contribuem para que possamos entender a constituição de algumas encenações que têm lugar nas RSDs.

E no CD anexado a esta tese estão as imagens que foram analisadas e que constam dos exemplos e estudos de casos aqui mencionados.

² A TS de Patrick Charaudeau encontra-se em vários pontos com as teorias de Goffman.

Antes de explicarmos as noções e conceitos supracitados, que ancoram esse trabalho, abordaremos a relação entre *corpus* e problemática, fundamental para a nossa escolha teórico-metodológica. Charaudeau (2012, p. 01) afirma “Dis-moi quel est ton *corpus*, je te dirai quelle est ta problématique”³. Alerta-nos, assim, para a importância da constituição do *corpus* e de que maneira essa escolha vai se referir não só às perguntas da investigação, mas a própria busca das hipóteses para desvendar fatos e ideias a elas relacionadas.

Nesse caminhar relembramos o duplo movimento dedutivo-indutivo próprio da pesquisa em Ciências Humanas e Sociais. Aceitando a trilha proposta por Charaudeau, em uma perspectiva de abertura de possibilidades para o tratamento do *corpus*, assumimos também que esse movimento nos guia em direção a uma abordagem heurística na qual, para nós, o *corpus* se desloca do lugar objeto de análise e passa, simultaneamente, a integrar uma parcela significativa da teoria. *Corpus* e teoria trilham, na nossa tese, um caminho conjunto, rompendo possíveis fronteiras estanques, com espaços reservados e preservados entre si e também com interfaces que colaboram para o jogo epistêmico.

Nesse sentido consideramos que a nossa pesquisa se insere em um campo epistêmico que chamamos aqui de *transgressivo*, em uma acepção análoga à de Machado (2013a), para quem o fenômeno da transgressão é percebido como uma *porta aberta* para que o pesquisador promova mudanças e, por que não dizer, ouse fazer adaptações e até mesmo criar a partir de teorias já existentes.

Pretendemos, além disso, avançar em relação ao diálogo com o próprio universo da linguagem sobre a deficiência, proporcionando a participação de alguns dos sujeitos envolvidos na circulação de conteúdos sobre a temática nas RSDs. Esclarecemos que nossa ideia não se caracteriza como um estudo de recepção; trata-se de uma iniciativa que visa dar voz ao *corpus*, que se constitui como dispositivo na própria tese.

1.1 Corpus sensível e emoções

Em nossa pesquisa visamos unir três fios rebeldes que a permeiam. O primeiro deles diz

³ Diga-me qual é teu *corpus* que eu te direi qual é a sua problemática.

respeito à emoção do pesquisador; o segundo é constituído pelo tratamento do *corpus* sensível e está relacionado ao primeiro, mas, tal como ele, possui vida própria; e o terceiro envolve a metodologia de pesquisa propriamente dita.

A nossa relação pessoal com a deficiência poderia se apresentar como uma dificuldade para o desenvolvimento do projeto. Se por um lado mantemos um blogue⁴ sobre a temática e temos uma situação familiar que a envolve, por outro, somos questionados, em algumas oportunidades, sobre a legitimidade que nos motiva a tratar o tema sem que sejamos, nós mesmos, uma pessoa com deficiência. A ambiguidade dessa situação nos levou ao ateliê *As emoções e os tratamentos pluridisciplinares entre subjetividade e reflexividade*⁵, realizado, na Universidade Paris 13 e coordenado por Marie-Anne Paveau.

Pedimos licença ao leitor para fazer um relato da nossa participação nesse ateliê e refletir sobre a emoção e a sua importância metodológica de tratá-la na apresentação desta pesquisa. Pesquisadores de universidades francesas se reuniram para apresentar as suas próprias vivências tanto com o tratamento de um *corpus sensível* contendo as emoções que estão permanentemente presentes no trabalho científico e que são, na maioria das vezes, negligenciadas no momento da publicação das análises e dos resultados.

O posicionamento científico que se constrói respeitando as emoções e os valores do pesquisador nos apresenta questões importantes que extrapolam o envolvimento do profissional com determinada causa ou temática. A preocupação diz de uma iniciativa que permite ao pesquisador assumir o seu *lugar de fala* que, a nosso ver, é bem maior do que a sua titulação, o seu cargo ou a sua filiação teórica. Isso significa dizer que seria permitido, assim, revelar o instrumental epistemológico, e publicizar a sua consciência de um *désir* ou de um desejo epistemológico bem como de suas emoções vistas através de um crivo científico. Em uma perspectiva mais ampla, tal iniciativa admitiria um diálogo consigo abrindo a possibilidade do pesquisador se desvelar ao leitor, em uma atitude ética, aproximando o esforço acadêmico da vida pessoal e coletiva.

É necessário esclarecer que essa opção epistemológica não deve ser concebida como uma

⁴ Preferimos a grafia em português ao inglês *blog*.

⁵ Tradução nossa de: *Les émotions du/de la chercheur.se. Partages et traitements pluridisciplinaires entre subjectivité et réflexivité*. O ateliê, realizado no dia 28.03.2014, na Université Paris XIII, foi coordenado pela professora da Universidade Paris 13, Marie-Anne Paveau.

camisa de força, que impõe ao pesquisador a reflexão pública de tais pressupostos. Trata-se de uma escolha relacionada às suas próprias inquietações científicas e aos valores que norteiam sua pesquisa. Poderíamos considerá-la um *gesto teórico*, que não depreciaria a avaliação científica do trabalho nem afetaria a credibilidade do profissional.

Esclarecemos ainda que não nos referimos aqui à emoção associada à linguagem (KERBRAT-ORECCHIONI, 2000) ou à construção retórica das emoções (PLANTIN, 1999). Ao nos distanciarmos da análise discursiva da emoção no texto acadêmico, nos associamos à perspectiva da presença da emoção como elemento de um instrumental teórico-metodológico aceito, discutido e assumido pelo pesquisador.

Para ilustrarmos melhor essa ideia recortamos exemplos discutidos no ateliê supracitado sobre as emoções e as subjetividades do pesquisador. O historiador Ivan Jablonka, da Université Paris 13, autor de “Histoire des grands-parents que je n’ai pas eus”⁶, fez um alerta em sua apresentação que pode ser ampliado aos demais pesquisadores da Historiografia e por que não das Ciências da Linguagem. A partir da sua experiência em escrever a história dos avós mortos durante a Segunda Guerra Mundial, se questiona se o fato da filiação biológica ser ou não “prejudicial” à investigação realizada a partir da Historiografia ou ainda se a escolha da filiação teórica isenta o pesquisador da subjetividade inerente ao ser humano. Tais questionamentos parecem-nos pertinentes e nos suscitaram algumas indagações, tal como a de se perguntar em que medida o pesquisador pode assumir a subjetividade e a individualidade. Jablonka acredita que ao mudar a escala sobre as exigências de distância e de reflexividade que se impõem sobre o pesquisador é possível evidenciar as *virtudes epistemológicas* da subjetividade e da emoção.

No caso supracitado, o foco da emoção está necessariamente ligado à história de vida do pesquisador. Mas em outras situações, pode estar relacionado ao próprio objeto de pesquisa e a trajetória pessoal pode ser percebida, ainda que sutilmente, na obra do referido autor. Muitos seriam os elementos componentes das narrativas de vida ou narrativas de si, sintagma usado por Machado⁷ desde 2009 para designar o ato de contar uma história, em ocasiões formais e informais, que desencadeia no sujeito comunicante a necessidade do uso de estratégias de captação além de certas habilidades para garantir uma cumplicidade com os sujeitos destinatários.

⁶ Texto de apresentação do livro de Ivan Jablonka sobre os avós mortos na II Guerra Mundial (NIKEL, 2012).

⁷ Sobre narrativa de vida ver Machado (2013b).

Concordamos com Machado (2013a), que atualmente realiza, pelo CNPQ, a pesquisa *Percursos de vida que se entremeiam a percursos teóricos*, sobre a relação próxima entre os dois. A autora, em uma atitude que consideramos corajosa e atípica no ambiente acadêmico, conta parte de sua trajetória profissional e o caminho trilhado para a sua filiação teórica à narrativa de vida. “Vida íntima e vida profissional se entrecruzam sempre, por mais discretos que sejamos, sobretudo, em relação à primeira”, sintetiza Machado (2013a, p. 4) ao postular que essa relação seria percebida nas entrelinhas e poderia estar na base da criação teórica.

Retomando a singularidade do *corpus*, destacamos ainda algumas reflexões do ateliê *Les émotions du.de la chercheur.se. Partages et traitements pluridisciplinaires entre subjectivité et réflexivité*. No âmbito dos estudos realizados notamos que um conjunto de materiais de pesquisa, como o do nosso *corpus*, é capaz de despertar sentimentos diversos em função dos sujeitos que o compõem, da fragilidade ou vulnerabilidade social, da dificuldade para a obtenção de dados, dos dilemas éticos e das reações institucionais que possam vir a surgir, entre outros. Tomamos emprestado do pesquisador François Perea, da Université Montpellier III, membro do ateliê, que pesquisa linguagem e clínica do alcoolismo e linguagem e pornografia, o sintagma *corpus sensível* para o conjunto de materiais que aqui analisaremos.

Poderíamos considerar ainda *corpus sensível* a pesquisa realizada por Catherine Ruchon, também integrante do ateliê, sobre o discurso médico reportado por pais que perderam os filhos. Convivendo com o luto e em um momento de dor extrema, os pais contaram a terceiros como receberam a notícia da morte dos filhos por meio dos médicos. Outro exemplo seria a investigação desenvolvida por Marie-Anne Paveau sobre o discurso dos estupradores reportado por vítimas de estupro em RSDs. As vítimas descreveram em cartazes as falas dos estupradores, momentos antes da violação dos seus corpos, durante o estupro e após a sua consumação.

Ao discutir as subjetividades e as emoções do pesquisador, durante o ateliê aqui abordado, Paveau explicou que não tem relação pessoal direta com o tema estupro e, abrindo a sua vida pessoal, em um momento de *narrativa de vida oral*, revelou que não era uma vítima de estupro, e se interessava pelo tema como pesquisadora, sentindo-se extremamente tocada pelo objeto de pesquisa. Ela ponderou que trabalhar com um *corpus* como esse requer um esforço de reconhecimento e de gestão das emoções, que são intensas e variadas.

Aceitamos a proposição de Paveau, que considera importante que o pesquisador não só assuma as emoções relacionadas à sua pesquisa e a relação entre o objeto e a trajetória de vida, como também reflita sobre suas possíveis inquietações. Parece-nos relevante mencionar que a nossa pesquisa sobre a deficiência nas RSDs também foi tema de debate durante o ateliê realizado em 28 de março de 2014, no qual tivemos a oportunidade de fazer uma breve exposição e ouvir a opinião dos pesquisadores presentes. No ateliê, houve uma recomendação, que nos pareceu consensual, para a elaboração dessa tese a fim de identificarmos e nomearmos as emoções durante a realização deste projeto de pesquisa.

Tentar entender a complexidade do discurso sobre a deficiência nas RSDs não significa que faremos, na tese, uma denúncia sobre essa temática. Significa, a nosso ver, com base em Charaudeau (2013a), revelar a sua substância e o seu funcionamento a partir de uma investigação científica, com compromisso ético com as afirmações aqui feitas. Após essa breve incursão sobre as emoções e o engajamento do pesquisador, especialmente quando relacionadas a *corpus sensível*, como consideramos ser o nosso, sentimo-nos mais à vontade para mostrar o nosso *gesto epistemológico*.

1.2 Narrativas epistemológicas e de vida

Tendo em vista as considerações precedentes pedimos licença, uma vez mais, para fazer uma incursão sobre a nossa trajetória pessoal; sem o desvelamento da qual deixaríamos lacunas para o leitor. Aos quatro meses de idade, nosso filho foi diagnosticado com hidrocefalia⁸, o que acarretou, naquele momento, uma série de consequências para a sua condição de vida.

Já antecipamos as nossas desculpas pela ousadia de expor essa breve narrativa de vida pessoal em uma investigação de doutorado e, entendendo que essa decisão não é comum à maioria dos doutorandos, esperamos que o leitor compreenda a relação entre a nossa vida privada e a presente pesquisa. Pelas razões expostas, conhecemos uma infância em unidades de saúde e de reabilitação: crianças que passam a maior parte do tempo em ambientes terapêuticos. E, nesse cenário, entramos em contato com a diferença do nosso próprio filho e dos filhos de

⁸ Definição do *Dicionário Houaiss*: “Aumento anormal do fluido cefalorraquidiano dentro da cavidade craniana, acompanhado de expansão dos ventrículos cerebrais, alargamento ósseo, sobretudo da testa, e atrofia encefálica, de que resultam deficiência mental e convulsões” (HOUAISS, 2003, p. 1.019).

outras famílias. Conhecemos um mundo em que, por muitas vezes, os sujeitos *falam* por meio da sua deficiência, por opção ou por imposição de uma situação frágil ou extrema.

Percebemos, assim, que a diferença não diz respeito somente à deficiência grave e facilmente perceptível. A nosso ver, tratam-se de relações sociais mais complexas, estabelecidas em situações de vulnerabilidade da saúde, da condição de permanência, da conquista de direitos, enfim, do lugar social. A tentativa de compreensão dessas relações e da sua circulação social nos levou a criar, em março de 2012, o blogue *Tudo Bem Ser Diferente* e perfis em RSDs⁹.

As conexões e as relações que se estabeleceram nas RSDs a partir daí, entretanto, nos levaram a um universo da diferença constituído em torno da troca de informações e de experiências, manifestações, campanhas e dúvidas. Em outras palavras, esse universo se faz pela convivência com “diferentes” de “todas as diferenças”, que usam as RSDs para disseminar ideias e trabalhar contra o preconceito. A nossa observação do *diferente* foi ampliada: das crianças para os adultos, da deficiência para a homossexualidade, das limitações para o racismo. Um mundo ilimitado de *diferentes* e de *redes discursivas* nas RSDs.

Com base na afirmação de Mendes (2004, p. 63), sentimo-nos mais à vontade para descrever parte do percurso que deu origem à tese ou o *caminho sinuoso*, como denomina a autora, que acredita que tal iniciativa pode trazer contribuições para a compreensão da temática. No primeiro semestre de 2013, em uma reunião do *Núcleo de Estudos sobre Transgressões, Imagens e Imaginários* (NETII), na Faculdade de Letras (FALE), da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), oficializamos a decisão de deixar em segundo plano, pelo menos temporariamente, uma pesquisa sobre o discurso radiofônico para nos dedicarmos à investigação paralela que estávamos realizando: o *discurso da diferença* nas RSDs. Com o apoio da nossa orientadora, a quem aproveitamos para agradecer pela compreensão e pela sensibilidade, ocorria ali, simbolicamente, o nosso afastamento, provavelmente temporário, da temática do rádio, com a qual nos relacionamos por 20 anos, tanto no trabalho nas redações de emissoras quanto nas aulas em cursos de Comunicação Social e no mestrado, em direção a uma imersão nas *temáticas da diferença*, sob a ótica dos estudos do discurso.

Independentemente da nossa relação pessoal com a *deficiência*, devemos lembrar que se trata

⁹ Disponível em: <www.facebook.com/tudobemserdiferente> e @TudoBemSerDifer no Twitter.

de uma temática socialmente relevante e que ainda não alcançou *status* em alguns campos de pesquisa e instituições, tais como os estudos do discurso. Apenas para ficarmos no âmbito do Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos (Poslin) da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas (UFMG), realizamos um levantamento no banco de dados disponível no *site* do programa. Em setembro de 2013, das 260 teses que constavam como defendidas no *site* do programa, seis estão relacionadas à deficiência¹⁰, sendo quatro em Fonética e Fonologia e duas em Estudos de Cognição. Entre as 762 dissertações de mestrado que constam como defendidas no programa até a mesma data, 132 são de Estudos do Discurso¹¹ e, entre elas, uma está relacionada ao campo discursivo da surdez¹².

Para situarmos a importância social da deficiência gostaríamos de lembrar que, de acordo com os dados da Organização das Nações Unidas (ONU), cerca de 10% da população mundial, ou cerca de 650 milhões de pessoas, vivem com uma deficiência. Mais do que uma estatística,¹³ esse número constitui a maior comunidade ou minoria do planeta. Cerca de 80% dessas pessoas vivem em países pobres ou em desenvolvimento. Os direitos e a dignidade das PcDs foram reunidos, entre vários documentos, na Convenção das Nações Unidas sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência, tendo sido adotado em 2006 o seu Protocolo Facultativo, em vigor desde 3 de maio de 2008.

A declaração se tornou um marco, segundo avaliação da UN Enable, entidade que reúne o Secretariado da Convenção, responsável por defender os direitos e a dignidade das pessoas com deficiência, por apresentar uma mudança de paradigma. A PcD estaria alcançando uma posição social diferente da que lhe é comumente atribuída, ou seja, ela se centraria não mais sobre “objetos de caridade”, mas sim sobre “pessoas com direitos”. Assim, a PcD seria capaz de tomar decisões e reivindicar direitos, reconhecendo-se a sua condição de membro ativo da sociedade.

Feitos esses registros que sustentam a nossa narrativa de vida e o nosso gesto epistemológico,

¹⁰ Disponível em: <<http://www.poslin.letras.ufmg.br/index.php/teses-dissetacoes>>. Acesso em: 17 set. 2013.

¹¹ A Escrita de Si: discursos sobre o ser surdo e a surdez é o nome da dissertação de Maria Clara Maciel de Araújo Ribeiro.

¹² Registramos ainda que após essa data houve a defesa de tese de Ivan Vasconcelos Figueiredo intitulada Imaginários sociodiscursivos sobre a surdez: Análise construtiva de discursos do jornal visual a partir da produção e da recepção, totalizando duas teses até o momento.

¹³ Dados disponíveis em: <<http://www.onu.org.br/a-onu-em-acao/a-onu-e-as-pessoas-com-deficiencia/>>. Acesso em: 09 jun. 2014.

acreditamos que descortinamos para o leitor o *território-lugar-do-meu-pensamento*, lugar no qual vou me construir ou uma máscara colocada convencionalmente sobre o rosto do eu (CHARAUDEAU, 2008b, p. 16).

Acreditamos que a pesquisa em pauta possa ajudar, em certa medida, a evidenciar a importância das RSDs na compreensão das interações sociais que extrapolam a esfera privada, um fenômeno cada vez mais frequente na sociedade. Talvez seja também possível que ela venha a oferecer uma contribuição para a ampliação do conhecimento teórico sobre as RSDs face ao discurso da diferença, que se encontra em estágio incipiente na comunidade acadêmica brasileira. Pensando com Santos e Lorent (2012), acreditamos que a universidade tem um papel político importante e constitui um cenário que permite problematizar e discutir a diferença em suas ações afirmativas ou por meio de projetos de pesquisa.

1.3 A bricolagem como artesanato científico

Por vezes os fios que tecem essa investigação sobre *corpus sensível* se entrelaçaram a outros, apresentando-nos um emaranhado de possibilidades e obrigando-nos a reconhecer alguns limites. Por outro lado, permitiram-nos avançar em direção a outros conceitos. Como o *bricoleur intelectual* de Lévi-Strauss (1989, p. 32), mas sem fazer comparações com o cientista como o fez o pensador, foi preciso estabelecer um diálogo com cada objeto que se apresentava em nosso percurso, quase como a interrogá-lo e em outros momentos a observá-lo e a ouvi-lo de forma a permitir que revelasse a sua singularidade ou até mesmo a sua excentricidade.

Muitas peças de um enorme instrumental se tornaram dispensáveis, entre os ditos e os não ditos por elas próprias, nesse tempo e nesse espaço de pesquisa, e foram cuidadosamente armazenadas para outro momento; afinal, o *bricoleur* não dispensa pequenos *tesouros* que encontra pelo caminho. Ele costuma reservá-los para ocasiões futuras em que terão serventia.

Uma suposta rebeldia, que nos aliou à bricolagem, descortinou para nós um universo que extrapolou a mera oposição para se revelar, em sua qualidade, como resistência para seguir em busca de experiências discursivas nativas em ambientes digitais ainda pouco exploradas por linguistas franceses e brasileiros. Sendo assim, o próprio *corpus* e a nossa problemática

apontaram para a necessidade de escolha de uma abordagem que permitiria a *interdisciplinaridade focalizada* (CHARAUDEAU, 2010b, 2012) nos estudos do discurso entre dois ou mais campos, conforme evidenciaremos no capítulo a seguir.

Se o *bricoleur* é capaz de realizar tarefas diversificadas, bem sabe ele que ser meticuloso e disciplinado é quase regra em um trabalho que exige de suas mãos a costura dos elementos e de sua mente a seleção e a análise do material. Por isso, os detalhes de uma escolha desataram os nós na *rede* de relações concretas e virtuais de cada um desses elementos. Compartilhamos com Lévi-Strauss (1989, p. 35) a ideia de que a *bricolagem* não esgota o saber de todos os elementos de um *corpus*. Permite, no entanto, que o *corpus* fale por si e também dê pistas a esse artesão intelectual, o que não garante resultados previsíveis. A nosso ver, a auto-permissão da bricolagem abre, pelo contrário, caminhos inesperados, nos quais podem surgir imprevistos que atingem resultados surpreendentes.

ENREDAMENTOS METODOLÓGICOS

2 ENREDAMENTOS METODOLÓGICOS

2.1 Fios iniciais

Este capítulo reúne as nossas hipóteses de trabalho sobre a estética da diferença, o percurso da nossa investigação, os procedimentos metodológicos para a análise semiolinguística, como a coleta de dados, a netnografia e a proposta colaborativa da pesquisa e, finalmente, uma descrição das RSDs observadas.

2.2 Estética em rede

Nossa pesquisa foi realizada tomando como instrumental teórico a Teoria Semiolinguística, de Patrick Charaudeau. Ela se concentra na hipótese de que a deficiência é um dispositivo de *mise en scène* da linguagem por meio do qual são tecidos enredos de experiências pessoais ou profissionais, isto é, de vida social e de discurso, que contribuem para a projeção dos imaginários sociais sobre essa mesma deficiência. Essas representações, por sua vez, são importantes para a constituição das próprias encenações.

Podemos dizer que ela é um dispositivo que se entrelaça a outros, tais como as redes sociais digitais, para se fazer circular e para romper com a invisibilidade comum ao discurso de indivíduos que vivem, muitas vezes, à margem da sociedade. Das relações entre os dois dispositivos – pela tensão inerente ao próprio discurso sobre a deficiência e à dinâmica das RSDs – emerge, na nossa avaliação, um conjunto de relações que denominamos de *estética da diferença*.

Pensem primeiramente nas relações entre usuários de RSDs, que se constituem e se rompem permanentemente, tendo em vista a sua existência em espaço e tempo indefinidos. Seriam interações que se valem de recursos diversos, como o discurso tradicional que toma as RSDs como palco e o tecnodiscurso (PAVEAU, 2012, p. 7), que é nativo da Internet. Têm sempre um início a partir de uma postagem, mas raramente um encerramento, uma vez que, estando disponíveis na Internet, podem ser retomadas a qualquer momento sem aviso prévio ou sem agendamento, independentemente da vontade dos demais interlocutores. No seio das

redes discursivas por nós observadas um componente nos chama a atenção e nos guia em direção a uma problemática outra: a *deficiência como dispositivo de encenação da linguagem*.

O dispositivo, sobre o qual refletiremos, é concebido nesta tese a partir de sua ordem conceitual (CHARAUDEAU, 2011), na qual os sujeitos se lançam na engenhosa e delicada aventura de encenar para se comunicar, na tentativa de que a interação seja bem sucedida. Nesse sentido vários elementos, componentes desse dispositivo, mudam de posição e de função em um movimento constante e imprevisível.

Os sujeitos e a linguagem são fundamentais numa perspectiva conceitual sobre o tema, uma vez que o dispositivo estruturaria a situação na qual se dão as trocas linguageiras. A organização das mesmas reuniria variáveis complexas e em permanente tensão, tais como a identidade social dos parceiros envolvidos nessa troca, bem como a identidade individual de cada um deles e os papéis que estão desempenhando naquele momento a partir da finalidade da interação. Não podemos desprezar as condições materiais nas quais se desenvolve a troca linguageira, componentes importantes para que se entenda, por exemplo, as relações que se constituem entre os parceiros (CHARAUDEAU, 2011). E é preciso ainda levar em consideração a vida cotidiana e os inúmeros desafios sociais e discursivos que se lançam nos encontros sociais.

Seguimos do dispositivo em direção à deficiência. Partimos da noção de deficiência proposta pela Organização Mundial de Saúde (OMS, 2012, p. 04) aceitamos que a deficiência é “complexa, dinâmica, multidimensional, e questionada”. Assim localizamos a deficiência no quadro do modelo social, o que significa dizer que reconhecemos o deslocamento, mas não a ruptura, do modelo médico individualizado para o modelo estrutural e social. De acordo com essa percepção, a pessoa com deficiência seria percebida pela sociedade em função de suas limitações, mas não em função de seus corpos, como diz o relatório da OMS, e a que nós acrescentamos, de suas mentes.

Ressaltamos ainda que é comum uma PcD apresentar problemas de saúde ou se tornar deficiente como consequência de uma doença grave ou um acidente, o que não valida a perspectiva da deficiência como patologia. Em outras palavras, patologias podem estar associadas à deficiência, mas a deficiência em si não se configuraria como uma doença.

Quando nos referimos ao *modelo social de deficiência* reconhecemos que se trata de um

conjunto de fatores biológicos, psicológicos e sociais, que circulam com suas singularidades e também com suas características em comum, em movimentos nem sempre previsíveis ou identificáveis, que negociam entre si e até se permitem determinados ajustes, mas estão distantes de uma relação equilibrada. Pelo contrário, estão, de novo, em tensão.

A perspectiva social, no nosso entendimento, distribui na sociedade a importância da reflexão e da responsabilização para a problemática da deficiência, deslocando a abordagem clínica e individualizada, que trazia sérias consequências para a efetiva adaptabilidade e acessibilidade dos equipamentos e estruturas sociais às PcDs. Nesse sentido, vislumbram-se cenários centrados em uma sociedade inclusiva em aspectos múltiplos e irrestritos. Se esses cenários estão sendo construídos, pode-se vislumbrar também as projeções de representações e de encenações que dissociem as PcDs dos estereótipos de cunho negativo e as aproximem de sujeitos sociais com suas especificidades.

A articulação entre o modelo social da deficiência e uma investigação científica emancipatória¹⁴ visa uma pesquisa científica ancorada em bases críticas, como um reconhecimento de que a academia, por vezes, teria sido cúmplice de quadros sociopolíticos opressores tanto ao produzir quanto ao se omitir (OLIVER, 1997; MERCER, 2002). Além disso, busca diálogos viáveis entre a comunidade científica e as PcDs em uma tentativa de aproximação da produção científica e das necessidades dessas minorias.

Partimos de uma ideia inicial, em nossa pesquisa de doutoramento, de que a estética da diferença seria constituída por escolhas e estratégias discursivas por perfis em RSDs que vislumbrariam um discurso politicamente correto. A finalidade de algumas redes seria o combate ao preconceito ao passo que outras redes se valeriam de um discurso transgressivo, na tentativa de chamar a atenção dos leitores para a importância do debate sobre a temática. A nossa pesquisa revela, no entanto, que a estética da diferença ultrapassa as escolhas discursivas ou as estratégias adotadas pelos sujeitos.

A estética da diferença constituiria um conjunto de relações que conectam dois dispositivos – no caso dessa pesquisa, deficiência e redes sociais digitais. Esses dispositivos estão em um

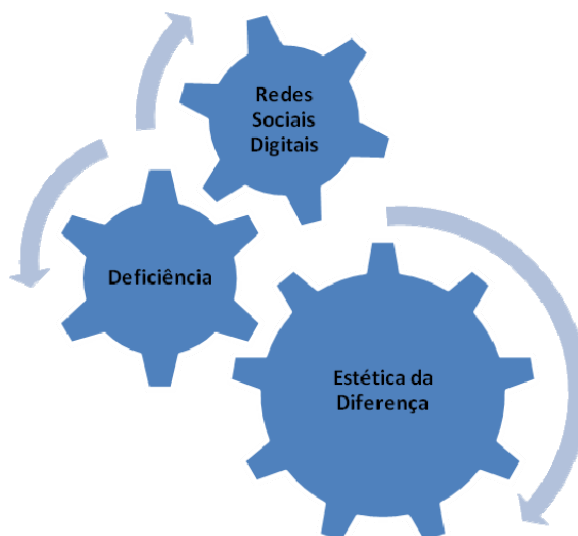
¹⁴ A investigação emancipatória visa não somente a pesquisa e a reflexão sobre os temas relacionados à deficiência, mas “a capacitação das pessoas com deficiência através da transformação das condições materiais e sociais de produção da investigação” (BARNES, 1992, p. 6).

movimento comunicacional, que possibilita ao sujeito comum viabilizar a sua expressão cotidiana a partir da semiotização do mundo, realizada por meio da seleção de experiências pessoais em determinada sociedade. A afirmação individual estaria no campo da sensibilidade, que permite ao sujeito uma escolha do lugar discursivo e dos mecanismos que vão guiar seu posicionamento no mundo.

Por outro lado, a afirmação individual, ainda que se torne coletiva ou publicizada em poucos segundos, por apenas um clique, daria a uma pessoa comum a sensação de liberdade para o uso de mecanismos que lhe convêm. O objetivo seria a constituição da sua própria *mise en scène*, com vistas a contribuir para a composição de um discurso outro, mais social e de maior alcance, significado e ressignificado por meio de fragmentos dispersos e autônomos. Nesse conjunto, a deficiência e as RSDs se alimentam em um *continuum* discursivo tecnológico (Fig. 1) que matiza o manto de invisibilidade da deficiência ou lhe confere uma visibilidade *feia*, oprimida, cerceada ou não mostrada como pôde parecer durante tantos séculos.

Nesse *continuum* discursivo tecnológico entrecetem os elementos para uma nova obra, que se constitui transgressiva em si mesma e a partir de si mesma, com vistas a revelar uma presença social perceptível pela sua força do ponto de vista discursivo, da tecnologia e da cidadania, ora desmistificando ora reforçando os estereótipos da deficiência, o que representamos por essa figura.

Figura 1: Tríade do *continuum* discursivo tecnológico



Fonte: Elaborada pela autora.

Os movimentos de cada um desses dispositivos, como percebemos na figura supracitada, são independentes, mas correlacionados. Eles mantêm a singularidade e, simultaneamente, a conexão que daria origem à estética da diferença. E nos guiam para outra indagação. Como se dariam, então, as relações no ambiente digital e de que maneira as RSDs interferem e modificam a produção linguageira? A nosso ver, elas se distanciam de uma perspectiva estática; transitam entre os indivíduos de uma mesma comunidade, direta e indiretamente, são transformadas e repassadas para novos sujeitos que se conhecem ou não entre si, formando um *petit monde* (TRAVERS; MILGRAM, 2000, p. 5), ou um mundo aparentemente pequeno em suas conexões, mas com amplitude significativa quando pensado na Internet.

Nesse *petit monde*, emergem relações institucionais, bem como ações afirmativas contra o preconceito, propostas em larga escala nos perfis de organizações públicas e privadas e de organizações não governamentais (ONGs). Mas emergem também os *comuns*¹⁵, que utilizam as RSDs para falar sobre uma causa específica ou sobre temáticas diversas que lhes interessam.

A discussão sobre a diferença pelos *comuns* está nas RSDs tanto do ponto de vista do preconceito quanto do combate a ele. A liberdade para publicar ou compartilhar ideias em ambiente digital possibilita que elas cumpram um papel importante, dando voz a esses movimentos, especialmente aos comuns. Vários são os espaços de combate ao preconceito e de valorização da diferença. Grupos ou indivíduos se apropriam das RSDs para lançar luzes sobre episódios que marcam positiva ou negativamente a legitimação dos direitos dos diferentes.

As encenações de conciliação e de conscientização se revezam com a *mise en scène* que dá voz ao ativismo político-social, como a expandir na Internet o espaço da educação inclusiva para PcDs, ultrapassando o espaço interno das famílias, empresas, ambientes acadêmicos e institucionais. É neste espaço que emerge também o discurso do preconceito. É importante que façamos aqui uma distinção entre militante e cidadão responsável. O cidadão responsável se preocupa e age de acordo com as convicções que lhe são pertinentes, levando-se em consideração um conjunto de fatores individuais e sociais. Já o militante partilha com a

¹⁵ A inspiração para o uso de comuns veio de D'Andréa e Ziller (2014) que o associaram este dado a manifestantes ao analisar a produção de imagens violentas nas manifestações de 2013, em Belo Horizonte. O termo é aqui compreendido como pessoas, em geral amadoras que, independentemente de fama, classe social, profissão, idade, sexo, orientação sexual, fama, entre outros critérios, utilizam seus perfis nas RSDs para a temática em questão.

sociedade a sua preocupação pela política e se caracteriza por uma especificidade que se traduz em engajamento na ação. A nossa percepção seria uma ampliação da descrição de Charaudeau (2011, p. 58) sobre o militante de um partido político para militantes de causas diversas como aquele que extrapola a função de *cartão de visita* para sair às ruas, participar de manifestações e assumir determinadas identidades discursivas fragmentadas.

Nas RSDs evidencia-se a dificuldade para identificar o limite entre cidadão responsável e militante, uma vez que, por meio de uma iniciativa pessoal, que muitas vezes ultrapassa uma dimensão particular, é possível articular ações coletivas nos espaços interno e externo das próprias redes (PESSOA, 2014, p. 69).

Diferentemente da perspectiva tradicional de organização, a militância contemporânea, impulsionada e influenciada pelas relações nas RSDs, surge quase espontaneamente. Ela pode ser temporária, nem sempre tem uma liderança única e legitimada, não está baseada em uma sede fixa, não tem um discurso padrão nem concorda em todos os aspectos. Cada militante se sente à vontade para enunciar as suas ações independentemente da enunciação coletiva das ações da militância e pode estar em deslocamento no tempo, no espaço e no próprio discurso. A ambiguidade identitária do militante e as mudanças pelas quais passou o seu modo de ação coloca em cena o deslocamento da perspectiva do “dizer é fazer” para o “fazer é dizer” (CHARAUDEAU, 2011, p. 60).

Para tal, esses perfis nas RSDs contam com as motivações pessoais e sociais e com a generosidade de apoiadores, na maioria das vezes, amadores. Um componente importante se relacionaria ao individualismo, típico das sociedades contemporâneas, presente no discurso político, compreendido aqui em sentido amplo, e não apenas no discurso do político. Nesse sentido, com Charaudeau (2011), acreditamos que, associada à consciência identitária de cada um, há uma dose de culpa, que daria origem, em alguns momentos, a um discurso de compaixão:

Esse individualismo é resultado de um encontro entre os imaginários que circulam em cada uma das três instâncias do discurso político e que convergem para substituir o *direito dos povos* pelo *direito das pessoas* na consciência cidadã. Ao mesmo tempo, tudo se passa como se essa consciência identitária concebesse certa culpabilidade por só jogar no campo da proximidade egoísta e se reabilitasse promovendo um discurso de compaixão para com as vítimas dos excessos praticados; um discurso de reivindicação dos direitos do homem, de alerta sobre o meio ambiente, mas a ser compreendido como um discurso de abertura em direção ao outro, em contraponto ao discurso de defesa de seu domínio de influência identitário. (CHARAUDEAU, 2011, p. 271).

Mas o que levaria algumas pessoas a destinar tempo nas RSDs para contribuir com questões consideradas marginais? Por que algumas delas, que não têm relação ou implicação direta com a temática, iriam compartilhar ideias e campanhas? Shirky (2011) acredita que alguns sistemas funcionam nas RSDs com contribuições voluntárias e com excedente cognitivo. Essa poderia ser uma das explicações para a proliferação na Internet de movimentos, antes restritos aos ambientes institucionais. Benkler e Nissenbaum (2006), que estudaram as virtudes pessoais, por exemplo, a autonomia e a competência, como motivadoras para esse tipo de participação nas RSDs, definiram dois grandes grupos para as motivações sociais. O primeiro grupo estaria no entorno da conexão ou da participação. Já o segundo abrigaria o compartilhamento e a generosidade.

Os pesquisadores tratam de valores, bens intangíveis, que motivariam não só a participação, mas o engajamento em causas político-sociais. Para que isso ocorra, haveria um campo propício à junção das motivações pessoais às motivações sociais, sendo necessário que as primeiras existam para que dêem vazão às segundas. Os laços sociais seriam elementos fundamentais nas RSDs, já que muitos usuários levariam para o ciberespaço redes de vínculos sociais que já existiam previamente. Mas o relacionamento discursivo se consolida, especialmente, por ideias compartilhadas, penetração nas conversações e alteridade (SANTAELLA; LEMOS, 2010, p. 91). Parece-nos que essas condições se aplicam às RSDs por nós observadas.

As RSDs, bem como outros dispositivos, são também ambientes tecnológicos que reúnem um conjunto de processos de discursivização da língua. Esse conjunto comporia a tecnologia discursiva na expressão de Paveau (2013b, p. 7). A produção linguageira está intrinsecamente ligada às ferramentas tecnológicas *on-line*, tais como computador, telefone móvel, *softwares*, aplicativos, *sites*, blogues, RSDs, entre outros. Se a tecnologia e as suas modificações influenciam a atividade de linguagem, como dissemos, a tecnologia discursiva implicaria uma natureza composta de produções linguageiras.

Dessa maneira, os discursos *on-line* não se constituem exclusivamente pelos próprios discursos, mas também pelas tecnologias a ele associadas e por meio das quais são construídas novas produções. Concordamos com Paveau (2013b, p. 6), que entende linguageiro a partir de suas ancoragens materiais e tecnológicas, impondo ao estudioso do discurso mais um desafio: a flexibilização do *corpus*, do objeto e da teoria, o que está de acordo com as ideias da TS.

Nesse sentido, a nossa investigação relaciona os dispositivos de encenação e as diversas conexões por eles constituídas, em uma perspectiva semiolinguística. Na figura a seguir, o leitor acompanha as relações entre os diversos elementos que compõem a estética da diferença, a partir da discussão aqui apresentada.

Figura 2: Redes teórico-metodológicas possíveis



Fonte: Elaborada pela autora.

Com base na figura acima, a partir da qual representamos o imbricamento entre os diversos elementos que compõem a nossa pesquisa, retomamos nossas inquietações iniciais – o recorte de dados das RSDs para análise - nos parecia insuficiente para o nosso propósito. A partir desses questionamentos decidimos compreender os gêneros nativos em ambientes digitais *on-line* como tecnodiscurso, noção de Paveau (2012, p. 06), que exclui os produtos digitalizados, ou seja, aqueles que foram criados para uma versão impressa e disponibilizados no ambiente digital. Entre os exemplos mencionados pela autora encontram-se o botão de pedido de amizade no *Facebook*, que não constituiria um discurso tradicional e sim uma mensagem associada a uma demanda característica desse tipo de discurso, além de diversas outras produções discursivas que circulam nas RSDs.

Entre os inúmeros *sites* de RSDs elegemos dois para a nossa pesquisa: *Facebook* e *Twitter* e consideramos também os blogues, já que muitas vezes, em nossa observação, percebemos que o conteúdo publicado nessas RSDs foi gerado pelos blogues ou está a eles conectado, formando

uma rede discursiva, na qual se confunde o início e não se sabe ao certo se haverá um final.

A lógica de navegação não é determinada por um início estático e único e sim pelo desejo e pela interface escolhida pelo usuário das RSDs. Assim como Ziller (2011, p. 111), que estudou a qualidade da informação e *produsage* em *Blogger*, *Wordpress* e *Youtube*, o nosso objetivo não é compará-los, mas possibilitar uma compreensão dos modos como a deficiência se apresenta como dispositivo e como as redes se conectam, bem como os imaginários sociodiscursivos sobre a deficiência nelas circulam, tornando a interação um fluxo ininterrupto de relações com pessoas e campos diversos.

2.3 Traçados de pesquisa

Relacionamos aqui os procedimentos de pesquisa adotados para o desenvolvimento do presente trabalho. Esclarecemos que, na medida em que percebemos o quão complexo é o universo da produção discursiva nas RSDs, consideramos importante ampliar os procedimentos metodológicos. O nosso objetivo é, desta forma, promover a participação direta, para fins dessa investigação, de usuários de RSDs na produção discursiva sobre a deficiência e na compreensão dos imaginários sociodiscursivos sobre a deficiência bem como da deficiência como dispositivo. Com Mari et al. (1999, p. 18), valemo-nos da importância de considerar a inexistência, no âmbito dos fenômenos linguageiros, de metodologias *prête-à-porter*, isto é, aquelas prontas com condições necessárias e suficientes para dar conta de todas as questões de linguagem.

Por isso, percebemos a necessidade de associar à Teoria Semiolinguística um diálogo com autores que nos ajudem a compreender o nosso objeto e poder avançar na reflexão sobre a análise discursiva, que leva em consideração, de acordo com Charaudeau (1993, p. 18) três dimensões principais, resumidas a seguir: 1) dimensão situacional (o sentido produzido pelos sujeitos por meio de suas vivências; em resumo, o lugar de fala de cada um); 2) dimensão discursiva (os modos como o discurso ou a “maneira de enunciar” (enunciativo, descritivo, narrativo e argumentativo); e 3) dimensão lingüística (instruções de sentido criadas pelas categorias linguísticas formais).

Com Charaudeau (2012), relembremos que a problemática e o *corpus* constituem um

movimento duplo e o caminhar de ambos indica as escolhas epistemológicas. Esclarecemos que optamos por adotar um *corpus sui generis* a ser analisado, retomando a problemática apresentada no início desse texto. Sendo assim nossa opção foi a seleção de um conjunto de documentos, dados, informações e páginas nas RSDs, observadas em um período específico, e o diálogo desse *corpus* com alguns achados de pesquisa que estavam conectados a ele por meio de compartilhamentos das próprias redes observadas. As etapas para a flexibilização desse *corpus sui generis*, que exemplifica e ilustra a nossa problemática, se somam aos demais procedimentos metodológicos adotados e serão detalhados ao longo do nosso trabalho.

O alerta de Barats, Leblanc e Fiala (2013) sobre a importância da adaptação de procedimentos metodológicos estáveis para a análise de dados na Internet é coincidente com a nossa preocupação e nos convida a seguir a proposta de reflexão para o desenvolvimento do nosso próprio conjunto de métodos. Parece-nos difícil descartar as abordagens quantitativas que pretendem reunir as postagens mais populares ou que provocaram grande repercussão dentro e fora das RSDs.

Os aplicativos para a coleta de dados¹⁶ são convidativos e dão ao pesquisador a ideia, pelo menos inicial, de ter conseguido reunir uma parte de um todo, de ter abraçado um número significativo de informações que lhe darão uma dimensão aproximada do que se passa em determinadas conexões. E esses aplicativos são realmente importantes para o mapeamento de relações, proximidade de interações e identificação de influência nas RSDs, entre outros propósitos, conforme lista disponibilizada pelo professor Deen Freelon, da *School of Communication at American University*, Washington, DC.

São igualmente importantes e muito utilizados os motores de busca gratuitos, sendo o mais conhecido o *Google*, de onde podem ser extraídos dados que dificilmente seriam armazenados em outros bancos de informações. Contudo, não podemos desprezar a lógica política e econômica de disponibilização de dados pelos motores de busca e as estratégias utilizadas para garantir que as páginas na Internet sigam as condições necessárias para nestas buscas aparecer.¹⁷

¹⁶ Navicrowler, Linkfluence, Cronologue, Prospero, Calico, TXM, Iramuteq são alguns dos softwares analisados por Barats, Leblanc e Fiala (2013).

¹⁷ O próprio *Google* disponibiliza um guia de otimização para motores de busca em: <<https://static.googleusercontent.com/media/www.google.com/pt-BR/intl/pt-PT/webmasters/docs/guia-otimizacao-para-motores-de-busca-PTpt.pdf>>.

É do próprio *Google* a explicação sobre os milhares ou milhões de páginas que, em tese, apresentam informações úteis para determinada pesquisa. Por meio dos algoritmos, ou por meio de um conjunto de processos e fórmulas capazes de transformar virtualmente a pergunta que o usuário faz em resposta supostamente adequada, os motores de busca tentam *advinhar* o que o usuário quer. Entre as pistas utilizadas pelos algoritmos estão os termos em *websites*, a atualização do conteúdo, a região do usuário e o *PageRank* ou *ranking* de páginas mais consultadas.

Muitas vezes a busca por uma temática ou por uma pessoa aponta para um perfil ou página em uma rede social. Mas, além dos aplicativos para coletas específicas e dos motores de busca, cada rede social tem um mecanismo de busca diferenciado em sua própria estrutura¹⁸. Os resultados, a nosso ver, ainda não são tão eficazes quanto os do *Google*, mas servem de parâmetro para localização de alguns perfis que interessam à pesquisa.

Os chamados motores de busca em massa na Internet trazem ao pesquisador o desafio de lidar com postagens populares ou que foram mais consultadas. Podem, no entanto, distanciá-lo de uma identificação pormenorizada de posturas discursivas de pessoas comuns ou anônimas, que usam as redes para garantir a representatividade de uma causa, como é o caso da nossa pesquisa.

Entre os fatores que nos afastaram dessa perspectiva quantitativa e nos aproximaram de um olhar mais etnográfico, inerente ao próprio escopo de pesquisa da Análise do Discurso Semiociuística, está a articulação de dois pontos sensíveis apontados por Barats, Leblanc e Fiala (2013). Preferimos considerar a Internet como um recurso ativo e uma ferramenta estruturada e breve, por onde circulam dados paradoxalmente efêmeros e duradouros. Assim, a Internet, onde estão baseados *sites* de RSDs, não é considerada em nossa pesquisa uma mera fonte de dados de onde se coleta um *corpus*.

Gostaríamos de registrar ainda que, a despeito da controvérsia que se configura em um universo amplo como a Internet, a coleta manual e detalhada resguarda o pesquisador do uso de ferramentas que permitem reunir dados em larga escala a partir da instalação de aplicativos em seus próprios perfis ou naqueles criados para a pesquisa. As restrições das redes na

¹⁸ Disponível em: <<http://www.scup.com/pt/blog/entenda-a-logica-de-busca-nas-principais-midias-sociais>>.

Internet provocaram registros de bloqueios de perfis do *Facebook* e do *Orkut*¹⁹ que usaram esse tipo de recurso para coleta de dados (PESSOA, 2014).

Uma etnografia *on-line* é possível ou seria artesanal diante da complexidade da Internet? Com Jouet e Caroff (2013, p. 148), lembramos que, em princípio, ela permitiria estudos descritivos e analíticos correndo o risco de parecer reduzida diante da riqueza de informações coletadas por essa disciplina. A etnografia clássica permite ao pesquisador o acesso a uma série de dados, tornando o campo de pesquisa na Internet mais restrito, já que não seria possível identificar e comprovar todos os dados disponibilizados nos perfis nas redes sociais. No entanto, Kozinets (2010, p. 42) reforça a nossa proposta de *bricolagem metodológica*, discutida no início desse texto, ao afirmar que a etnografia *on-line* apresenta uma dimensão *bricoleur* que desafia a criatividade e a imaginação do pesquisador ao descartar ferramentas que apontam para uma análise estatística, privilegiando a escolha de ferramentas intelectuais.

O estudo de inspiração etnográfica nos traz a possibilidade de mergulhar em questões relacionadas à nossa pesquisa que ainda não estão elucidadas e que colaboram para a compreensão da problemática específica do presente trabalho. Por meio dela, o pesquisador apreende um pouco mais do universo digital pesquisado e dos processos nele contidos.

Ao percorrer a ideia de uma tese que tenta ser colaborativa em diversos aspectos e dar voz às PcDs, acreditamos respeitar, em certa medida, o lema utilizado na luta pelos seus direitos, qual seja, “nada sem nós para nós”. Tentamos realizar uma pesquisa que interesse além dos muros da universidade e do saber científico e que se distancie do limbo entre duas “realidades” que costumam ser bem distintas:

As ‘realidades’ que estudam os cientistas sociais nem sempre coincidem com essas realidades da ‘vida social’ que vivem os homens. As ciências constroem seus objetos de estudo, e os pesquisadores elaboram suas argumentações e suas certezas por meio da teoria, da linguagem e da prática pontual da investigação em suas disciplinas. (VIZER, 2011, p. 27).

¹⁹ Nota da Wikipedia (s.d.) sobre o Orkut: “O *Orkut* foi uma rede social filiada ao *Google*, criada em 24 de janeiro de 2004 e desativada em 30 de setembro de 2014. Seu nome é originado no projetista chefe, Orkut Büyükkökten, engenheiro turco do *Google*. O alvo inicial do orkut era os Estados Unidos, mas a maioria dos usuários foram do Brasil e da Índia. No Brasil a rede social teve mais de 30 milhões de usuários, mas foi ultrapassada pelo líder mundial, o *Facebook*. Na Índia também foi a segunda rede social mais visitada. A sede do Orkut era na Califórnia até agosto de 2008, quando o *Google* anunciou que o Orkut seria operado no Brasil pelo *Google* Brasil devido à grande quantidade de usuários brasileiros e ao crescimento dos assuntos legais”.

Assim, caminhamos na tentativa de conseguir compreender a deficiência como dispositivo de *mise en scène* e a circulação dos imaginários ao longo dos anos, a sua cristalização e as relações com as RSDs. Traçamos um caminho que, acreditamos, permite, em certa medida, nos aproximar dessa proposta. Na constituição do conjunto de documentação que embasa a tese percorremos três etapas de coletas de dados na Internet, descritas a seguir.

2.3.1 Coleta de dados

A primeira etapa constitui a coleta genérica de dados com levantamento em motores de busca gratuitos, especialmente o *Google*, e nas RSDs (*Blogues, Twitter e Facebook*). Procuramos palavras dicionarizadas relacionadas à deficiência com o objetivo de verificar a ocorrência desses termos nas RSDs. De certa maneira, tentamos perceber como esses termos estão associados aos imaginários sociodiscursivos e às encenações sobre a deficiência na sociedade contemporânea. Em uma busca no *Google* por ‘pessoa com deficiência’ apareceram “5.580.000 resultados (0,55 segundos)”, o que evidentemente extrapola a possibilidade de um trabalho no escopo da Análise do Discurso Semiolinguística. Foram adotados vários filtros (Fig. 3) na pesquisa:

Figura 3: Filtros de pesquisa para coleta de dados



Fonte: Elaborada pela autora.

Escolhemos os resultados que apareceram entre as primeiras dez páginas da pesquisa, conforme exemplo da figura 3, que é meramente ilustrativa do ponto de vista dos cruzamentos de palavras usados para a pesquisa. A consulta genérica contribuiu para a seleção dos blogues e seus perfis no *Twitter* e no *Facebook*, que vão compor a segunda etapa da investigação. E

também para que fizéssemos o cruzamento de dados de alguns perfis de pessoas famosas ou de notícias sobre as PcDs, que tiveram ampla repercussão e que foram compartilhadas pelas redes por nós observadas.

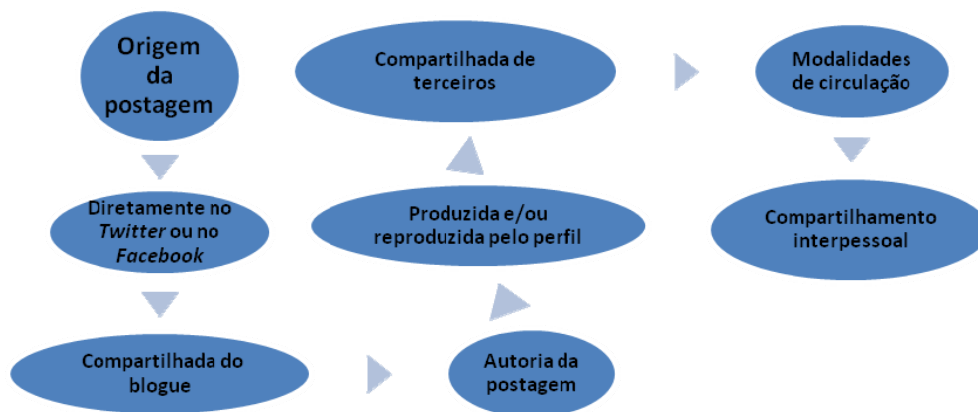
2.3.2 Netnografia para análise semiolinguística

A segunda etapa da pesquisa é composta por levantamento e observação, por meio da netnografia, de perfis que falam sobre a deficiência com o objetivo de desmistificá-la e de defender a cidadania das PcDs. Para a seleção dos perfis partimos de consultas informais com PcDs e da nossa própria investigação na coleta genérica de dados descrita na Etapa 1.

A observação exemplifica as redes formadas pelos perfis bem como nos auxilia na compreensão dos imaginários sociodiscursivos e da *mise en scène* sobre a deficiência a partir da Teoria Semiolinguística. Foram escolhidos os espaços que se apresentam como blogues em seus perfis, independentemente de usarem uma hospedagem em plataforma gratuita ou um domínio próprio. A nossa observação foi realizada com base na adaptação de critérios sugeridos por Jouet e Caroff (2013, p. 150), com ênfase na relação social desses perfis e nas ferramentas de compartilhamento utilizadas para viabilizar a circulação de conteúdo sobre a deficiência – uma observação das conexões entre humanos e não humanos.

Criamos ainda uma página com configuração fechada e inacessível a outras pessoas no *Facebook* para observar (netnografia) o tecnodiscurso em oito RSDs. A circulação do discurso nos perfis observados pode ser resumida a partir da figura a seguir que nos mostra: 1) a origem das postagens: qual o ponto inicial da rede: blogue, *Facebook* ou *Twitter*; 2) a autoria das postagens: se foram produzidas pelas próprias redes ou se foram compartilhadas de terceiros; e 3) as modalidades de circulação: compartilhamento interpessoal, relacionamento entre as RSDs, compartilhadas a partir de cada uma das redes.

Figura 4: Circulação de conteúdo entre as redes de um mesmo perfil



Fonte: Elaborada pela autora.

Seguindo com a descrição da pesquisa, com o quadro 1, adiante, no qual relacionamos as RSDs por nós observadas na pesquisa, os endereços dos perfis, um breve resumo para que o leitor possa conhecer a proposta de cada uma delas e um comentário sobre as postagens compartilhadas no blogue e reproduzidas no *Facebook* e no *Twitter*.

Esclarecemos que as redes foram acompanhadas entre janeiro de 2013 e janeiro de 2015 e selecionadas a partir das próprias conexões que uma postagem gerava por seus compartilhamentos e comentários. No esquema que elaboramos (Quadro 1), registramos a média de postagens publicadas, o que configura essas redes como ativas, ou seja, com atualizações constantes.

Quadro 1: Redes Sociais Digitais em netnografia

Redes	Resumo sobre a atividade das RSDs	Semelhança postagem nas RSDs
www.inclusaodiferente.net www.facebook.com/pages/Inclusão-Diferente www.twitter.com/espacodiferente	Aborda todos os tipos de deficiência. A maioria é assinada pelo editor do blog, mas há várias escritas por outros autores e/ou reproduzidas de outras mídias.	Publica uma média de duas a três postagens por mês. As postagens das RSDs são todas coincidentes, feitas de maneira automática a partir do blogue.
www.deficientealerta.blogspot.com.br/ www.facebook.com/deficientealerta	Aborda todos os tipos de deficiência. Várias pessoas escrevem no blogue e reproduz textos de outras fontes.	O mês com menor movimento teve uma postagem e o de maior teve 18 postagens. As postagens das RSDs são todas coincidentes, feitas de maneira automática a partir do blogue.
www.deficientefisico.com www.facebook.com/deficientefisico www.twitter.com/_thebest_	Aborda todos os tipos de deficiência. A maior parte das postagens é escrita pelo editor do blogue, mas há reprodução de conteúdo de outras fontes.	<i>Não há uma periodicidade definida podendo ocorrer até quatro postagens em um mesmo dia. As RSDs publicam o mesmo conteúdo.</i>
www.deficienteciente.com.br www.facebook.com/pages/Deficiente e-Ciente www.twitter.com/deficientecient	Aborda todos os tipos de deficiência. A maior parte dos textos é assinada pela administradora ou reproduz matérias de outros autores e outras fontes.	Em alguns meses as postagens são diárias ou até duas por dia. As RSDs publicam conteúdos diferenciados.
http://lagartavirapupa.com.br/ https://www.facebook.com/lagartavirapupa https://twitter.com/lagartavirapupa	Aborda a vida cotidiana de um garoto autista, sua família, seu animal de estimação e o autismo. Postagens redigidas pela administradora. Raramente ela reproduz uma postagem de outra blogueira, especialmente de língua inglesa, com tradução feita por ela. Há uma postagem redigida como se fosse o filho dela.	Publicação mínima de uma postagem mensal e máxima de seis postagens mensais. A maioria das postagens é feita em conjunto entre as três RSDs, mas há publicação de fotos independentes no <i>Facebook</i> e em outra rede que não consta da pesquisa, o <i>Instagram</i> .
http://nossaavidacomalice.wordpress.com/ www.facebook.com/NossaVidaCom Alice www.twitter.com/carolrivello	Aborda a vida cotidiana de uma família com uma criança com síndrome de Down. Postagens redigidas pela administradora.	Mínimo de uma postagem por mês e máximo de quatro. A maioria das postagens é feita em conjunto entre as três RSDs, mas há publicação de fotos independentes no <i>Facebook</i> .
http://filhosespeciaispaisabencoados.blogspot.com.br/ www.facebook.com/FilhosEspeciais PaisAbencoados twitter.com/sabine_schaade	Aborda surdez, libras, implante coclear e inclusão a partir da experiência de uma família com uma criança com implante coclear.	Publica pelo menos uma postagem por mês e no máximo três mensais, sendo a última no blogue em outubro de 2014. No <i>Facebook</i> e no <i>Twitter</i> continuam sendo compartilhadas fotos e postagens de outras fontes.
http://www.avidacomlogan.com.br/ https://www.facebook.com/pages/A-Vida-com-Logan/109275792484280?fref=ts	Aborda a vida de um pai e seu filho com síndrome de Down. Postagens tradicionais e histórias em quadrinhos.	O menor número de publicações foi de sete mensais e o maior de 80 postagens por mês. Todas são escritas pelo administrador do blogue. Há publicações independentes no <i>Facebook</i> .

Fonte: Elaborado pela autora.

Vimos, assim, que esses elementos, resumidos no quadro 1, contribuem para a compreensão dos sujeitos, que desempenham papel de destaque na deficiência como dispositivo de *mise en scène*, bem como de suas identidades discursivas.

Além disso evidenciamos como os blogues ainda exercem influência nesse tipo de perfil e mantêm certo *status* ao concentrar a origem de muitas das postagens das RSDs. Obviamente essas RSDs fazem postagens diretamente tanto no *Facebook* quanto no *Twitter*, mas ainda mantêm os blogues como uma espécie de central de postagens.

Observamos ainda que as postagens publicadas somente no *Twitter* e no *Facebook* aparecem em alguns blogues em forma de um quadro ou janela em destaque, o que é possível graças a aplicativos entre essas redes. Não ocupam, no entanto, lugar de postagem principal no blogue.

2.3.3 Etapa colaborativa

Uma das nossas propostas de investigação tem como objetivo compreender os imaginários sociodiscursivos projetados no dispositivo de *mise en scène* da deficiência. Para tal decidimos lançar, por meio das próprias RSDs que fazem parte da pesquisa – blogues, *Facebook* e *Twitter* – uma chamada para o cadastramento de voluntários. No escopo do nosso trabalho essa fase pode ser considerada como o momento colaborativo da pesquisa uma vez que houve a participação de interessados no debate sobre o tema e com a produção feita por eles.

Para essa etapa nos baseamos na metodologia de Andrade (2013, p. 11)²⁰, que contou com bailarinos voluntários, da América do Sul e da Europa. A partir de uma prévia orientação eles registraram vídeos de improvisação em dança em espaços públicos cujo objetivo é perceber como o corpo experimenta a informação²¹. Seguimos algumas etapas dos procedimentos na Internet desenvolvidos pela pesquisadora, tais como a criação do blogue (Fig. 5) e do formulário para cadastrar os interessados em participar da pesquisa.

²⁰ *Corpografias em dança: da experiência do corpo sensível entre a informação e a gestualidade*, tese de Andrade, investiga como o corpo experimenta, sensivelmente, a informação. “O princípio da nossa argumentação volta-se, de tal maneira, para a reflexão filosófica sobre o corpo, com vistas a apontar a complexidade desse nosso principal objeto e, igualmente, sugerir uma abordagem que o considere em comunhão com o mundo” (ANDRADE, 2013, p. 11).

²¹ Toda a investigação foi realizada pela Internet: do cadastramento à produção final. Assim, o trabalho realizado por eles abarca a informação, o corpo, o gesto, e o espaço como elementos de “uma mesma carne”.

Figura 5: Blogue Teias Discursivas



Fonte: Dados da pesquisa.

O primeiro passo dessa fase foi a elaboração de um texto informativo sobre a pesquisa para publicação no blogue²² supracitado cujo único objetivo se traduz na divulgação desta etapa da pesquisa, como mostra a figura 5.

Escolhemos um *site* que oferece hospedagem²³ gratuita e disponibiliza *templates* ou modelos automáticos de *design* com cabeçalhos, cores, fontes, formatos e outros elementos a partir dos quais, em tese, qualquer pessoa poderia criar o seu próprio espaço. No dia 24 de maio de 2014 o blogue foi disponibilizado na Internet com acesso aberto ao público em geral.

A arquitetura do blogue visou a simplicidade, com o conteúdo sendo distribuído da seguinte maneira: informação resumida sobre a pesquisa, o convite para os participantes, a divulgação de um formulário para o cadastramento dos voluntários, informação sobre a pesquisadora e um *e-mail* de contato, conforme esquema a seguir, que ilustra a circularidade do trabalho.

²² O nome do projeto registrado no blogue *Teias discursivas – Deficiência em Discurso* foi alterado com o próprio desenvolvimento da investigação, o que, a nosso ver, não alterou os resultados da mesma.

²³ A hospedagem garante que o seu *site* ou blogue esteja acessível 24 horas. Para acessar basta digitar o endereço escolhido.

Figura 6: Arquitetura do blogue Teias Discursivas



Fonte: Elaborada pela autora.

Na página inicial do blogue foi publicado um resumo da nossa pesquisa nas bases nas quais ela se encontrava naquele momento:

Apresentação da pesquisa: ‘Teias Discursivas – a deficiência em discurso’ é uma pesquisa acadêmica realizada por Sônia Caldas Pessoa. A pesquisadora é doutoranda em Análise do Discurso, bolsista da Capes, no Poslin, Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), sob a orientação da professora Ida Lucia Machado, com projeto de pesquisa voltado para o discurso da deficiência nas redes sociais. É bolsista do CNPQ em estágio doutoral na Universidade Paris-Est Créteil, em Paris, sob orientação do professor Dominique Ducard. O objeto da pesquisa é o discurso sobre a deficiência em redes sociais digitais, produzido a partir de pessoas com deficiência e/ou seus familiares, pessoas que trabalham com deficiência e pessoas que têm relação direta ou indireta com a deficiência. A pesquisadora é editora do blogue <http://www.tudobemserdiferente.com>. (Dados da pesquisa).

Ainda na página inicial do blogue fizemos esclarecimentos sobre quem poderia participar da pesquisa a partir dos tópicos a seguir:

Como participar?

Etapa 1: Preencher o formulário que nos permite coletar os dados para traçar o perfil dos participantes da pesquisa.

Etapa 2: Registrar (de acordo com a informação repassada pela pesquisadora via *e-mail*) o que é deficiência para o pesquisado.

Etapa 3: Responder um questionário com autorização para utilização dos registros na tese de doutorado da pesquisadora. (Dados da pesquisa).

Em nosso exame de qualificação foi levantada uma questão sobre a realização de pesquisa na Internet com o envolvimento de pessoas a partir de um convite de pesquisadores. A banca chegou à conclusão, com a qual concordamos, de que não haveria problema na utilização dos dados e que seria desejável que todos os voluntários publicassem, com acesso público, liberado para qualquer pessoa, a produção da pesquisa. Apesar dessa publicação ter sido

atendida por todos os participantes e dos dados estarem livres na Internet, optamos por manter também a autorização assinada por cada um deles. O modelo de autorização pode ser consultado nos *Anexos* desse trabalho. Ainda sobre a utilização das imagens, foi assegurado aos participantes que essas seriam usadas unicamente para fins científicos e para a difusão da pesquisa. E, por fim, registramos que se tratava de uma pesquisa científica, na qual não havia recursos financeiros para o pagamento dos voluntários ou para a produção de textos e de fotos: “Não está prevista nenhuma retribuição financeira. Trata-se de uma colaboração voluntária para um projeto de pesquisa” (Dados da pesquisa).

O segundo passo dessa etapa colaborativa diz respeito à criação do formulário²⁴ para cadastrar os interessados em participar da investigação. Optamos, a exemplo de Andrade (2013) por um formulário *on-line* gratuito disponível no *site Jotform*, no qual é possível criar um documento a partir das necessidades do internauta. Inserimos algumas questões que contribuiriam não só para o cadastro, mas também para a seleção dos participantes.

Os dados, que são confidenciais, nos apontaram pistas para conhecer um pouco do perfil dos voluntários. Entre as perguntas preenchidas pelos voluntários estão: 1) relação com a deficiência (pessoa com deficiência, profissional que trabalha com deficiência, familiar de pessoa com deficiência, simpatizante do tema deficiência, nenhuma relação com a deficiência); 2) gênero; 3) idade; 4) ocupação; 5) cidade e país de residência; 6) endereços dos perfis pessoais nas RSDs; motivação para participar da pesquisa.

A divulgação do convite para participar dessa etapa da pesquisa constitui o terceiro passo (Fig. 7) esta etapa.

²⁴ O formulário, que está disponível no endereço <http://form.jotformeu.com/form/41472891635360>, pode ser consultado nos *Anexos* desse trabalho.

Figura 7: Convite para participação na pesquisa em grupo público no *Facebook*

Sônia Pessoa
1 de junho de 2014 · Paris

Ei pessoal, boa noite. Peço licença para fazer um convite para participarem de uma pesquisa acadêmica. Agradeço a atenção e a colaboração de vocês. Um abraço,

Apresentação da pesquisa

Teias Discursivas – a deficiência em discurso é uma pesquisa acadêmica realizada por Sônia Caldas Pessoa. A pesquisadora é doutoranda em Análise do Discurso, bolsista da Capes, no Poslin, Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), sob orientação da professora Ida Lucia Machado, com projeto de pesquisa voltado para o discurso da deficiência nas redes sociais. É bolsista do CNPQ em estágio doutoral na Universidade Paris-Est Créteil, em Paris, sob orientação do professor Dominique Ducard. O objeto da pesquisa é o discurso sobre a deficiência em redes sociais digitais produzido a partir de pessoas com deficiência e/ou seus familiares, pessoas que trabalham com deficiência e pessoas que têm relação direta ou indireta com a deficiência. A pesquisadora é editora do blog <http://www.tudobemserdiferente.com>.

Como participar?

Etapa 1: Preencher o formulário que nos permite coletar os dados para traçar o perfil dos participantes da pesquisa.

Etapa 2: Registrar em texto e foto (de acordo com a informação repassada pela pesquisadora via e-mail) o que é deficiência para o pesquisado.

Etapa 3: Responder um questionário com autorização para utilização dos registros na tese de doutorado da pesquisadora.

Quem pode participar?

Pessoas com deficiência que mantenham blogues e/ou perfis em redes sociais e que os utilizem para falar sobre o tema deficiência

Pessoas que trabalhem com deficiência e que mantenham blogues e/ou perfis em redes sociais e que os utilizem para falar sobre o tema deficiência

Pessoas que tenham relação direta ou indireta com a deficiência e que mantenham blogues e/ou perfis em redes sociais e que os utilizem para falar sobre o tema deficiência

Há recursos financeiros envolvidos?

Trata-se de uma pesquisa universitária. Não há recursos financeiros para pagamento para a produção de textos e de fotos. Não está prevista nenhuma retribuição financeira. Trata-se de uma colaboração voluntária para um projeto de pesquisa.

Difusão das imagens, créditos e certificados

Os textos e imagens serão utilizados unicamente para fins científicos e para a difusão da pesquisa. Após a redação da tese temos a intenção de desenvolver um blog para divulgação dos resultados da pesquisa e divulgação dos textos e fotos.

Se se interessar em participar da pesquisa, por favor, cadastre-se em <http://form.jotformeu.com/form/41472891635360>

www.teiasdiscursivas.wordpress.com.

Contato:

E-mail: teiasdiscursivas@gmail.com

Fonte: Convite da pesquisa publicado no grupo público do Facebook “Sou deficiente & eficiente!”, disponível em: <<https://www.facebook.com/groups/129821317055998/?fref=ts>>.

A seguir enviamos *e-mail* aos cadastrados da pesquisa com a confirmação do recebimento da ficha de inscrição, o aceite para a participação e a orientação a partir da qual eles produziram o conteúdo para o projeto. Foi dada uma instrução, considerando-se o fio inicial da rede a ser tecida pelos próprios usuários das RSDs a partir dos recursos e das possibilidades tecnológicas que cada um tivesse. Pedimos aos voluntários para produzir uma postagem para as RSDs na qual explicariam o que é deficiência para cada um deles.

Cem formulários foram preenchidos pelos interessados em participar da investigação. Desse total, 35 foram selecionados por atender à condição por nós proposta: *pessoa com deficiência ou que tenha relação pessoal ou profissional com a temática*. Dos selecionados, 13 apresentaram a produção no prazo de um mês estipulado e constam, portanto, desse projeto.

Para entendermos melhor o perfil dos participantes voluntários relacionamos alguns dados que nos parecem indicadores de suas identidades. Seis são pessoas com deficiência, duas são profissionais que trabalham com PcDs, cinco são familiares de PcDs. Aqui torna-se importante um esclarecimento. Um dos participantes é um personagem, uma boneca criada por uma profissional que atua com PcD. Ela assina um blogue e perfis nas RSDs nos quais publica textos sobre as suas vivências como cadeirante e propõe reflexões sobre direitos e cidadania. Um dos voluntários se encaixa em duas categorias: é familiar e trabalha com PcD. Doze voluntários moram no Brasil e um em Portugal, logo todos são nativos em países de língua portuguesa e a produção foi feita nesse idioma. Houve uma participação maior do sexo feminino - oito pessoas no total – ao passo que cinco voluntários são do sexo masculino.

As respostas sobre o trabalho dos voluntários apresentaram informações variadas, tais como: administrador de empresas (1), boneca ativista de direitos de PcD (1), cuidador do próprio filho PcD (1), empresária (1), estudante (2), funcionária pública (1), interventor social (1), jornalista (3), psicóloga (1) e redatora e revisora de textos (1). A idade dos participantes varia entre a mínima de 13 e a máxima de 55 anos²⁵.

Uma das perguntas feitas no questionário de cadastro foi “Qual a motivação em participar da pesquisa?”. Destacamos algumas respostas, sendo que a maioria delas diz respeito à colaboração com a pesquisa que envolva a temática da deficiência.

²⁵ O formulário de autorização para a participação da PcD de 13 anos foi preenchido e assinado pelos pais.

Acho interessante que os especialistas entendam e, conseqüentemente, consigam mapear como é a relação da pessoa com deficiência com as redes sociais e a Internet.

Ajudar.

Auxiliar em pesquisas sobre as deficiências porque acredito no poder que elas têm de informar melhor para mudar condutas.

Poder falar sobre a deficiência e como enfrentá-la.

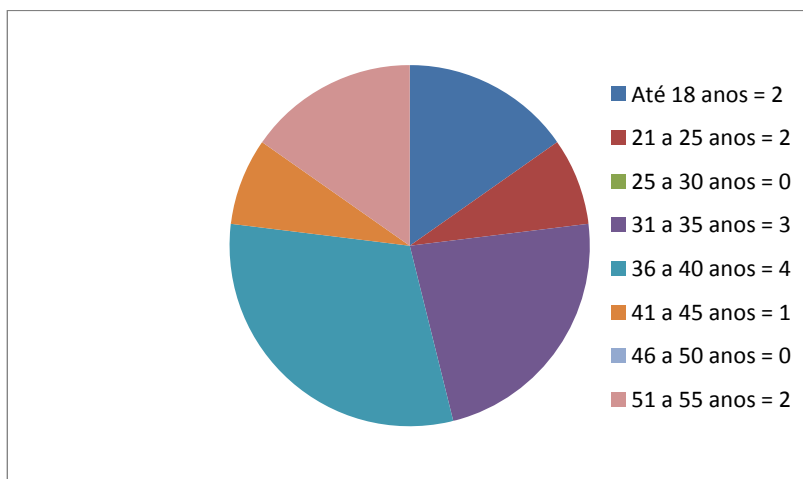
Interesse pelo tema deficiência.

Contribuir com a formação de conhecimento científico sobre a deficiência e as redes sociais.

Apoiar o estudo sobre a deficiência.

Quatro voluntários têm idade até 25 anos. Mais da metade deles tem idade entre 31 e 40 anos. Não houve participação de voluntários com idade superior a 45 anos, conforme revela o gráfico a seguir.

Gráfico 1: Idade dos voluntários etapa colaborativa da pesquisa



Fonte: Elaborado pela autora.

Tendo esclarecido nosso *corpus sui generis* passamos agora a discorrer sobre o sintagma redes sociais.

2.4 Redes possíveis

O sintagma *redes sociais* teria sua origem no trabalho do antropólogo inglês John A. Barnes, quase 50 anos antes da explosão das RSDs nos anos 2.000. Data de 1954 um artigo no qual o autor teria usado a expressão pela primeira vez para descrever a sua pesquisa em uma cidade na qual analisou a organização social em uma pequena comunidade a partir de três eixos: a territorialidade (organização política), o sistema industrial e o campo social, este último representado por um conjunto de relações informais entre os indivíduos, sem fronteiras definidas, por meio do qual se partilham conhecimento, amizade e parentesco. Esse terceiro campo deu origem à noção de redes sociais nas quais as relações podem ser transitórias (MERCKLÉ, 2011, p. 10). As redes podem ser também voluntárias, focalizadas entre desconhecidos e relacionadas a interesses em comum.

A teoria de Barnes aponta para um esquema aparentemente simples, ou seja, indivíduos que constituem grupos que, por sua vez, vivem em sociedade. De alguma maneira esses indivíduos se comunicam por meio de relações mais ou menos frágeis e curtas e os grupos também mantêm contatos que podem ser perenes ou de longo prazo. A comunicação extrapolaria as relações mais óbvias e pretensamente hierarquizadas, podendo se ampliar ou se desviar de acordo com os movimentos sociais de cada indivíduo.

Na nossa investigação consideramos como relações também aquelas nas quais não há amizade efetiva ou parentesco. Incluindo até mesmo aquele tipo de conhecimento da pessoa de quem popularmente dizemos conhecer de vista” ou “de nome”. O grande desafio é compreender como essas relações estabelecem outros vínculos capazes de criar suas próprias redes de discurso, de comportamento, de profissões, de relacionamentos pessoais.

De tão debatida a rede se tornou metáfora fácil do ponto de vista da *doxa* e também nas investigações científicas. Ao longo dos tempos passou por universos da medicina, do artesanato, da filosofia, da engenharia, da antropologia, da sociologia, da análise do discurso, etc. A rede pode definir relações, modos de organização, sistemas, conexões ou modelos teóricos, o que pode provocar desgaste pela sua vulgarização ou, nas palavras de Musso, sua deselitização: “O excesso de seus usos metafóricos parece condenar a própria noção, como se o excesso de empregos em extensão ocasionasse o vazio em compreensão, ou até mesmo em diluição” (MUSSO, 2010, p. 17).

A palavra *reseau* (rede) surgiu na língua francesa no século XII para designar um conjunto de linhas ou de fios entrelaçados usados na caça ou na pesca e, posteriormente, conjuntos de vias férreas, linhas telefônicas, postos receptores radiofônicos, computadores e terminais interconectados. Aplica-se também a um conjunto de pessoas ligadas umas às outras. As representações sobre *rede* ao longo dos séculos foram elencadas por Musso (2010, p. 32) e resumidas por nós para que o leitor compreenda como a presença da rede relacionada à tecelagem na Mitologia se adapta aos tempos atuais, tendo atravessado labirintos e organismos, tendo saído do corpo, perpassado as rendas, se tornado produtos aracnídeos que irrompem na natureza e, finalmente, nas redes artificiais criadas por profissionais.

Quadro 2: Representações sobre as redes

Período	Representação	Significado
Mitologia	Tecelagem	Comunicação feminina
Antiguidade	Labirinto	Mito do vínculo
Medicina (Hipócrates)	Organismo	Veias se comunicam
Século XII (França): Réseau = Latim <i>retiolus</i> + francês antigo <i>réseil</i>	Redes de caça ou pesca e tecidos	Fios entrelaçados para tecidos, cordéis ou cestas. Proposta de racionalidade.
Século XIII	Corpo	Visão biopolítica e econômica
Século XVI (França): francês antigo <i>réseuil</i>	Renda	Véus com que as mulheres cobriam as cabeças
Século XVII: Medicina e Filosofia	Fibra / Renda	Aparelho sanguíneo e fibras que compõem o corpo humano. Em Tratado do Homem, Descartes usou renda para superfície do cérebro.
Século XVIII: Literatura, Estudos dos cristais, Matemática	Teia de aranha e formas na natureza	Corpo como teia de aranha em O sonho de d'Alembert (Le rêve de d'Alembert). Cristal como rede sólida. Fios que permitem observar as estrelas com uma luneta astronômica (representação geométrica).
Século XIX: Engenharia	Artefato técnico	Redes artificiais construídas por engenheiros

Fonte: Elaborado pela autora a partir de MUSSO (2010).

Vemos, assim, que são caracterizações já elaboradas no século 19, que se encontram com as redes com as quais agora trabalhamos.

2.5 Fios das redes

Parece longínqua a possibilidade de consenso para a coleta de dados com fins acadêmicos na Internet. Um dos pólos dessa problemática está na vida privada das pessoa que, assim como a autorização para o uso de dados, é preocupação constante dos pesquisadores. Bem antes da Internet os comitês de ética de diversas universidades e países se ocuparam da tentativa de regulamentar a coleta de dados discursivos em consultórios, grupos de estudo, salas de aula, reuniões, tribunais e em outros ambientes onde é preciso captar a fala e os dados do outro para a utilização em pesquisas sobre o discurso. É possível que o procedimento para autorização, nesses casos relacionados ao ambiente eletrônico, seja menos complexo na medida em que, na maioria das vezes, se refira a uma situação discursiva definida e fechada do ponto de vista espaço-temporal.

O leitor pode estar se perguntando se os próprios usuários disponibilizam dados pessoais na Internet porque caberia ao pesquisador a responsabilidade de se preocupar se poderia ou não usá-los e como usá-los. Nos primeiros estudos exploratórios notamos que as próprias configurações das RSDs nos imporiam alguns limites do ponto de vista ético e técnico. Percebemos, nas redes sobre a deficiência que observamos, algumas dinâmicas de postagem que delimitariam o público e o privado, o aberto e o fechado.

Para entendermos melhor a relação entre as configurações das postagens e o discurso, sugerimos ao leitor consultar os Apêndices desta tese, onde há uma caracterização detalhada de blogs, *Twitter* e *Facebook*, que a nosso ver, representam a possibilidade dos usuários criarem um espaço pessoal para representação de si mantendo, muitas vezes, as três ativas e em conexão ou, outras vezes, utilizando somente uma delas, mas conectando-se às demais plataformas de terceiros.

Para além de falar de si, esses espaços virtuais possibilitam também a fala temática, por meio da constituição de redes de troca de ideias e compartilhamentos, fomentando comunidades e espaços nos quais há pouca distinção entre o individual e o coletivo. É importante notarmos que a *mise en scène*, no sentido estudado por Charaudeau (2007a), ou a encenação do que se pretende mostrar aos demais usuários das RSDs, posiciona as redes sociais para o lugar de palco com todas as suas vantagens e restrições, como o espaço, o tempo, a escolha das

estratégias, o relacionamento com os demais, a exposição público-privada, todas elas típicas das encenações nas trocas sociais.

Alguns dispositivos de encenação lidam com a *co-temporalidade*, ou seja, o tempo no qual se dá o acontecimento e o tempo no qual ele é publicado (Charaudeau, 2007a, p. 107). As RSDs têm o privilégio de, muitas vezes, sem dificuldade, fazer coincidir os dois tempos. Ao publicar um *status* em uma rede social é possível que o sujeito emissor tenha uma manifestação imediata de interlocutores, provocando, dessa maneira, outras manifestações suas.

Ainda sob a ótica da *mise en scène*, as RSDs trariam para si a ideia de redução, mesmo imaginária ou psicológica, da distância entre os interlocutores, garantindo a alguns a sensação de estarem próximos dos demais. Com certa semelhança com a oralidade, essas redes permitiriam o coestabelecimento de diversas relações entre os interlocutores, como a confiança, podendo atingir o patamar de confiança, o que as tornaria um ambiente propício às confissões.

2.6 Considerações finais

Após descrevermos o percurso da nossa pesquisa, apresentaremos, no próximo capítulo, a Teoria Semiolinguística, a partir da qual promovemos um diálogo com outras correntes teóricas e disciplinas, que contribuem para a nossa análise sobre as redes sociais digitais e a deficiência.

**TEORIA SEMIOLINGUÍSTICA E REDES: ESTUDOS
DE ALGUNS CASOS**

3 TEORIA SEMIOLINGUÍSTICA E REDES: ESTUDOS DE ALGUNS CASOS

3.1 Fios iniciais

A Teoria Semiollinguística, que norteia a nossa investigação, é colocada aqui em um diálogo com outros autores e conceitos que nos ajudam na compreensão das redes dos dois dispositivos complexos da pesquisa – a deficiência e as redes sociais digitais. Nela, destacamos as noções de *mise en scène*, dispositivo, contrato e a importância dos sujeitos nos encontros sociais, além de estigma e alguns outros correlatos.

3.2 Tropicalização da semiollinguística

A Teoria Semiollinguística, criada por Patrick Charaudeau em 1977, em sua tese de doutorado, e publicada no livro *Langages et Discours*²⁶, em 1983, foi introduzida no Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) em meados de 1994. A professora Ida Lucia Machado é uma das precursoras da Análise do Discurso em Minas Gerais e uma das principais interlocutoras brasileiras nas relações entre o Brasil e a França no que se refere a pesquisas sobre a Semiollinguística de Charaudeau, parceiro da autora em diversos projetos, eventos acadêmicos e publicações.

A partir das inúmeras contribuições teóricas do autor, tais como a valorização da interrelação entre os sujeitos múltiplos ou os diversos *eus* que se constituem e são constituídos durante a interação, um grupo de pesquisadores *deu vida*, na concepção de Machado (2010, p. 12), a uma corrente que partiu de referências importantes para alçar vôos próprios. As pesquisas, frutos desse enlace teórico, seriam “os filhos da mãe Ida e do pai Charaudeau”, de acordo com palavras proferidas pelo próprio Charaudeau em conversa com os pesquisadores após a sua

²⁶ A obra foi traduzida por um grupo de pesquisadores de dois Laboratórios de Pesquisa em Análise do Discurso: o Círculo Interdisciplinar de Análise do Discurso (CIAD-Rio), da Faculdade de Letras da UFRJ, e o Núcleo de Análise do Discurso (NAD) da Faculdade de Letras da UFMG, no Brasil.

conferência no encerramento do *Colóquio internacional em homenagem a Jean Peytard: um precursor no campo da linguística discursiva*, realizado em Minas Gerais²⁷.

Podemos dizer, *grosso modo*, que a *Análise do Discurso Tropicalizada*, centrada especialmente nos estudos discursivos da UFMG, promove um diálogo com pensadores como Bakhtin, Jakobson, Peytard e Maingueneau, apenas para mencionar alguns, além do próprio Charaudeau, evidentemente. Grupos formados em outras universidades brasileiras também adotam a Semiologia como referência em seus estudos.

Avançar na pesquisa e garantir a ela um “tempero” brasileiro foi consequência natural do investimento pessoal de profissionais que se lançaram, de maneira aprofundada, em suas pesquisas individuais e coletivas, a partir da orientação e da parceria com pesquisadores como Machado que, por sua vez, foi orientada de Jean Peytard, da *Université Franché-Comté* (França). Machado (2010) denominou esse processo teórico criativo e vivo de “aclimação” da teoria de origem francesa aos trópicos brasileiros. O resultado são contribuições, que podem ser resumidas, da seguinte maneira:

Vamos a elas: (i) a AD (no caso a Semiologia) é passível de aplicações em *corpora* diversos; (ii) o estereótipo do brasileiro que se balança na rede esperando a teoria que vai chegar de barco ou avião para aplicá-la sem pestanejar, não é válido: tudo o que aqui chega passa por uma necessária adequação/adaptação e isso desde tempos longínquos; (iii) no fundo, somos mais livres que pensávamos, no âmbito da AD e essa liberdade estimula, sem dúvida, a criatividade (MACHADO, 2010, p. 18).

A liberdade e a criatividade valorizadas pela autora parecem nortear a grande aventura na qual se constitui a imbricação entre a Teoria Semiológica e outras tantas em um diálogo muitas vezes desconhecido até então e, em outras tantas, surpreendente. O próprio Charaudeau (1993) a considera como uma *teoria antropofágica*²⁸, sintagma que representaria um vínculo com diversos conceitos desenvolvidos por outros pesquisadores.

²⁷ O Colóquio foi realizado entre os dias 21 e 23 de março de 2012, no ICHS/UFOP (Universidade Federal de Ouro), na cidade de Mariana, promovido pelo Núcleo de Análise do Discurso (NAD/FALE) da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).

²⁸ Para ampliar o entendimento conferir “Manifesto Antropófago” de 1928, em Andrade (1990).

3.3 Ecos de transgressão na semiolinguística

O termo *transgressão* é comumente associado nas relações sociais à desobediência, contravenção, delito, descumprimento da lei, infração ou violação no campo do direito. No campo religioso costuma ser relacionado a pecado. Esses são os significados corriqueiros, como definem as práticas sociais, em sua maioria. Mas a etimologia da palavra é formada a partir do latim *transgredi* e significa também transcender, ultrapassar ou extrapolar, romper fronteiras.

Concebemos a experiência discursiva transgressiva, no sentido positivo, cunhado por Hastings, Nicolas e Passard (2002, p. 23), como um comportamento que ignora, denuncia ou recusa o que, em tese, é uma norma em vigor. Esse comportamento se colocaria à margem do lugar comum e permitiria a manifestação da autonomia do discurso. É associado, em geral, a grupos estigmatizados, como uma marca identitária em uma situação de tensão, em conflito e ruptura com a cultura legitimada. Entre os exemplos de discursos transgressivos citados pelos autores está o *verlan*, ou uma maneira usada pelos jovens franceses, especialmente da periferia, para se expressar sem que as demais pessoas entendam bem o que está sendo dito. A principal característica do *verlan* é a inversão das sílabas das palavras. O nome vem de *l'envers*, que significa “o inverso”.

A própria Teoria Semiolinguística é dotada de um fio transgressor, conforme aponta Machado (2007), o que nos permite tê-la como instrumental de análise e colocá-la em diálogo com outras disciplinas:

Imaginem tal teoria surgindo em meio ao ambiente fechado de uma Linguística ‘pura e dura’ ou ainda ousando desafiar a poderosa teoria fundadora de Michel Pêcheux (e seus seguidores) [...] Quantos gritos de ‘transgressão às normas!’ a Semiolinguística provocou e, diga-se de passagem, provoca ainda em certos grupos por demais fechados para perceber que uma AD pode e deve ser diferente de outra ou que o discurso não é propriedade de uma só *teoria fundadora* por mais incensada que ela seja. (MACHADO, 2007, p. 116).

Esse pensamento evidencia a efervescência de uma Análise do Discurso de terceira geração, ou seja, uma produção de conhecimento própria de pesquisadores brasileiros a partir da *bricolagem*, para retomarmos um termo por nós utilizado no início desse texto, dos preceitos de várias vertentes. Esse movimento se caracterizaria pela similaridade com a Teoria Semiolinguística e poderia ser denominado como a *AD anglo-franco-russo-brasileira*

(MACHADO; MENDES, 2013, p. 17). Ancorados nessa perspectiva, apresentamos a partir de agora, algumas noções importantes para a nossa pesquisa, como *dispositivo*, *contrato*, *mise en scène* e *imaginários sociodiscursivos* bem como alguns vínculos teórico-metodológicos, constituídos no e a partir do dispositivo Semiolinguística.

Esclarecemos que a polissemia do termo discurso e a sua proliferação a partir dos anos 1980 nos pedem uma demarcação. Partimos do pressuposto de que o discurso não deve ser limitado à ação verbal e não deve ser confundido com texto. Consideramos, pois, o discurso, a partir de um viés dramaturgico, como o conjunto de encenação da significação formado por dois componentes, sendo um *enunciativo*, ou seja, o próprio discurso, e outro *enuncivo* ou histórico (CHARAUDEAU, 2008b, p. 16).

No discurso, identificamos duas encenações possíveis: a encenação discursiva e a encenação linguageira, que estão em permanente conexão sendo que a primeira não se viabiliza sem a segunda. Essa, por sua vez, engloba a primeira que, apesar da dependência, goza de certa autonomia em função do dispositivo próprio constituído a cada interação.

Ainda com Charaudeau (2008b), lembramos que um segundo sentido – além da associação do discurso à encenação do ato de linguagem – diz respeito à representação de práticas sociais racionalizadas, em determinado contexto sócio-cultural. Esse processo se dá a partir da atribuição de valores, resultantes de um conjunto de saberes compartilhados por indivíduos de um grupo social. Esses indivíduos nem sempre têm consciência desses elementos e do modo como eles se constituem em *discursos sociais* gerando *imaginários sociais* ou vice-versa.

3.4 O dispositivo da *mise en scène*

O dispositivo põe em cena um conjunto de relações que pode nos guiar na compreensão das RSDs e da deficiência, bem como dos imaginários sociodiscursivos circulantes sobre a última. A abordagem conceitual do dispositivo charaudeano prevê um conjunto de elementos articulados entre si. Antes de defini-lo o autor recorre às acepções dicionarizadas de dispositivo²⁹ que, para ele, estariam presentes implícita ou explicitamente no uso do mesmo

²⁹ O dicionário *Houaiss* (2009) traz pelo menos nove acepções para dispositivo.

por pesquisadores, de uma maneira geral, especialmente no campo jurídico e no estudo das mídias. Ele destaca as definições associadas à organização material ou a maneira como os componentes de mecanismos podem estar dispostos. E em um segundo sentido seria a organização das atividades humanas ou as representações que dela fazemos, resumidas por nós como o pensamento sobre o encadeamento das ações por meio de um conjunto de elementos que reúne materiais (coisas ou armamentos); pessoas (sujeitos) e finalidades (estratégias).

Em uma perspectiva da análise dos fatos de comunicação, o dispositivo é, antes de tudo, de ordem conceitual. Ele é o que estrutura a situação na qual se desenvolvem as trocas languageiras ao organizá-las de acordo com os lugares ocupados pelos parceiros da troca, a natureza de sua identidade, as relações que se instauram entre eles em função de certa finalidade. Mas o emprego do dispositivo depende também das condições materiais em que se desenvolve a troca languageira. (CHARAUDEAU, 2011, p. 53).

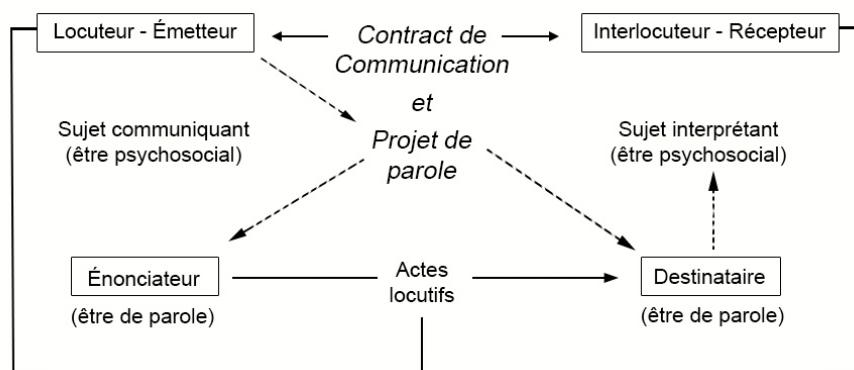
O que Charaudeau nos apresenta acima resume a proposta de *mise en scène* da linguagem presente desde o início em sua Semiolinguística. Ou seja, o dispositivo³⁰ como uma metáfora conceitual (LAKOFF; JOHNSON, 2002) para a encenação na qual devemos estar atentos ao movimento dos seguintes elementos: os sujeitos ou parceiros da troca languageira, as identidades (sociais e discursivas) e a finalidade de cada um e da própria troca.

A título de esclarecimento e também para que possamos nos orientar na reflexão sobre esse dispositivo, *mise en scène*, no francês é composto pela associação do complemento *mise* (um complemento que, *grosso modo*, representa a ação, colocar em ação) associado ao substantivo *scène* o local ou o espaço do teatro onde os atores se apresentam ao público. Na *mise en scène* coloca-se em cena, representa-se, mas mais do que isso tem-se o conjunto da organização material da representação com a escolha do ambiente e da decoração, lugares, movimentos, falas e jogos de atores³¹.

³⁰ Notamos a ausência de dispositivo e de *mise en scène* entre os verbetes do *Dictionnaire d'analyse du discours* (CHARAUDEAU; MAINGUENEAU, 2002) bem como em *Les termes clés de l'analyse du discours* (MAINGUENEAU, 2009).

³¹ Para mais detalhes ver *Le Petit Robert* (REY, 2012).

Quadro 3: Dispositivo de encenação da linguagem



Fonte: CHARAUDEAU, 1992, p. 644.

Nota: Optamos por não traduzir o quadro para preservar a sua originalidade.

Como percebemos por este esquema, o dispositivo reúne os componentes da encenação e aponta para as relações entre eles ou a sua organização no ato de linguagem. Os interlocutores, simbolizados pelos sujeitos se movimentam de acordo com os seus projetos de fala e o contrato de comunicação que estabelece com seus interlocutores. Apesar de o esquema não deixar óbvia essa questão, Charaudeau (2007a, p. 104) esclarece, por meio da metáfora do dispositivo cênico, que o dispositivo, em geral, para ele, é um componente do contrato de comunicação sem o qual não seria viável a interpretação das mensagens.

Ao dispositivo estaria reservada a função de garantir parte da significação do discurso na medida em que os sujeitos e o contrato se deslocariam estabelecendo relações de encaixe em pelo menos duas dimensões. Em sua dimensão macro, o dispositivo estruturaria a situação de comunicação. Mas, em sua dimensão micro, muitas variáveis tornariam singulares essas situações. O dispositivo é tão importante para a encenação da linguagem que o autor chega a atribuir-lhe o “papel de fiador do contrato de comunicação” (CHARAUDEAU, 2011, p. 54) ao refletir sobre como seria regulado o campo de enunciação a partir de normas de comportamento e de discursos disponíveis.

Notamos que a vinculação entre as práticas e os comportamentos sociais e a linguagem a partir de uma analogia ao teatro sustenta, além da Semiologia de Charaudeau (1992), a teoria interacionista de Goffman (1975b), com a qual também estabelecemos alguns vínculos para desenvolver essa seção. Os pressupostos de Goffman partem do princípio que o *real* e o *ensaiado* ocorrem nos encontros sociais ou no momento em que as pessoas estão em presença

física umas das outras. Valendo-se do caráter dramaturgico desses encontros, o teórico deixa claro que não está interessado nos aspectos do teatro que se insinuam na vida cotidiana e sim em como esses encontros se dão a partir da representação dos atores.

Mais importante, talvez, é o fato de que no palco um ator se apresenta sob a máscara de um personagem para personagens projetados por outros atores. A plateia constitui um terceiro elemento da correlação, elemento que é essencial, e que entretanto, se a representação fosse real, não estaria lá. Na vida real os três elementos ficam reduzidos a dois: o papel que um indivíduo desempenha é talhado de acordo com os papéis desempenhados pelos outros presentes e, ainda, esses outros também constituem a plateia. (GOFFMAN, 2011, p. 9).

Ao reconhecer o que considera uma inexatidão da sua própria teoria, Goffman nos leva a um dos aspectos mais sutis e efêmeros, a nosso ver, na problemática dos sujeitos, da encenação, da vida cotidiana e da representação. Os sujeitos múltiplos não são “apenas” comunicantes e destinatários, enunciadore e interpretantes. Eles seriam também atores, personagens e plateia em uma complexa *dança* de posições, papéis e representações. Quando Goffman propõe a redução de três para dois desses elementos do teatro para a vida cotidiana, ele atribui um papel múltiplo e fragmentado aos atores dos encontros sociais.

Apesar de sofisticadas essas relações costumam ocorrer de maneira relativamente harmônica sem grandes tropeços no que diz respeito à encenação da interação, afinal, as práticas sociais contribuem para esse estado de coisas. Essa constatação não deve ser tomada, entretanto, como uma concordância ou consenso entre os sujeitos. Pelo contrário, discordância, polêmica e debate, entre outros, fazem parte das encenações rotineiras em sociedade. O que queremos dizer é que os interlocutores assumiriam esses múltiplos papéis em um exercício de projeção tanto da própria *performance* quanto da *performance* do outro. Então, cada um dos participantes projeta uma definição daquela situação de comunicação e da sua atuação como ator, personagem e plateia. Pode ser que no meio do caminho essa linha projetada não seja de todo válida e os interlocutores se vejam diante da necessidade de refazer as suas projeções e de reorganizá-las de acordo com o desenrolar da encenação do outro.

O enredo desses encontros está, em grande parte, relacionado às primeiras impressões que os interlocutores têm um do outro. Vinculadas à situação de comunicação estão as práticas sociais dentre as quais encontram-se a informação sobre o outro, sobre o indivíduo e sua atuação social. É como se essa informação delineasse a situação, distribuindo pistas sobre o que o outro pode esperar de uma projeção baseada em dados objetivos e impressões

subjetivas: a idade, o trabalho, o *status* social, aparência, a vestimenta, entre outros. Essas informações contribuem para que os interlocutores façam suas projeções do comportamento do outro, mas não garantem que suas expectativas sejam atendidas.

Tomando a representação como toda atividade de um indivíduo na presença do outro ou de um grupo, tendo sobre eles alguma influência, admite-se que esse indivíduo adicione ingredientes que intensifiquem a sua atuação para que não passe despercebido (GOFFMAN, 2011, p. 211). Esse movimento se daria em função da necessidade da atividade do indivíduo se tornar significativa, quase uma exigência para que o ator consiga suprir as demandas durante a interação como um todo, mas não somente. Em uma fração de segundo, como sublinha o autor, os sujeitos devem se manter seguros, convictos de que tomaram uma decisão correta ou pelo menos devem fazer parecer que sim diante dos demais.

Mas a lógica da representação pode provocar a falsa impressão de que os indivíduos desempenhem sempre as mesmas práticas independentemente do cenário, do momento ou do interlocutor. Essas práticas são constituídas de acordo com uma série de fatores e da concordância do próprio ator. Assim, um mesmo indivíduo pode ser *escalado* e se deixar *escalar* para papéis modestos ou sofisticados, independentemente de seu *status* social.

Em consonância se situa a lembrança de Charaudeau (2010b) para que não vejamos a sociedade a partir de uma visão simplificada e dicotômica que apontaria para um dominado e um dominante. Em uma sociedade dinâmica na qual as noções de identidade, *status*, força e poder são frágeis, aquele que é considerado dominado em uma situação pode ser dominante em outra. “Essa visão deixa para cada um a possibilidade de existir com mais autonomia, o que é bem diferente de uma sociedade em que dominantes são sempre os mesmos, e os dominados também” (CHARAUDEAU, 2010b, p. 1).

Pensar sobre indivíduos que alternam papéis e relações de poder em um *enjeu*³² pode nos levar à interpretação de que o mundo inteiro é um palco e que somos atores em atuação ininterrupta. Isso é real? Talvez a proposição de Goffman (2011, p. 9) nos ajude nessa dúvida. Para ele, no mundo existe uma rede de sequências do *real* e do *ensaiado*. A diferença que se

³² *Enjeu* em francês pode ser aposta, uma soma em dinheiro ou um objeto que colocamos em risco em um jogo. Em sentido figurado pode ser uma implicação ou o que está em jogo. Na obra de Charaudeau parece confortável aos pesquisadores brasileiros a sua concepção como *jogo de expectativas* na *mise en scène*.

estabelece entre o teatro e a vida que ele chama de “real” e que nós preferimos dizer “cotidiana” é que as falas e os atos possuem consequências pessoais e profissionais para cada um dos atores.

Baseamo-nos, então, nessa tese, na proposta de encenação nas trocas linguageiras, considerando que as práticas sociais seriam componente importante para a constituição de convenções de comportamentos linguageiros. Sem essas práticas, dificilmente se viabilizariam a encenação e a própria comunicação humana, na perspectiva da Teoria Semiolinguística. Nesse contexto a situação de comunicação “é como um palco, com suas restrições de espaço, de tempo, de relações, de palavras”, resume Charaudeau (2007a, p. 67).

Se o mundo inteiro não pode ser um palco, a situação de comunicação pode ser concebida como tal. A linguagem teatral, com seus atores, plateias, rotinas, papéis, representações, cenários e bastidores são reconfigurados, mantendo parcialmente a origem dramaturgica. A *mise en scène* nada mais seria que a *arrumação, o arranjo* do que se deseja dizer ou fazer passar ao outro naquele momento, para aquele contrato que ambas as partes – os sujeitos envolvidos na comunicação – estabelecem entre si.

A suposta organização dos elementos componentes do dispositivo nos leva a crer que o mesmo se faz rede na perspectiva charaudeana. De maneira geral, o dispositivo, em Charaudeau reúne vários elementos:

[...] compreende um ou vários tipos de *materiais* e se constitui como *suporte* com o auxílio de uma certa *tecnologia*. É no material que se informa, toma corpo e se manifesta, de maneira codificada, o sistema significante: a oralidade, a escrituralidade, a gestualidade, a iconicidade. No estudo do dispositivo, pode-se incluir a natureza da textura desse material: a vibração da voz, o pigmento das cores, a tipografia, etc. Esses diversos materiais estão organizados em sistemas semiológicos, conjuntos de redes de significantes que permitem a configuração das unidades de sentido: sistema fônico, sistema gráfico, sistema mimogestual, sistema icônico. O suporte também é um elemento material e funciona como canal de transmissão, fixo ou móvel: pergaminho, papel, madeira, uma parede, ondas sonoras, uma tela de cinema, uma tela de vídeo. (CHARAUDEAU, 2007a, p. 105).

Aqui, nas linhas tracejadas e nomeadas do dispositivo de Charaudeau, o reforço da ideia de texto como a materialização do discurso e uma distinção importante entre o próprio dispositivo e o suporte. O dispositivo de encenação depende de um suporte material e funciona como um canal de transmissão. Associada a esse suporte está a tecnologia, responsável por localizar os

elementos e ordenar a posição dos participantes do ato de comunicação, contribuindo para determinar ou até mesmo regular as possíveis conexões entre eles.

Sem perdermos de vista a representação e ao associarmos a ela o dispositivo entendemos que ali ele se manifesta em uma conexão de relações das representações fabricadas por cada um – as que *eu* próprio fabrico e as que são fabricadas pelo outro e o resultado do encontro entre elas – do visível e do invisível, do olhar para si e para o outro, do olhar de si e do outro. As linhas do dispositivo nem sempre estarão interligadas ininterruptamente, em harmonia. Podem sofrer fissuras, capazes de se refazer e se reunir a partir de reconfigurações de si mesmas: “A representação supõe um corte (cena/sala; ator/espectador; personagem/espectador), mas esse corte ainda é uma relação. Ele separa e, separando, permite a relação, a interação, transformadora e não simuladora. A articulação” (COMOLLI, 2008, p. 106).

Melhor explicando, mesmo correndo o risco da repetição, os atos de linguagem são fruto de uma representação dos sujeitos envolvidos na troca comunicativa organizada e materializada em uma, paradoxalmente, simples e sofisticada *mise en scène*. Partindo dessa noção, propomos algumas indagações que podem contribuir para uma melhor compreensão, do ponto de vista pragmático, da nossa pesquisa.

De que modo a *mise en scène* pode ser percebida nas interações? Até que ponto a *mise-en-scène* é determinante para os imaginários sociodiscursivos sobre a deficiência? O fato é que as lógicas da encenação e, portanto da interação em blogues, fóruns e redes como *Facebook* e *Twitter*, ainda estariam se estabelecendo, de acordo com Charaudeau (2010b, p. 1): “A partir da experiência, da reconstrução constante, o sujeito vai descobrindo de que maneira pode se relacionar com o outro, que identidade pode construir de si e que identidade vai construindo do outro”.

3.5 Os sujeitos

Vejamos, pois, os sujeitos a partir da representação do dispositivo da encenação da linguagem, proposto por Charaudeau (1983, 2008b)³³, lembrando que o percebemos a partir

³³ Na tradução adaptada de *Langage et discours*, Linguagem e discurso, o quadro foi publicado com as linhas tracejadas exatamente para deixar em aberto a sua interpretação, aplicabilidade e adaptação.

de Machado e Mendes (2013, p. 12) como um esquema vivo, afeito a mudanças, cujo objetivo é o de mostrar o funcionamento de uma dada enunciação. Dessa maneira, afastamo-nos de pontos de vista que o associam, de maneira rígida, somente à instância de produção e pensamos nas relações entre os sujeitos e no jogo cênico, com a movimentação dos *eus* múltiplos, as enunciações e as encenações.

Os circuitos interno e externo seriam as duas dimensões de produção de saber do ato de linguagem, considerado pelo autor supracitado, como algo que vai além do ato de comunicação. O ato de linguagem extrapolaria uma intenção única de um sujeito que o emite por configurar um jogo entre o implícito e o explícito dos sujeitos envolvidos. O ato de linguagem nasceria, então, de circunstâncias específicas do discurso, se realizaria em um encontro entre os processos de produção e interpretação e seria encenado por duas entidades fracionadas em sujeito de fala e sujeito agente. Em outras palavras, o que Charaudeau (2008b) define como os quatro sujeitos do ato de linguagem são: o EUc (sujeito comunicante), EUe (enunciador), TUd (sujeito destinatário) e TUi (sujeito interpretante).

Os sujeitos charaudeanos desdobram-se, como é sabido, em sujeitos sociais ou *reais*, que possuem identidades sociais ou coletivas constituídas de acordo com os supostos saberes e experiências de cada um deles, que contribuem para uma possível assimetria no processo de interação. Nem sempre o que se projetou dizer é interpretado da maneira pretendida pelo sujeito. Entendemos que, além desses saberes, fatores sociais como o pertencimento a determinados grupos socioculturais, o gênero, a idade, a diversidade sexual, a deficiência, a família, a formação, a cultura, a profissão, o trabalho, a idade, o *status* social, entre diversos outros, que são variáveis de acordo com a comunidade e as condições de vida do sujeito, são componentes importantes das identidades coletivas.

Por outro lado e tão importante quanto, esses mesmos sujeitos constituem, ao se comunicar, identidades discursivas que, por sua vez, também são inconstantes e são moldadas a cada interação, de acordo com as circunstâncias específicas do discurso e o contrato de comunicação. É nesse cenário que a configuração verbal se dá como resultado da relação estabelecida pelos sujeitos entre ela própria e o sentido implícito, um jogo entre o visível e o oculto. “Tal jogo depende da relação dos protagonistas entre si e da relação dos mesmos com as circunstâncias de discurso que os reúnem” (CHARADEAU, 2008, p. 24).

O sujeito, como protagonista da Teoria Semiolinguística, está no centro de um processo paradoxal entre o individual e o coletivo. Por um lado, a alteridade prevalece em suas enunciações na medida em que preserva, na medida do possível, a sua própria identidade. Por outro lado, essa mesma identidade está inscrita em um tempo e um espaço. Apesar da contradição e das dificuldades para manter essa individualidade, ela é necessária e se faz dialógica em uma dada sociedade.

A vida em determinada comunidade lhe impõe negociações cotidianas e permanentes em nome de *contratos sociais* e *contratos comunicativos*, assim como os fatores psicossociais e culturais influenciadores do ato de linguagem tanto em sua forma micro quanto macro, conforme resumem Machado e Mendes (2013, p. 11): “Trata-se de uma concepção humanista, relacional, do sujeito, pois este é visto em todas as suas dimensões psicossociolinguageiras, inclusive como um corpo físico que habita um mundo, através do qual institui seu real”.

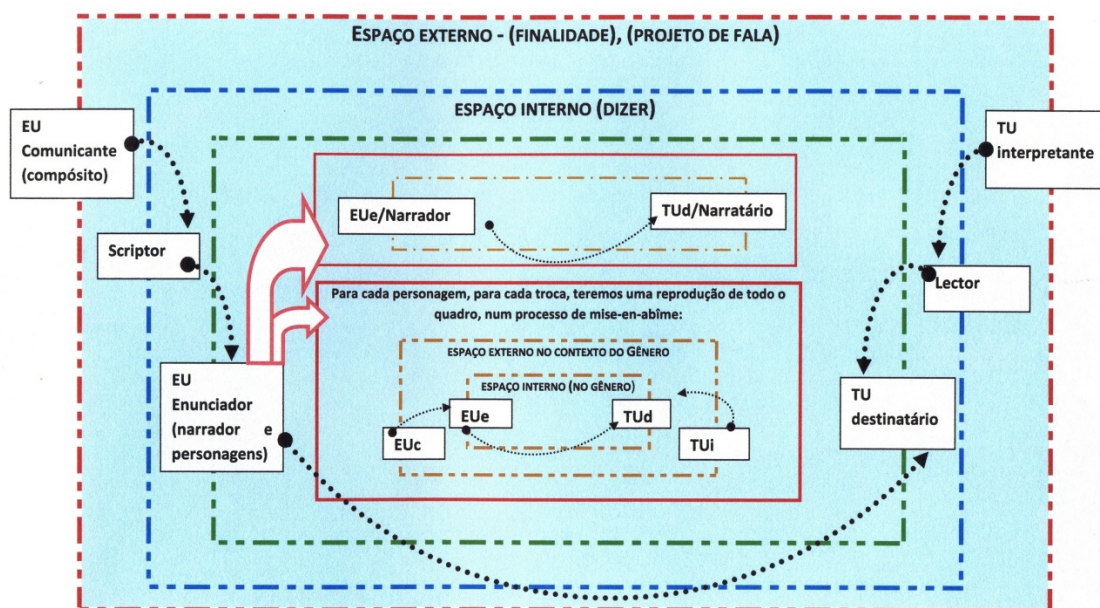
A multiplicidade de sujeitos inspirou as autoras supracitadas a ampliar o quadro enunciativo de Patrick Charaudeau pensando na inter-relação entre vários pontos de vista teóricos a partir da Semiolinguística. A proposta a seguir inclui independentemente do estatuto ficcional ou factual, os sujeitos *scriptor* e *lector* para os gêneros que possuem uma organização narrativa, como os literários (ficionais) e a reportagem (factual), por exemplo. A figura do *scriptor* ou de um sujeito *de papel* que perpassa gêneros nos quais ocorre a predominância do modo de organização narrativo do discurso assim como a de *lector* estabelece uma conexão entre o modelo charaudeano e o modelo de interpretação de textos de Peytard (1983)³⁴.

Vejamos, então, o quadro de Machado e Mendes (2013)³⁵:

³⁴ Ainda a propósito da origem do seu esquema da situação de comunicação, Charaudeau (2013) atribuiu a uma coincidência o modelo polifônico presente tanto no seu quanto no esquema de Peytard para o texto literário. A gênese do modelo charaudeano dos sujeitos da linguagem não estaria em Peytard (1983), mas sim em “T. Todorov, G. Genette e R. Barthes, enquanto Peytard teria como fonte J. Schmidt, F. Vernier, Ph. Lejeune, P. Bourdieu, dentre outros”, como o próprio Charaudeau (2013, p. 48), mencionou.

³⁵ Sobre a relação entre os modelos de Charaudeau e de Peytard, ainda um esclarecimento: “Como ex-aluna de Jean Peytard, Ida Lucia Machado, então nos anos 1990 professora de literatura francesa, conhecia os dois quadros e, comumente, propunha em suas aulas uma fusão de Peytard (1983) e Charaudeau (1983 e demais publicações) a partir da inserção da figura do *scriptor* no quadro dos sujeitos da linguagem, com o objetivo de se trabalhar o texto literário via análise do discurso. Esta primeira transgressão é uma espécie marco fundador de um diálogo que vários de seus orientandos iriam estabelecer em seus trabalhos de mestrado e doutorado” (MACHADO; MENDES, 2013, p. 13).

Quadro 4: Proposta de desdobramento do quadro da situação de comunicação de Charaudeau



Fonte: MACHADO; MENDES, 2013, p. 14.

As autoras explicam o esquema a partir da metáfora das *bonecas russas*³⁶, que permeia a obra charaudeana. Para cada troca o quadro vai se desdobrando e abrindo novas janelas em uma sequência controversa em sua simplicidade perceptível e sua complexidade nos detalhes que muitas vezes nos escapam como sujeitos individuais e coletivos. Um jogo sofisticado, aberto, suscetível a inúmeros encaixes e movimentações que se adapta de acordo e a partir de cada troca comunicativa.

No gênero reportagem (para um jornal impresso), no exemplo analisado pelas pesquisadoras, deve-se levar em consideração o envolvimento de um sujeito heterogêneo que não seria apenas o *sujeito* jornalista. O sujeito comunicante envolveria o jornal (instituição), a equipe (os profissionais que contribuíram para a produção), o jornalista (quem constrói o texto) e as fontes (testemunhas que dão o depoimento ao jornalista):

O Gênero reportagem passa por um trabalho textual que o *scriptor* organiza. Ele é considerado aqui um ser de papel responsável enquanto função de estruturação discursiva do gênero, por um projeto de fala. Podemos ter marcas de um narrador através de sua enunciação mesmo ou através de posicionamentos, ou da ausência destes. Cada testemunha que dá seu depoimento consiste em um Eu [comunicante e

³⁶ Matryoshka é o nome do brinquedo russo que é altamente complexo em sua simplicidade. As bonecas são ocas, com exceção da última. De formas cilíndricas, elas se encaixam umas dentro das outras movimento que parece infinito.

enunciador] que está numa relação de encaixe em relação à voz do narrador e assume a posição de personagem que colocamos no nosso quadro. (MACHADO; MENDES, 2013, p. 14).

Na nossa leitura, o quadro reproduzido anteriormente desvela a polifonia em duas dimensões principais. Ela estaria representada na inter-relação entre os sujeitos múltiplos que estão na gênese do sujeito que enuncia: o jornal, o jornalista, a equipe, as fontes, para nos atermos àqueles considerados por Machado e Mendes (2013), e ainda o leitor projetado por todos eles e o leitor encontrado. E, uma vez mais, a multiplicidade, componente que amplia a complexidade da situação de comunicação e as posições dos sujeitos, se faz presente em cada um desses sujeitos citados, de maneira isolada e também conectada, na rede que se estabelece entre eles em cada dispositivo de encenação.

Dessa maneira, entendemos que os quatro sujeitos previstos inicialmente por Charaudeau ganhariam uma dimensão mais fluida em situações interlocutivas em dispositivos como as RSDs. Com Vion (1992), entendemos que a interação é o lugar onde se constroem e reconstroem indefinidamente os sujeitos e o social.

Vejam os exemplos do blogue *Vencer limites*³⁷. O autor é o jornalista Luiz Alexandre Souza Ventura, que se apresenta, entre outros atributos, como “jornalista e enfrenta desde os 12 anos a Síndrome de Charcot-Marie-Tooth”³⁸. Para compreendermos melhor as identidades desse sujeito comunicante, ele começou a carreira em 1996 no jornal *A Tribuna* (Santos/SP). Foi editor do portal *Estadão*, trabalhou para as rádios Globo e CBN, *Editora Abril* e jornal *Diário do Comércio*, além de diversas agências de comunicação corporativa. O blogue está hospedado no espaço institucional do jornal *Estado de São Paulo (Estadão)* e traz uma descrição de blogue pessoal.

Abaixo de cada texto do blogue em questão temos o seguinte enunciado: “As informações e opiniões expressas neste *blog* são de responsabilidade única do autor”. Apesar dessa descrição de blogue pessoal a totalidade dos textos observados em nossa pesquisa nos dá pistas de impessoalidade, distanciamento e formalidade típicos do jornalismo com a utilização da

³⁷ Disponível em: <<http://brasil.estadao.com.br/blogs/vencer-limites/luta-que-nao-acaba/>>. O texto completo foi publicado em 20 de setembro de 2013.

³⁸ Segundo o blog *Vencer Limites*: “A Síndrome de Charcot-Marie-Tooth é um distúrbio do sistema nervoso, transmitido geneticamente, que provoca danos nos nervos periféricos, resultando em fraqueza e deterioração muscular, além de redução da sensibilidade”.

terceira pessoa e publicação de narrativas de terceiros ou informações úteis, além de várias outras características. As informações do perfil não são mencionadas nas postagens e não encontramos narrativas de vida pessoal. Mesmo nas postagens sobre a Síndrome de Charcot-Marie-Tooth o jornalista não faz menção sobre a sua situação pessoal e também não se inclui como PcD nos artigos opinativos, como o que segue, apesar de formalizar um discurso político cujos imaginários projetados argumentam pela igualdade, pelos direitos e cidadania.

Nossa política de inclusão é hipócrita porque discrimina, segrega, isola milhares de pessoas, principalmente quem não tem dinheiro. Uma realidade que não atinge somente pessoas com deficiência, mas bate com mais força nessa população que muitos chamam de ‘especial’.

Pessoa com deficiência, no Brasil, ainda é um não-cidadão. Precisa lutar com muito mais empenho, tem sempre de gritar para ser enxergada, é obrigada e implorar pela atenção, pelo respeito, pela dignidade e por outros tantos direitos garantidos pela Constituição, mas que são subjugados por – mais uma vez – preconceito, falta de informação, desinteresse, desconhecimento, descaso e abandono.

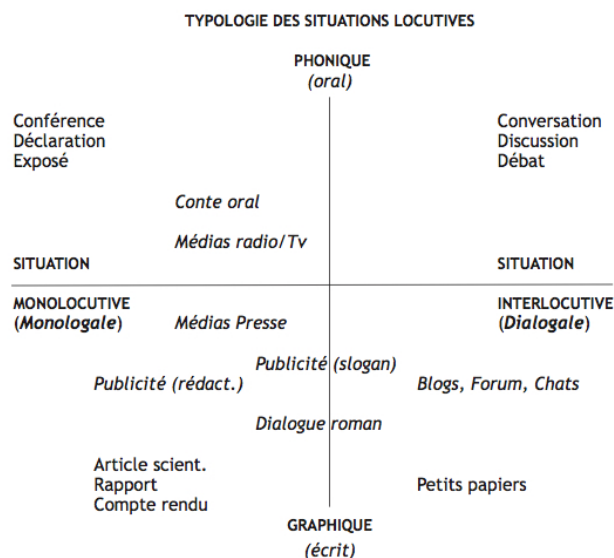
É uma luta que não tem fim. E todos já estão muito cansados.³⁹

Outra pista de distanciamento e de contrato informativo no exemplo está nas interações com os leitores pautadas pela formalidade. Podemos pensar em sujeitos múltiplos que reuniriam: o jornalista (o autor, a pessoa com deficiência, o militante, o cidadão consciente); as fontes de informação (fontes diretas entrevistadas pelo jornalista e fontes indiretas entrevistadas por outras publicações e por ele reproduzidas); os usuários fontes das RSDs (a exemplo de outros blogues e da grande mídia, existem vários casos nos quais depoimentos publicados por pessoas comuns ou famosas em suas RSDs migram para outras redes, que se apropriam do conteúdo para alterá-lo e republicá-lo, em um movimento antropofágico, conforme apontou Ziller (2011); os usuários que fazem comentários nas RSDs (o próprio autor é também um sujeito comentarista na medida em que interage com os demais que fazem comentários em suas postagens); o editor do portal do *Estadão*; a equipe de *design* e de navegação, e outros sujeitos que comporiam um sujeito enunciador heterogêneo.

Gostaríamos de considerar na problemática do dispositivo e do constante deslocamento dos sujeitos, um caminhar em direção à situação locutiva, que nos permite, com Charaudeau (2013b, p. 45), abordar a enunciação ao cruzarmos dois eixos ou duas linhas, no nosso raciocínio: as situações monolocutiva/interlocutiva e a suposta oposição oral (fônica)/gráfica, resumida no esquema a seguir.

³⁹ Disponível em: <<http://brasil.estadao.com.br/blogs/vencer-limites/luta-que-nao-acaba/>>. O texto completo foi publicado em 20 de setembro de 2013.

Quadro 5: Esquema de situações monolocutiva e interlocutiva de comunicação



Fonte: CHARAUDEAU, 2013b, p. 45.

Nota: Optamos por reproduzir o quadro original em francês para manter a originalidade do esquema proposto pelo autor.

Na situação interlocutiva ocorre troca ou alternância entre os interlocutores. Diferencia-se da monolocutiva caracterizada pela ausência dessa troca. Podemos mencionar, como exemplos desta última, o pronunciamento de um presidente de um país no qual não se permitem interrupções, perguntas ou comentários. Ou ainda a declaração de um político ou de um empresário a jornalistas sem que seja dada a oportunidade do questionamento ou ainda uma nota escrita por uma empresa para justificar ou explicar um evento.

Também poderiam ser incluídas nessa categorização as emissões de jornais radiofônicos ou televisivos nos quais têm lugar apenas a leitura de uma nota pelos apresentadores de rádio ou de TV. As situações monolocutivas escolhidas não são aleatórias. Elas têm o propósito de esclarecer que esse tipo de situação está relacionada ao monologal, mas nem por isso se atém ao gráfico. Aplica-se, portanto, também ao oral. Assim como o inverso também deve ser considerado, isto é, a situação interlocutiva, aquela que pressupõe um diálogo, pode se dar tanto por meio gráfico quanto oral.

Para exemplificar a situação interlocutiva a partir do esquema de Charaudeau, recorreremos à conversação, ao debate, à entrevista radiofônica ou televisiva, especialmente aquela realizada ao vivo e não editada, como explica o autor:

De outra parte, e conseqüentemente, isso nos permite estabelecer uma primeira tipologia dos gêneros discursivos caracterizada pelo cruzamento de dois eixos. Assim se encontram quatro zonas determinadas: 1) no cruzamento da situação interlocutiva e do significante fônico, encontramos os gêneros ‘conversaço’, ‘discussão’, ‘debate’; 2) no cruzamento da situação monolocutiva e do significante fônico, encontramos os gêneros ‘conferência’, ‘declaração’ e ‘exposição’; 3) no cruzamento da situação monolocutiva e do significante gráfico, encontramos os gêneros ‘artigo científico’, ‘relatório’, ‘ata’ 4) da situação interlocutiva e do significante gráfico é difícil de se encontrar gêneros discursivos já que aparece a comunicação via Internet em blogues, *chats*, fórum, produzem-se trocas que possuem as características de interlocução imediata (por vezes, adiada), com a ajuda de um significante gráfico (ligeiramente transfigurado, por vezes, codificado, como os SMS). (CHARAUDEAU, 2013b, p. 45).⁴⁰

Charaudeau inclui blogues, fóruns e *chats* em um dos quadrantes da grade de situações, notadamente o de situação interlocutiva. Entendemos que se tratam de situações dialógicas, mas talvez se torne necessário flexibilizar a representação dessas situações tendo em vista que elas, muitas vezes, reúnem várias situações em uma só. Na nossa interpretação, seria como se as linhas retas e bem demarcadas dessem lugar a fios opacos, pontilhados porque as conexões estão sempre presentes, mas podem se romper, serem cortadas, retomadas ou refeitas a qualquer momento. Além disso, do ponto de vista de um quadrante, as situações nas RSDs movimentam-se por todo o cenário, “costurando” a partir de um dos eixos e se aliando aos outros e às demais situações, constituindo novas redes, instáveis e porosas.

Notamos que, aos poucos, Charaudeau vai abrindo espaço em sua obra para as relações comunicativas via Internet e nos aponta, desde já, pistas para abordar esse tipo de interação e os gêneros que nela circulam. Está instalada aqui outra problemática, que não constitui objeto primeiro da nossa tese, mas que a ela se relaciona e sobre a qual passaremos a partir de escritos do próprio Charaudeau (2004, 2013b) e de Maingueneau (1999, 2004, 2009, 2013).

A dificuldade apontada por Charaudeau (2013b) para a definição de gêneros discursivos na Internet remonta à sua inquietação sobre a necessidade no campo da AD de uma categorização dos gêneros. O questionamento do autor reside, a nosso ver, no fato de que um

⁴⁰ Tradução nossa de: D’autre part, et conséquemment, cela permet d’établir une première *typologie des genres discursifs*, se caractérisant par le croisement de ces deux axes. Ainsi, se trouvent déterminées quatre zones; (1) au croisement de la situation interlocutive et du signifiant phonique, on trouve les genres «conversaço», «discussion», «débat»; (2) au croisement de la situation monolocutive et du signifiant phonique, on trouve les genres «conférence», «déclaration», «exposé»; (3) au croisement de la situation monolocutive et du signifiant graphique, on trouve les genres «article scientifique», «rapport», «compte rendu»; quant au croisement (4) de la situation interlocutive et du signifiant graphique, il était difficile de trouver des genres discursifs jusqu’à apparaisse la communication via Internet qui par ses blogs, chats, forum produit des échanges ayant les caractéristiques de l’interlocution immédiate (parfois différée), à l’aide d’un signifiant graphique (légèrement déformé, parfois codé comme dans les SMS).

possível engessamento dessa categorização colocaria em risco a liberdade dos próprios sujeitos, protagonistas de sua Semiologia. Admitindo que as suas primeiras reflexões sobre gênero se deram a partir de uma abordagem clássica, mas que deixava abertura para outras, sabemos que o reconhecimento do gênero seria também o reconhecimento do fato de que a produção linguageira é submetida a restrições.

Até aqui estamos no campo do previsível, se tomamos por base os conceitos da Semiologia como o contrato, a *mise en scène*, as restrições e as identidades dos sujeitos, por exemplo, explicados nessa tese. No entanto, as restrições não se encontram na dimensão da fixidez. Da previsibilidade, talvez, por estarem inseridas em um plano amplo de práticas sociais, ainda que possam ser constantemente transgredidas, mas não podem ser tomadas com estabilidade que comprometa a própria existência do sujeito como um *eu* individual e coletivo que negocia permanentemente com essas próprias restrições e com os interlocutores em cada dispositivo.

Mas, em que nível estas restrições intervêm? Se elas agem no nível das características formais, então, o sujeito não tem mais liberdade. Para fazer reconhecer o gênero no qual ele se exprime, ele seria obrigado a passar pelo modelo de formas codificadas de antemão, a se exprimir de maneira perfeitamente conforme a estas restrições, e, assim, a desaparecer como sujeito. Falar, escrever, se exprimir, diria respeito a uma atividade de *recitação*, como é o caso cada vez que alguém faz uma prece litúrgica ou quando repete um texto sagrado. Se, ao contrário, as restrições agem anteriormente, isso poderia querer dizer que o sujeito estaria completamente determinado pelo lugar que lhe dá o dispositivo do domínio de prática social, e que sua maneira de falar teria pouca importância, tudo sendo marcado de antemão. (CHARAUDEAU, 2004, p. 19).

Acreditamos que o cenário descrito por Charaudeau seja viável para determinadas enunciações radiofônicas ou televisivas, em situação supostamente monolocutiva, quando um locutor lê o que outro redigiu ou em um discurso no qual um político apenas dá voz ao que o seu *ghost writer* produziu. Esse sujeito que *recita* se distanciaria do sujeito polifônico semiológico; nada mais seria do que um “repetidor”, um sujeito que memorizou ou que lê em voz alta algo escrito por outro sujeito.

Mas o que dizer então dos interlocutores em situações de comunicação cotidianas nas RSDs? Admitimos que é possível encontrar sujeitos que, em alguns momentos, sejam considerados *recitadores* tendo em vista a atitude de apenas reproduzir o discurso de outro, como discutiremos no exemplo a seguir. Por outro lado, eles sempre ressignificam cada uma dessas

postagens, o que pode se dar pelo compartilhamento, nos comentários, nas atualizações de *status* ou na constituição de novos efeitos de sentido.

Figura 8: Enunciados purisemióticos de terceiros



Fonte: Blogue Deficiente Alerta.⁴¹

Este exemplo reforça a ideia de que, na medida em que os usuários lançam a postagem na rede, já estão em uma situação interlocutiva potencial ainda que possam parecer *recitadores*. No nosso entendimento, essa postura relaciona-se mais a uma estratégia discursiva e menos às restrições do dispositivo do qual se tornariam refêns caso as restrições sugeridas pelo teórico se tornassem exacerbadas.

Para dar conta da controvérsia envolvendo os gêneros, os sujeitos, a *mise en scène* e o dispositivo, Charaudeau (2004, p. 38) recorre aos *gêneros situacionais*, em uma definição que evita tomá-los como um modelo ou um esquema abstrato, tamanha a variedade de componentes envolvidos no tema. A definição englobaria, assim, três princípios articulados e correlacionados sem que haja uma implicação sucessiva entre eles: 1) nível situacional (características do domínio da situação); 2) restrições discursivas (instruções situacionais para especificar a organização discursiva); e 3) configuração textual (a volaticidade dificulta a tipificação definitiva de um texto).

⁴¹ Disponível em: <<http://deficientealerta.blogspot.com.br/>>.

Em uma perspectiva que consideramos similar, Maingueneau (1998) aponta a abordagem centrada em um tipo de dado, como a conversação, a literatura, a mídia ou documentos administrativos como uma das principais dificuldades para a discussão sobre a questão dos gêneros ao passo em que se deveria privilegiar a diversidade das produções verbais. Considera, a exemplo de Charaudeau, a dimensão situacional para propor os regimes de genericidade, mas valoriza especialmente a textualidade.

Em 1999, o teórico propôs três regimes, acreditando se tratar de categorias padrão: gêneros autorais (meditação, dissertação, ensaio etc); gêneros rotineiros (pregão de camelô, revista, entrevista radiofônica etc) e gêneros conversacionais (consulta médica, conversa entre colegas de trabalho). Essas categorias foram reduzidas a duas pelo próprio autor (2004, p. 46): gêneros conversacionais e gêneros instituídos, que reagrupam os autorais e os rotineiros.

Quando Maingueneau revisa os regimes de genericidade como uma resposta para a questão, ele estaria admitindo a instabilidade da noção e os constrangimentos possíveis em sua conceituação. O teórico denomina como novos gêneros ou cybergêneros desenvolvidos, de maneira inseparável, da Internet: *chats*, fóruns, correios eletrônicos, *sites* de redes sociais etc. Nesse sentido, a lógica do *lien*, que a nosso ver pode ser aqui concebida tanto como a lógica do *link* quanto a lógica do vínculo, substituiria a lógica do lugar nas palavras de Maingueneau (2009). Essa mudança se torna significativa para a sustentação também da genericidade clássica, apoiada em uma cartografia de atividades verbais. O vínculo amplia sistematicamente a *rede* em um movimento conceitual infinito e nos remete à textualidade, uma das conexões da genericidade ou um jogo em si mesmo (Maingueneau, 2009, p. 68).

Consideramos que a textualidade, em sua concepção tradicional, sofreu modificações a partir dos anos 1960 com a *rede* proposta por Barthes – nem ele escapou da metáfora – em seu livro *S/Z*, onde propõe repensar as inter-relações entre o leitor, o texto e a interpretação. Os elementos se encaixariam em uma sequência não linear, mas integrados entre si permitindo uma leitura em uma sequência provável elaborada e conduzida pelo leitor a seu bel prazer.⁴²

Por isso, na Internet, e conseqüentemente nas RSDs, os regimes metodológicos - oral, impresso e digital - nos quais se baseiam as formas de textualidade estariam na composição de

⁴² Noções de hipertexto podem ser vistas em Lévy (1996), Castells (2003), Jenkins (2009). Ver também rizoma em Deleuze e Gattari (2006).

uma hipertextualidade ou de uma *textualidade navegante* ou ainda de conjuntos de textos, sons, imagens e recursos iconográficos construídos pelo próprio internauta, sem lógica linear, com autonomia, conectados por *links* eletrônicos que formam um sistema cuja existência “depende do computador” para usar a expressão de Maingueneau (2013, p. 90).

No entanto, julgamos que essa existência dependeria das possibilidades ofertadas pela tecnologia e não somente do computador como pensou o autor. No momento em que escrevemos esse texto relacionamos rapidamente possibilidades de existência da *textualidade* em equipamentos⁴³ móveis como telefones celulares, *tablets* e leitores de textos, entre outros. Possivelmente quando o leitor estiver em contato com nossa tese muitas outras possibilidades não só de existência, mas de constante circulação e mutação da textualidade já estarão disponíveis.

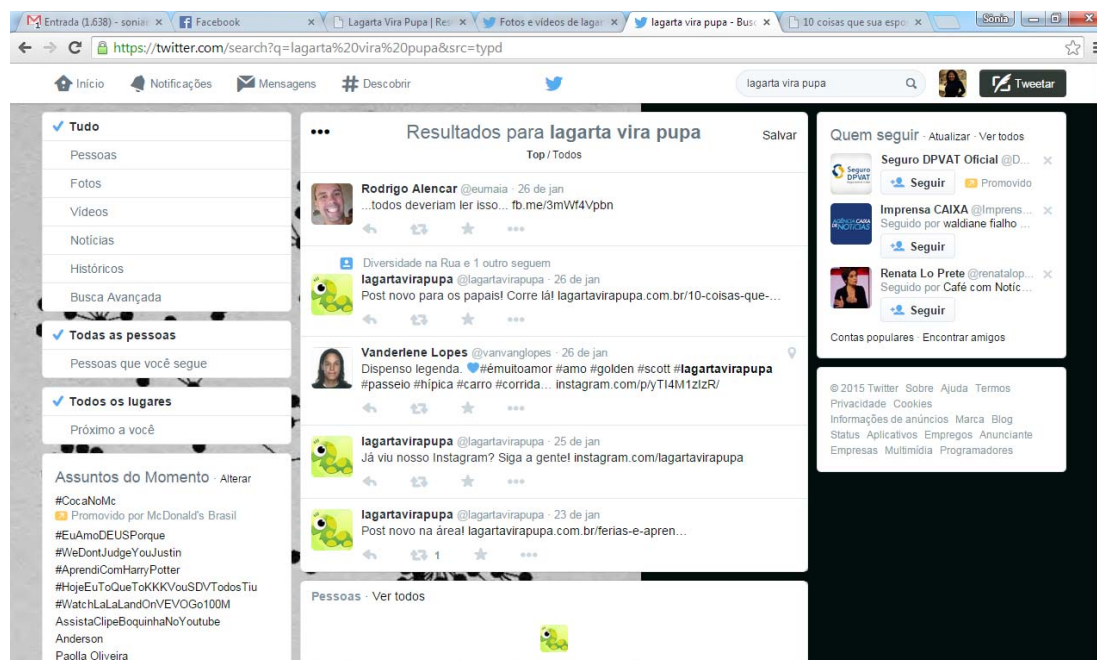
No exemplo adiante fizemos uma busca no *Twitter* pelo nome de uma das RSDs observadas em nossa investigação. Isso pode parecer bastante familiar para os usuários das RSDs, mas correremos o risco de detalhar o resultado, para vermos a hipertextualidade ou a “textualidade navegante”, como diz Maingueneau (2013, p. 90). O objetivo de exemplificá-la por meio da busca é desvelar ao leitor que a própria busca já é um indício dessa navegação, o que nos leva a textualidades outras não necessariamente pensadas e/ou pesquisadas em um primeiro momento.

Vejam o exemplo citado com o resultado da busca e da “textualidade navegante”, lembrando que no canto inferior esquerdo a seleção dos assuntos do momento e suas respectivas *hashtags*⁴⁴, que são *hyperlinks*, ou seja, ao clicar o usuário entrará em outra tela e acessará o conteúdo disponível para aquela temática.

⁴³ Preferimos utilizar equipamento a dispositivo para evitar possíveis confusões com a reflexão sobre dispositivos conceituais que permeia a tese.

⁴⁴ *Tag* em inglês significa etiqueta, é uma maneira utilizada na Web 2.0 para identificar ou hierarquizar as informações por meio de palavras-chave, que facilitam a busca por temas. É sinônimo de *hashtag*.

Figura 9: Textualidade navegante



Fonte: <https://twitter.com/search?src=typd&q=lagarta%20vira%20pupa>.

No centro da tela (Fig. 9), o primeiro *tweet* mostra um usuário que indica um texto publicado no blogue *Lagarta Vira Pupa*, a partir do qual, por meio de um clique, é possível acessar a postagem. O usuário menciona um endereço (@eumaia) para que os usuários acessem outro perfil. No terceiro *tweet* na tela uma usuária usa símbolos e uma sucessão de *hashtags* além de *link* para uma postagem feita por *Lagarta Vira Pupa* em outra rede social, o *Instagram*. E nos dois últimos *tweets* do próprio perfil analisado duas chamadas para postagens do *Instagram* e do blogue.

A própria lógica de uma existência que se configura em permanente provisoriidade, sem necessariamente representar ausência de harmonia, nos posiciona em uma encruzilhada para o enquadramento dos textos em gêneros e subgêneros, que demandam uma relativa estabilidade. Lembramos ao leitor que não devemos confundir texto e discurso. O texto representa a materialização (verbal, gestual, incônica, etc)⁴⁵ da encenação de um ato de linguagem em um processo dinâmico, onde existem um sujeito específico e certas circunstâncias de produção também peculiares.

⁴⁵ Na nossa metodologia usamos texto nesse sentido e consideramos que as postagens nas redes sociais são textos independentemente de estarem representados verbal, gestual ou icônicamente e pela junção de todos.

Já o discurso, como sinalizamos nesse trabalho, “ultrapassa os códigos de manifestação linguageira na medida em que é o lugar da encenação da significação” (CHARAUDEAU, 2008b, p. 16). Nesse sentido e em consonância com a textualidade nas RSDs parece-nos confortável a descontinuidade de limites do discurso como manifestação verbal, o que reduziria a encenação do ato de linguagem a um único código. Logo, em cada texto podem convergir gêneros ou situações diferentes.

Um texto sobre a deficiência nas RSDs, por exemplo, pode ser atravessado por um encontro do gênero político com os discursos didático e humorístico e por uma infinidade de composições definidas aleatoriamente por cada sujeito. E ainda pode reunir elementos não convencionais no discurso tradicional, como os botões de seguir no *Twitter*, de curtir no *Facebook* ou de compartilhar nos blogues, como afirmamos no início dessa tese a partir da noção de tecnodiscurso, que engloba textos e discursos nascidos em ambiente *on-line* (PAVEAU, 2012).

Por isso e pela própria economia da nossa pesquisa, preferimos escapar da *etiquetagem* desse vasto universo em gêneros. Deixamos, pois, uma incursão por essa infinita rede - mais uma possível – para especialistas desse universo profícuo e desafiador.

3.6 Os contratos

Várias podem ser as filiações teóricas que norteiam a noção de contrato que embasa estudos de áreas como a Comunicação Social, a Análise do Discurso e a Psicologia. Devido à importância dada ao contrato por Charaudeau decidimos fazer um breve percurso sobre a etimologia de contrato, o pensamento de alguns teóricos, algumas das filiações e refletir sobre a aplicabilidade do contrato de comunicação na Análise do Discurso Semiolinguística.

A etimologia de contrato remete a convenção, ajuste e pacto, com possível surgimento no século XIII, cuja origem está no latim *contractus*. Recorremos ao dicionário para iniciar a apresentação dos “diversos contratos” desenvolvidos ao longo dos séculos. Podemos destacar, entre as principais acepções do Houaiss e Villar (2009, p. 540), aquelas que se relacionam às questões sociais (“pacto entre duas ou mais pessoas, que se obrigam a cumprir o que foi entre elas combinado sob determinadas condições”) e ainda aos assuntos jurídicos (“acordo de

vontades entre as partes, com o fim de adquirir, resguardar, transferir, modificar, conservar ou extinguir direitos”).

Na Teoria Semiolingüística o *contrato* nos direciona para um conjunto de representações lingüísticas compartilhadas por indivíduos que estejam inseridos em práticas sociais semelhantes. Podemos entendê-lo como um acordo tácito no qual os falantes tentariam chegar a um entendimento por meio dos atos de linguagem que constroem, de acordo com as necessidades comunicacionais nas quais se encontram.

Apesar de não revolucionar as teorias do discurso, a noção de *contrato* é fundadora, pois entende o ato de linguagem vinculado a um conjunto de condições de realização, que determinariam os processos de produção e de interpretação (MACHADO, 2012). Estaria em cena um jogo entre o implícito e o explícito, uma encenação entre os interlocutores que teriam um *ponto de encontro* com as circunstâncias específicas do discurso.

Podemos refletir sobre o contrato em geral tendo em vista seus dados internos ou as características discursivas recorrentes, seus dados externos ou as características próprias da situação da troca discursiva. Para cada condição de enunciação haveria categorias: 1) a identidade dos parceiros (Quem fala com quem? Quem troca com quem?); 2) a finalidade (Qual o objetivo do ato de linguagem? Por qual tipo de visada o falante optou?); 3) o propósito (Domínio do saber no qual o ato de comunicação se constrói, um recorte do mundo) e 4) o dispositivo (Em que *ambiente* o ato de linguagem se inscreve e quais as relações entre os elementos que o compõem?). A capacidade do ser humano de se transformar em sujeito falante e, ao mesmo tempo, a necessidade de se relacionar com o outro, por meio da linguagem, estabelece uma condição de exterioridade mais ou menos distante e reflexiva, conforme apontou Ducard (2001) ao estudar o texto literário, sobre algumas características essenciais à atividade lingüística.

Perguntamo-nos se poderíamos estabelecer uma relação entre o contrato social⁴⁶ e os contratos de comunicação⁴⁷. É possível falar em acordos que, supostamente, regem os indivíduos em suas relações sociais? E estas fariam parte do contrato de comunicação e estabeleceriam as regras comportamentais nas trocas linguageiras?

A problemática da interpretação de textos recebeu a atenção de diversos pesquisadores, sendo que alguns deles usaram a noção de acordo ou de pacto para discutir as relações entre autor e leitor ou entre texto e leitor. A opção de Eco (1988), por exemplo, teria sido a do deslocamento da reflexão acerca da interpretação para o eixo texto e leitor. Ao hipotetizar o *leitor-modelo*, Eco ampliaria a atuação do leitor, a quem é conferido um papel ativo. Mas como as relações entre texto e leitor não podem ser consideradas apenas a partir dessa dicotomia, poderíamos pensar que, para cada leitor-modelo, teria havido a idealização, por parte do autor, de um sujeito interpretante, aquele que faria uma leitura diferenciada do texto,

⁴⁶ Podemos destacar, para contribuir com a discussão do contrato de comunicação, pelo menos três grandes pensadores que refletiram, do ponto de vista social, sobre o contrato: Thomas Hobbes e John Locke, no século XVII e Jean-Jacques Rousseau, no século XVIII. Preservadas as diferenças da teoria de cada um, o contrato social, grosso modo, prevê um conjunto de regras por meio do qual os integrantes de uma sociedade reconhecem a autoridade ou a soberania de um Estado, um regime político ou um governante. Os aspectos sociais, políticos e jurídicos parecem ser aqueles que embasam as diversas interpretações de contrato. Hobbes, considerado um dos pais da filosofia política ocidental, escreveu, em 1666, o seu *Leviatã*. E nele surgiu o contrato numa perspectiva jurídica a partir da qual a política não seria mais pensada, como ocorria até então, como uma ordem natural. O que se propôs foi pensá-la como “[...] uma ordem voluntariamente instituída pelos homens e cuja realidade é da ordem do jurídico” (LIMONGI, 2002, p. 27). Seria uma suposição de contrato; não uma assinatura efetiva entre os homens e o Estado – um reconhecimento de que o homem devia obrigação civil hipoteticamente prevista, por meio contratual, por conta do poder ou soberania estatal. Talvez não seja exagero dizer que uma das noções mais famosas de contrato e mais importantes do ponto de vista da filosofia política seja a de Jean-Jacques Rousseau, no século XVIII. O filósofo do Iluminismo, que precisou fugir da França após escrever sobre o seu *contrato social* ou *princípios do direito político*, defendia que as bases legítimas para a vida em sociedade dependiam de um contrato firmado entre os homens. É importante lembrarmos que na época de Rousseau havia um movimento de contestação das ideias de Hobbes. Rousseau usa, no capítulo que seria fundamental para a discussão do contrato, a expressão *pacto social*, por meio do qual teria sido constituído um corpo político na sociedade. Parece-nos que ao falar de contrato, Rousseau (1974, p. 38) estaria fazendo uma suposição para passagem do estado natural para o estado civil da sociedade. Ele menciona as cláusulas supostamente firmadas nesse contrato “[...] embora talvez jamais enunciadas de maneira formal, são as mesmas em toda a parte, e tacitamente mantidas e reconhecidas em todos os lugares”.

⁴⁷ Faz-se importante registrar que os principais teóricos clássicos do contrato social demonstraram interesse e produziram textos reflexivos sobre a linguagem e seus aspectos sociais como registramos brevemente a seguir. Hobbes (1974, p. 25) abordou a linguagem pensando sobre a relação entre uma cadeia de pensamentos e uma cadeia de palavras e em seu uso geral que consistiria em passar o nosso discurso mental para um discurso verbal. Rousseau, no ensaio *A origem da linguagem*, teorizou sobre a comunicação humana e refletiu sobre a necessidade de comunicar-se que seria atendida por meio da complementariedade do movimento (gesto) com a voz (palavra), especialmente quando o discurso envolve emoção. E chamou a atenção para o fato de haver o que ele denominou de *signos mudos* (símbolos desligados de palavras). “Assim se fala aos olhos muito melhor do que aos ouvidos” (HOBBS, 1974, p. 158). Já o filósofo inglês, Locke (1974, p. 229), um dos principais teóricos do contrato social, defendia a origem das ideias em nossas percepções de sentido. Locke parece apontar para a necessidade das convenções sociais para que as palavras possam fazer sentido. A alteridade, ou a presença do outro, a relação em sociedade, seriam fundamentais, de acordo com o autor, para que a linguagem seja estabelecida em sua dimensão de significação e sentido.

que se relacionaria com ele em dinâmicas complexas.

É possível que essa proposta ultrapasse as relações individuais entre dois sujeitos - autor e leitor - e leve em consideração a coconstrução de sentido, tendo o texto como objeto privilegiado dessa intrincada estratégia discursiva. É importante lembrar, entretanto, que Eco se ateve aos textos literários, embora muitos pesquisadores tenham aplicado seus conceitos a textos diversificados, tais como sonoros, televisivos, impressos, verbo-visuais, entre outros.

O *pacto de leitura*, de Ricoeur (1995), por seu turno, valoriza as relações entre o leitor e o texto em narrativas ficcionais ou históricas. O interesse do leitor em desvendar possíveis eventos ou situações ocorridas ou por ocorrer seria um dos fatores que levariam o leitor a mergulhar no universo do texto, em busca de satisfazer expectativas criadas pelo próprio texto. A figura do leitor nos remete à noção de Ricoeur (2000) sobre texto, no nível do discurso, definido em sua obra *A metáfora viva*. Após discorrer sobre a linguagem e a concepção de metáfora ao longo dos séculos, o autor amplia a noção de texto, atribuindo-lhe um lugar de destaque nas dinâmicas interativas, tomando a linguagem como mediação e não somente como meio.

Ainda sobre o contrato: ele pode ser considerado uma *espécie de espaço imaginário* no qual o leitor se deslocaria em diversos percursos, cabendo a ele escolher trilhas ou caminhos. A esse leitor seria permitido se perder e se encontrar, como se ele estivesse em uma estrada, sempre buscando direções. Seria como se as escolhas o levassem a atividades e relações também no âmbito discursivo, e ele seria um leitor ativo. “Um discurso é um espaço habitado de atores, de objetos e ler é colocar em movimento este universo, aceitando ou recusando, indo mais além à direita ou à esquerda, investindo mais esforços [...] Ler é fazer...” (VERÓN, 2004, p. 216).

Greimas utilizou a noção de contrato, mas atribuiu a ele o nome de *veridicção* uma vez que o associou especialmente às verdades e não verdades entre enunciador e enunciatário. O interessante, a nosso ver, é que ele ressaltou o *acordo tácito* que envolveria os sujeitos da comunicação:

O discurso é esse lugar frágil onde se inscrevem e se lêem a verdade a falsidade, a mentira e o segredo; esses modos da veridicção resultam da dupla contribuição do enunciador e do enunciatário, suas diferentes posições não se fixam senão sob a forma de um equilíbrio mais ou menos estável, proveniente de um acordo implícito entre os dois actantes da estrutura da comunicação. É esse acordo tácito que é designado pelo nome de *contrato de veridicção*. (GREIMAS, 1983, p. 105).

Percebendo o discurso como esse “lugar frágil”, retomamos o *contrato de comunicação* na perspectiva da Teoria Semiolingüística e nos atemos ao reconhecimento do sentido de um ato de comunicação implicando os parceiros dessa comunicação em uma compreensão mínima, o que permitiria interação e coconstrução de sentido. Charaudeau resumiu, a partir da rede estabelecida entre muitas noções⁴⁸, o contrato de comunicação, na década de 1980, e o aprofundou em suas obras mais recentes:

Denominamos *Contrato de comunicação* o ritual sociolinguageiro do qual depende o *Implicito codificado* e o definimos dizendo que ele é constituído pelo conjunto das restrições que codificam as práticas sociolinguageiras, lembrando que tais restrições resultam das condições de produção e de interpretação (*Circunstâncias de Discurso*) do ato de linguagem. O *Contrato de comunicação* fornece um estatuto sociolinguageiro aos diferentes sujeitos da linguagem. Assim, as estratégias discursivas mencionadas devem ser estudadas em função desse Contrato. (CHARAUDEAU, 2008b, p. 60).

Temos em vista que Charaudeau percebe a organização da situação de comunicação como um palco, no qual vigorariam restrições espaciais, temporais, de palavras e de relações nas trocas linguageiras. As normas e convenções que regem o comportamento linguageiro estariam no campo das relações sociais. Talvez, aqui, possamos fazer uma analogia com o contrato social, supracitado. Viver em sociedade e se comunicar com o outro pressupõem relações acordadas e de amplo conhecimento dos indivíduos; essa seria a origem das restrições das trocas linguageiras: “[...] Por um jogo de regulação das práticas sociais, instauradas pelos indivíduos que tentam viver em comunidade e pelos discursos de representação, produzidos por justificar [...]” (CHARAUDEAU, 2006, p. 67).

Consideramos que os *sites* que disponibilizam endereços e ferramentas gratuitos para hospedagem e criação de blogues mantêm em seus termos de usos as cláusulas gerais, a partir das quais os usuários se orientam nas relações com o próprio *site*, com os leitores e consigo mesmo, ou seja, um modo de garantir a regulação das práticas sociais nas RSDs. Em uma perspectiva semiolingüística, esse conjunto de regras estaria no âmbito do contrato social assim como os contratos que se constituem em cada situação específica entre os usuários de

⁴⁸ Charaudeau (2008) explica que diversas filiações estão na origem dessa noção, e que a relação entre elas pode ser percebida por meio da maneira como é definido o ato de linguagem. Entre elas, o autor destaca a *intersubjetividade*, de Benveniste, que seria condição única para tornar possível a comunicação linguística (1966). Do *dialogismo*, de Bakhtin (1984), viria o já-dito, que estaria sempre presente nos atos de comunicação. Aos filósofos da linguagem está relacionada a *coconstrução do sentido* (SEARLE, 1991), de *intencionalidade conjunta* e de *acordo* (JACQUES, 1991), de *negociação* (KERBRAT-ORECCHIONI, 1984); de *comunidades em falas* (PARRET, 1991); e da hipótese de *relevância* proposta por Grice (1975), Flahaut (1979) e Sperber e Wilson (1989).

blogues e os leitores estariam no campo dos contratos de comunicação.

Um contrato social de cada *site* de RSDs, com suas restrições, pode ser aceito pelo usuário, tomado aqui como um sujeito individual/coletivo. Diferentemente de gêneros midiáticos como o jornal impresso, a televisão e o rádio, que podem ser inseridos em uma perspectiva de um contrato global das mídias, no qual temos parâmetros previamente estabelecidos e que podem ser, em tese, adotados conjuntamente pelos veículos de comunicação e por profissionais do setor, nas RSDs, os perfis de comuns, gozam de uma liberdade singular neste sentido e dizem respeito ao indivíduo e à sua visão de mundo, do outro e de si mesmo.

Ao observarmos na nossa investigação os contratos sociais de dois grandes sites que oferecem serviços gratuitos para blogues, o *Wordpress*⁴⁹ e o *Blogspot*⁵⁰, percebemos que o primeiro apresenta cláusulas referentes a questões éticas e individuais ao passo que o segundo, inscrito em um contrato geral do *Google*, nos parece preocupado com temáticas mais comerciais.

Destacamos do *Blogspot* os direitos de propriedade intelectual que seriam garantidos pelo serviço quando um usuário carrega, submete, armazena, envia ou recebe conteúdo. Apesar disso o usuário do *Blogspot* concederia ao *Google* uma licença internacional com amplos poderes para utilizar, alojar, armazenar, reproduzir, modificar, criar trabalhos derivados, conforme consta nos termos de uso: “traduções, adaptações ou outras alterações que efetuarmos para que o conteúdo funcione melhor com os nossos serviços”, além de comunicar, publicar, executar e apresentar publicamente e de distribuir o referido conteúdo.

Já o *Wordpress*, como dissemos, parece tentar dividir com o usuário a responsabilização pela conduta em relação aos demais. Entre as cláusulas nos chamam a atenção: a produção de conteúdo pelo próprio usuário e não por máquinas que distribuem material comercial indesejado e antiético; que o conteúdo não seja pornográfico, não contenha ameaças, não incite à violência e não viole os direitos de privacidade ou publicidade de terceiros. Uma questão no contrato social nos aponta mais diretamente para as identidades sociais e discursivas dos sujeitos: “a apresentação do seu *blog* não induz seus leitores a pensarem que você é outra pessoa ou companhia”. Já o contrato do *Twitter* fala na proibição de falsa

⁴⁹ O termo de uso completo do Wordpress pode ser consultado em: <<https://br.wordpress.com/tos/>>.

⁵⁰ O termo de uso completo do Blogger e do Blogspot pode ser consultado em: <<https://support.google.com/blogger/answer/41935?hl=pt-BR>>.

identidade: “você não pode assumir a identidade de outros usuários por meio do serviço do *Twitter* com a intenção de iludir, confundir ou enganar”.

Apresentar-se como outro ou constituir identidades que não correspondam à sua “realidade” pode ser motivo para o usuário sofrer sanções ou até mesmo ser excluído do serviço de blogues. Flichy (2010) acredita que a Internet torna-se cenário possível para várias condutas que podem apresentar confusão entre os sujeitos, seus corpos, suas identidades e a chamada vida real, o que poderia ser percebido por meio da textualidade nas redes:

[...] mostram o internauta deixando seu corpo para viver uma nova vida não corporal com diferentes mundos virtuais; outros apresentam o ciberespaço como um espaço social completamente independente da sociedade ‘real’, capaz de autorregular sem nenhuma intervenção, nem do Estado, nem mesmo do mercado; outros, enfim, imaginam que a circulação da informação nas redes mundiais produz uma reviravolta completa das regras da economia. (FLICHY, 2010, p. 65).

O *Twitter*⁵¹ alerta ainda o usuário para a possibilidade de estar exposto a conteúdos que possam ser inadequados, ofensivos ou prejudiciais, mas se exime da responsabilidade sobre qualquer conteúdo postado nos perfis, ou seja, afirma que dá as diretrizes, mas não faz censura nas postagens:

Não aprovamos, apoiamos, declaramos nem garantimos a integridade, a veracidade, a exatidão ou a confiabilidade de qualquer Conteúdo ou comunicado publicado por meio dos Serviços. Além disso, também não endossamos opiniões expressas por meio deles. Você compreende e aceita que, ao usar os Serviços, pode estar exposto a Conteúdo ofensivo, prejudicial, impreciso ou inadequado ou, em alguns casos, publicações que foram identificadas de modo indevido ou são fraudulentas. Sob nenhuma circunstância, o *Twitter* será responsável, por qualquer Conteúdo, incluindo, mas não limitado a, quaisquer erros ou omissões em algum Conteúdo, ou qualquer perda ou dano de qualquer natureza decorrente da utilização de algum Conteúdo publicado, enviado por *e-mail*, transmitido ou disponibilizado por meio dos Serviços ou divulgado em qualquer outro local. (TWITTER, Anexo D).

O *Facebook*, por sua vez, alerta os usuários para que não intimidem, assediem ou pratiquem *bullying* contra qualquer usuário. “Você não publicará conteúdo que: contenha discurso de ódio, seja ameaçador ou pornográfico; incite violência; ou contenha nudez ou violência gratuita ou gráfica”, diz o termo de uso⁵².

⁵¹ O termo de uso completo do *Twitter* pode ser consultado em: <<https://twitter.com/tos>> e há ainda um documento intitulado Regras do *Twitter* disponível em: <<https://support.twitter.com/articles/207151-as-regras-do-twitter>>. Acesso em: 05 jan. 2015.

⁵² O termo de uso completo do *Facebook* pode ser consultado em: <<https://www.facebook.com/legal/terms>>.

Pensando sobre o contrato de comunicação parece-nos pertinente a preocupação de Guimarães (1999) sobre os sujeitos que firmariam o contrato de comunicação e as condições nas quais esse contrato é firmado. Após reafirmar a metodologia rigorosa da Análise do Discurso, o autor apresenta os seguintes questionamentos, cujo objetivo, em suas palavras, seria o de compreender o papel desempenhado pelo sujeito: “Gostaria, mesmo assim, de insistir em algumas perguntas, talvez por demais imantadas ao registro do empírico: quem é que firma o contrato comunicativo e em quais condições?” (GUIMARÃES, 1999, p. 115).

De um ponto de vista empírico podemos dizer que os *sites* das RSDs definem um contrato social previamente e os usuários que aderem às redes automaticamente aceitam as condições. Sabemos, no entanto, que muitos usuários não leem ou tomam conhecimento do conteúdo dos termos de uso de cada rede.⁵³

De um ponto de vista teórico talvez pistas para o questionamento de Guimarães possam ser encontradas em Machado (2006), uma das estudiosas mais fiéis de Charaudeau, que sistematizou três conjuntos de dados importantes que seriam inerentes a toda situação de comunicação, dependente de um contrato implícito à própria situação:

- Aqueles que definem a finalidade do ato de comunicação. Estão ligados às questões: *Como explicar a função e a presença dos sujeitos-comunicante/enunciador em determinado ato? O que o sujeito-comunicante vai levar o sujeito-enunciador a dizer?*
- Os que determinam a identidade dos parceiros. Estão ligados às questões: – *Quem se comunica com quem ou quais são os parceiros de um determinado ato de linguagem? – Que papéis são por eles assumidos, no jogo comunicativo?*
- Dados relacionados às circunstâncias materiais nas quais se realiza o ato de comunicação. Estão ligados às questões: - *Em que ambiente, com que meios, usando qual canal de transmissão se dará a interação propriamente dita?* (MACHADO, 2006, p. 19).

A síntese da autora supracitada nos confirma a importância do contrato de comunicação como uma noção fundadora e que trouxe reflexões sobre os complexos processos envolvendo os sujeitos em situações de comunicação. Antes mesmo das languageiras, as bases sociais, que regem esse contrato nos remeteriam, de acordo com o que tentamos apontar, a um contrato social vigente nas vidas em comunidade.

⁵³ A maioria dos usuários não lê os termos de uso das RSDs, conforme pesquisa realizada no Brasil, disponível em: <<http://tecnologia.ig.com.br/2013-08-12/mais-de-50-dos-internautas-nao-le-termos-de-uso-de-redes-sociais-diz-estudo.html>>.

Não estamos falando *apenas* do reconhecimento das instituições e dos cidadãos, mas das convenções sociais que estariam virtualmente presentes nas relações sociais gerais e naquelas mais particulares. Vejamos um exemplo: um professor que entra em sala de aula estaria, em princípio, disposto a “cumprir” as regras contratuais daquela situação comunicativa. Assim como ele, os alunos também teriam claros os princípios norteadores daquele encontro social. A partir daí a *mise en scène* entre eles seguiria determinados padrões, o que não significaria um cumprimento rígido, sob pena de sanções previstas em cláusulas contratuais. Poderia haver, por exemplo, a quebra dessas convenções, a transgressão, vista aqui em um sentido positivo, ou para quem preferir, uma reconfiguração das relações.

O contrato de comunicação comportaria também a não aceitação, a quebra, a renovação, o refazer, enfim, assim como nas relações sociais, dinâmicas que permitiriam um movimento complexo, com ajustes e atividades recíprocas. Algumas vezes essas dinâmicas não são realizadas em sua plenitude e não configuram uma situação comunicativa bem sucedida.

Parece-nos que as convenções sociais, adaptadas ao longo dos séculos, dariam conta de um dizer de relações que se estabelecem tacitamente e que vão sendo moldadas, organizadas, ora aceitas, ora rejeitadas, ora refeitas. Os atores presentes nas situações potencialmente comunicativas seriam suscetíveis a determinadas práticas sociais e linguageiras. Esse contrato, melhor dizendo, esses contratos, já que consideramos que diante da complexidade da interação nas RSDs não seria mais suficiente pensar no singular, mas em uma pluralidade contratual, estariam num campo abstrato, possivelmente disposto a percorrer um caminho pragmático, para a coconstrução de sentido.

Do ponto de vista dos contratos de comunicação estabelecidos entre os usuários e seus interlocutores das RSDs por nós observadas, encontramos algumas evidências de contratos que apontam para a diversidade de opções em uma mesma rede. No geral, o contrato está explicitado na descrição das redes elaboradas pelos próprios autores. Os propósitos do blogue indicariam as “cláusulas” gerais que regem o conjunto de combinações com os leitores.

Entendemos que esses contratos estão relacionados às identidades sociais dos sujeitos comunicantes que, por sua vez, são um reflexo de suas vivências e julgamentos que dão origem aos processos de transformação e de semiotização do mundo. Ao acompanhar os exemplos o leitor certamente verificará a variedade de contratos em cada um deles e a

possibilidade de um exemplo ser deslocado ao longo da relação por nós elaborada, encaixando-se em várias categorias, comprovando assim a tese da pluralidade contratual nas RSDs.

Além disso, o leitor, na certa, perceberá também a coincidência de recursos linguísticos em contratos diferenciados, o que não inviabiliza a peculiaridade de cada um deles. E por fim, serão evidenciadas, ainda, acreditamos, similaridades entre os tipos de contratos que identificamos com a categorização em gêneros, sobre a qual não nos deteremos nesse trabalho.

Apresentamos, a seguir, um resumo de cada um dos contratos encontrados nas redes por nós observadas e, ao final dessa seção, um quadro do qual constam: endereços das RSDs, descrição do blogue, sujeito comunicante, sujeito enunciador, contrato e recursos linguísticos.

3.6.1 Autoajuda

O sujeito comunicante busca o aprimoramento de si mesmo e dos sujeitos destinatários tanto do ponto de vista da temática em questão, a deficiência, quanto espiritual e emocional para ele próprio. Entre as características podemos destacar a elevação da autoestima, a aceitação e a valorização de si mesmo e do outro, o amor-próprio, o desvelamento e a compreensão das emoções. O contrato pode alcançar uma dimensão terapêutica ou de aconselhamento, conforme os exemplos de redes diferentes.

Revelar-se ao sujeito destinatário requer aproximação, o que pode ser viabilizado por meio de recursos linguísticos como o uso da primeira pessoa do singular pelo sujeito enunciador.

Tal situação se apresenta, no caso a seguir, com um sujeito com *ethos* comprometido com os propósitos de crescimento individual e doses patêmicas das vivências de quem enuncia e também de quem interpreta.

Uma grande metáfora, a viagem, traz para o sujeito destinatário (leitor) elementos com os quais ele pode se identificar, criando efeitos de verdade na história narrada e de ficção na aventura na qual devem vir juntos a partir de agora. Essas são algumas características por nós

percebidas em um excerto do blogue *A vida com Logan*:

Este blog, nada mais é do que uma busca para **externar sentimentos e emoções** através de palavras, uma vez que os gestos nem sempre são suficientes (ou nem sempre são os mais apropriados). **É uma tentativa de criar uma sensibilidade emocional maior em mim através de uma experiência pelo mundo virtual. Uma maneira de enxergar a (minha) vida, e o que acontece ao redor dela, através dos olhos de meu filho de 8 meses, Logan.** [...]

Tento tratar isto como um passeio. **Esforço-me para ser um passageiro. Tento me deixar levar pela percepção dele do mundo ao seu redor.** Uma viagem na qual desconhecemos o destino e final — como são, aliás, as **boas** viagens que conduzem às **grandes** aventuras! E que venha a aventura, o imprevisto, a emoção, a alegria, a surpresa, o choro e — por que não? — o medo, pois, afinal de contas, é disso que se faz a vida! Sendo assim, que venha a vida [...] com Logan!

E se **você** acha, que vale a pena acompanhar este passeio, por favor, fique à vontade. **Não dê ouvidos às bobagens que dizem sobre os portadores de Síndrome de Down.** Logan é um ótimo piloto e navegador. Não vamos nos perder. **Pode acreditar no que eu digo. Acomode-se em sua poltrona favorita, aperte o cinto e prepare-se para nossa viagem.** Em caso de despressurização da cabine, máscaras de oxigênio cairão do teto. **Não há nada com que se preocupar.** Sente este solavanco? Isso mesmo [...] nosso vôo está começando.⁵⁴

Ainda sobre o exemplo supracitado, o julgamento do mundo e a interpelação do destinatário com o pronome em segunda pessoa (você) contribuem para a atmosfera de amabilidade. Argumentos iniciados pela negativa quebram a narrativa positiva e indicam que o leitor será guiado para uma finalização que o tranquiliza para o que está por vir.

No exemplo seguinte, do blogue *Lagarta Vira Pupa*, a tentativa de responder as diversas dúvidas que lhe são enviadas por *e-mail*, situação que demonstra vínculo e confiança dos leitores (sujeitos destinatários) com o sujeito comunicante (Andréa Werner Bonoli) o levam a elaborar uma listagem com dicas para o relacionamento de casais com filhos autistas a partir do ponto de vista de uma esposa.

O uso das primeiras pessoas do singular e do plural é recorrente e vai garantindo um tom pessoal ao mesmo tempo em que a própria revelação dos pedidos de ajuda lhe confere credibilidade e legitimidade para a constituição de um sujeito enunciativo capacitado, com experiência e sensatez para abordar tema tão delicado. Vejamos o caso a seguir:

⁵⁴ Disponível em: <<http://www.avidacomlogan.com.br/index.php/sobre/>>.

Figura 10: Contrato de autoajuda



10 coisas que sua esposa gostaria que você soubesse

Escrito por **Andrea Werner Bonoli** em 26/jan/2015 em **Autismo** | 1 Comment

Recebo muitos emails e mensagens semanalmente. Neles, as pessoas – mulheres, na maioria – abrem seu coração e falam da vida, do autismo e até do casamento.

Sabemos que a vida a dois já não é fácil em situações normais. Com uma situação extra de pressão, como o diagnóstico de um filho com autismo, se a fundação não estiver sólida, a coisa pode desmoronar.

Vejam bem: não estou nem jamais irei colocar a culpa do fim de um casamento em uma criança autista! O que estou dizendo é que, se o casamento já não ia bem, qualquer situação de stress excessivo e que exacerbe os ânimos pode complicar ainda mais o cenário.

O fato é que homens e mulheres processam as emoções de formas diferentes. O cérebro de ambos também funciona de formas distintas.



→ **A autora**



Meu nome é Andréa, sou casada e moro em Estocolmo. Tenho um filho lindo, o Theo, de 6 anos. Theo é grandão, esperto, inteligente, carinhoso, beijoqueiro...e autista. Pensando na difícil fase pós diagnóstico, decidi fazer este blog para dar suporte, construir pontes, derrubar mitos, e mostrar todos os ricos aprendizados dessa caminhada cheia de desafios, vitórias, e muito, muito amor.

→ **Pra quem chegou agora**

☺ "Pupa, pupa, pupa, lagarta vira pupa"

Fonte: Lagarta Vira Pupa.⁵⁵

O *ethos* de compreensão no exemplo supracitado reforça a tese de que os sujeitos - comunicante e destinatário - têm características em comum e, por isso, a “conversa” entre eles se torna mais amigável, quase íntima. Por isso, por meio de seus próprios julgamentos do mundo, apresenta argumentos em tom de alerta aos leitores. O sujeito destinatário é constituído pelo imaginário de um pai de filho autista, que precisa de algumas informações básicas, como se fosse uma bula de medicamento, para conhecer melhor os sentimentos da esposa, o que é feito através dos elementos de nomeação e processualização do mundo do próprio sujeito comunicante.

A imagem de um casal em momento feliz, quando se uniu em uma festa, simboliza a ideia de que as relações podem sim superar a presença de uma criança autista na família, o que é corroborado por elementos de causação ou negação da causação da síndrome como destruidora de relações. Se os pais seguirem as dicas do manual os relacionamentos

⁵⁵ Disponível em: <<http://lagartavirapupa.com.br/10-coisas-que-sua-esposa-gostaria-que-voce-soubesse/>>.

preservariam as crianças e garantiriam mais harmonia, com um final feliz – parece ser essa a mensagem.

No próximo caso, do blogue *Nossa vida com Alice*, a personificação do blogue, que tem a força e o poder de ajudar os leitores e ao mesmo tempo ajudar o próprio sujeito comunicante (Carol Rivello), retira, em alguns momentos, a perspectiva de um *ethos* autocentrado.

Ao longo dessa **minha** história com a Alice e com o NVCA **tenho** conhecido tantas famílias **especiais**! Por isso fico muito **feliz** quando falam que o **blog ajuda** estas pessoas, principalmente no início, logo após a notícia. Mas acho que **eu sou a quem mais sai ganhando** com o **blog: aprendo com todos vocês e evoluo** com todos os recados que **recebo e testemunhos de vida** que **tenho** o privilégio de acompanhar. Por exemplo, ao acompanhar a Milene e sua Gabriela no facebook eu **me animo** a ser menos nerd e passear mais com a Alice. A Milene conta abaixo um pouco da Vida dela com Gabriela (rimou! Hehe).⁵⁶

Percebemos alguns elementos que visam a identificação da blogueira com os leitores, ou seja, o próprio sujeito comunicante precisa e é ajudado pelo público. A primeira pessoa do singular, para o enunciador e, em consonância com a conjugação, para os verbos, traz pessoalidade e informalidade. Ambas são alimentadas pelo ritmo da narrativa que pretende provocar esse efeito simbiótico, a associação de entendimento íntimo do vivido entre comunicante e destinatário traz benefícios para ambos e não somente para quem, em tese, receberia as postagens. Quem as escreve também é retribuído. O resultado é uma mensagem positiva, um caminhar para frente, uma conquista que pode ser de todos que se autoajudam.

3.6.2 Confissão

Uma confidência, uma revelação ou um desabafo publicado espontaneamente convenceria os sujeitos destinatários da veracidade da argumentação. Um ato impensado, um sentimento ruim, uma intuição boa, culpa, tristeza, sofrimento, julgamentos precipitados com boas doses de categorias patêmicas – admitir tudo isso publicamente provoca efeitos de veracidade, componentes importantes nesse tipo de contrato. O que há de mais íntimo, que estaria guardado só para si, sai do “casulo”, em benefício da consciência do próprio sujeito comunicante e também do sujeito destinatário.

⁵⁶ Disponível em: <<https://nossavidacomalice.wordpress.com/category/nossa-vida-com/>>.

Um efeito catártico duplo – para o autor e para o leitor - vem como prova de que é possível liberar a emoção negativa, muitas vezes bloqueada pelo luto de uma situação vivida, pelo susto, pela não aceitação. O resgate de memórias individuais parece romper a fronteira de um trauma sedimentado, o que leva a um continuar a escrever a própria história. O desfecho apresenta, em regra, um efeito compensatório, permeado pelo final feliz, uma absolvição pelos maus momentos, pelo menos até o momento no qual a confissão se torna pública. Geralmente os tempos do vivido e da confissão são diferentes, distantes entre si, talvez seja esse o tempo da elaboração de um roteiro pessoal para a encenação pública. Vejamos, a seguir, um excerto do blogue *Nossa vida com Alice*.

Figura 11: Contrato de confissão

Eu me sentia dentro de um carro andando sem rumo, com um GPS berrando: RECALCULANDO... RECALCULANDO... RECALCULANDO... RECALCULANDO. Lendo o blog de outros pais que passaram pela mesma situação, ouvi falar também sobre o "luto do filho idealizado" (que na realidade todos os pais vivenciam, mas no caso de pais de um filho especial é um luto mais seco, evidente e imediato). Outra analogia que descreve perfeitamente o que eu sinto no momento é a do texto abaixo:

Bem-vindo à Holanda

Sempre me pedem para descrever a experiência de ter uma criança com uma inabilidade – para tentar ajudar aquelas pessoas que não compartilharam dessa experiência original, para que possam compreender como se sentiriam. É como esta imagem:

Quando você está indo ter um bebê , é como planejar uma fabulosa viagem de férias à Itália. Você compra um guia de viagem e faz planos maravilhosos. O Coliseum, o David de Michelângelo, as gôndolas em Veneza. Você aprende algumas frases acessíveis em italiano. É tudo muito emocionante! Após meses esperando ansiosamente, o dia chega finalmente. Você faz suas malas e vai. Muitas horas depois, o avião aterriza. O comissário de bordo entra e diz: Bem- vindos à Holanda! Holanda?Você disse Holanda, o que significa bem-vindo à Holanda? Eu comprei uma passagem para a Itália! Eu só posso imaginar que eu estou

Fonte: Blogue Nossa Vida com Alice.⁵⁷

No exemplo supracitado, a confissão sobre o desespero ao saber que a filha tem síndrome de

⁵⁷ Disponível em: <<https://nossavidacomalice.wordpress.com/2012/09/>>.

Down apresenta as reações patêmicas no clímax ou o momento no qual a mãe teve a informação da condição da filha. A narrativa em primeira pessoa revela ao leitor um sujeito comunicante perdido, sem rumo, sem saber para onde ir. A metáfora conceitual instrumento é companheiro (LAKOFF; JOHNSON, 2002) insinua um sujeito conectado, adepto da tecnologia e que precisa do apoio de equipamentos atuais para orientar a própria vida. Assim como o Global Positioning System (GPS)⁵⁸, era preciso fazer um novo cálculo e mais do que isso, era preciso falar bem alto para que todos ouvissem. Era preciso ir além, falar ainda mais alto para que essa informação fosse ouvida e processada intimamente pelo próprio sujeito comunicante – por isso as palavras em letras maiúsculas, típicas do grito na Internet, como a expulsar o sentimento negativo próprio daquele momento vivido, que já ficou para trás, mas ainda se faria sentir pelo sujeito destinatário por meio do sujeito enunciador.

Ainda sobre o contrato confessional, neste caso (Fig. 11), um tema tabu, como o do luto do filho idealizado, é amenizado pela universalização do mesmo: “que na realidade todos os pais vivenciam” para se manter de todos e simultaneamente individualizado, dando vazão à qualificação desse luto. Para os pais de PcDs ele seria mais intensificado – “seco, evidente e imediato” – um corte no estado de desorientação para trazer os pais de volta à vida cotidiana.

Para finalizar esse caso, outra metáfora, por meio da voz de outro sujeito enunciador, revela ao leitor que a “viagem” não era a esperada, a decepção é registrada, e todos os preparativos foram em vão. Um sujeito comunicante que aprendeu a lição e quer dividir com os destinatários que é preciso seguir em frente, na viagem que ele acessou, mesmo que para isso seja necessário rever e recalcular a exemplo do que fizeram outras vozes, outros sujeitos, constituindo narrativas polifônicas e mais coletivizadas.

No exemplo a seguir, do blogue *A vida com Logan*, no qual um pai fala sobre a descoberta de que o filho é uma PcD, o discurso direto inicia o trecho específico do texto com a fala literal, forte, que vai diretamente ao ponto crucial do assunto: a Síndrome de Down, com as letras iniciais maiúsculas e em negrito, que põem em destaque o sintagma. Anotamos a ausência de características marcantes do discurso direto, como o travessão e dois pontos, mas a presença de aspas reforça uma versão informal de discurso direto, típica da Internet e de narrativas pessoais.

⁵⁸ Sistema de Posicionamento Global: sistema de satélites e outros dispositivos que tem como função precisar o posicionamento/localização de um ponto ou individual.

‘Bem [...] o Logan nasceu com **Síndrome de Down**, Sr. Flavio. Nós precisamos fazer alguns exames e entãoaguhnd, d,ddm,m sjimmnsksijka [...]’. Depois do **Síndrome de Down**, eu não estava ouvindo ou entendendo nada. Só queria que ela calasse a boca. Apenas isso. Cale a maldita boca! Mas ela não calava. A coisa ficava cada vez pior e pior e pior. Um purgatório de menos de dez minutos. Dez minutos que mudam a sua vida. Que duram uma eternidade... que te matam. É uma dor que não dá pra descrever em palavras. Apenas acreditem em mim quando digo que não desejo isso pro meu pior inimigo. Sinceramente.⁵⁹

Uma sequência de letras aparentemente ininteligível rompe os efeitos de concreto despertados pelo discurso direto e instiga o leitor rumo aos efeitos de imaginação, deixando para o sujeito interpretante a liberdade para criar ou pensar nas frases e nas cenas seguintes. A confissão de que não ouvia nada a partir daquele momento e do seu desejo mais íntimo para que a interlocutora se calasse despe o sujeito enunciadador – um *ethos* de uma pessoa comum que recebe uma notícia ruim no melhor e mais esperado momento de sua vida.

Chamaremos de onomatopeia digital a sequência ininteligível de letras mencionada que, em princípio, não representam um som para o qual teríamos condições imediatas de identificação. Por outro lado, essa onomatopeia “entãoaguhnd, d,ddm,m sjimmnsksijka” nos remete a uma série de ações, emoções e movimentos – um enunciado que narra o vivido e recebe efeitos de interrupção, provocando um deslocamento do leitor da narrativa em si para um limbo tanto discursivo (a expectativa da sequência narrativa) quanto patêmico (quais emoções podem ser despertadas?). A nosso ver, esse *não-lugar* não teria, em um primeiro momento o mesmo sentido de Augé (1994), para quem o *não-lugar* da supermodernidade se opõe ao lar e é representado por lugares de rápida circulação como as estações de metrô, os aeroportos e as cadeias de clubes e de hotéis, por exemplo, que não são espaços personalizados.

Na nossa perspectiva, esse *não-lugar* se refere ao espaço físico, simbólico ou discursivo, para onde os sujeitos enunciadadores se refugiam, em um lapso de segundo, para ganhar tempo e retomar a encenação da linguagem. Seria um *não-lugar* do enunciadador que também é do texto e do leitor. Por outro lado e tomando emprestadas algumas características da definição de Augé, o *não-lugar* é também o cenário no qual ocorrem, segundo o autor, as convivências da linguagem e os sinais da paisagem e cria identidades partilhadas com relativo anonimato. Registramos, relativo anonimato, em função da relação ambígua que a sociedade e a pessoa estigmatizada mantêm, especialmente em tempos de RSDs.

⁵⁹ Disponível em: <<http://www.avidacomlogan.com.br/index.php/sobre/>>.

Na postagem supracitada, constitui-se também o *ethos* de um homem que tem a sua racionalidade abalada por uma fração de tempo aparentemente pequena, mas que parece durar uma eternidade aos seus olhos. A ironia quebra a intensidade da narrativa e abre uma brecha para certa descontração, afinal, o sujeito comunicante (Flávio Soares) é humano e chora – segundo ele próprio, tem “fossas lacrimais”.

Este foi um dos **raros momentos em que perdi completamente o controle sobre meu corpo**. Talvez o **único em que as emoções me traíram**. Pelo menos serviu para as pessoas verem que, sim, eu possuo **fossas lacrimais** e elas funcionam perfeitamente.⁶⁰

O purgatório, também um limbo, anunciado no início do texto cria um efeito de suspense: vai ser possível conseguir a purificação da alma? É preciso padecer até alcançar a bem-aventurança? Para isso, antes do final feliz, a confissão é uma exigência para se livrar da culpa e da vergonha por comportamento tão inadequado para um pai: a negação do filho. Todos podem perdoá-lo, mas ele não se perdoará, como podemos ver nos enunciados abaixo, que compõem a postagem sobre a qual estamos refletindo:

Abro aqui um parêntese para **expiar minha própria culpa e vergonha**. À noite (finalzinho da tarde), eu e minha madrastra tivemos a oportunidade de ir à UTI ver meu bebê. Ela estava doida de alegria para ver o neto. E foi. Eu, não. Sentei-me no sofá da recepção e ali fiquei me perguntando se já não havia tido dor suficiente para mais de uma vida. Acredito que nunca vou me perdoar por ter feito isso com ele. Eu não o vi em seu primeiro dia fora do útero. Ele teve a chance de ter contato primeiro com o pai e **eu lhe neguei isso**... [...]

Essa foi a parte dura da vida com Logan. Aquela trepidação incômoda que a gente sente quando o avião começa a levantar vôo. Nada que vá nos matar. Mas ainda assim, assustador. Mas não se preocupem. Daqui pra frente o passeio é mais calmo e as histórias serão mais curtas. Prometo nunca mais escrever tantas linhas como agora. Não abusarei mais da paciência de vocês. Senhores passageiros, boa noite.⁶¹

“Diagnóstico, luto e expectativas” é o título de uma das várias postagens na quais identificamos pistas confessionais sobre a vida com um filho autista em *Lagarta Vira Pupa*⁶². O recurso de destacar, em discurso direto e em negrito, logo abaixo do título e separado do texto, um enunciado do físico Stephen Hawkins⁶³: “Quando as expectativas de uma pessoa são reduzidas a zero, ela realmente aprecia tudo o que tem”⁶⁴ evidencia a finalidade daquela

⁶⁰ Disponível em: <<http://www.avidacomlogan.com.br/index.php/sobre/>>.

⁶¹ Disponível em: <<http://www.avidacomlogan.com.br/index.php/sobre/>>.

⁶² Disponível em: <<http://lagartavirapupa.com.br/?s=luto>>.

⁶³ Stephen Hawking é um dos cientistas mais consagrados da atualidade. Nasceu em Oxford, em 1942, na Inglaterra. Foi na Universidade de Cambridge, onde hoje é professor emérito, um posto que já foi ocupado por Isaac Newton.

⁶⁴ Tradução nossa de: When one’s expectations are reduced to zero, one really appreciates everything one does have.

situação de comunicação: falar das etapas que compõem esse ciclo: fase 1) tomar conhecimento da situação; fase 2) viver o luto; e fase 3) refazer as expectativas. Além disso, a voz do outro pressupõe que os sujeitos destinatários compartilhem um conjunto de saberes a partir dos quais esse enunciado será entendido.

O sujeito enunciadador conversa consigo e, ao mesmo tempo, tenta envolver os leitores, criando um clima de intimidade, como a prepará-los para ouvir a confissão, de um período longo: “Tenho certeza de que este vai ser o post mais difícil de todos. Não tem como falarmos de certas coisas sem trazer tudo à memória novamente. Vou tentar resumir, em um post breve, o mais longo mês da minha vida: Maio de 2010”⁶⁵.

Nos próximos excertos dessa mesma postagem, percebemos que a narrativa alimenta o suspense da trama revelada, aos poucos, em pequenos trechos significativos, em um roteiro cujos elementos de ação (verbos que demonstram o movimento dos personagens) vão sendo mesclados às emoções. O coloquialismo, com expressões populares (“pra” ou forma coloquial da preposição para) e gírias (“ficha cai”) eventualmente evidenciadas por aspas, permeia o texto, afinal, trata-se de uma conversa informal, entre supostos conhecidos, na qual é possível compartilhar o vivido com detalhes sobre os sentimentos ou a intimidade, que visam aproximar o narrador do leitor e vice-versa, como se percebe na sequência de comentários.

O momento em que a ‘ficha cai’ é o **mais doloroso possível**. Eu não precisava **jogar** no *Google* **pra** entender o que o relatório sugeria, apesar de eu não saber quase nada de autismo. **Saí correndo** do trabalho **imediatamente** e **aos prantos**.⁶⁶

Ao longo do texto o sujeito enunciadador vai alternando a primeira pessoa do singular para o que se refere ao sujeito comunicante (mãe do garoto) e primeira pessoa do plural para os enunciados relativos ao casal (pais do garoto), como na sequência abaixo.

Em um primeiro momento, decidimos não comentar com ninguém e corremos para a pediatra do Theo, que nos encaixou no mesmo dia. [...]

Daí, até explicar que ‘focinho de porco não é tomada’ e que o dvd era consequência (dele não gostar de absolutamente nenhum brinquedo) e não causa, já era. Ela encerrou dizendo que o que ele tinha, provavelmente, era falta de estímulo (leia-se: vocês, pais, não estimulam o menino devidamente). E recomendou um exame de audiometria para saber se ele não respondia porque era surdo. [...]

Sáimos de lá totalmente sem chão. Não sei quem estava mais incomodado.⁶⁷

⁶⁵ Disponível em: <<http://lagartavirapupa.com.br/?s=luto>>.

⁶⁶ Disponível em: <<http://lagartavirapupa.com.br/?s=luto>>.

⁶⁷ Disponível em: <<http://lagartavirapupa.com.br/?s=luto>>.

Em mais alguns excertos, percebemos que vários personagens secundários e figurantes são adicionados à trama: a pediatra oficial do filho, os avós que ficaram com a criança enquanto os pais viajavam, o sogro que levou a criança a um médico famoso e experiente, a amiga que já sabia de tudo, mas não tinha coragem de demonstrar, o médico de quem eles não gostaram, o especialista que eles gostaram e assim, sucessivamente, contribuindo para a composição de situações, sentimentos e comportamentos a partir dos quais o sujeito interpretante poderia estabelecer identificações e fazer as analogias cabíveis com a sua própria vivência a partir dos personagens e dos efeitos de real e de ficção que a participação deles propicia até a confirmação do diagnóstico, o clímax da trama confessional:

Resolvi abrir o coração para a minha irmã e amiga, Luciana. **Falei** que a escola tinha umas desconfianças, tentei disfarçar. A resposta dela foi: ‘**meu amor, acho que isso não vai ser surpresa pra ninguém da família**’. Parece que todo mundo já desconfiava de alguma coisa, mas não tinha coragem de falar.

[...]

Ela leu o relatório, pareceu **perplexa** e afirmou **categórica**: ‘Não, seu filho não é autista! Pode ficar des preocupada! Tenho uma paciente autista da idade dele.

[...]

O psiquiatra nos indicou um tratamento com **fonoaudióloga**, massagens, mas tudo bem na linha alternativa. E já emendou: ‘você vão fazer a **peregrinação**, não é?! Eu sei que vão (e fez cara de **tédio**)’.

[...] fomos parar no consultório de um **psiquiatra infantil muito famoso (e caro) em São Paulo**. **Este senhor** olhou o Theo por 5 minutos e já largou a bomba: ‘Não quero rotular o menino. O único rótulo que ele vai ter na vida é o nome dele. Blabláblá’. E nós, tentando entender melhor: ‘mas doutor, o senhor está dizendo que ele é autista?’. ‘Veja bem, não gosto de rótulos [...]’. SIM, ele estava dizendo que o Theo era autista, mas tudo isso sem dizer a palavra.

[...]

Doutor Salomão Schwartzman pediu para o Theo entrar na sala e fez vários testes com ele. Deu carrinho pra ele brincar [...] ele virou de cabeça pra baixo e ficou mexendo nas rodinhas. Chamou o Theo várias vezes pelo nome, e ele não olhou nenhuma vez. Mostrou brinquedos, fez barulhos, ligou uma lanterna [...] depois de uma meia hora, pediu pra o Theo sair para a sala de espera e nos deu o diagnóstico.⁶⁸

Para finalizar o exemplo supracitado de confissão, a estratégia de reforçar a intensidade do luto vivido para, então, deixá-lo esmaecer ao longo da narrativa, na medida em que novos capítulos vão sendo apresentados, dá lugar a expectativas, que precisaram ser refeitas no passado ou que até mesmo deixaram de existir com o nascimento de um “novo bebê”, atingindo o marco zero. Do luto a um novo nascimento a narrativa muda, os intensificadores do sofrimento fazem surgir noções outras de julgamento e qualificação do mundo e dos sentimentos.

⁶⁸ Disponível em: <<http://lagartavirapupa.com.br/?s=luto>>.

3.6.3 Conscientização

Fatos esquecidos, bloqueados ou que não são valorizados em determinada sociedade vão sendo trazidos à tona para que o público não só tome conhecimento, mas se interesse por uma causa a ser defendida. A meta maior é captar adeptos que se sintam à vontade para compartilhar as ideias.

Não basta informar os leitores, é preciso envolvê-los, por meio de estratégias diversificadas, como o julgamento e a qualificação negativa do que está em curso, para que os leitores despertem para a gravidade do problema e atuem como cidadãos em benefício de uma comunidade.

Vejam um caso do blogue *Inclusão Diferente* ilustrado na figura 16, a seguir, cuja temática é a política de inclusão do governo federal para pessoas com deficiência.

Figura 12: Contrato de Conscientização I

Políticas de Inclusão do Governo Federal para Pessoas com Deficiência

Publicado em 03 dezembro 2014 por Damião Marcos

Acessibilidade e Braille

Placas Táteis Mapas Táteis



A inclusão de pessoas com deficiência física é uma obrigação do governo. O tema da igualdade e do não à discriminação têm se tornado cada vez mais ressonante entre os debates políticos; ações sociais, construções, etc. Claro que não era assim tão comum, aliás, não foi assim por muito tempo, pois a invisibilidade dessas inúmeras pessoas permaneceu obsoleta por muito tempo.

Um dos problemas com a política é a perpetuação de discursos superficiais no favorecimento em promover ações sociais para os cadeirantes ou deficientes em geral, esquecendo-se do real motivo dessas ações, ou deixando de executar tais procedimentos em favor dos deficientes, restando apenas promessa nos palanques da vida, sem decreto firmado.

Sabemos que ao se tratar do problema referente à inclusão de pessoas com qualquer deficiência, deve-se estabelecer-se a sua relação com o Ministério **Público**, pois ele é o responsável por garantir e aplicar maneiras de inclusão e isonomia.

A proteção legal da pessoa com deficiência e das atribuições gerais foram confiadas ao promotor de justiça, que acarreta maneiras e mecanismos de defesa

Fonte: Blogue Inclusão Diferente.⁶⁹

⁶⁹ Disponível em: <<http://www.inclusaodiferente.net/2014/12/politicas-de-inclusao-do-governo.html>>.

No texto do blogue *Inclusão Diferente*, reproduzido anteriormente, o *ethos* de especialista que domina o assunto confere veracidade e comprometimento com a causa que é o objeto da conscientização. Ser especialista requer certo distanciamento, por isso o uso da terceira pessoa ao longo de todo o texto. Após se valer da assertividade no primeiro enunciado, o sujeito enunciador opta por uma estratégia concessiva ao reconhecer que o tema está cada vez mais na pauta do debate político.

Mas a concessividade é interrompida pela lembrança de que se trata de algo recente. A apresentação de um problema indica a tese defendida pelo blogueiro: apesar de estar em evidência, a superficialidade dos discursos impede a tomada efetiva de providências em benefício das PcDs. Esse encadeamento de argumentos, apresentados de forma impessoal, mas com o estilo de quem escreve, é característica dos artigos de opinião, comuns em veículos da grande mídia e na Internet de uma maneira geral.

No terceiro parágrafo da figura 16, notamos laços de subjetividade e de aproximação com o leitor com a alternância dos pronomes para a primeira pessoa do plural, e a própria inclusão do autor no grupo de PcDs. Nesse momento do texto, o sujeito enunciador associa ao *ethos* de especialista a sua participação na defesa dos direitos da PcD e assume o papel de porta-voz dessa comunidade.

Na conclusão reproduzida a seguir, a expressão “extrema importância” conclama as pessoas sem deficiência a refletir e, talvez, a aderir à luta pelos direitos e deveres das PcDs:

Concluindo que a política de inclusão aos deficientes é de **extrema importância**, pois da mesma forma que nós, que não possuímos nenhuma deficiência física ou orgânica, temos direitos e deveres perante a constituição, e somos contribuidores do patrimônio social, também o são todos aqueles que de certa maneira possuem algum tipo de deficiência, seja ela menos ou mais grave.⁷⁰

O discurso direto, composto por uma pergunta, é um dos elementos indicadores da visada argumentativa do texto no excerto a seguir do blogue *Deficiente Ciente*.

⁷⁰ Disponível em: <<http://www.inclusaodiferente.net/2014/12/politicas-de-inclusao-do-governo.html>>.

Figura 13: Contrato de Conscientização II



Fonte: Deficiente Ciente.⁷¹

Ao recorrer à fala do autor das ilustrações, o sujeito enunciador (Fig. 13) busca captar a atenção do leitor para que prossiga com a leitura e mais, por meio dos efeitos de persuasão com a imagem das princesas com deficiência, que ele se sinta sensibilizado ao ponto de se abrir para uma possível conscientização sobre a temática. Aliás, a pergunta traz outras vozes para o texto provocando efeito polifônico – ela integra a arte do ilustrador que, por sua vez, utiliza uma brincadeira comum na Internet “Qual princesa da Disney você é?”⁷².

Ao contrário do teste convencional proposto por alguns *sites*, o leitor visualiza um painel com princesas com deficiência. A provocação continua a partir de novo questionamento: “Você ainda gosta de nós?”. E a voz do ilustrador retorna no texto, novamente em discurso direto, dessa vez, marcado por travessão, para concluir a argumentação, e propor uma reflexão ao sujeito destinatário a partir do seu depoimento:

⁷¹ Disponível em: <<http://www.deficienteciente.com.br/2014/01/para-combater-o-preconceito-princesas-da-disney-sao-retratadas-como-deficientes-fisicas.html>>.

⁷² O teste direcionado a adolescentes pode ser feito no seguinte endereço: <<http://atrevedinha.uol.com.br/teste-qual-princesa-voce-e/>>.

— *Agora, sou uma pessoa com deficiência, e todos os dias tenho que lidar com discriminação e humilhação. Com essa série, busquei dar visibilidade ao problema.*⁷³

A pergunta também marca a estratégia da postagem sobre a qual vamos refletir, a seguir, nos excertos do blogue *Nossa vida com Alice*. O sujeito enunciador se dirige diretamente ao destinatário e o questiona sobre uma situação constrangedora envolvendo a própria filha. “Vocês sabiam que em vários parquinhos a Alice pode ser convidada a retirar-se de uma piscina de bolinhas?”⁷⁴. Por meio desse enunciado cria-se o elo para a apresentação da hipótese da blogueira sobre a fragilidade da educação inclusiva no Brasil. A personalização do exemplo da filha, que pode parecer prosaico, é uma das *portas* para que o leitor siga na direção da tese principal. O sujeito enunciador não está falando de crianças em geral, mas da filha do sujeito comunicante (Carol Rivello) que tem síndrome de Down, e simboliza não somente as crianças com deficiência, mas todas as crianças com deficiência.

O *ethos* de mãe zelosa, preocupada, atenta à interpretação e à aplicabilidade da legislação contribui para o efeito de sensibilização. A argumentação é ampliada a partir do segundo parágrafo, quando é abordada a Meta 4 do Plano Nacional de Educação⁷⁵, tema sensível, que mobilizou muitas famílias de PcDs e que, no entanto, não recebeu destaque nos veículos tradicionais de mídia.

Fenômeno semelhante está acontecendo com a Meta 4 do Plano Nacional de Educação que fala, resumidamente, sobre o direito de pessoas com deficiência frequentarem a rede regular de ensino. Existe uma proposta para que seja incluída a palavra ‘**preferencialmente**’ nesta frase.⁷⁶

A expressão em negrito, marcada pela blogueira, no trecho acima destacado, é uma citação resumida da lei, um recurso para chamar a atenção para pontos específicos que se busca combater “**preferencialmente**”. Vejamos mais um trecho na sequência da postagem:

*Ah Carol, mas é só uma palavra! Amigos, se hoje em dia que não existe este termo, conseguir vaga para a Alice em escolas regulares já é difícil, imagine com a inserção dele? É um retrocesso triste, desesperador. #desabafo.*⁷⁷

⁷³ Disponível em: <<http://www.deficienteciente.com.br/2014/01/para-combater-o-preconceito-princesas-da-disney-sao-retratadas-como-deficientes-fisicas.html>>.

⁷⁴ Disponível em: <<https://nossavidacomalice.wordpress.com/2013/11/07/nossa-vida-com-inclusao/>>.

⁷⁵ O Plano Nacional de Educação pode ser conferido nesse endereço: <<http://pne.mec.gov.br/>>.

⁷⁶ Disponível em: <www.nossavidacomalice.wordpress.com>.

⁷⁷ Disponível em: <<https://nossavidacomalice.wordpress.com/2013/11/07/nossa-vida-com-inclusao/>>.

O uso de uma *hashtag*, nesse caso, teria múltiplas funções na semiotização do mundo: encerrar uma argumentação, categorizar a postagem, acrescentar efeito patêmico ao texto e estabelecer vínculos com outros desabafos tendo em vista que a *hashtag* é um *link*, ciclável e leva a outras postagens identificadas da mesma maneira. E, por fim, mais um trecho desta postagem:

Para mostrar para **meus queridos leitores** que a inclusão escolar é um desafio...

[...]

Sei que muitas pessoas não vão entender minha posição, sei que alguns irão discordar. Encorajo que leiam mais sobre o assunto, se inteirem. **Não sou ingênuo**, sei que a inclusão escolar hoje em dia no Brasil está longe de ser ideal. Mas o cenário só **melhora** com o tempo, **sem retrocessos**.⁷⁸

Os sujeitos destinatários, no trecho anteriormente destacado, são alçados a um *status* mais próximo e são interpelados diretamente de maneira carinhosa. Se o *ethos* é de compreensão com as pessoas que possuem opinião discordante, é também de incentivo para que essas mesmas pessoas se informem melhor sobre o assunto para que venham se convencer e concordar com os argumentos, despertando-os para a conscientização.

3.6.4 Documental

Nas bases do contrato documental está o registro de informações e narrativas de vida como um filme cotidiano cujo produtor é o próprio sujeito comunicante e a partir do qual se tornarão públicas as memórias, que revelam elementos de uma vida social intensa a partir das vivências pessoais em consultórios médicos e terapêuticos, órgãos públicos, instituições de ensino, entre vários outros organismos que compõem o cotidiano de uma PcD em sociedade.

A vida é contada em capítulos com o recorte de fragmentos simbólicos não só para o sujeito comunicante, mas também para o sujeito destinatário, com a oscilação de efeitos de real e de ficção.

No excerto a seguir (Fig. 14), do blogue *Filhos especiais pais abençoados*, acompanhamos o capítulo do quarto mês de vida de um bebê surdo.

⁷⁸ Disponível em: <<https://nossaavidacomalice.wordpress.com/2013/11/07/nossa-vida-com-inclusao/>>.

Figura 14: Contrato Documental I

O Guilherme completou 4 meses no dia 15/06/2010 e está cada dia mais lindo e esperto.

Ele já pegava os brinquedos da cadeirinha e agora ele pega com mais precisão, com as duas mãozinhas, arracando e levando para a boca.

Fala bastante, se vira, está com o pescoço bem durinho, senta com apoio e está aprendendo a mostrar a língua. Já percebeu que tem os pés e quando está deitado levanta e bate os pés com força.

Cresceu 3 centímetros em um mês e engordou 600 gr.

Ele está com 61,5 cm e 6.600 kg.

Tenho certeza que ao longo desse mês ainda volto para contar as gracinhas dele porque a cada dia ele está mais esperto.



Fonte: Blogue Filhos Especiais Pais Abençoados.⁷⁹

A narrativa (Fig. 14) parece seguir o roteiro básico de desenvolvimento mês a mês a partir do nascimento da criança. Talvez seja essa uma estratégia do sujeito enunciativo para uma argumentação sutil não descortinada de maneira evidente no texto: o desenvolvimento de um bebê que tenha uma deficiência pode ser igual ao de um bebê que não tenha nenhuma deficiência. As datas localizam o registro no tempo e, junto com a imagem, surtem o efeito de memorialização. Os verbos no presente do indicativo (“pega”, “se vira”, “fala”, “senta”) garantem vivacidade e dinamismo ao mesmo tempo em que simbolizam o efeito de diário. O leitor tem acesso a uma série de ações presentificadas, como se estivessem sendo narradas no momento no qual ocorreram. Por outro lado elas não são encerradas uma vez que o gerúndio (“arracando”, “levando” para a boca) passa ao leitor o efeito de continuidade. Algumas ações provavelmente vão ser retomadas em cenas seguintes, uma lembrança para o leitor que acompanha os “episódios” do documentário cotidiano, como o fez nessa mesma postagem: “ele já pegava os brinquedos”, um efeito *déjà vu* mesmo para aqueles que não seguem com frequência

⁷⁹ Disponível em: <filhosespeciaispaisabençoados.blogspot.com.br/search/label/Desenvolvimento%20mês%20a%20mês>.

a história ou que a estão acessando pela primeira vez. As palavras no diminutivo (“cadeirinha”, “mãozinhas”) reforçam a coloquialidade e a informalidade, aproximando narrador e leitor.

No próximo exemplo, a vida do personagem principal é documentada cotidianamente. Vejamos um dos episódios do blogue *A vida com Logan*.

Figura 15: Contrato documental II



Fonte: Blogue A vida com Logan.⁸⁰

Os episódios deste caso (Fig. 15), que são registrados por meio de tirinhas do sujeito comunicante (o pai quadrinista e caricaturista), como uma série de televisão, são numerados – o que está em análise é o 271. A temática está explicitada no final do endereço do *link* <http://www.avidacomlogan.com.br/index.php/2014/05/08/acontece-na-fono/>, através do qual a postagem é acessada, e indica que naquele dia o cenário é o consultório da fonoaudióloga: “acontece na fono”. Nos balões de fala o tom coloquial (“Prontinho”) e o negrito (“participou”, “exercícios”, “atendimento”, “toda a família”) compõem outro contrato, o de humor, simultâneo ao documental.

A assinatura do sujeito comunicante está presente na própria postagem (Fig. 15), logo abaixo das tirinhas, assim como a categoria na qual ela foi incluída no blogue: “Quadrinhos”. As *tags*, também dispostas abaixo das tirinhas, indicam que a postagem está relacionada a outras

⁸⁰ Disponível em: <<http://www.avidacomlogan.com.br/index.php/2014/05/08/acontece-na-fono/>>.


sobre o mesmo tema: “criança”, “distúrbio de fala”, “língua presa”, “fonoaudiologia”, “HQ (história em quadrinhos)”, “pais e filhos”, “síndrome de down”, “terapia”, “troca-lettras”.

A partir dessa etiquetagem o sujeito destinatário tem acesso, caso queira acompanhar todos os episódios sobre o tema, a uma sequência que não é cronológica como o é aquela feita pela numeração dos episódios e pelos botões de “play”, de “segue” e de “volta”, dispostos acima do título “A tirinha da semana – 271”. Os distúrbios descritos pelas *tags* estão nas falas do Logan e da outra criança bem como na do próprio pai, o que nos desperta para a conexão entre os recursos linguísticos da tirinha e aqueles externos a ela, que acrescentam informações e elementos importantes para a compreensão da situação de comunicação e do próprio discurso.

“Progressos da semana” é o nome da postagem do próximo exemplo (Fig. 16), do blogue *Lagarta Vira Pupa*, cuja finalidade é mostrar aos sujeitos destinatários as várias conquistas do garoto autista documentadas pela mãe.

Figura 16: Contrato documental III

Aqui vai um resuminho dos progressos da semana.



E não foi só a parte da fala. Theo está interagindo de forma mais positiva. Tem buscado o contato conosco, inclusive o visual, com mais frequência. Tem estado mais presente nas situações. Tem demonstrado compreensão total do que acontece ao seu redor.

Anteontem, um momento de ternura total. Estávamos sentados, os dois, no sofá, quando ele pegou minha mão, entrelaçou seus dedinhos nos meus, depois levou-a até a boca e deu um beijo. Derreti...

Ontem à noite, ele estava enrolando para ir dormir. Sempre me lembro da Marie

Fonte: Blogue Lagarta Vira Pupa.⁸¹

⁸¹ Disponível em: <<http://lagartavirapupa.com.br/2014/>>.

O episódio (Fig. 16) apresenta uma marcação espaço-temporal a partir das memórias acumuladas ao longo dos últimos quatro anos. O cenário é a sala de casa, que já é (re) conhecida pelos leitores do blogue, mantendo a intimidade e a personalidade estabelecidas também em outras postagens. Os personagens da vida real, o garoto autista e a sua cadela, contracenam na sala e nas demais sequências - a voz ou a presença da mãe estimula o garoto a revelar o aprendizado dos últimos tempos. Enunciados plurisemióticos, com textos escritos e vídeos, movem o leitor em uma textualidade navegante que inclui, ainda, recursos iconográficos como o *emoticon*⁸² a seguir, símbolo da expressão de felicidade da blogueira. “Também começou a me chamar para tudo o que incomoda. E, geralmente, o que incomoda é a Lola 😊”.

3.6.5 Humor

A *mise en scène* traz, para o palco da vida e suas representações pelo viés da linguagem, pinceladas de alegria e de brincadeiras sutis típicas da conversação oral. Não se trata aqui apenas do gênero humorístico cujo objetivo principal é o de fazer rir por meio de piadas, mas de um contrato que permite o efeito cômico, com uma visada de humor, com uma quebra de expectativas do discurso lançado em postagens diversas. Neste tipo de contrato, é como se uma veia cômica fosse indicativa de uma maturidade que permite a certos sujeitos falantes dar um pouco de leveza a situações que, em tese, seriam sérias.

Vejamos o caso abaixo do blogue *A vida com Logan*:

Mas, antes de começarmos, algumas coisas precisam ser esclarecidas. Se você veio até aqui em busca de respostas para as suas dúvidas, uma dissertação sobre as vantagens e desvantagens de se discutir ou não a relação, uma frase que vá tornar o seu dia especial, uma lição de vida que vai ficar guardada na sua memória para todo o sempre ou uma tirada sensacional, daquelas que só os grandes humoristas conseguem; bem, lamento ter que dizer isto, mas este é o lugar errado. Tente a porta ao lado, sim? Se eu fosse tão esperto quanto pareço e tivesse as respostas pra tudo, acredite, eu já estaria milionário. E não estou [...].⁸³

No excerto mencionado, o leitor é conduzido por um universo no qual o próprio humor é

⁸² *Emoticon* vem do inglês *emotion* + *icon*, ou seja, um ícone que expressa a emoção do usuário nas redes sociais. Sem a necessidade de usar palavras, é possível interagir e se manifestar apenas por meio dessas imagens. Entre os mais conhecidos estão as 'carinhas' com o símbolo do sorriso;) ou =) e a de tristeza;(.

⁸³ Disponível em: <<http://www.avidacomlogan.com.br/index.php/sobre/>>.

questionado, um jogo de efeitos de seriedade, de dramaticidade e de comicidade.

Examinemos um outro caso, do mesmo blogue, onde se verifica a tentativa de tratar questões sérias com humor (Fig. 17).

Figura 17: Contrato de humor I



Fonte: Blogue A vida com Logan.⁸⁴

O *ethos* de marido compreensivo e tranquilo (Fig. 17), que compõe a *mise en scène*, nas duas primeiras seqüências da tirinha reproduzida, é transformado na última cena, quando o sombreamento vai crescendo e tomando conta da extensão do corpo e do rosto de um protagonista intrigado com a brincadeira dos filhos e a consequência para os animais de estimação. Os balões de ação e o movimento das crianças contribuem para acentuar o clima de bagunça e de desordem bem como o *ethos* do pai preocupado, que já pensa em apoio psicológico para os animais, um reforço para a visada humorística, típica desse contrato.

Notamos mais um caso no qual o humor é um dos elementos importantes do contrato. Vejamos as figuras 18, 19 e 20, que compõem uma mesma postagem do blogue *Nossa vida com Alice*.

⁸⁴ Disponível em: <<http://www.avidacomlogan.com.br>>.

Figura 18: Contrato de humor II
Caindo pelas tabelas



— Na imagem: desenho da alice presa dentro das barras de uma tabela de desenvolvimento.

Fonte: Blogue Nossa vida com Alice.⁸⁵

As tabelas de desenvolvimento infantil costumam orientar as famílias para as ações que o bebê realiza, as reações, o comportamento, entre outros elementos típicos de cada faixa etária a partir do nascimento. Para os pais de crianças com deficiência, como vimos na representação da figura 18, as tabelas de crescimento podem se tornar uma “verdadeira prisão”. Esse é o argumento da blogueira, que usou recursos ilustrativos, com visadas humorísticas, para simbolizar a prisão na qual a filha foi colocada ao ter o desenvolvimento comparado com as demais crianças. Vejamos a segunda imagem dessa sequência (Fig. 19):

Figura 19: Contrato de humor III

Tabela de desenvolvimento da linguagem		
Receptivo	Idade	Expressivo
Assustada-se. Aquietar-se ao som da voz.	0 - 6 semanas	Choros diferenciados e sons primitivos. Reconhecem os sons vogais (V).
Vira-se para a fonte de voz. Observa com atenção objetos e fatos do ambiente.	3 meses	Primeiros sons articulados (babbling) e Kip.
Responde com sons emotivos à voz materna.	6 meses	Babbling com consoantes e vogais.
Entende gestos simples com dicas através de gestos. Entende “não” e “tchau”.	9 meses	Inicia sons articulados (C ou VCV).
Entende muitas palavras familiares e ordem simples associadas a gestos. Ex.: “flem com o papel”.	12 meses	Babbling com consoantes e vogais.
Conhece algumas partes do corpo. Acha objetos a pedos. Brincadeira simbólica com miniaturas.	18 meses	Primeira palavra.
Segue instruções envolvendo dois conceitos verbais (se quais são substantivos). Ex.: “Coloque o copo na caixa”.	24 meses	Tem um vocabulário de cerca de 150 palavras. Usa combinação de duas ou três.
Entende primeiros verbos. Entende instruções envolvendo até três conceitos. Ex.: “Coloque a boneca grande na cadeira”.	30 meses	Usa habitualmente linguagem telegráfica (“bebê”, “papá yá”, “mamã vai papá”).
Conhece diversas cores. Reconhece plurais, pronomes que diferenciam os sexos, adjetivos.	36 meses	Inicia o uso de artigos, plurais, preposições e verbos auxiliares.
Começa a aprender conceitos abstratos (furo, mole, seco). Linguagem usada para raciocínio. Entende “se”, “por que”, “porque”. Compreende 1.500 a 2.000 palavras.	48 meses	Formula frases corretas, faz perguntas, usa a negação, fala de acontecimentos no passado ou antecipa outros no futuro.

— Na imagem: Alice achando uma brecha e conseguindo escapar.

Fonte: Blogue Nossa vida com Alice.⁸⁶

⁸⁵ Disponível em: <<https://nossavidacomalice.wordpress.com/2014/08/20/caindo-pelas-tabelas/>>.

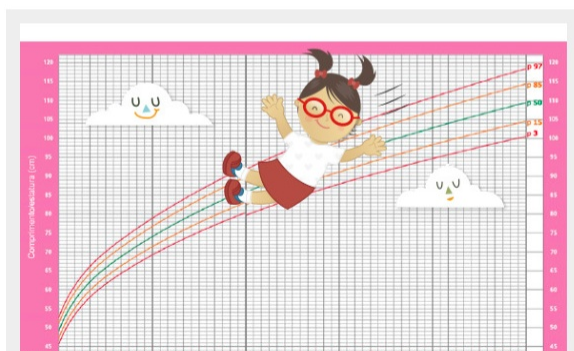
⁸⁶ Disponível em: <<https://nossavidacomalice.wordpress.com/2014/08/20/caindo-pelas-tabelas/>>.

Já na figura 19, surge a janela por onde a criança começou a passar, ou “as brechas” para que a filha “escape”, de braços abertos e sorridente.

O *ethos* de mãe zelosa, criativa, divertida, crítica e propositiva é um elemento importante da *mise en scène*, que permite aos leitores acessar uma versão transgressiva da tabela comumente proposta. E ao final da postagem surge a brincadeira de escorregador nas curvas da tabela, conforme nos mostra a imagem a seguir (Fig; 20).

Figura 20: Contrato de humor IV

Primeiro dia de vida: Virou o amor das nossas vidas.
8 meses: Inventa o 360° da alegria, gira sentada quando está muito feliz.
1 ano: Não joga mais a mamadeira longe quando termina de beber o suco.
1 ano: Começa a se locomover parecendo um touro.
1 ano e 7 meses: Come todos o gizes de cera da casa.
1 ano e 9 meses: Começou a engatinhar no estilo moon walking, de ré.
1 ano e 9 meses: Começou a falar em código morse.



Fonte: Blogue Nossa vida com Alice.⁸⁷

A postagem, que a propósito é intitulada “Caindo pelas tabelas”, é permeada por efeitos cômicos e ficcionais, como foi possível perceber.

3.6.6 Informação

A credibilidade e a autenticidade dos fatos publicados norteiam o contrato de informação, a exemplo do que ocorre com o contrato das mídias. Constam dos relatos depoimentos de outras fontes que garantem vozes discordantes, plurais e polifônicas, assim como estatísticas, pesquisas e outros dados que contribuem para que a narrativa pareça precisa. O sujeito enunciator tenta construir uma imagem de neutralidade, não envolvido, implicado ou distante

⁸⁷ Disponível em: <<https://nossavidacomalice.wordpress.com/2014/08/20/caindo-pelas-tabelas/>>.

ao passo que a instância destinatária seria concebida a partir de preceitos de cidadania e de sensibilidade. A presença do *lide*, ou primeiro parágrafo, é típico de algumas matérias jornalísticas, que são elaboradas a partir da concepção da pirâmide invertida, ou seja, as informações mais importantes são apresentadas no início do texto. Tudo isso aponta para pressupostos do contrato informativo, conforme veremos nos excertos a seguir.

Figura 21: Contrato de informação

Deficiente Ciente
Blog de notícias e cultura

Home Deficiência ▾ Superação Campanhas Artigos ▾

1
g+1
4
Tweeter
22
Like
1
Share

Essa é uma das conclusões da pesquisa “Condições de vida das pessoas com deficiência no Brasil”, feita pelo DataSenado com base num cadastro cedido pelo IBDD com 10.273 pessoas com deficiência em todas as regiões do Brasil. A pesquisa ouviu 1.165 pessoas com deficiência entre os dias 28 de outubro e 17 de novembro, sendo 759 deficientes físicos, 170 visuais e 236 auditivos.

De acordo com o resultado da pesquisa, falta atuação mais firme do Estado na prevenção e tratamento oferecidos às pessoas com deficiência. Sessenta e quatro por cento das entrevistadas disseram que a prevenção de doenças que causam

Fonte: Blogue Deficiente Ciente.⁸⁸

“Setenta e sete por cento das pessoas com deficiência acreditam que não têm seus direitos respeitados no país” é o título da postagem (Fig. 21) que se baseia em uma pesquisa para informação dos leitores sobre uma situação que preocupa as PcDs: o respeito aos seus direitos no país. O título ou a manchete tem a função de captar o interesse do destinatário e resumir a informação principal da postagem, a exemplo do que ocorre nas matérias jornalísticas.

O primeiro parágrafo completa o título, dando sequência imediata à estatística apresentada, sem repeti-la. Para garantir o contrato informativo, o lide, nesse caso, com os cinco dos seis elementos que o compõem, em sua perspectiva tradicional: O que, Quem, Quando, Onde, Como e Por que. Eles resumem o que há de mais importante na matéria, a seguir, conforme nossas marcações em negrito bem como nossos comentários entre parênteses.

⁸⁸ Disponível em: <<http://www.deficienteciente.com.br/2012/11/setenta-e-sete-por-cento-das-pessoas-com-deficiencia-acreditam-que-nao-tem-seus-direitos-respeitados-no-pais.html>>.

O estudante universitário Carlos Solon Guimarães (Quem) criou um protótipo de bengala eletrônica (o que) de baixo custo com dois sensores que avisa o deficiente visual quando há algum obstáculo a um metro de distância (como). Cada um dos sensores – o mesmo usado em celulares – é programado para vibrar quando há um objeto acima ou abaixo da cintura. ‘Quando ambos balançam quer dizer que o obstáculo é grande’, explica Guimarães, que criou o protótipo para o seu trabalho de conclusão **no curso de Ciência da Computação da Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões (URI), no Rio Grande do Sul (onde).**⁸⁹

Muitos são os dados, por meio de números, citados ao longo da postagem em questão, o que cumpre a finalidade de tornar as informações precisas e também de fazer o cidadão tomar conhecimento da situação. A imagem simboliza o bloqueio, a falta de acessibilidade, um impedimento do deslocamento ou isolamento social. Ela acrescenta informação ao destinatário e reforça o efeito de realidade. É importante mencionar ainda que, diferentemente dos jornais diários, no entanto, os blogues observados, algumas vezes, reproduzem textos publicados há algum tempo por outras fontes, o que provoca uma quebra nos efeitos de instantaneidade e de imediatismo, típicos das RSDs. Além disso, uma postagem como o exemplo supracitado pode parecer atual a um destinatário menos atento. Ela foi publicada em 2012 e permanece no ar, como é a lógica da Internet, tendo sido republicada no período de nossa pesquisa, ou “reblogada”, para usar um termo da “blogosfera”.


3.6.7 Manual

Como nos manuais de funcionamento de equipamentos o sujeito comunicante elabora um manual de instruções sobre o próprio filho ou sobre situações nas quais as PcDs ou suas famílias podem estar envolvidas. A finalidade desse tipo de contrato costuma ser apresentar referências ao leitor a partir da vivência do sujeito comunicante. Nesse guia prático sobre a pessoa, constam informações sobre temperamento, comportamento, rotina, situações fora do padrão, peculiaridades, entre outros. O sujeito destinatário vai encontrar itens editados que foram bem sucedidos, uma fórmula que deu certo, como no exemplo a seguir (Fig. 22) do blogue *Lagarta Vira Pupa*:

⁸⁹ Disponível em: <<http://www.deficienteciente.com.br/2011/07/brasileiro-cria-bengala-eletronica-de-baixo-custo-para-deficientes-visuais.html>>.

Figura 22: Contrato de Manual I

Férias é um período bem sem rotina. Então, não tive muitas instruções pra deixar desta vez. Mas, quando ele era menor e era semana escolar, eu costumava deixar o "Manual do Theo" com os sogros ou meus pais. O guia tem um apanhado das informações mais importantes sobre a rotina, alimentação, atividades e contatos importantes. Aqui vai o modelo do último guia que fiz pra ele (apaguei as informações pessoais e cada um pode preencher com o que for mais relevante). 😊

	ROTINA <input type="text"/> QUANTO <input type="text"/> QUANTO <input type="text"/> QUANTO <input type="text"/> QUANTO	ALIMENTAÇÃO E REMÉD ALIMENTAÇÃO ... REMÉDIO ...	COMO USAR OS PECs
	DICAS E TELEFONES ÚTI	MAPAS E ENDEREÇOS	MAPAS E ENDEREÇOS

E como eles ficam?

A minha experiência se resume ao Theo. Posso dizer que ele fica muito bem, sim!

Fonte: Blogue Lagarta Vira Pupa.⁹⁰

O sujeito enunciativo se vale da credibilidade e da legitimidade a ele conferidas para divulgar uma lista com o tutorial que vai facilitar a busca de informações para compreender ou resolver determinada situação cujos procedimentos costumam não ser divulgados amplamente. É o que veremos no excerto a seguir do blogue *Deficiente Físico*.

⁹⁰ Disponível em: <<http://lagartavirapupa.com.br/viajando-sem-filhos-guia-basico/>>.

Figura 23: Contrato de Manual II

Abaixo segue o passo a passo para solicitar a cadeira de rodas motorizada pelo SUS. O processo parece simples, mas na prática sabemos que não será tão fácil e simples assim, até porque nas terras brasileiras tudo que gera custos ao governo, e não é para os governantes, é complicado e dificultoso.

Para conseguir uma doação de cadeira de rodas é necessário:

1º- Ir ao posto de saúde do SUS

2º- Pedir ao medico uma receita determinando a necessidade de ter a cadeira motorizada para livre locomoção,

3º- Com a receita em mãos procure a assistente social do posto de saúde para que ela faça o encaminhamento do pedido de doação de acordo com, a lei abaixo apenas essa receita basta, pois de acordo com constituição a prescrição médica não pode ser descumprida pelo governo.

A LEI:

COORDENAÇÃO DE SISTEMAS DE INFORMAÇÃO SISTEMA ÚNICO DE SAÚDE –
LEGISLAÇÃO FEDERAL ÓRTESE, PRÓTESE E MATERIAIS ESPECIAIS-OPM
1-MINISTÉRIO DA SAÚDE SECRETARIA DE ASSISTÊNCIA À SAÚDE PORTARIA Nº 116,
DE 9 DE SETEMBRO DE 1993 DO 176, DE 15/9/93

O Secretário de Assistência à Saúde, no uso de suas atribuições e,considerando a
Fonte: Blogue Deficiente Físico.⁹¹

Os comentários na postagem supracitada (Fig. 23) nos parecem típicos de um sujeito comunicante cuja experiência de vida vai contribuir para o cotidiano dos outros.

A seguir (Fig. 24), ainda nesta ótica do contrato de manual, acompanhamos um livro com as palavras mais usadas por uma criança com síndrome de Down.

REDES SOCIAIS



ARTIGOS RECENTES



GAROTO DE 13 ANOS QUE
INVENTOU IMPRESSORA
BRAILE VAI DOAR
EXEMPLAR PARA O BRASIL

06/02/2015



CUIDADORES DE PESSOAS
COM DEFICIÊNCIA
PODERÃO RECEBER MAIS
DIREITOS

06/02/2015



APLICATIVO CRIADO POR
BRASILEIRO PARA FILHA
COM PARALISIA É
PREMIADO NA ONU

06/02/2015



MODELO COM VITILIGO
POSA PARA CAMPANHA DE
GRIFE ITALIANA

05/02/2015



A TEORIA DE TUDO
MOSTRA VIDA DE STEPHEN
HAWKING NOS CINEMAS

05/02/2015

⁹¹ Disponível em: <<http://www.deficientefisico.com/veja-como-solicitar-sua-cadeira-motorizada-pelo-sus/>>.

Figura 24: Contrato de Manual III

Livrinho da alice

Para a minha pequena decidi bolar um livro com as **palavras que ela mais fala**, para incentivar que ela se solte mais ainda. No caso da Alice, as palavras mais faladas são os nomes e apelidos de pessoas próximas à ela. Para deixar o livro bem atrativo visualmente, usei fotos simples contrastando com fundos coloridos. Fiz isso no photoshop, mas quem não for muito bom no computador, pode fazer isso com fotos, tesoura e papel colorido!



Fonte: Blogue Nossa vida com Alice.⁹²

O livro, cuja finalidade principal seria a de guiar uma babá, uma professora ou alguém que se ocupe da criança por um tempo e que ainda não a conheça bem, nos parece característico do contrato de manual. A própria explicação sobre como fazer o livro se transformou em uma postagem longa, com vários detalhes para que as famílias possam criar os seus livros. Um passo a passo com opções para a escolha de material e o aproveitamento das habilidades de cada um, também típicos do manual. A personalidade e a informalidade norteiam o exemplo (Fig. 24).

3.6.8 Opinião

No contrato de opinião, o sujeito enunciador apresenta visadas argumentativas favoráveis e desfavoráveis sobre determinado tema, com vistas a convencer o leitor sobre uma via apresentada por ele como a mais indicada. Para cada hipótese apresentada é necessário construir uma rede com as provas para que o leitor não tenha dúvida do caminho a seguir, de

⁹² Disponível em: <<https://nossavidacomalice.wordpress.com/2014/10/01/estimular-e-um-barato-livro-personalizado/>>.

preferência, conjuntamente com o sujeito comunicante. Esse contrato é adotado especialmente em postagens sobre temas polêmicos relacionados aos direitos das PcDs.

Vejamos o caso do blogue *Deficiente Alerta*:

Pois bem, a esse destacado intento, com o passar dos anos, o texto constitucional **passa a prescindir** de vários outros mecanismos, para que ocorra uma **adequação** entre o **imaginado** e o **concretamente realizado** dentro de um contexto social.⁹³

No exemplo supracitado, um artigo de opinião, as visadas argumentativas do enunciador são a favor de adaptações na previdência social para que as pessoas com deficiência tenham a garantia dos direitos à aposentadoria especial. No início vemos uma estratégia concessiva, na qual é reconhecida a importância da proposta da constituição brasileira “[...] a vigente Constituição da República intitulada ‘Carta da Cidadania’, desde o seu nascedouro, idealizou a construção de uma sociedade igualitária, fraternal e justa”. Vejamos mais um trecho da mesma postagem:

[...]

Enfim, conclui-se que foi um **considerável** avanço, de modo a ampliar o pacote previdenciário **de proteção**, mas longe dos **restritivos** discursos políticos, ao passo que esta **nova** legislação traz em seu bojo a **esperada** Justiça Social, **verdadeira** pilastra de todo o vigente Estado do bem-estar social.⁹⁴

O trecho supracitado apresenta uma clivagem na ideia inicial da constituição como um documento que garante uma sociedade igualitária para iniciar o argumento principal do texto, ou seja, a necessidade de adequação das regras e do funcionamento da previdência. O último parágrafo reproduzido reúne o pensamento proposto, um resumo a partir do qual é possível compreender a finalidade do artigo. Os julgamentos e as qualificações intensificam a opinião e concluem a argumentação.

3.6.9 Protesto

O *ethos* de comprometimento e compromisso com as demandas de uma comunidade ou com as suas próprias demandas leva os sujeitos a se posicionar como cidadãos responsáveis e/ou militantes.

⁹³ Disponível em: <<http://deficientealerta.blogspot.com.br/2013/aposentadoria-especial-para-deficiente.html>>.

⁹⁴ Disponível em: <<http://deficientealerta.blogspot.com.br/2013/aposentadoria-especial-para-deficiente.html>>.

No contrato cuja finalidade principal é o protesto, reclamar, reivindicar, manifestar e denunciar são exemplos de verbos performativos que contribuem para entendermos o deslocamento da lógica do dizer.

Vejamos um exemplo do blogue *Deficiente Alerta*, no qual a chamada para que os sujeitos destinatários registrem as suas reclamações, na figura 25, subverte a lógica do repórter profissional contratado para relatar problemas sociais.

Figura 25: Contrato de protesto I

HOME ANUNCIE QUEM SOMOS SEJA REPÓRTER POR UM DIA APOIO

História De Novembro

Acessibilidade

Direitos

Entretenimento

Eventos

Inclusão Social

Lazer

Saúde

Tecnologia

Repórter Por Um Dia do Deficiente Alerta

FAÇA UM VÍDEO SEM DIFERENÇA POR UM DIA DO DEFICIENTE ALERTA

MOSTRE QUE VOCÊ É ESTA ALERTA DENUNCIANDO A FALTA DE ACESSIBILIDADE QUE HÁ NA SUA CIDADE

O Deficiente Alerta esta no ar desde 2008, sempre trazendo informação com o objetivo de educar, orientar, protestar e ajudar a todos com deficiência.

O projeto *Repórter Por Um Dia do Deficiente Alerta* é mais um espaço no blog para que possamos lutar pelas nossas causas, vamos aproveitar a audiência do blog e trazer a público nossos protestos, porque unidos somos mais fortes!

Conte para nós o que há de errado em sua cidade, que te afeta diretamente e poderia ser melhorado em questão de acessibilidade e inclusão.

Fonte: Blogue Deficiente Alerta.⁹⁵

Nesse blogue cada um que desejar pode registrar as reivindicações a partir do seu ponto de vista, corroborando a ideia de que os leitores são também produtores de conteúdo. Eles são interlocutores e alternam funções e posições com os sujeitos comunicantes que, *a priori*, seriam os blogueiros. Os verbos performativos (fazer, lutar, protestar), alguns deles no imperativo afirmativo, apresentam efeito convocatório para que os leitores se unam ao blogue que, como o próprio nome diz, está alerta para as questões da PcD.

A materialização do protesto pode ocorrer de maneiras distintas. No caso adiante, o garoto surdo de três anos fala em um vídeo gravado por sua mãe.

⁹⁵ Disponível em: <<http://deficientealerta.blogspot.com.br/p/reporter-por-um-dia.html>>.

Figura 26: Contrato de protesto II

Esse é o futuro do nosso País, não podemos deixa-los sem informação!



Beijos

Sabine Schaade

Postado por Sabine Schaade às 12:43 PM 1 comentários
 Marcadores: Libras, Manifestação, Protesto, surdez

Fonte: Blogue Filhos especiais pais abençoados.⁹⁶

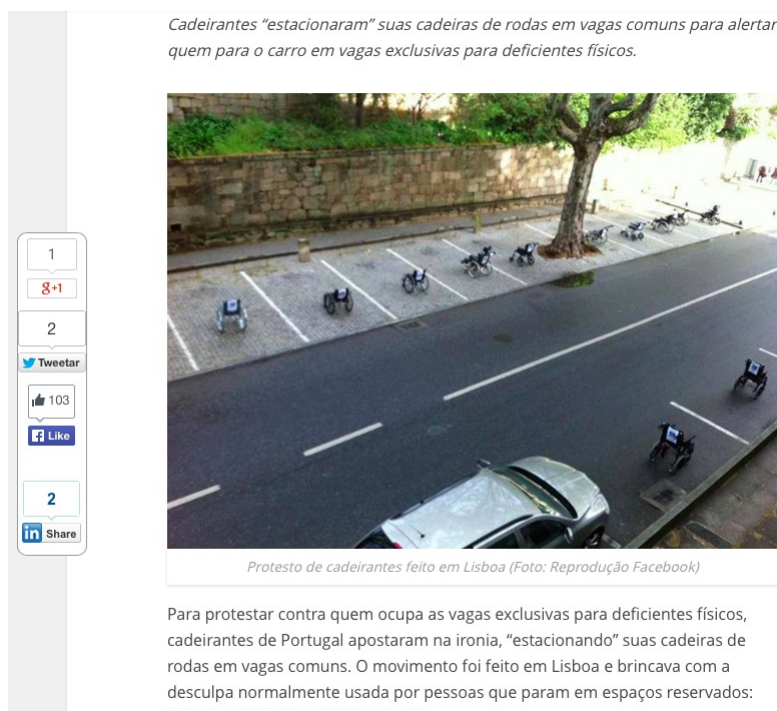
No vídeo em questão, ele diz, em resumo: “Hoje muitas pessoas estão na rua porque o ônibus está muito caro. Não pode! As pessoas estão tristes e bravas, não pode... porque o ônibus está caro. Obrigado!”. E registrou o seu desenho livre sobre o tema em cartaz. Esse tipo de peça, uma versão transgressiva do cartaz publicitário criado com o objetivo de “vender” produtos, se tornou símbolo comunicativo, nas RSDs, das manifestações de 2013 no Brasil e tem sido usada com frequência como recurso para materializar discursos de protesto e campanhas educativas nas RSDs.

Um outro cartaz, escrito pela mãe, que luta pelos direitos do garoto, reforça o agradecimento deste (Fig. 26). A mãe registrou em diversos suportes o protesto que seria imputado ao seu filho. A imagem da criança, o sorriso, os cartazes e o recado dado em Libras constituem um conjunto de efeitos patêmicos que representam uma clivagem na proposta do contrato de protesto comumente associado no imaginário coletivo à seriedade. Aqui, o protesto infantil ganha contornos brincalhões e vem ainda adornado com corações vermelhos, representação

⁹⁶ Disponível em: <filhosespeciaispaisabençoados.blogspot.com.br/search/label/Manifestação>.

de efeito patêmico, aliás. Vejamos mais um exemplo, desta vez do blogue *Deficiente Ciente*.

Figura 27: Contrato de protesto III



Fonte: Blogue Deficiente Ciente.⁹⁷

O relato do protesto (Fig. 27), ainda que feito com impessoalidade e certo distanciamento, típicos do contrato informativo, produz também em si efeitos de manifestação. O texto a seguir materializa a *mise en scène* da reivindicação para mudar uma situação aparentemente consolidada em determinadas sociedades: a vaga vazia do cadeirante ocupada por um motorista sem deficiência.

Em uma dimensão estética, o vazio é ocupado pelas cadeiras de roda dispostas em uma organização impecável, seguindo uma linha imaginária que as deixa na mesma direção umas das outras (Fig. 27). A justificativa para tal ato, com viés de desculpa, revela visadas de ironia: “fomos ali e não demoramos nada”. O carro solitário em meio às cadeiras de rodas seria um ícone irônico do isolamento e da solidão, típicos da vaga única destinada às PcDs em muitos estacionamentos, em diversas cidades brasileiras. A *hashtag* #vagaspreferenciais na mesma

⁹⁷ Disponível em: <<http://www.deficienteciente.com.br/2013/11/usuarios-de-cadeira-de-rodas-fazem-protesto-em-portugal.html>>.

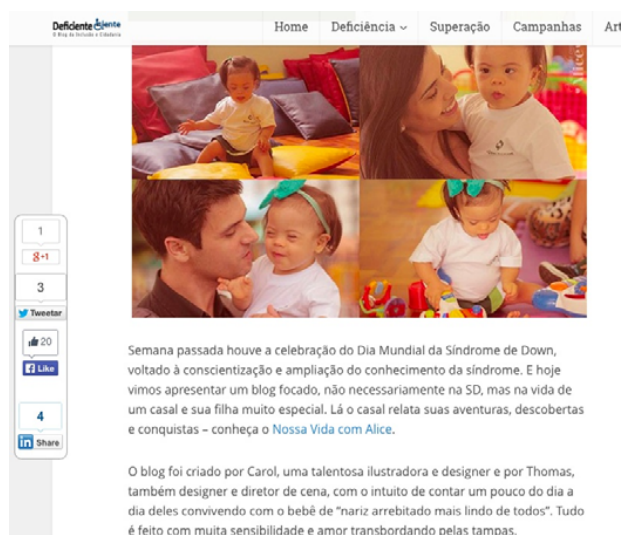
postagem remete a inúmeras outras postagens⁹⁸ sobre protestos contra o estacionamento indevido, de acordo com a lei em vagas para PcDs.

3.6.10 Relacionamento

Conhecer novas pessoas e cuidar para que elas se conheçam entre si criando redes de relações variadas, como profissionais, amigáveis, afetivas, de apoio, entre outras, faz parte desse tipo de contrato. A finalidade de fomentar e, por que não dizer, entusiasmar esses relacionamentos, evidencia as RSDs como ponto de encontro, um local para se frequentar em busca de contatos. As próprias RSDs promovem uma troca de indicações responsável por ampliar o vínculo entre eles.

Uma das categorias que exemplificam esses contratos de relacionamento são as postagens nas quais um blogue divulga o trabalho do outro, como o exemplo a seguir, promovendo uma interconexão de ideias e de valores que, em um primeiro momento, seria considerada institucional, isto é, de rede para rede.

Figura 28: Contrato de relacionamento I



Fonte: Blogue Deficiente Ciente.⁹⁹

⁹⁸ Disponível em: <<http://www.deficienteciente.com.br/tag/vagas-preferenciais>>.

⁹⁹ Disponível em: <<http://www.deficienteciente.com.br/2015/01/casal-cria-blog-encantador-onde-registra-o-cotidiano-da-filha-com-sindrome-de-down.html>>.

Há aqueles pontos de encontro, que saem do âmbito digital e discursivo, e tornam-se físicos, promovendo um rompimento ainda mais significativo das fronteiras do que se esperaria da convivência entre usuários de RSDs. Algumas relações poderão ser utilitárias e fugazes. Outras, porém, podem se tornar duradouras e extrapolar o campo da comunidade virtual, como no exemplo a seguir.

Figura 29: Contrato de relacionamento II

 **Pupanique: lugar de autista é em todo lugar**

Escrito por **Andrea Werner Bonoli** em 12/ago/2014 em **Autismo** | 7 Comments

Muita criança bonita brincando. Pais conversando alegremente. Assim foram os nossos Pupaniques de BH e SP, que aconteceram dias 2 e 9 de agosto respectivamente.

O Parque Marcos Mazzoni, em Belo Horizonte, ficou pequeno pra tanta gente. Nossos meninos e meninas dominaram o playground, se penduraram nos brinquedos, correram muito, brincaram de bola. Crianças de todos os tipos e cores. Uma composição plural como é nosso mundo e como devia ser nossa sociedade, sem a segregação que, muitas vezes, acontece, seja pela cor, pela condição sócioeconômica ou por diferenças variadas. O parque é de todos, e isso ficou perfeitamente retratado no dia 2 de Agosto.

Ao todo, mais de 150 adultos e crianças brincaram, se divertiram e se conheceram melhor naquele dia.



Fonte: Blogue Lagarta Vira Pupa.¹⁰⁰

Lugar de autista é em todo lugar, como mostra a figura 29, e o desejo de relacionamento é também de garotos que, hipoteticamente, o evitariam. Sair das RSDs e ganhar as ruas é também simbolizar a diversidade e a alegria dessas crianças.

¹⁰⁰ Disponível em: <<http://lagartavirapupa.com.br/pupanique-lugar-de-autista-e-em-todo-lugar/>>.

3.6.11 Testemunhal

Por meio do relato de suas próprias vivências o sujeito enunciador objetiva captar a atenção do leitor para a importância da temática em debate. As memórias das situações vividas compõem um conjunto de estratégias de legitimidade e de credibilidade que sustentam o contrato testemunhal. Várias são as finalidades do depoimento pessoal, tais como servir de exemplo, garantir veracidade e inspirar outros sujeitos. Vejamos um exemplo:

Figura 30: Contrato testemunhal I

Eu fiz a minha renovação da carteira de habilitação, no Rio de Janeiro, e necessitei de fazer a perícia médica no Detran, a fim de saber quais seriam as minhas necessidades para dirigir com segurança. O processo para renovar a carteira é o mesmo utilizado para quem não tem deficiência, onde você paga um DUDA e agenda a ida ao posto do Detran para tirar foto e coletar as digitais. O próximo passo é agendar o exame médico e pagar a taxa da clínica.

A médica me perguntou qual era o meu problema e se eu tinha algum laudo médico informando esse problema. Apesar de me considerar normal para dirigir um carro sem adaptação tranquilamente, ela me indicou que fosse a uma perícia para avaliar a minha real condição.



Para os que vão fazer a perícia médica é bom manter a tranquilidade, pois ela é feita de forma muito tranquila a manter a sua segurança e a dos demais motoristas, sempre visando a sua real possibilidade de dirigir e manter a sua autonomia, ninguém está ali para tirar a sua carteira, mas para encontrar uma forma de você continuar dirigindo. Claro que haverá casos onde algumas pessoas não estão aptas a

Fonte: Blogue Deficiente Físico.¹⁰¹

A narrativa publicada na primeira pessoa do singular é uma estratégia para ilustrar o vivido, a partir do qual se constitui um *ethos* experiente, de quem que passou pela situação sobre a qual comenta (Fig. 30). Os fatos ocorridos são detalhados um a um em uma sequência que possibilita ao leitor entender todo o processo. O aconselhamento consolida o deslocamento do testemunho como narrativa de vida compartilhada aleatoriamente para uma posição cujo efeito é colaborativo entre os diversos sujeitos envolvidos na situação de comunicação, como mostrou exemplo supracitado.

¹⁰¹ Disponível em: <<http://www.deficientefisico.com/renovando-a-carteira-de-habilitacao-cnh-para-deficiente/>>.

No próximo exemplo, o sujeito enunciator recorre ao contrato de opinião, para abordar o mesmo tema, ou seja, a renovação da carteira de habilitação por PcD. Falar diretamente com os sujeitos destinatários, referindo-se a eles como “Caro (a) leitor (a)”, revela indícios de formalidade e distanciamento na introdução da postagem.

Figura 31: Contrato testemunhal II



Caro (a) leitor(a),

Durante essa semana, tomei conhecimento da notícia de que pessoas com deficiência no Mato Grosso do Sul, ficam mais de dois anos na fila para conseguir a carteira Nacional de Habilitação (CNH) para deficientes físicos. Tive esse mesmo problema no ano de 2002, no Estado de São Paulo, e pelo visto essa situação perdura até hoje. Ou seja, nada mudou em onze anos.

Lamentavelmente isso tem ocorrido em vários Estados brasileiros, devido a alguns fatores: a falta de carros adaptados para aulas práticas para pessoas com deficiência física; ao grande número de instrutores que não estão capacitados, pois não há um curso específico para esse caso; a localização de autoescolas, que muitas vezes, ficam distantes ao local de moradia, fazendo com que o candidato tenha que se deslocar para outra cidade; pagamento em dobro para obter a CNH, como foi o caso de um morador de Goiânia, que teve que desembolsar a quantia de R\$ R\$ 2.279,15, ou seja, o dobro que uma pessoa sem deficiência pagaria para obter o mesmo processo; e até mesmo gasto extra por parte do candidato com as adaptações dos automóveis. A meu ver isso é constranger, explorar e humilhar a pessoa com deficiência, que está em busca da realização de um sonho, de um

Fonte: Blogue Deficiente Ciente.¹⁰²

O relato (Fig. 31) envolvendo o testemunho de outras pessoas conduz o leitor para o testemunho do sujeito enunciator, uma estratégia de captação da atenção do destinatário bem como uma aproximação com aqueles que devem realizar o mesmo procedimento.

3.7 Semiolinguística e netnografia nas RSDs

Após a caracterização dos diversos contratos que identificamos em nossa netnografia, lembramos que o contrato confessional, que seria típico de todo blogue, se levarmos em consideração ser essa a proposta primeira dos chamados diários virtuais, e sobre o qual falamos nesta seção, não foi identificado como predominante em todas as postagens observadas. Ainda que elementos que garantam um tom confessional possam estar em

¹⁰² Disponível em: <<http://www.deficienteciente.com.br/2013/03/cnh-para-pessoas-com-deficiencia-constrangimento-humilhacao-e-exploracao.html>>.

fragmentos nos perfis dos sujeitos comunicantes, eles não se fazem presentes em todos os textos que mantêm a atualização dos mesmos.

Atribuímos essa condição transgressiva ao fato de alguns blogues terem proposto contratos de comunicação que primam pela formalidade e distanciamento com o objetivo de sensibilização da sociedade em prol de uma causa, além da diversidade de contratos e de encenações por nós identificados. No geral, alguns desses blogues apresentam maior número de artigos com visadas informativas e opinativas, sendo grande parte reproduzida de outras fontes de informações tais como *sites* da grande mídia e blogues que garantem uma produção própria de conteúdo.

O próprio nome de algumas RSDs aponta para uma causa ampla, que reúne vários aspectos de uma mesma temática, como *Deficiente Ciente*, *Inclusão Diferente*, *Deficiente Alerta* e *Deficiente Físico*. As demais redes, *Facebook* e *Twitter*, desses perfis adotam o mesmo contrato com a reprodução das postagens publicadas nos blogues. Alguns deles fazem essa reprodução de maneira automática, sem acrescentar comentários ou *status* que poderiam ser específicos para as outras redes. Outros, no entanto, personalizam a reprodução do conteúdo ao acrescentar novos enunciados que apelam para que se faça uma postagem completa ou sejam incluídas imagens que possam complementá-la.

Identificamos na nossa observação quatro blogues que mantêm a tradição de diário íntimo, sendo todos eles assinados por famílias de crianças com deficiência. Os nomes são sugestivos e, em dois, encontramos de maneira objetiva no nome o que podemos considerar uma fórmula para esse tipo de blogue. Ela pode ser resumida a partir de uma palavra: vida. Alguns exemplos: *Nossa Vida com Alice* e *A Vida de Logan*. O primeiro se apresenta como uma publicação dos pais de uma garota com síndrome de Down com as atualizações feitas pela mãe. No segundo, há uma ocorrência que podemos considerar, senão rara, pelo menos incomum. A maioria das RSDs observadas, com este perfil, é criada e administrada pelas mães. E neste caso, o criador é o pai de um garoto, também com síndrome de Down, que registra em postagens convencionais e em história em quadrinhos, o cotidiano do filho.

Ainda no contrato pautado pela confidencialidade, encontramos *Filhos Especiais*, *Pais Abençoados*, no qual uma mãe de um garoto surdo, que fez implante coclear, narra alguns episódios de sua vida e temáticas relacionadas às deficiências em geral. E por fim *Lagarta*

Vira Pupa, que traz a história de um garoto autista, sua cachorra e a família.

A proposta de diário, no entanto, não tem a regularidade prevista, sendo as publicações variáveis, sem periodicidade definida. No resumo descritivo que elaboramos¹⁰³ o leitor pode ter uma ideia do número de postagens por mês. Em nenhum daqueles que se propõem a relatar o vivido é identificada regularidade e atualização diária no blogue. Nem mesmo nas demais redes, *Facebook* e *Twitter*, houve essa constatação por longos períodos.

O quadro a seguir foi elaborado a partir da netnografia em oito blogues cuja temática é a deficiência, no período de janeiro de 2013 a janeiro de 2015, conforme explicado na seção 1.7.2. A tabela foi concluída no dia 30 de janeiro de 2015 sendo que mudanças, adaptações e até mesmo o encerramento das atividades dessas RSDs podem ocorrer. As observações são de cunho meramente científico, seu objetivo não é estabelecer uma comparação ou classificação das RSDs para efeitos de divulgação ou de avaliação da qualidade. Trata-se de um conjunto de elementos evidenciados a partir da recorrência e da predominância em cada uma das RSDs, que contribuem para a compreensão do nosso objeto de estudo.

¹⁰³ O resumo pode ser consultado na tabela no item 1.7.2.

Quadro 6: Descrição Semi-linguística das RSDs – Netnografia

Redes	Descrição	Contratos	Sujeitos Comunicantes ¹⁰⁴	Sujeitos Enunciadores	Recursos Linguísticos
<p>www.inclusaodiferente.net</p> <p>www.facebook.com/pages/Inclusão-Diferente</p> <p>www.twitter.com/espacodiferente</p> <p>Obs: outros perfis que essa RSD possui: G+, Youtube</p>	<p>O Inclusão Diferente foi fundado em Janeiro de 2012 com o objetivo principal de trazer informações de qualidade no mundo das pessoas com deficiência. Promover uma experiência nova no contato, temática e linguagem diferenciada esses são os pilares desse projeto que já é sucesso, o rápido crescimento e visibilidade é resultado de um trabalho sério comprometido e com seguidores e leitores fiéis a nossa ideologia. Se você se identifica com a nossa proposta venha conosco.</p>	<p>Conscientização</p> <p>Informação</p> <p>Opinião</p> <p>Relacionamento</p>	<p>Damião Marcos, PcD, nascido em 1974 psicólogo, blogueiro, cantor e editor</p> <p>Obs: Várias pessoas escrevem no blogue, que reproduz textos de outros blogues e sites.</p>	<p>Impes-soal</p> <p>Distante</p> <p>Pistas testemunhais</p> <p>Formal</p> <p>Porta-voz: fala publica-mente pelo outro</p>	<p>Terceira pessoa, primeira pessoal do plural e eventualmente primeira pessoa do singular.</p> <p>Estrutura de lide primeiro parágrafo</p> <p>Verbos futuro do pretérito</p> <p>Baseado em fontes governamentais e/ou pesquisas</p> <p>Links para cadastros e outras informações</p> <p>Hashtags</p> <p>Videos informativos de terceiros</p>
<p>www.deficientealerta.blogspot.com.br/</p> <p>www.facebook.com/deficientealerta</p>	<p>Criado para educar, orientar, protestar e ajudar todos com deficiência. Servimos de porta voz para deficientes físicos que enfrentam problemas no dia a dia, por falta de acessibilidade e inclusão social. Entre calçadas em péssimas condições, falta de adequação em lojas e transporte, barreiras profissionais e de ensino. Nós queremos trazer uma luz, um espaço, para unir forças e fazer alguma diferença.</p> <p>Por isso o Deficiente Alerta é para portadores de qualquer tipo de deficiência. Juntos somos mais fortes.</p>	<p>Informação</p> <p>Opinião</p> <p>Conscientização</p> <p>Protesto</p> <p>Relacionamento</p>	<p>A seção Quem somos não apresenta um autor. Há uma fala genérica sobre o objetivo das redes sem referência aos autores. Várias postagens são feitas por um usuário chamado Priscilla, mas não é possível acessar o perfil dela.</p> <p>Há um canal direto para o público enunciar (Luta, protesto, o que há de errado em sua cidade sobre acessibilidade e inclusão, que te afeta diretamente): Repórter Por Um Dia do Deficiente Alerta.</p>	<p>Impes-soal</p> <p>Distante</p> <p>Pistas testemu-nhais</p> <p>Formal</p> <p>Porta-voz: fala publicamente pelo outro</p>	<p>Terceira pessoa, primeira pessoal do plural e eventualmente primeira pessoa do singular.</p> <p>Estrutura de lide primeiro parágrafo</p> <p>Baseado em fontes governamentais e/ou pesquisas</p> <p>Links para cadastros e outras informações</p> <p>Hashtags</p> <p>Videos informativos de terceiros</p> <p>Videos dos leitores</p>

¹⁰⁴ Esta coluna apresenta uma compilação das informações disponibilizadas em caráter público pelos administradores das RSDs em seus perfis pessoais, nos blogues, no Facebook e no Twitter.

Redes	Descrição	Contratos	Sujeitos Comunicantes ¹⁰⁴	Sujeitos Enunciadores	Recursos Linguísticos
www.deficientefisico.com www.facebook.com/deficientefisico www.twitter.com/_thebest_	Com o intuito de levar mais informações e de esclarecer parte das dúvidas das pessoas com deficiência, o Blog do Deficiente Físico foi criado. O seu principal objetivo é fazer com que a informação chegue de forma rápida, clara e objetiva para as pessoas com deficiência e, na medida do possível, orientar aqueles que ainda tiverem alguma dificuldade na compreensão ou em algumas dúvidas. Apesar de ter no seu nome a o termo deficiente físico, a ideia é de que possamos abordar todos os assuntos relacionados a todos os tipos de deficiência, seja ela física, auditiva, intelectual, visual ou qualquer outro tipo. Sempre dividindo-as em categorias para facilitar as buscas e a navegação do leitor.	Conscientização Informação Opinião	Luis Ricardo, PcD desde 2005, botafoguense, carioca, “bem humorado, psicólogo de bar e churrasqueiro de final de semana”	Impessoal Distante Pistas testemunhais Formal Porta-voz: fala publicamente pelo outro	Terceira pessoa, primeira pessoa do plural e eventualmente primeira pessoa do singular. Estrutura de lide primeiro parágrafo Verbos futuro do pretérito Baseado em fontes governamentais e/ou pesquisas Links para cadastros e outras informações. Vídeos informativos de terceiros.
www.deficienteciente.com.br www.facebook.com/pages/Deficiente-Ciente www.twitter.com/deficientecient	Queria de alguma forma, ajudar na facilitação da democratização de informações e ao mesmo tempo lutar por uma inclusão de qualidade. Um outro ponto também muito pertinente e que me preocupava, era sensibilizar e conscientizar as pessoas sem deficiência para essa questão. Queria de alguma forma mostrar através de vários exemplos positivos, que é possível ser feliz, mesmo possuindo alguma deficiência.	Conscientização Informação Opinião Testemunhal	Vera Garcia, pedagoga e blogueira. PcD desde os onze anos quando um acidente provocou a amputação do membro superior direito.	Impessoal Distante Pistas testemunhais Formal Porta-voz: fala publicamente pelo outro	Tratamento respeitoso (Sempre inicia a postagem com Caros leitores) Hashtags Vídeos informativos de terceiros

Redes	Descrição	Contratos	Sujeitos Comunicantes ¹⁰⁴	Sujeitos Enunciadores	Recursos Linguísticos
http://lagartavirapupa.com.br/ https://www.facebook.com/lagartavirapupa https://twitter.com/lagartavirapupa	<p>E foi aí que começou a nossa grande jornada: o momento da descoberta de que tínhamos um filho autista.</p> <p>Atualmente, todos nossos esforços tem esse objetivo: que o Theo consiga romper seu casulo e voar.</p> <p>Resolvi fazer esse blog por vários motivos: para ajudar pessoas na mesma situação, para dividir angústias e alegrias e para documentar a rica história do meu menininho.</p> <p>Que ele possa, no futuro, ler o que ficou registrado aqui e ter muito orgulho de suas conquistas e superações!</p>	<p>Autoajuda</p> <p>Confissão</p> <p>Documental</p> <p>Informação</p> <p>Humor</p> <p>Manual de Instruções</p> <p>Opinião</p>	<p>Andréa Werner Bonoli, jornalista, brasileira, nascida em 1975, casada, mora em Estocolmo. Mãe de Theo, 6 anos, autista.</p> <p>Obs: Raramente ela reproduz uma postagem de outra blogueira, especialmente de língua inglesa, com tradução feita por autora, e uma postagem redigida como se fosse o filho dela.</p>	<p>Pessoal</p> <p>Informal</p> <p>Íntimo</p> <p>Amigável</p> <p>Simpático</p> <p>Afetoso</p> <p>Receptivo</p> <p>Próximo</p> <p>Compreensivo</p> <p>Aguerrido</p> <p>Conselheiro</p> <p>Crítico</p> <p>Bem informado</p> <p>Humor</p>	<p>Discurso alocutivo</p> <p>Pronomes e verbos na primeira pessoa (autor) e segunda pessoa (leitor)</p> <p>Vocábulos no diminutivo</p> <p>Vocábulos no aumentativo</p> <p>Palavras abreviadas</p> <p>Apelidos</p> <p>Estrangeirismos</p> <p>Coloquialismo</p> <p>Recursos iconográficos Emoticons (expressões faciais)</p> <p>Onomatopéias</p> <p>Similaridade conversação oral</p> <p>Discurso direto</p> <p>Discurso indireto</p> <p>Interrogações</p> <p>Exclamações</p> <p>Vocábulos em caixa alta</p> <p>Fotos pessoais</p> <p>Vídeos cotidianos</p> <p>Hashtags</p>

Redes	Descrição	Contratos	Sujeitos Comunicantes ¹⁰⁴	Sujeitos Enunciadores	Recursos Linguísticos
nossavidacomalice.wordpress.com/ www.facebook.com/NossaVidaComAlice www.twitter.com/carolrivello	“Criamos este blog para contar um pouco do nosso dia a dia. Assim, nossos amigos e familiares podem acompanhar o crescimento e desenvolvimento da nossa tulipinha”. [...]Este não é um blog sobre síndrome de Down. Para quem quiser entender mais a síndrome, existem vários sites e blogs especializados sobre o assunto, que podem esclarecer melhor sobre o tema. Este é um blog sobre um casal e sua filhinha muito especial, suas aventuras, descobertas e conquistas. Lógico que falaremos sobre SD diversas vezes aqui, mas também sobre várias outras coisas, mesmo porque nossa filha não se resume somente à esta ou aquela condição.	Autoajuda Confissão Documental Informação Humor Manual de Instruções Opinião	Carol Rivello, Designer, ilustradora, blogueira, mãe de duas crianças, sendo uma delas, Alice, a mais velha, que tem síndrome de Down.	Pessoal Informal Íntimo Amigável Simpático Afetuoso Receptivo Próximo Compreensivo	Discurso alocutivo Pronomes e verbos na primeira pessoa (autor) e segunda pessoa (leitor) Vocábulo no diminutivo Vocábulo no aumentativo Palavras abreviadas Apelidos Estrangeirismos Coloquialismo Recursos iconográficos Emoticons (expressões faciais) Onomatopéias Similaridade conversação oral Discurso direto Discurso indireto Interrogações Exclamações Vocábulo em negrito Fotos pessoais Vídeos cotidianos Ilustrações personalizadas Slides Hashtags

Redes	Descrição	Contratos	Sujeitos Comunicantes ¹⁰⁴	Sujeitos Enunciadores	Recursos Linguísticos
<p>http://filhosespeciaispaisabençoados.blogspot.com.br/ https://www.facebook.com/FilhosEspeciaisPaisAbençoados</p>	<p>Um blog sobre surdez, Libras, Implante coclear, inclusão e principalmente sobre amor! Filhos especiais, Pais abençoadosSou uma mulher normal dessas que você tromba por aí várias vezes ao dia. Tenho meus defeitos, minhas qualidades e é claro meus desafios. Aliás por conta dos meus desafios é que em meados de maio de 2010 três meses após o nascimento do meu filho Guilherme eu criei o Blog "Filhos Especiais, Pais abençoados!". É Blog sobre surdez, Libras, Bilinguismo, Implante Coclear, superação e principalmente amor! É esse amor que me move e que me faz lutar todos os dias. Blog escrito por uma mãe, mãe de criança surda. A mãe do Guilherme. Prazer, Sabine! Sempre acreditei que abençoados são os pais que tem filhos especiais. Acho que somos escolhidos a dedo! Sim porque com eles temos muito o que aprender e a ensinar. Mesmo sendo um grande desafio é um momento único para nos tornarmos seres humanos melhores! Eu acredito nisso! Meu filho hoje tem 4 anos. Ele nasceu com uma perda auditiva profunda bilateral, ou seja, surdo! Criei esse espaço para ser o meu lugar de desabafo. Aqui compartilharei meus desafios, conquistas e também espero ajudar outras mães que tenham filhos surdos como eu ou qualquer outra deficiência.</p>	<p>Autoajuda Confissão Documental Informação Opinião</p>	<p>Sabine Schaade, uma mulher normal com defeitos, qualidades e desafios (assim ela se apresenta), mãe do Guilherme.</p>	<p>Pessoal Informal Íntimo Amigável Simpáti-co Recepti-vo Próximo Conse-lheiro Crítico Bem informa-do</p>	

Redes	Descrição	Contratos	Sujeitos Comunicantes ¹⁰⁴	Sujeitos Enunciadores	Recursos Linguísticos
http://www.avidacomloga.com.br/ https://www.facebook.com/pages/A-Vida-com-Logan/109275792484280?fref=ts	<p>Eu não tenho muita certeza de que sei ao certo onde estou me metendo ao resolver fazer esse negócio de “blog”. ... Mas é tão fácil fazer um, não é mesmo?</p> <p>Mas, antes de começarmos, algumas coisas precisam ser esclarecidas. Se você veio até aqui em busca de respostas para as suas dúvidas, uma dissertação sobre as vantagens e desvantagens de se discutir ou não a relação, uma frase que vá tornar o seu dia especial, uma lição de vida que vai ficar guardada na sua memória para todo o sempre ou uma tirada sensacional, daquelas que só os grandes humoristas conseguem; bem, lamento ter que dizer isto, mas este é o lugar errado. Tente a porta ao lado, sim? Se eu fosse tão esperto quanto pareço e tivesse as respostas pra tudo, acredite, eu já estaria milionário. E não estou... Este blog, nada mais é do que uma busca para externar sentimentos e emoções através de palavras, uma vez que os gestos nem sempre são suficientes (ou nem sempre são os mais apropriados).</p>	<p>Autoajuda</p> <p>Confissão</p> <p>Documental</p> <p>Informação</p> <p>Humor</p> <p>Manual de Instruções</p> <p>Opinião</p>	<p>Flávio Soares, designer, quadrinista, chargista e cartunista. Morador de São Paulo.</p>	<p>Pessoal</p> <p>Informal</p> <p>Íntimo</p> <p>Amigável</p> <p>Simpáti-co</p> <p>Recepti-vo</p> <p>Crítico</p> <p>Bem informa-do</p> <p>Humor</p>	<p>Primeira pessoa (autor)</p> <p>Segunda pessoa (leitor)</p> <p>Coloquialismo</p> <p>Onomatopéias</p> <p>Quadrinhos (balões de fala, balões de pensamento, balões de ação)</p> <p>Recursos Iconográficos</p> <p>Ilustrações</p> <p>Vocábulo em caixa alta</p> <p>Vocábulo em negrito</p>

Fonte: Elaborado pela autora.

3.8 Considerações finais

A apresentação da Teoria Semiolinguística, feita neste capítulo, nos guia em direção aos próximos apontamentos da tese: as representações sobre a deficiência. No capítulo 4 abordaremos como os voluntários que participaram da nossa investigação representam a deficiência, bem como a circulação de imaginários sociodiscursivos nas redes sociais digitais. Os imaginários são componentes importantes para a compreensão dos dispositivos de *mise en scène*.

**CIRCULAÇÃO DE REPRESENTAÇÕES DA
DEFICIÊNCIA**

4 CIRCULAÇÃO DE REPRESENTAÇÕES DA DEFICIÊNCIA

4.1 Fios iniciais

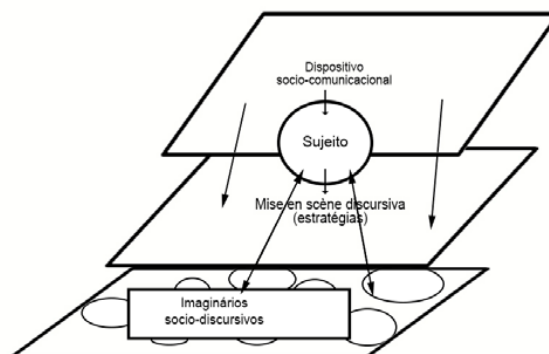
Esse capítulo mostra algumas representações sobre a deficiência das PcDs voluntárias na nossa pesquisa e alguns imaginários que permeiam as representações das PcDs nas RSDs. Estabelecemos um diálogo entre esses elementos para chegarmos aos novos imaginários que circulam nas RSDs e ao dispositivo de encenação da deficiência articulada com o dispositivo destas redes.

4.2 Imaginários sociodiscursivos

Os imaginários sociodiscursivos são fundamentais para a compreensão da deficiência como dispositivo de *mise en scène*. No centro das relações entre o dispositivo sócio-comunicacional e os imaginários sociodiscursivos está a *mise-en scène* discursiva com as suas estratégias. E em destaque encontra-se o sujeito, localizado na interseção do dispositivo e da *mise en scène* em trânsito contínuo, se movimentando entre ambos e em relação também ininterrupta com os imaginários sociodiscursivos, que são projetados pelo próprio dispositivo e se voltam da sociedade para ele, em reflexo de outra projeção.

Para entendermos a problemática dos imaginários sociodiscursivos do ponto de vista Teoria Semiolinguística recorreremos ao esquema proposto por Charaudeau (2009a).

Quadro 7: Esquema Imaginários Sociodiscursivos



Fonte: CHARAUDEAU, 2009a, p. 324.

No esquema supracitado encontramos a simbolização dos imaginários e as possíveis projeções para julgamentos cristalizados nos quais percebemos pouca maleabilidade ou um fluxo menor entre os espaços da *mise en scène*. E como afirmou Charaudeau (2009a), se o julgamento se torna duro e generalizado, abre-se espaço para o estereótipo e, conseqüentemente, para o preconceito. Ao contrário do que possa parecer, o preconceito seria cristalizado como uma defesa contra uma suposta ameaça, ou seja, o preconceituoso tenta se proteger contra a diferença alheia ou contra a sua própria diferença, que intimida face ao outro.

Quando lidamos com noções polissêmicas é importante que estabeleçamos um *contrato* com o leitor a exemplo do que tentamos fazer ao longo de toda a tese. Por isso, os imaginários¹⁰⁵ sociodiscursivos aqui serão tratados a partir de Charaudeau (1992, 2007a, b, e c, 2008a e b, 2011) em uma articulação com Vion (1992) e Vizer (2011).

Se, em um dos seus sentidos, o discurso está associado à encenação do ato de linguagem, ele diz respeito à representação de práticas sociais relativamente racionalizadas, conforme afirmamos com Charaudeau (2008a). Esse dispositivo de *mise en scène*, que também está no campo da representação, desvela uma rede ou um conjunto de elementos imbricados, como o contexto sócio-cultural, a atribuição de valores resultantes de um conjunto de saberes, o compartilhamento dos saberes por indivíduos de um grupo social e as identidades desses indivíduos no grupo, entre outros que dependem da relação entre esses.

O imaginário é um modo de apreender o mundo que nasce na mecânica de representações sociais, o que, como já foi dito, construiu o significado dos objetos do mundo, os fenômenos que ocorrem, os seres humanos e seu comportamento, transformando a realidade significante real. Ele resulta de um processo de simbolização do mundo de ordem emocional-racional através da intersubjetividade das relações humanas, e é depositado na memória coletiva. Assim, o imaginário tem uma dupla função de criação de valor e justificação da ação. (CHARAUDEAU, 2007b, p. 4).¹⁰⁶

Em linhas gerais a representação, para Charaudeau (2007b), é percebida não como um

¹⁰⁵ O imaginário a partir de Charaudeau não é concebido como algo que se opõe à realidade. É uma interpretação da realidade, de um universo de significações (CHARAUDEAU, 2011).

¹⁰⁶ Tradução nossa de: *L'imaginaire* est un mode d'appréhension du monde qui naît dans la mécanique des représentations sociales, laquelle, on l'a dit, construit de la signification sur les objets du monde, les phénomènes qui s'y produisent, les êtres humains et leurs comportements, transformant la réalité en réel signifiant. Il résulte d'un processus de symbolisation du monde d'ordre affectivo-rationnel à travers l'intersubjectivité des relations humaines, et se dépose dans la mémoire collective. Ainsi, l'imaginaire a une double fonction de création de valeurs et de justification de l'action.

conceito¹⁰⁷, mas como um mecanismo de construção de sentido que molda e formata a realidade em significante real interconectando conhecimentos fragmentados da “realidade social”¹⁰⁸. Nesta perspectiva, podemos afirmar que as representações seriam geradas por um conjunto de conhecimento, imaginários e emoções; seriam os mecanismos de engendramento de saberes e imaginários e não estariam, assim, incluídas no grande conjunto das ideologias; mas garantiriam forma ao conhecimento compartilhado do mundo.

Assim, as representações se dariam em função de um duplo movimento. Como em um espelho, teríamos uma clivagem de *simbolização* e de *autoapresentação*. Em um primeiro movimento ou simbolização os objetos seriam recortados do mundo e imaginados por meio de um sistema semiológico através de uma imagem projetada pelo próprio objeto. O segundo movimento diria respeito à autoapresentação. Uma visão presumida do mundo retorna e reflete no próprio sujeito como a imagem que ele mesmo arquiteta do mundo e através da qual ele define a si mesmo. Partindo da ideia que o mundo é autoapresentado, o sujeito constitui a sua própria identidade, e contribui para a identidade do outro.

A enunciação pode ser tomada como a materialização da maneira como os sujeitos percebem o mundo. É como se cada indivíduo conseguisse reuni-los em enunciados fragmentados de fatos, de gestos e de valores que ele atribue aos fenômenos inerentes à vida social. Essas representações são alçadas ao *status* de sociodiscursivas se e quando um sistema de signos rege o processo de configuração dessa simbologia no qual o enunciado desempenha o papel de testemunho de um sujeito sobre o mundo. Em um palco no qual o enunciado é vestígio da encenação precisa-se de um protagonista para viabilizar a encenação. De novo, o sujeito é o personagem principal:

Reservarei, assim, a qualificação ‘sociodiscursiva’ para as representações que envolvem o sujeito, os levam a tomar partido no que diz respeito aos valores, em oposição aos conhecimentos que lhe são exteriores, não lhe pertencem, vêm até ele e não o envolvem. (CHARAUDEAU, 2007a, p. 4).

¹⁰⁷ Durkheim (1963) usou o sintagma representações coletivas que foi questionado por Moscovici (1989) que levantou o problema de coletivo remeter a opiniões de um grupo fechado dentro de uma comunidade. O autor propôs a expressão representações sociais, que seria mais ampla e daria conta de explicar e justificar as práticas sociais com suas normas e regras.

¹⁰⁸ Nossa leitura de: Pour ma part, je reprendrai donc cette notion en la définissant, non pas comme un concept, mais comme un mécanisme de construction du sens qui façonne, formate la réalité en réel signifiant, engendrant des formes de connaissance de la «réalité sociale» (CHARAUDEAU, 2007, p. 1).

Aqui surgem as pistas para dois tipos de saberes, nos quais estão ancoradas as representações cujo centro é o sujeito: os de conhecimento e os de crença. O leitor pode se perguntar se, diante da complexidade da vida contemporânea, a categorização dos saberes em apenas dois grandes blocos não nos levaria a uma armadilha que reduziria as representações a uma visão de noções antagônicas e, por vezes, incompatíveis. Vejamos a definição de cada uma e as possíveis conexões.

A linha principal dos saberes do conhecimento é a racionalização. O homem tenta entender e representar o mundo por meio de maneiras inteligíveis, ou seja, identifica e atribui marcas, materializando fronteiras para semelhanças e diferenças; cria as suas próprias definições de hierarquias e conjuntos a partir de referências. E aprende a lidar, cotidianamente, com a taxonomia. A materialidade pede um prolongamento, como se não se pudesse interromper esse processo mesmo quando se tem consciência de que nele haverá breves intervalos. Nem tudo é ou está visível, é preciso ir além, consultar, estudar, analisar, aprender por analogias, criar vínculos entre as práticas de experiência e o conhecimento técnico (CHARAUDEAU, 2007b). Os saberes de conhecimento, portanto, estão relacionados a uma visão científica do mundo cujo objetivo principal seria o de estabelecer uma verdade. Em função disso é construída uma representação da realidade apoiada em conhecimento e informações sobre os porquês dos fenômenos do mundo.

Os conhecimentos se beneficiariam de um preconceito favorável, para tomar emprestadas as palavras de Charaudeau, de objetividade e de realismo, que teriam a função de garantir certa estabilidade à visão de mundo. Devemos acrescentar que, apesar de definir conceitos e modos de raciocínio que podem ser usados pela coletividade como se escapassem da singularidade do indivíduo (Charaudeau, 2011), não podemos desconsiderar o crivo minucioso e detalhado, que permite a cada indivíduo relativizar e estabelecer uma visão crítica dos conhecimentos a partir de suas vivências. São elas que possibilitam a experiência empírica dos fenômenos do mundo por meio do sentir, ver, ouvir, tatear, ter percepções, enfim, viver, em permanente negociação com os aspectos sociais, culturais, econômicos e políticos. E são elas também que nos permitem interpretações e releituras sobre o próprio conhecimento científico.

Se os saberes de conhecimento estão no campo da racionalidade, os saberes de crença têm como linha principal a subjetividade e visam sustentar um julgamento sobre o mundo. Não estamos aqui referindo-nos a saberes de crença como fé religiosa, embora ela possa ser um

dos componentes dessa categoria. Nossa referência é o olhar ou a subjetividade do sujeito, que permite que o mundo não exista em si mesmo, mas seja percebido a partir de seus próprios comentários e dos comentários do outro sobre ele e a atividade humana.

Por meio das crenças, ou aquilo no qual se acredita, as comunidades criam o que podemos chamar de regulação das práticas sociais ou aquelas normas de comportamento que entendem que devem ser seguidas em determinado grupo. Assim, os julgamentos pragmáticos relativamente estereotipados feitos por meio de sistemas de interpretação sobre o possível, o provável, o certo, o errado, o positivo, o negativo, o ético, o antiético, o que fazer e o que não fazer, o belo e o feio, o válido e o inválido, o padrão e a transgressão, o normal e o anormal, o eficiente e o deficiente, e, assim sucessivamente, nascem, se reproduzem, se perpetuam ou se reconfiguram.

Essa discussão nos leva a um registro sobre estereótipos comumente associados a essa visão pejorativa. Para a análise do discurso, o estereótipo, como representação coletiva cristalizada, é uma construção de leitura (AMOSSY, 2011). O sujeito recuperaria, no discurso, elementos dispersos em lacunas, permitindo a sua imersão em função de um modelo cultural.

Por um lado, o estereótipo depende do julgamento de um sujeito e, por isso, costuma ser associado a uma não-verdade, o que acentua o seu aspecto negativo. Por outro lado, devemos levar em consideração que as caracterizações que ajudam a compor um estereótipo estão relacionadas a um grupo ou a grupos sociais e podemos assumir que parte do que está sendo representado pode refletir, em certa medida, uma “verdade” parcial, a partir de generalizações, mas que talvez tenha tido validade em algum momento, em algum ambiente ou em alguma situação específica. Talvez essa representação seja cristalizada por um longo período, mas os elementos que a sustentam podem se dissipar na medida em que provoquem questionamentos sobre certas “verdades”, que se tornam especialmente problemáticas do ponto de vista social quando associam atributos pejorativos a pessoas ou comunidades.

A circulação dos estereótipos ocorre de maneiras diversas através da produção semiótica de uma comunidade em produtos tais como livro, teatro, pintura, escultura, cinema, publicidade, mídia tradicional, como o rádio, a televisão e o jornal, além, obviamente, da Internet e das RSDs. Com Maingueneau (2011, p. 72), lembramos que: “Caráter e corporalidade do fiador apoiam-se, então, sobre um conjunto difuso de representações sociais valorizadas ou

desvalorizadas, de estereótipos sobre os quais a enunciação se apoia e, por sua vez, contribui para reforçar ou transformar”.

Os estereótipos, os clichês e os lugares-comuns são formas adotadas pela *doxa* ou o “conjunto de representações socialmente predominantes, cuja verdade é incerta, tomada, mais frequentemente, na sua formulação linguística corrente” (AMOSSY, 2008, p. 176). Somente a título de ilustração desse pensamento escolhemos três vídeos, que tiveram *efeito viral*¹⁰⁹ nas RSDs, relacionados às diferenças que citamos no início dessa tese, negros, homossexuais e pessoas com deficiência.

Vejam primeiro o estereótipo do *negro bandido* e da *loira rica*. A cena se passa em um elevador no qual está uma mulher branca e loira. Quando um homem negro entra no elevador, a mulher segura com firmeza a bolsa com medo de ser assaltada. Passam-se alguns segundos enquanto chegam ao destino. São duas versões para o mesmo tema. Em uma versão em língua inglesa e legendas em português um homem “fala” mentalmente sobre o preconceito contra negros em elevadores: “A cada 45 segundos, um homem negro entra em um elevador. E uma branquela estúpida segura a bolsa como se fosse a própria vida”¹¹⁰. Ao fundo a mulher demonstra medo sem dizer uma palavra.

Em uma versão brasileira desse vídeo um rapaz negro está no elevador quando entra uma moça loira. Ele fantasia mentalmente várias sequências sobre o que ela pode pensar a partir do estereótipo *pobre ladrão*. Nenhuma delas faz menção direta à cor. O tema é abordado pelo viés do suposto *status* social. Em uma das cenas imaginadas, um porteiro também negro socorre a moça quando ela faz a denúncia de assalto. Ao final, fora da imaginação e de volta ao elevador, a moça saca uma arma da bolsa e leva o dinheiro que estava com o rapaz. Diante do susto dele, ela conclui:

- Mas você é assaltante?
- O que é que tem? Só porque eu sou mulher, bem vestida e tenho cara de boazinha? Puta preconceito!¹¹¹

¹⁰⁹ *Viral* é o nome que se dá para o efeito de compartilhamento em larga escala na internet. Vem de vírus, que costuma afetar pessoas sem que elas queiram. Acredita-se que algumas pessoas compartilham esses conteúdos sem necessariamente saber em detalhes do que se trata. Vídeos, principalmente de humor, tendem a se tornar viral. Em redes sociais como o *Facebook*, *Instagram* e *Pinterest* fotos costumam fazer sucesso.

¹¹⁰ Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=d9eokEretqc#t=22>>.

¹¹¹ Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=1HnZq2KCLHU>>.

Em sua fala final a mulher reúne vários atributos, alguns subjetivos, que, em princípio, pelos imaginários sociais, não a credenciaríamos para ser assaltante: mulher, bem vestida e cara de boazinha. Percebe-se a tensão entre os imaginários que permeiam os enunciados do homem sobre a mulher branca e os que constituem os enunciados dela.

Em outro exemplo sobre estereótipos, um grupo de “gays e amigos héteros”, como eles mesmos se apresentam, cria um canal de vídeos cujo contrato principal baseia-se no humor. Um dos vídeos produzidos reúne as representações sobre homossexuais em uma lista que vai sendo apresentada por vários deles em sequências cujas visadas são de entretenimento. Em resumo, o vídeo traz a seguinte argumentação, sempre iniciada pelo “Não é por eu ser gay que eu necessariamente [...] me depilo, que eu tenho barriga tanquinho, que eu falo miando, que eu tenho um poodle, que eu sou um desperdício, que eu falo aloka ou arrasa (até falo: arrasa!), só ouço Madonna [...]”¹¹². Vários enunciados vão desconstruindo representações que estariam cristalizadas na sociedade e que depreciam os homossexuais a partir de vários pontos de vista tais como a aparência física, o estilo, a profissão, a relação familiar. Os sujeitos polifônicos homossexuais revelam que, mesmo em um grupo que reúne características similares e interesses em comum e que pode ser considerado por uma comunidade, há diversidade e singularidades que preservariam as identidades individuais, um *enjeu*, nas palavras de Charaudeau, ou expectativas esterotipadas, no nosso exemplo.

A maneira como uma pessoa percebe e representa o mundo costuma ser bastante distinta da outra. Ainda que pareça óbvio, devemos lembrar que estar em um mesmo grupo social, pertencer à mesma família ou trabalhar em conjunto, isto é, frequentar lugares, participar de eventos, compartilhar informações e modos de vida pode trazer à tona algumas coincidências no modo de olhar e de julgar o mundo. As narrativas sobre esse mundo vivido, no entanto, tendem a ser fragmentadas, conduzidas por um recorte singular. Podemos inferir que cada sujeito atribui outro conjunto de elementos que pertencem somente a ele, mas que também negociam com a sociedade e toda a sua complexa rede de relações. Seria difícil precisar quantos e quais elementos estariam nessa lista. Mas podemos imaginar, por exemplo, relações abstratas que o sujeito vai criando a partir do seu passado, da sua vida presente e da expectativa do futuro. O *savoir-faire* ou a habilidade para o *saber fazer social* está longe de ser explícito ou até mesmo explicável em seus detalhes. Uma parte considerável funciona com

¹¹² Disponível em: <www.youtube.com/user/canalpoenaroda>.

um imaginário coletivo que reúne também elementos intraconscientes (VION, 1992).

Vamos a outro caso. Uma associação francesa que objetiva mudar a maneira como a sociedade vê e representa as PcDs convidou pais e filhos para assistir vídeos¹¹³ com pessoas simulando caras engraçadas. Ambos reproduziam naturalmente essas caretas quando as viam no vídeo, como mostram as figuras 32 e 33, no exemplo a seguir.

Figura 32: Reprodução de caretas de neurotípicos I



Fonte: Assonoemi.¹¹⁴

Figura 33: Reprodução de caretas de neurotípicos II



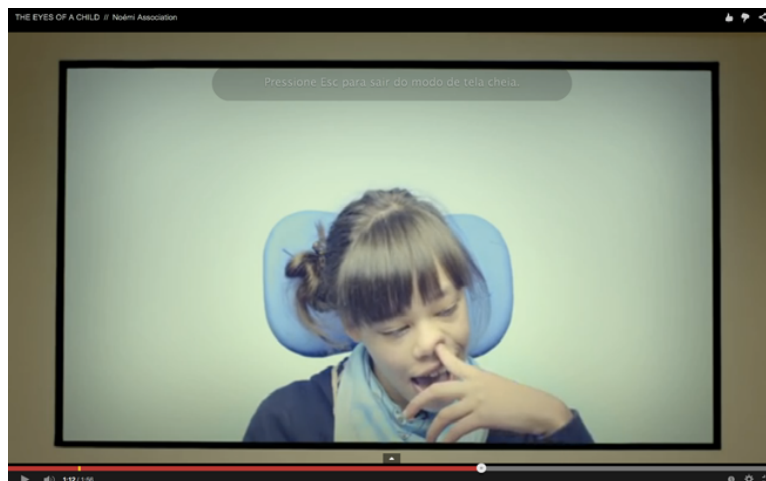
Fonte: Assonoemi.

¹¹³ Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=WB9UvjnYO90#t=72>>.

¹¹⁴ Disponível em: <<http://www.assonoemi.fr/>>.

A segunda imagem (Fig. 33) mostra mãe e filha reproduzindo, em momento que nos parece de descontração e humor, as caretas feitas na cena anterior por uma mulher (Fig. 32). Na segunda sequência de vídeos, as PcDs apareceram e se manifestaram naturalmente diante das câmeras. Vejamos o exemplo nas figuras 34 e 35.

Figura 34: Reprodução de caretas de neurotípicos III



Fonte: Assonoemi.

Figura 35: Reprodução de caretas de neurotípicos IV



Fonte: Assonoemi.

Na primeira cena dessa sequência (Fig. 34), uma PcD está diante da câmera sorrindo com o dedo no nariz e, na segunda cena, a criança imita a expressão facial enquanto a mãe fica parada observando. Notamos, na figura 35, que o adulto demonstrou certo constrangimento ou incerteza se deveria ou não continuar participando da brincadeira.

Figueiredo, que estudou os imaginários sociodiscursivos sobre a surdez, percebeu que é importante reconhecer e respeitar a diversidade mesmo em um grupo no qual em uma análise superficial possa se supor que seja homogêneo, como um grupo de surdos. Os participantes da pesquisa por ele realizada que reuniam características identitárias similares se manifestaram de forma diferenciada intercalando visões particulares de mundo a cada situação comunicativa. “Isso significa que há uma margem de manobra e liberdade para os sujeitos compreenderem a realidade de modo diferente de seus pares e também da mídia”, concluiu o autor (FIGUEIREDO, 2013, p. 291). A nosso ver essa margem de manobra pode ser significativa na sociedade contemporânea se levarmos em consideração a diversidade e as vivências múltiplas e fragmentadas, além de identidades distintas de um mesmo sujeito.

Vion (1992) reflete sobre as maneiras através das quais pode ser tratada a problemática de saberes partilhados e da singularidade dos imaginários de cada sujeito. Em suma, as ideias do teórico podem ser explicadas a partir dos seguintes pressupostos. Os sujeitos de uma mesma comunidade cultural e de comunidades diferentes estão afeitos à existência de um conhecimento comum de maneira consciente e inconsciente; todavia, a maneira como os conhecimentos são adquiridos e estruturados diferem de um sujeito para outro.

Assim, os saberes partilhados dão a ideia de que os objetos e o mundo podem ser percebidos a partir de pontos de vista diferentes, com níveis distintos de generalidade e de conotações. É preciso sempre levar em consideração que um sujeito não dispõe do mesmo conhecimento sobre um domínio que, para outro, pode parecer bastante familiar. A divergência sobre os domínios é constante na vida social. Advêm daí, na perspectiva de Vion (1992), projeções individuais diferenciadas para o mesmo tema. Vejamos exemplos.

Duas piadas de um humorista foram objeto de comentários e compartilhamentos nas RSDs. No espetáculo *A Arte do Insulto*, a Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais (APAE) foi citada diretamente e os alunos chamados de “retardados” na seguinte situação: “Um tempo atrás eu usei um preservativo com efeito retardante [...] Efeito retardante [...] Retardou [...] Retardou [...] Retardou [...] Tive que internar meu pinto na Apae [...] Tá completamente retardado hoje em dia”¹¹⁵. E a partir desses enunciados, passou a usar uma voz distorcida, imitando pessoas que não têm o desenvolvimento típico da fala, como se ele próprio fosse

¹¹⁵ DVD do humorista Rafinha Bastos, disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=emVpYtChhbQ>>.

uma pessoa com deficiência intelectual ou retardado, como disse na piada. A segunda vez em que se referiu, em seu show, às pessoas com deficiência o humorista se posicionou contra a fila preferencial. “As pessoas na cadeira de rodas [...] Ah, fila preferencial! Haha, adivinha, amigo, você é o único que tá sentado. Espera quieto! Cala essa boca!”¹¹⁶.

A plateia presente ao show ou pelo menos parte dela pontua cada piada com gargalhadas, demonstrando compartilhar um acordo de práticas sociais que reconhece o estatuto da piada e as proposições do humorista, alimentando a contrapartida para que o show continue com o estilo proposto pelo interlocutor, seguindo as instâncias de produção (CHARAUDEAU, 2008a). Tal contrato é um componente importante na tentativa de compreensão de parte da identidade dos parceiros na interação. Ou seja, no caso específico, o humorista e a plateia estariam sendo legitimados na situação de troca na qual se encontram, em um cenário adequado para uma *mise en scène* bem sucedida.

Esses parceiros da interação estariam ligados em uma espécie de *aliança objetiva* que lhes permite coconstruir sentidos e se legitimar. É importante que nos lembremos aqui das restrições que codificam as práticas sociolinguageiras. Em um show pago em um teatro fechado, vários componentes corroboram a influência do comediante. Se a plateia do show compartilhou as normas desse ritual sociolinguageiro, o humorista, que já se envolveu em várias situações polêmicas, encontrou outros parceiros que não estavam disponíveis para aceitar esse contrato. A campanha #falapramimrafinhabastos¹¹⁷ foi uma manifestação discursiva de pessoas com deficiência à piada supracitada. Por meio de cartazes perguntam a ele qual é a graça de fazer piada chamando-os de retardado, como mostra a imagem a seguir.

¹¹⁶ DVD do humorista Rafinha Bastos, disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=emVpYtChhbQ>>.

¹¹⁷ Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=bnrqtScwGB0>>.

Figura 37: Reação Campanha #falapramimrafinhabastos

O pior de tudo foi ver esse comentário insignificante na descrição do vídeo:



Fernando Santos · [Seguir](#) · [★ Quem mais comentou](#)

Esse mundo tá fudido com os "politicamente corretos" que não sabem o que um humorista faz... huahuahuaha

[Responder](#) · [👍 39](#) · [Curtir](#) · [Seguir publicação](#) · há 16 horas

"Politicamente corretos' não! Nós temos respeito, e prezamos nossa dignidade caro amigo Fernando Santos!

Mais Artigos Interessantes

- Colocar Silicone
- Simulado Online
- A chave do Emagrecimento
- Receitas para aumentar a massa muscular
- Como conquistar um Homem
- Estratégias para aumentar os seios Naturalmente
- Como detectar uma Traição

Deixe uma resposta

O seu endereço de email não será publicado. Required fields are marked *

Nome *

Fonte: Blog Ativo.¹¹⁹

No exemplo supracitado encontramos uma controvérsia que parte de um evento fora da Internet (um DVD e um espetáculo em teatro) e se desloca para as RSDs. A piada, apoiada em imaginários de pessoa com deficiência “retardada” e pessoa com deficiência “folgada”, e a polêmica por ela provocada, circularam da sociedade para as redes, com o rompimento de fronteiras entre o mundo “real” e “virtual”. Vemos, desse modo, como os imaginários são fluidos e variam entre os ambientes. No show, humorista e público compartilharam imaginários concordantes; nas RSDs humorista e PcDs transitaram em imaginários discordantes com a criação da campanha #falapramimrafinhabastos e, por fim, no blogue, houve manifestações divergentes de autores da postagem e de leitores.

Retomando a relação entre os saberes, que nos parece presente no caso supracitado, em um primeiro momento, poderíamos atribuir às suas duas grandes categorias – de conhecimento e de crença – uma oposição. Entendemos, no entanto, que elas estão em tensão frequente, buscando um lugar de equilíbrio para que o sujeito consiga dar conta de viver o mundo e viver

¹¹⁹ Disponível em: <<http://www.blogativo.net/?p=5935>>.

no mundo e, simultaneamente, representar a si próprio, o outro e o próprio mundo. Parte da ambiguidade dessa relação está localizada na proporção entre os dois eixos desses saberes.

Outra questão que nos parece relevante é a relação com o passado, que levaria o sujeito a evocar por meio de *efeitos de reconhecimento retrospectivo* o vínculo entre a sociedade e a história, em seus aspectos mais particulares assim como nos mais amplos. A vivência passada ganharia, ao longo do tempo, uma *aura*. A partir dela colocaria em evidência a relação entre esse passado e a identidade do sujeito e o seu princípio de alteridade por meio da diferença (AUGÉ, 1994).

As representações de sujeitos ou grupos sociais compõem memórias coletivas que reúnem, na nossa percepção, um conjunto, em permanente atualização, de ideias, impressões, conhecimentos e reminiscências. Com Machado (2013a), entendemos que é como se, para organizarmos o presente e pensarmos no futuro, não desprezásemos o passado, mas o reinterpretássemos, adotando novas ideias e associando a elas adornos e detalhes que podem escapar ao coletivo, mas compõem a singularidade de cada um.

Por outro lado, se as gerações anteriores consideravam a coletividade uma referência para a existência individual, hoje acompanhamos a convivência entre duas tendências ambíguas - a coletividade e o individualismo que, para Charaudeau (2011), se devem a um encontro entre os imaginários que circulam nas instâncias do discurso político. A convergência entre esses imaginários daria origem ao *direito das pessoas*, que estaria, substituindo, paulatinamente, o *direito dos povos* na chamada consciência cidadã. Esse processo, por seu turno, apresenta implicações para a consciência cidadã na medida em que agiria como se fosse necessário se redimir de certa culpa pela proximidade do individualismo exacerbado com o egoísmo. Desse modo, geralmente, as vítimas de excessos praticados na sociedade seriam beneficiadas por um discurso de compaixão.

O individualismo, se percebido como particularismo do imaginário da soberania¹²⁰, desvela o conflito que atravessa a maioria ou todos os grupos sociais: o universal e o local. Desse modo, o individualismo transita por temáticas mundiais, como grandes desastres ambientais ou ataques terroristas, e locais como protestos por aumento de ônibus ou por centro de saúde em sua comunidade.

¹²⁰ A soberania é um dos três grandes imaginários na instância política, de acordo com Charaudeau (2011). Os outros dois são a tradição e a modernidade.

A interpretação, a construção ou a representação da realidade é sempre uma busca constante dos sujeitos na sociedade e dos pesquisadores de disciplinas diversas. Através da *mise en scène*, como vimos, constituem-se efeitos de sentido e efeitos de verdade.

Comunicar é proceder a uma encenação. Assim como na encenação teatral, o diretor de teatro utiliza o espaço cênico, os cenários, a luz, a sonorização, os comediantes, o texto, para produzir *efeitos de sentido* visando um público imaginado por ele, o locutor – seja ao falar ou ao escrever – utiliza componentes do dispositivo da comunicação em função dos efeitos que pretende produzir em seu interlocutor. (CHARAUDEAU, 2008a, p. 68).

Preocupado com a fragilidade da verdade e com a diversidade de relações que atravessam comunidades e instituições e, que a nosso ver, estabelecem relação direta e indireta com a projeção dos imaginários sociais, Vizer (2011) desenvolveu uma metodologia com variáveis analíticas sobre as múltiplas dimensões que compõem a vida social, que resumimos a seguir: 1) Eixo de práticas e ações instrumentais; 2) Eixo de organização política; 3) Eixo normativo-valorativo; 4) Dimensão espaço-temporal; 5) Dimensão de vínculos de associação interpessoal; e 6) Dimensão cultural.

O eixo de práticas e ações instrumentais inclui as condições de vida e as relações com os meios, as necessidades básicas e os bens de consumo ou os recursos necessários para a estruturação, funcionamento e transformação de um sistema. O segundo eixo, de organização política, está relacionado ao primeiro, na medida em que reúne as instâncias formais como o Estado, a hierarquia, e as suas práticas de democracia, igualdade/desigualdade, mecanismos e organismos de controle e processos de legitimação. O eixo número três diz respeito às normas e valores em seu sentido informal e uma perspectiva horizontal das relações sociais como igualdade e direitos à diferença entre indivíduos, grupos e setores sociais. Na quarta dimensão está a concepção da vida social como “realidade material e simbólica” ou processos temporários em diferentes espaços e territórios como a apropriação do espaço natural ou a ocupação de espaços urbanos. Os vínculos e os laços sociais e de parentesco marcados pela emoção e pelo sentimento estão na quinta dimensão. E, por último, encontram-se as narrativas, as cerimônias e os rituais, que compõem a dimensão cultural.

Assim, cada grupo social estrutura seus próprios imaginários de si e dos outros e vai, em *encontros sociais*, com outras comunidades, moldando o que foi construído, negociando o que será mantido e articulando pequenas mudanças ao longo do tempo em um jogo dialógico incessante e automatizado.

Na circulação e na estruturação dos imaginários a tecnologia sempre teve um papel de destaque, afinal, por meio dela desenvolvem-se novas formas de comunicação e de circulação dos imaginários sociais e sociodiscursivos. Não se trata de um fenômeno recente como se pode supor em função das facilidades de conexão da Internet e das RSDs. O que ocorre agora é uma diferenciação do ponto de vista da instantaneidade:

Essa não é a primeira época na história dos povos em que as cosmovisões – como fontes de formação de sentido – se universalizam, na forma de grandes religiões, ou como impérios. Mas sim é a primeira vez que esse processo se dá praticamente instantâneo e global por meio da tecnologia, e especialmente pelas denominadas Tecnologias da Informação e da Comunicação. (VIZER, 2011, p. 33).

A tecnologia, com sua instantaneidade, contribui para o prolongamento da relação entre os três tempos: presente, passado e futuro, na medida em que proporciona novos modos de ver e de narrar o mundo, com os *efeitos de sentido* manipulados tecnicamente por cada sujeito. Com um celular em mãos é possível não só registrar (tomar notas, gravar áudios e vídeos ou fotografar) um episódio como revê-lo em outro momento. É possível compartilhá-lo (com amigos ou de maneira pública para quem quiser ver) que não tiveram a mesma oportunidade e cada um pode imprimir outros ditos ao editá-lo, ao intensificar os efeitos de cor e de luminosidade, por exemplo, ou recortar os *melhores momentos* ou aqueles que despertaram mais emoção. Vejamos um exemplo:

Figura 38: Efeitos de sentido manipulados tecnicamente



Fonte: Deficiente Ciente.¹²¹

¹²¹ Disponível em: <<https://www.facebook.com/116159961796973/photos/pb.116159961796973.-2207520000.1424289107./706726162740347/?type=3&theater>>.

Como percebemos (Fig. 38), a tecnologia permite promover, efeitos de sentido que não estariam no campo do previsível, acrescentando estímulos para representações patêmicas. No exemplo, não seria possível, do ponto de vista da mobilidade e do deslocamento, para um cadeirante, estar na posição de saltar de um penhasco sozinho. As funcionalidades técnicas, no entanto, permitem o congelamento daquele instante em um cenário cujos elementos naturais são predominantes e no qual a cadeira de rodas se torna um detalhe, uma marca de que uma PcD participou de tal façanha.

Assim cada sujeito *edita* ou recorta fragmentos de narrativas, como se uma cena fosse o que gostaria de revelar sobre um tema, uma pessoa ou um evento.

As representações sociodiscursivas são como mini-narrativas que descrevem seres e cenas de vida, fragmentos narrados (Barthes dizia ‘parcelas de discursos’) do mundo que revelam sempre o ponto de vista de um sujeito. Esses enunciados que circulam na comunidade social criando uma vasta rede de intertextos se reagrupam constituindo aquilo que chamo de um ‘imaginário sóciodiscursivo’. Eles são o sintoma desses universos de crenças compartilhadas que contribuem para construir ao mesmo tempo um *ele* social e um *eu* individual (por exemplo, o imaginário da falta, do pecado, do poder). (CHARAUDEAU, 2007b, p. 6).

Na rede de intertextos citados pelo autor navegam valores diversos que podem ser agrupados em grandes categorias de imaginários sociodiscursivos. Apenas para que tenhamos uma ideia podemos mencionar os imaginários sociodiscursivos analisados por Charaudeau (2011) no discurso político: a tradição, a modernidade e a soberania popular, como já sinalizamos. Em cada um deles há aproximação e afastamento entre as representações construídas pelo grupo social a partir dos valores compartilhados por eles, tais como liberdade, justiça, benevolência, sociabilidade, igualdade, harmonia, equilíbrio, tradição, democracia, seriedade, competência, bem-estar social, entre muitos outros.

Além de buscar e estabelecer os vínculos entre os valores, o sujeito mobiliza *redes referenciais* que suscitam o desencadeamento do estado emocional ou a sua ausência. Nesse sentido, ele reúne as linhas que, em conexão com os saberes, contribuem para construir os modos de ver, julgar, discriminar o outro e o mundo (CHARAUDEAU, 2006). Essas redes referenciais vão sendo criadas cotidianamente, na nossa visão, a partir da circulação dos sujeitos que, por sua vez, estabelecem contato com os imaginários que também circulam e são cristalizados por meio da cultura, dos mitos, das cerimônias e rituais e das próprias identidades – tudo isso, associado aos elos afetivos que também vão sendo despertados, contribui para a constituição da percepção do mundo.

Assim como os pesquisadores, a comunidade em geral também se encarregaria de criar suas próprias cartografias, uma maneira de viabilizar certa estabilidade para se situar nos inúmeros territórios da vida. O resultado desses mapas sociais, vamos chamá-los assim, daria origem aos *dispositivos de interpretação* que guiariam os sujeitos em suas escolhas e estratégias de sobrevivência. “Em outras palavras, os dispositivos de interpretação e as estratégias que cada um constrói são o que nos permite construir a matéria da vida e a ‘realidade dos nossos sonhos’” (VIZER, 2011, p. 212).

Se a afetividade e a emoção podem ser consideradas linhas das redes referenciais podemos falar em crenças patêmicas? “A relação patêmica engaja o sujeito em um comportamento reacional segundo as normas sociais às quais ele está ligado, as que ele interiorizou ou as que permanecem nas suas representações”, resume Charaudeau (2007c, p. 5).

Para ser chamada de patêmica a representação deve despertar a sensibilidade dos sujeitos no sentido de elaborar um julgamento de valor coletivamente compartilhado sobre as pessoas ou alguns episódios que as envolvem. O teórico supracitado utiliza o exemplo do acidente da princesa britânica Lady Di, morta em um trágico acidente de carro em 1997, em Paris. O acidente é uma situação que exige cuidados e desperta nos leitores, em certa medida, emoções relacionadas com o sofrimento das vítimas e de suas famílias. Por outro lado, haverá sempre o julgamento sobre as causas, a possível responsabilização, o histórico das vítimas, a relação de parentesco ou de fama. Ao narrar o acidente, além de organizar os saberes de conhecimento e de crença, os sujeitos enunciadore se relacionarão, *grosso modo*, com a emoção que visam despertar, especialmente pela relação que se mantém com as vítimas.

Podemos pensar ainda em um acidente que provoque consequências como a deficiência de um dos envolvidos. Recentemente acompanhamos a repercussão de um acidente que vitimou a atleta Laís Souza, que ficou tetraplégica e os desdobramentos durante um ano sobre a concessão de pensão vitalícia à vítima.

Leitor 1: Lei favorecendo **apenas** uma pessoa é no **minimo demagogia**.

Leitor 2: Meu Brasil Brasileiro, **meu Brasil desigualdade social**. e os demais como ficam? São tantos.

Leitor 3: Eu acho que é uma **tremenda injustiça**, a lei deveria ser estendida a **TODOS** afinal os cuidados básicos de um LM é caro e a maioria sequer tem condições de comprar uma cadeira de rodas descente.

Leitor 4: **Todos devem ter o direito**. Tenho 02 filhos com doença degenerativa e não

temos direito a nada **SÓ A MORRER**. Tem algum deputado preocupado com isso?

Leitor 5: Lovavel a atitude, mas sempre t?em perguntas elas contribuía com a Previdência Social?

Leitor 6: Como dizia Millor: **Há vales que bem pra mem.**

De fato agora temos precedentes pra entrar com liminares. **Brechas são brechas!**¹²²

Indivíduos, com deficiência ou não, representaram a situação com carga patêmica intensificada, conforme exemplos dos comentários a uma postagem da rede *Deficiente Ciente*. Entre as tensões dos dois dispositivos e os seus movimentos contantes, a deficiência e as RSDs, a nadadora tetraplégica é objeto de outras reações patêmicas, no próximo caso, associadas à solidariedade e à compaixão. Um apresentador de TV que a entrevistou disse que a vantagem de se fazer tatuagem na condição dela é não sentir dor.

Figura 39: Reações patêmicas nas RSDs

Huck diz para atleta tetraplégica que é uma vantagem tatuar e não sentir dor

Do r7: O apresentador Luciano Huck protagonizou uma de suas maiores gafes na TV no programa do Calderão do Huck, que foi ao ar neste sábado (13). A...

DIARIODOCENTRODOMUNDO.COM.BR

Curtir · Comentar · Compartilhar · 42 28 54

Carlos Jota Guedes e outras 41 pessoas curtiram isso.

54 compartilhamentos

Lidiane Souza nossa ^u Samantha Moreira
Curtir · Responder · 1 · 15 de dezembro de 2014 às 11:56
1 resposta

Roberto W Nogueira Avalio que se fôssemos de fato um país civilizado, essa pessoa jamais empunharia um microfone público novamente.
Curtir · Responder · 7 · 15 de dezembro de 2014 às 12:01

Ana Castro é um otário
Curtir · Responder · 1 · 15 de dezembro de 2014 às 12:16

Silmara Almeida Uma pérola!
Curtir · Responder · 1 · 15 de dezembro de 2014 às 12:23

Thiago Miranda porque gafe? nao achei nada demais. Ele nao falou em tom de deboche
Curtir · Responder · 5 · 15 de dezembro de 2014 às 12:47

Alex de Almeida Infeliz nas palavras . Mais acredito que ele irá se retratar sobre o fato , somos humanos e estamos sujeitos ao erro.
Curtir · Responder · 3 · 15 de dezembro de 2014 às 12:50

Fonte: Pessoa com deficiência.¹²³

¹²² Disponível em: <<http://www.deficienteciente.com.br/2014/12/senado-aprova-pensao-vitalicia-para-lais-souza.html#comments>>.

¹²³ Disponível em: <<https://www.facebook.com/pessoacdeficiencia?fref=ts>>.

No exemplo mencionado (Fig. 39) evidenciam-se as reações dos usuários de RSDs, que nos apontam para representações distintas daquelas ilustradas no exemplo imediatamente anterior envolvendo a mesma protagonista.

4.3 Estigmas

Os estudos de Goffman continuam sendo referenciais para a compreensão do estigma. Por isso e pela nossa concordância com a abordagem do autor essa seção será concebida com especial atenção aos seus escritos. Antes, porém, lembramos que uma vez mais o sujeito está no centro dos debates sobre os imaginários sociodiscursivos, a *mise en scène* e a conexão entre os dispositivos da deficiência e das RSDs. A emoção, assim como a subjetividade, é uma expressão espontânea do sujeito, fruto de um construto da sua história, de suas vivências e visões de mundo. O sujeito, como um todo, aliás, se concebido em uma perspectiva do construto social, seria:

[...] uma manifestação do desenvolvimento histórico da ordem social e das especificidades de cada cultura, suas crenças e valores sobre o que ‘deve ser’ um indivíduo enquanto ser social, enquanto membro de uma cultura, de uma classe, de uma religião, enquanto construtor e portador de uma identidade. (VIZER 2011, p. 173).

Apesar de concordarmos com Vizer sobre os componentes identitários dos sujeitos preferimos falar em identidades múltiplas e não “identidade” como faz o autor. Se o sujeito é individual e coletivo, a construção de imagens de si está relacionada aos imaginários sociais. As representações que cada um faz de si e tenta transmitir ao outro certamente são dotadas de uma dose individual significativa, mas também, e principalmente, incorporam aquelas representações sociais circulantes na comunidade da qual o sujeito faz parte. As identidades sempre são construídas a partir da troca com os parceiros. Em algumas situações, a *mise en scène* de si pode parecer opaca e incoerente por permitir a prevalência das identidades sociais e não as individuais (AMOSSY, 2010).

Os perfis, especialmente os pessoais, mas também as páginas, conduziram, em alguns casos, a um ponto íntimo do usuário nas RSDs. É ali, em um canto reservado de um amplo território, quase como se estivesse em casa, que alguns indivíduos se constituem em suas alteridades discursiva e social, que não são necessariamente similares às que ele sustenta lá fora, em

ambiente não virtual, propiciando uma extraordinária diversidade de textos, discursos e imaginários.

Numerosos textos [...] mostram o internauta deixando seu corpo para viver uma nova vida não corporal com diferentes mundos virtuais; outros apresentam o ciberespaço como um espaço social completamente independente da sociedade 'real', capaz de autorregular sem nenhuma intervenção, nem do Estado, nem mesmo do mercado; outros, enfim, imaginam que a circulação da informação nas redes mundiais produz uma reviravolta completa das regras da economia. (FLICHY, 2001, p. 65).

E de que maneira esses mundos diferenciados, por vezes, autônomos em relação à "realidade", contribuem para a cristalização de estereótipos e de estigmas? As noções de identidades, de representações do *eu* e de estereótipos estão na base da teoria de Goffman (1975a), para quem, o estigma é o vínculo entre o atributo e o estereótipo.

Estigma é, para nós, com base neste teórico, um atributo depreciativo que ultrapassa a marca física ou intelectual, pessoal e singular, para um espectro coletivo. Um movimento amplo de linguagem e de relações sociais, que exporia a chamada normalidade humana e as sensações despertadas pelo oposto a ela. O próprio atributo que estigmatiza alguém confirmaria, hipoteticamente, a normalidade ou até mesmo o caráter humano do outro: "Por definição, é claro, acreditamos que alguém com um estigma não seja completamente humano", diz Goffman (1975a, p. 15). Quem não os considera humanos, de algum modo, se sentiria livre para discriminá-los - essa é a nossa interpretação. Cada sociedade define um conjunto de atributos considerados importantes para a coletividade e a partir dele consolida a noção de estigma.

O estigma pode ser abordado a partir de uma dupla perspectiva: o desacreditado *versus* o desacreditável. No primeiro caso, o indivíduo estigmatizado partiria do princípio que a sua distinção é evidente ou percebida pelos demais. No outro caso, o pressuposto é que a característica não é conhecida nem é perceptível pelos presentes. Um mesmo indivíduo pode alternar as dimensões de acordo com a situação de comunicação na qual está envolvido. Goffman (1975a) divide o estigma em três tipos resumidos aqui com os termos originais usados pelo autor: 1) abominações do corpo (deformidades físicas); 2) culpas de caráter

individual (desonestidade, vícios, homossexualismo¹²⁴, tentativas de suicídio); e 3) tribais (raça, nação, religião).

Com a sua suposta normalidade, indivíduos não estigmatizados levariam a cabo uma espécie de *ideologia da inferioridade*, ou seja, uma tentativa de explicar teoricamente perigos, animosidades e discriminações calcados na diferença. A consequência pode ser nefasta, conferindo ao outro uma série de atributos de aspecto sobrenatural, que poderiam ser, por exemplo: o estigmatizado seria dotado de sexto sentido, percepção ou ainda sensibilidade espiritual, entre outras. Simultaneamente, esse jogo entre atributos desejáveis e não desejados pode provocar a redução das oportunidades e chances de vida do estigmatizado. Do ponto de vista sociodiscursivo, percebe-se a utilização de muitos termos referentes às PcDs, tais como aleijado e retardado¹²⁵, sem que se saiba ou se deseje saber a origem e o imaginário que as próprias PcDs projetam desses termos (GOFFMAN, 1975a).

A partir de Goffman (1975a), lembramos que as relações sociais complexas e as relações discursivas permitem o surgimento da tensão entre a normalidade e a anormalidade, bem como da dicotomia dos comportamentos considerados padrão e daqueles exigidos dos estigmatizados:

A fórmula geral é evidente. Exige-se do indivíduo estigmatizado que ele se comporte de maneira tal que não signifique nem que sua carga é pesada, e nem que carregá-la tornou-o diferente de nós; ao mesmo tempo, ele deve manter a uma distância tal que nos assegure que podemos confirmar, de maneira indolor, essa crença sobre ele. Em outras palavras, ele é aconselhado a corresponder naturalmente, aceitando com naturalidade a si mesmo e aos outros, uma aceitação de si mesmo que nós não fomos os primeiros a lhe dar. Assim, permite-se que uma *aceitação-fantasma* forneça a base para uma *normalidade-fantasma*. Deve ele aceitar tão profundamente a atitude do eu que é definida como normal em nossa sociedade e deve ser parte dessa definição a tal ponto que isso lhe permita representar esse eu de um modo irrepreensível para uma audiência impaciente que fica em semiprontidão à espera de uma outra exibição. (GOFFMAN, 1975a, p. 133).

¹²⁴ Sabemos que socialmente, em função da mobilização e das conquistas do Movimento Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Transgêneros (LGBT), o termo homossexualismo não é mais usado para se referir à orientação sexual que nomeia o interesse e a atração sexual por indivíduos do mesmo sexo. O sufixo *ismo* é associado à patologia e nos dias atuais prefere-se *homossexualidade*. É compreensível a utilização desse e de termos como *aberração*, *abominação*, entre outros, no contexto sócio-cultural no qual o autor desenvolveu suas pesquisas. Note-se que essa é uma construção social ainda em curso. O dicionário *Houaiss* (2009), por exemplo, ainda mantém *homossexualidade* (condição de homossexual) como sinônimo de *homossexualismo* (prática de relação amorosa e/ou sexual entre indivíduos do mesmo sexo). Sobre os outros termos relacionados a pessoas com deficiências os veremos em detalhes mais à frente.

¹²⁵ Encontram-se nos Apêndices desta tese pesquisas de apoio que realizamos em dicionários e obras de referência sobre o significado e o uso desses termos.

As identidades sociais dos estigmatizados estão relacionadas a inúmeras relações que se constituem em comunidade. Vamos destacar alguns aspectos que nos auxiliam na compreensão dos imaginários sociais das PcDs sobre elas mesmas e dos demais sobre as PcDs, se é que é possível fazer essa distinção de maneira categórica e com limites demarcados.

Goffman (1975a) resumiu essas relações sociais da seguinte maneira: 1) as crenças sobre as identidades seriam iguais às dos demais indivíduos, o que poderia provocar a sensação de normalidade, um ser humano como outro qualquer; 2) a despeito do que os outros dizem, eles não o aceitariam e não estariam dispostos a considerá-lo como igual em suas relações; 3) o seu atributo poderia ser percebido como “impuro” e a vergonha torna-se-ia uma possibilidade constante; 4) autoexigência e ego seriam permanentemente revistos quando da presença constante de não estigmatizados; 5) autoódio e autodepreciação têm lugar na solidão do estigmatizado diante de um espelho; 6) aceitação ou dificuldade daqueles que mantêm relação com o estigmatizado de garantir respeito e consideração; 7) a “correção” do “defeito” a partir de cirurgias e procedimentos médico-científicos. Na maior parte das vezes o estigmatizado promoveria uma reconfiguração do seu ego, não alcançando, porém, o *status* de “normal”; 8) a vitimização pode se dar nas condições extremas a que o estigmatizado está disposto a chegar para alcançar determinada condição que deseja como a “correção” de um atributo, por exemplo; 9) o estigmatizado pode tentar compensar a sua condição ao dedicar grande esforço a atividades que, em tese, não seriam para ele como esportes ou atividades de risco; 10) o estigma poderia ser considerado uma proteção emocional para ganhos secundários; 11) o estigma seria percebido como uma bênção secreta pois o sofrimento pode ensinar sobre a vida e sobre outras pessoas; 12) o estigmatizado pode reafirmar as limitações dos outros; 13) a deficiência seria considerada uma desculpa; 14) o estigmatizado seria orador para falar em nome dos estigmatizados e não estigmatizados; 15) o estigmatizado seria um herói da adaptação que merece até recompensa pública.

Todas essas relações mencionadas por Goffman (1975a) podem se desdobrar, a nosso ver, em outras infinitas, dependendo das identidades individuais, da situação de comunicação, da comunidade e das variáveis analíticas da vida cotidiana (Vizer, 2011), que refletem na projeção dos imaginários sociais. Não podemos desconsiderar nesse cenário o individualismo típico dos tempos atuais, como fruto dos imaginários e em conexão com a vida cotidiana em suas instâncias políticas.

Identidades e estereótipos estão em permanente negociação e ambivalência. A aproximação do estigmatizado com os demais pode gerar no primeiro a sensação de normalidade a partir da ótica dos ditos normais. Os estigmatizados perceberiam que esses “normais” se comportariam de modo estereotipado, exibindo, de maneira extravagante ou desprezível os atributos negativos que lhe são atribuídos, de acordo com a perspectiva de Goffman (1975a). Acrescentamos a essa abordagem a possibilidade dos “normais” ocultarem seus atributos negativos desenvolvendo comportamento similar ao dos próprios estigmatizados, conforme mencionamos acima.

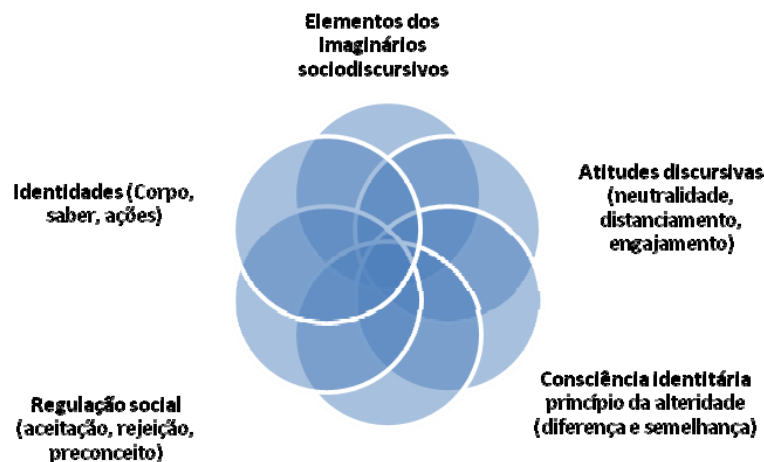
A tendência de associar as PcDs a representações negativas também está presente na obra de Cameron (2007) que, por sua vez, acredita que as PcDs são representadas socialmente, algumas vezes, como seres patéticos ou tragicômicos, sinistros ou marcados pelo mal ou pessoas que demonstram bravura diante de suas próprias vidas e da deficiência. A morte está presente em mais duas representações de deficiência relacionadas por Nelson (2003). Ele entende que as PcDs seriam percebidas, algumas vezes, como pessoas que estariam melhor mortas ou que teriam um peso morto, que não teriam capacidade de vida social e nem mesmo de interagir com familiares e cuidadores.

Para Barnes (1992) são muitas as possibilidades de representação das PcDs¹²⁶ na mídia. O autor enumera dez representações. Ele as considera estereótipos especialmente nos produtos da indústria cinematográfica: (1) pessoas dignas de dó; (2) alvo da violência de outras pessoas; (3) pessoas ligadas ao mal ou à criminalidade; (4) pessoas que potencializam a miséria e a degradação; (5) aleijados; (6) seres ridicularizados; (7) inimigos de si mesmo; (8) fardos para a família; (9) aberrações sexuais; e (10) pessoas incapazes de viver em sociedade.

Para resumir a reflexão apresentada e finalizar essa seção propomos um desdobramento para os imaginários sociodiscursivos a partir do esquema de Charaudeau (2009a, p. 8) apresentado no início desse capítulo.

¹²⁶ Para a representação de PcDs por professores especializados ver Oliveira (2004), que sistematizou as respostas da seguinte maneira: 1) Concepção individual da deficiência (atributo inerente ao indivíduo); 2) Concepção psicossocial da deficiência (decorrente de fatores sociais, emocionais ou educacionais); 3) Concepção interacionista da deficiência (complexa interação entre o indivíduo e a audiência).

Figura 40: Elementos dos imaginários sociodiscursivos (Desdobramento dos imaginários sociodiscursivos a partir do esquema de Charaudeau (2009a))



Fonte: Elaborada pela autora.

A nossa ideia ao elaborar o desdobramento dos imaginários sociodiscursivos (Fig. 40) é mostrar como os diversos elementos que contribuem para a constituição desses imaginários sociodiscursivos estão imbricados e como os desdobramentos de cada um deles na conexão com os demais estão presentes nas encenações cotidianas e nas encenações nas RSDs.

4.4 Diferenças e repetições

A diferença pertence ao indivíduo e, de novo, paradoxalmente, não é individual na medida em que é, sempre ou quase sempre, pensada na sua relação com o outro. A suposta igualdade e/ou normalidade na representação social ou na sujeição dessa representação pode ser pensada a partir de pelo menos quatro questões, segundo Deleuze (2011, p. 43): a identidade no conceito, a oposição no predicado, a analogia no juízo e a semelhança na percepção. As “faces”, como Deleuze nomeia os elementos que compõem a diferença, precisariam de uma mediação para que seja possível a compreensão do que está na base do próprio conceito. A diferença, aliás, seria uma mediação em si mesma em uma articulação resumida das quatro faces - a identidade e a oposição, a analogia e a semelhança.

A primeira impressão mostraria a diferença como o mal e uma reação comum seria a necessidade de salvar quem a representa: “A diferença deve sair da caverna e parar de ser um monstro; ou pelo menos não deve subsistir como monstro que se oculta até o momento feliz,

que se constitui somente um mau encontro, uma ocasião ruim” (DELEUZE, 2011, p. 45)¹²⁷. A metáfora do monstro nos levaria ao enfrentamento da diferença, que pode se situar como um problema que, por assustar, está escondida. E para ser compreendida socialmente precisa se libertar de si mesma, como na caverna de Platão, em busca da fresta que conduz à luz, se contrapor à semelhança, encontrando mecanismos para subsistir além de um momento único no qual essa mesma diferença é percebida.

Assim, o dispositivo que conota a diferença é conectado a representações e, entre elas, a representação patêmica, proposta por Charaudeau (2007a). Tal representação se faz presente na narrativa de vida, que oscila entre a alegria e a melancolia. E articula os fios da meada deleuziana com os saberes de conhecimento e de crença intercalados metaforicamente na porta de Simmel (1998), como no exemplo a seguir.

Figura 41: Deficiência: a porta de Simmel



Fonte: Dados da pesquisa.

¹²⁷ Tradução nossa de: La différence doit sortir de sa caverne, et cesser d’être un monstre; ou du moins ne doit subsister comme monstre que ce qui se dérobe à l’heureux moment, ce qui constitue seulement une mauvaise recontre, une mauvaise occasion.

Ao evocar o saber de conhecimento por meio da porta de Simmel¹²⁸, o colaborador da nossa pesquisa (Fig. 41), no exemplo supracitado, abre uma perspectiva para um fio outro que nos diz da importância da reflexão sobre as portas e as pontes criadas em função da própria deficiência como dispositivo. Em outras palavras, as conexões do dispositivo deficiência. O conhecimento científico aliado, por meio da rede, à narrativa de vida na qual o personagem principal é uma criança cadeirante, com paralisia cerebral, que se conecta a um sociólogo reconhecido mundialmente, por sua vez, conectado ao pai da criança em fios que têm início, mas nos quais o fim se torna algo difícil de precisar. A PcD que atravessa a porta e vai à rua protestar está no caso a seguir.

Figura 42: Deficiência: invisibilidade com sonhos



De Concavada/ fibrantes até Disboa em cadeira de rodas...

23, 24 e 25 de Setembro,

pelo direito a uma Vida Independente

Sou invisível, mas tenho sonhos

Ser uma pessoa com deficiência, e no meu caso particular, dependente de 3^{os}, é andar ano após ano, a humilhar-me perante o Governo do meu país, a mendigar direitos que me pertencem por direito próprio. Sou obrigado a sair à rua todos os anos, para manifestar a minha revolta por esse facto. Este ano, irei percorrer 180km em cadeira de rodas pelo direito a uma vida independente.

Eduardo Jorge

Fonte: Dados da pesquisa.

¹²⁸ O ensaio (A) Ponte e (a) Porta, escrito por George Simmel, foi publicado em 1909 e é considerado uma das obras referenciais para o entender o seu pensamento (SIMMEL, 1988).

Ganhar as ruas e se manifestar permearia o imaginário desse colaborador (Fig. 42), que busca minimizar a invisibilidade, a humilhação, a dependência e a mendicância, ressaltando efeitos patêmicos.

A repetição das representações e a sua patemização não ofuscam, no entanto, o interesse dos sujeitos pelo enigma que envolve o *eu*, o *outro* e a própria *diferença*. Talvez seja até um fator que o estimule, afinal, perceber a diferença é perceber-se a si mesmo. “Descobrir que existe alguém diferente de si mesmo é descobrir-se incompleto, imperfeito, inacabado” (CHARAUDEAU, 2009a, p. 1). O fascínio pelo outro e por esse duelo entre a perfeição e a imperfeição está presente nas relações cotidianas:

Paralelamente ao processo de atração, o de rejeição se dá porque a diferença percebida, mesmo sendo necessária, não deixa de ser, para o sujeito, uma ameaça. A diferença que percebo tornaria o outro superior a mim? Seria ele mais perfeito? Teria mais razão de ser do que eu? Eis porque a percepção da diferença vem acompanhada de um julgamento negativo. E implica a própria sobrevivência do sujeito: é como se fosse insuportável aceitar que outros valores, outras normas, outros hábitos diferentes dos meus sejam melhores, ou, simplesmente, existam. Quando este julgamento endurece e se generaliza, transforma-se num estereótipo, num clichê, num preconceito. O estereótipo tem principalmente uma função de proteção, constituindo uma arma de defesa contra a ameaça que o outro, pela sua diferença, representa para o eu. (CHARAUDEAU, 2009a, p. 1)

A atração e a rejeição descritas por Charaudeau poderiam ser percebidas nas encenações languageiras? Desmistificar a abordagem negativa da deficiência dissociando-a da doença e relacionando-a com a diferença está na representação de um dos voluntários da nossa pesquisa (Fig. 43), que visa confirmar a constituição de sua alteridade e das demais PcDs. A deficiência, assim como o próprio sujeito, é dotada de atributos múltiplos que desempenhariam funções variadas nas quais os desafios estão presentes.

Figura 43: Deficiência: múltiplas definições



Fonte: Dados da pesquisa.

Na representação do exemplo (Fig. 43), as ações de aprender, buscar, melhorar, trocar (experiência), e lutar estão associadas à força, ao sorriso e às lágrimas misturando-se aos demais componentes identitários, doses patêmicas, que conferem singularidade não só às próprias identidades, mas também às atitudes discursivas.

Uma vez mais a problemática da diferença está centrada no sujeito que se confronta com dúvidas sobre si e sobre o outro em um desvelamento de imaginários que permanecem em circulação através dos anos e se mantêm como grandes dilemas humanos. A perfeição e a razão associadas a um julgamento negativo posicionariam o humano em uma condição que seria inaceitável ou insuportável em um primeiro momento.

Aceitar a diferença em seus aspectos sociais, tais como valores, hábitos, normas e crenças extrapolaria, nesse primeiro momento, a essência humana. E nessa discussão estamos nos referindo a questões sociais mais amplas e menos relacionadas ao próprio ser humano com deficiência ou ao seu corpo ou à sua mente. Ou seja, a diferença, que controversamente está perto e distante, é um grande desafio para o ser social. A deficiência como diferença se torna, então, um confrontar-se, um questionar-se, um expor-se.

Retomando a problemática da identidade, sobre a qual falamos no capítulo I, gostaríamos de refletir sobre a diferença como fator determinante para a tomada de consciência do indivíduo. Esse processo se materializaria pela articulação entre quatro elementos: o corpo, o saber, o julgamento e as ações.

O corpo seria a presença do indivíduo no espaço e no tempo, ou seja, o estar em sociedade. O saber se traduziria no conhecimento do indivíduo sobre o mundo ao passo que nos julgamentos estão reunidas as crenças e as convicções. As ações estariam associadas a esses elementos e o saber fazer de cada um poderia ser considerado uma realização pragmática desse conjunto.

Se, por algum motivo, o corpo apresenta limites, estes se refletem nas linhas entre a “realidade”, os sonhos e o viver, como parece ser a representação do próximo caso da pesquisa (Fig. 44).

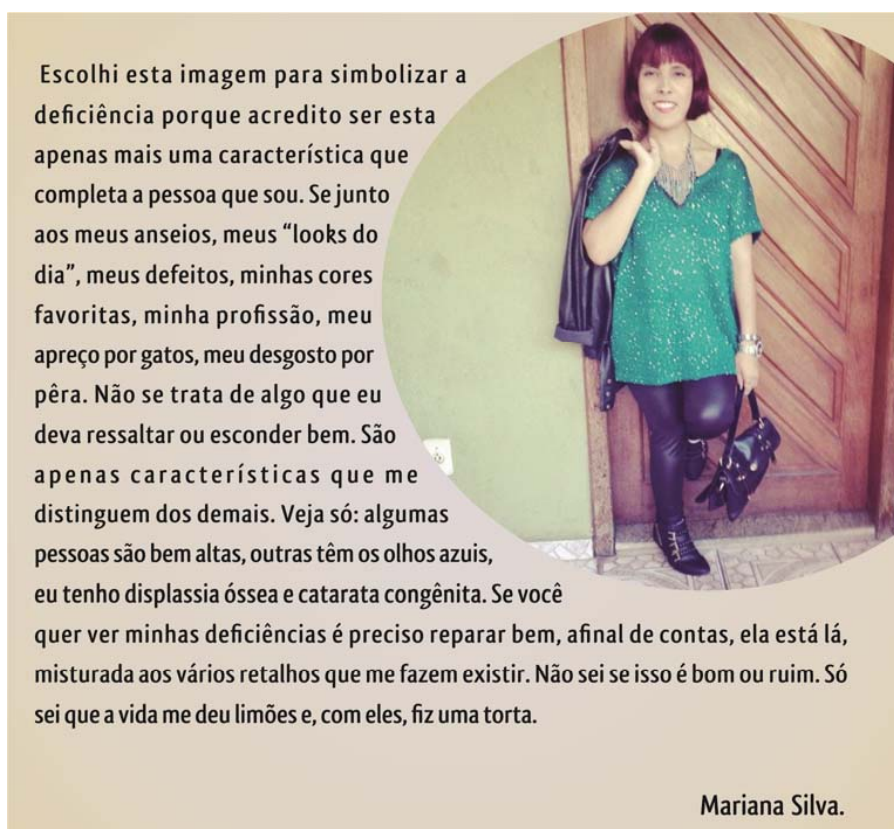
Figura 44: Deficiência: limitação corporal



Fonte: Dados da pesquisa.

Se a deficiência é limitação e diferença (Fig. 44) ela pode ser apenas mais um atributo identitário, conforme o próximo exemplo (Fig. 45) nos sugere. Seria um atributo relacionado ao físico, em uma *mise en scène* de visibilidade oscilante, que não chega a sair de cena, mas sabiamente sabe esquivar-se, como a jogar o *esconde-esconde* com os demais. E ganha contornos invisíveis, quando necessário. De alguma maneira, a deficiência é transgressiva e se deixa despír, se desejado. É também referendada pela *doxa*, afinal, o conhecimento popular permite julgamentos negativos e positivos a partir de consciências identitárias e suas alteridades.

Figura 45: Deficiência: torta de limões




Fonte: Dados da pesquisa.

Vemos a presença da subversão (Fig. 45) de um ditado popular, que associa a atitude positiva de uma pessoa que ganhou limões e conseguiu fazer uma limonada: “a vida me deu limões e, com eles, fiz uma torta”. A voluntária estabelece um contrato de autoajuda com a sociedade, baseado na visão da resiliência ou a capacidade de o indivíduo ocupar-se, com naturalidade e leveza dos problemas ao superar obstáculos.

A condição humana para cumprir com naturalidade o ciclo da vida, em todas as suas etapas, chamou a atenção de teóricos como Bakhtin, que a tratou e a abordou na perspectiva de “vida-crescimento-morte-renascimento”, como nos lembra Machado (2013b, p. 02): “[...] atos do drama corporal: comer, beber, as necessidades naturais [...], o acasalamento, a gravidez, o parto, o crescimento, a velhice, as doenças, a morte, [...] a absorção do corpo morto por outro corpo”, para chegar à conclusão de que “o começo e o fim da vida estão indissociavelmente imbricados”.

Por meio de exemplos pragmáticos da vida cotidiana, uma das voluntárias da nossa investigação registra, no exemplo a seguir, algumas dessas etapas da primeira infância do filho, que tem Síndrome de Down, e as compara com outras crianças.

Figura 46: Deficiência: superação de obstáculos no ciclo de vida



Karina Icasatti

Deficiência no caso do meu pequeno é não conseguir sentar sem apoio e com isso não conseguir ajoelhar, engatinhar e andar. Gabriel vai completar dois anos e ainda não consegue segurar o tronco sozinho. É ter que fazer adaptações para não ficar no colo o tempo todo. É superar a cada dia os obstáculos. É ter terapias todos os dias. É lidar com a frustração de que terá seu desenvolvimento atrasado ou limitado, é saber que o tempo dele é diferente. É não saber o que vem pela frente e quais as consequências dessa deficiência. Hoje a deficiência do Gabriel é física, é limitadora do desenvolvimento. Ainda existe a deficiência mental que vem com a síndrome de Down, mas essa ainda não percebi. Até hoje não enxerguei em meu filho uma deficiência mental ou intelectual. Ainda é pequenino e para mim como qualquer outra criança.

Fonte: Dados da pesquisa.

Imaginários sociodiscursivos, como o registrado, estariam relacionados a um conjunto coerente de *saberes compartilhados*, como afirmamos, que vai sendo constituído, muitas

vezes, inconscientemente por indivíduos de certo grupo social ao longo dos anos e por longos períodos, estabelecendo um elo com o passado, que talvez contribua, por sua vez, por meio dos *efeitos de reconhecimento retrospectivo* (AUGÉ, 1994), para a vinculação do sujeito à história e à coletividade.

O imaginário da modernidade, por seu turno, marca e diferencia a deficiência intelectual tendo em vista a valorização da racionalidade, segundo uma das voluntárias da nossa pesquisa (Fig. 47).

Figura 47: Deficiência intelectual: estigma



Tatiana Cristina da Silva

Atualmente, as deficiências, de um modo geral, têm sido o foco das discussões acerca da inclusão. A deficiência intelectual, mas especificamente, compõe um desafio ao se pensar o contexto em que vivemos, no qual a “racionalidade” é a maior habilidade do homem moderno. A ciência, que avança na compreensão das deficiências, também produz estigmas que as tornam subjugadas diante de um saber padronizado. As padronizações são focadas em uma lógica, na qual, as diferenças não são valorizadas e a compreensão das mesmas é, muitas das vezes, uma maneira socialmente aceita de se excluir. De um modo geral, o preconceito e o estigma social que tutelam e infantilizam a pessoa com deficiência intelectual, nos impedem de observar os pontos que envolvem a subjetividade da pessoa com deficiência, em relação a forma como interage e convive em seu meio social. Nesse sentido, entendo a deficiência como um aspecto importante para se romper barreiras, barreiras essas que tornam nossa sociedade deficiente em vislumbrar potencialidade na diferença, que não compreende que as peculiaridades de ser é o que enriquece as relações e que nos tornam humanos.

Fonte: Dados da pesquisa.

O preconceito e o estigma acompanhariam as PcDs, que se veriam diante de barreiras metafóricas no campo da exclusão (Fig. 47). No jogo entre semelhança e diferença a sociedade se tornaria igualmente “deficiente”, na medida em que não consegue vislumbrar a valorização das subjetividades e o enriquecimento das relações humanas. Percebe-se, no exemplo supracitado, uma ligação entre os saberes de conhecimento e as vivências - uma representação da realidade apoiada em informações e conhecimentos, mas sem dissociar-se da vida cotidiana.

A percepção e a admissão da diferença do outro contribuem para o surgimento da consciência

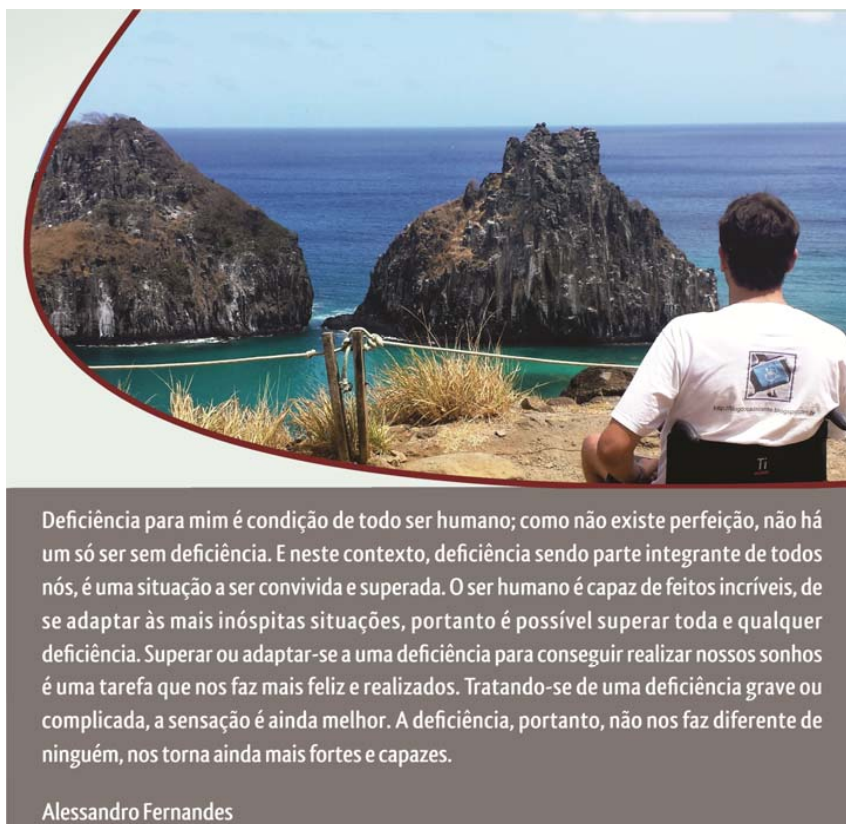
identitária dos sujeitos. Reside aí o surgimento do *princípio da alteridade*, que está na proporcionalidade da consciência de si e da consciência do outro constituída, cada uma, nas trocas sociais e linguageiras (CHARAUDEAU, 2009a).

Dois princípios, sobre os quais já estamos tratando a partir dos exemplos, conectam a alteridade, a semelhança e a diferença. Para a existência dessa relação é necessário que os sujeitos compartilhem, nem que seja minimamente, motivações, finalidades e intenções. Por outro lado, os papéis desempenhados pelos sujeitos dão a eles a singularidade que diferencia, em outra escala, as mesmas motivações, finalidades e intenções. Cada um, para tomar consciência de sua existência, precisaria do outro em sua diferença. Mas, paradoxalmente, desconfiaria deste outro.

Viria da relação descrita, a necessidade de rejeição ou de semelhança, em uma tentativa de eliminar ou minimizar a diferença (CHARAUDEAU, 2009a). O teórico nos alerta, ainda, para a complexidade do imbricamento entre a identidade, a semelhança e a diferença. A rejeição implicaria em não ter mais a diferença a partir da qual a identidade se constitui. A semelhança, por seu turno, minimiza a consciência identitária, pois a mesma depende da diferença para se estabelecer. Nesse jogo sutil e necessário entre os opostos - aceitação/rejeição, valorização/desvalorização - que se atraem e precisam um do outro, vai sendo criada naturalmente uma regulação social. Podemos dizer que seja um equilíbrio necessário entre os indivíduos, as identidades, as consciências identitárias e o viver em sociedade.

Nesse jogo da regulação social, pode surgir uma percepção de que a deficiência é universal, como percebemos no imaginário de um dos colaboradores da nossa pesquisa.

Figura 48: Deficiência: condição humana



Fonte: Dados da pesquisa.

Na medida em que este sujeito comunicativo (Fig. 48) universaliza essa condição, ele estaria mitigando a singularidade e reafirmando a negação da diferença em relação aos outros. O jogo entre a perfeição e a imperfeição, presente nos verbetes dos dicionários, sustenta o argumento de que a deficiência é parte de todos nós. Controversamente, os imaginários da adaptação e da superação surgem como uma necessidade diante de uma situação que desperta a ideia do inóspito, simbolizada pelo Morro Dois Irmãos, localizado em Fernando de Noronha. A sutileza da diferença e da semelhança é materializada em uma “obra” da natureza, de difícil acesso, isolada no meio do oceano em um dos destinos turísticos mais desejados do Brasil.

Para viver e se relacionar em sociedade, o sujeito falante desenvolve a sua identidade discursiva, que leva em consideração um duplo espaço de estratégias, de captação e de credibilidade. O sujeito busca respostas para dúvidas frequentes do ponto de vista da interação: como falar em determinada situação e como ser levado a sério. Assim, as atitudes discursivas vão sendo adotadas e adaptadas para dar conta de atingir os objetivos desejados ou pelo menos na tentativa de alcançá-los.

Charaudeau (2009a) categorizou as atitudes discursivas em pelo menos três grandes grupos: neutralidade (o sujeito apagaria julgamentos e avaliações pessoais do seu discurso), distanciamento (o sujeito adotaria uma atitude controlada, um raciocínio sem paixão, típico de alguns especialistas) e engajamento (o sujeito tomaria posição na escolha de argumentos ou de palavras, o falante seria um “ser de convicção”).

As atitudes discursivas podem estar relacionadas, por sua vez, ao preconceito, que como elas, é individual e manifesta-se social e discursivamente, na medida em que o preconceituoso teria uma propensão a desenvolver o preconceito sobre diversos objetos e condições. Esse fato provocaria o deslocamento de foco da vítima para quem exerce o preconceito. Seriam reações patêmicas de origens diversas. É importante dimensionar que o estereótipo é um dos elementos constitutivos do preconceito estabelecido em práticas culturais com altas exigências de definições, padrões e resultados precisos (CROCHIK, 2006).

A diferença, pensada em uma perspectiva que contempla a deficiência, mas não só ela incluiria ainda a cor, a raça, o gênero, a idade, a diversidade sexual, as crianças adotadas, as diversas minorias ou comunidades que buscam a igualdade de direitos e o reconhecimento de suas identidades. Entendemos que a diferença é vital para a condição humana; não se trata de patologia ou problema. Com Santos (2013a), a desigualdade cotidiana seria o não reconhecimento da diferença e a tentativa de atribuir-lhe valor:

É aquela oriunda das relações preconceituosas e discriminatórias que a sociedade estabelece com as diferenças. É aquela que estabelece valores diferenciados entre os seres humanos, em geral, fundamentados pelo que têm. É aquela, fruto de uma relação hierarquizada entre pessoas, que as classificam, conforme suas posses e suas forças políticas, como ‘valendo e merecendo mais’, ou ‘valendo e merecendo menos’. (SANTOS, 2013a, p. 20).

Como se estabeleceria, então, a relação entre igualdade e desigualdade? E mais, entre igualdade e diferença do ponto de vista do discurso dos direitos e garantias fundamentais do indivíduo? A famosa reflexão do professor Boaventura de Souza Santos sobre igualdade e diferença nos aponta algumas pistas para instigar ainda mais a busca pela reflexão:

Temos o direito de ser iguais quando a nossa diferença nos inferioriza; e temos o direito de ser diferentes quando a nossa igualdade nos descaracteriza. Daí a necessidade de uma igualdade que reconheça as diferenças e de uma diferença que não produza, alimente ou reproduza as desigualdades. (SANTOS, 2003, p. 56).

O respeito à diversidade está diretamente relacionado ao exercício da cidadania, ou seja, um olhar respeitoso para a diferença permite a igualdade de direitos e a inclusão plena dos sujeitos, com a constituição e a preservação de suas identidades no ambiente educacional e na sociedade. Esse exercício se constitui e se consolida, muitas vezes, por meio do discurso da diferença e da igualdade e vice-versa, como nos mostra a enunciativa deste caso (Fig. 49).

Figura 49: Deficiência: cidadania



Fonte: Dados da pesquisa.

O sujeito enunciativo (Fig. 49), sem dúvida, demonstra, aqui, o engajamento como atitude discursiva, e reforça, com encenação da vida cotidiana, a defesa dos seus direitos básicos.

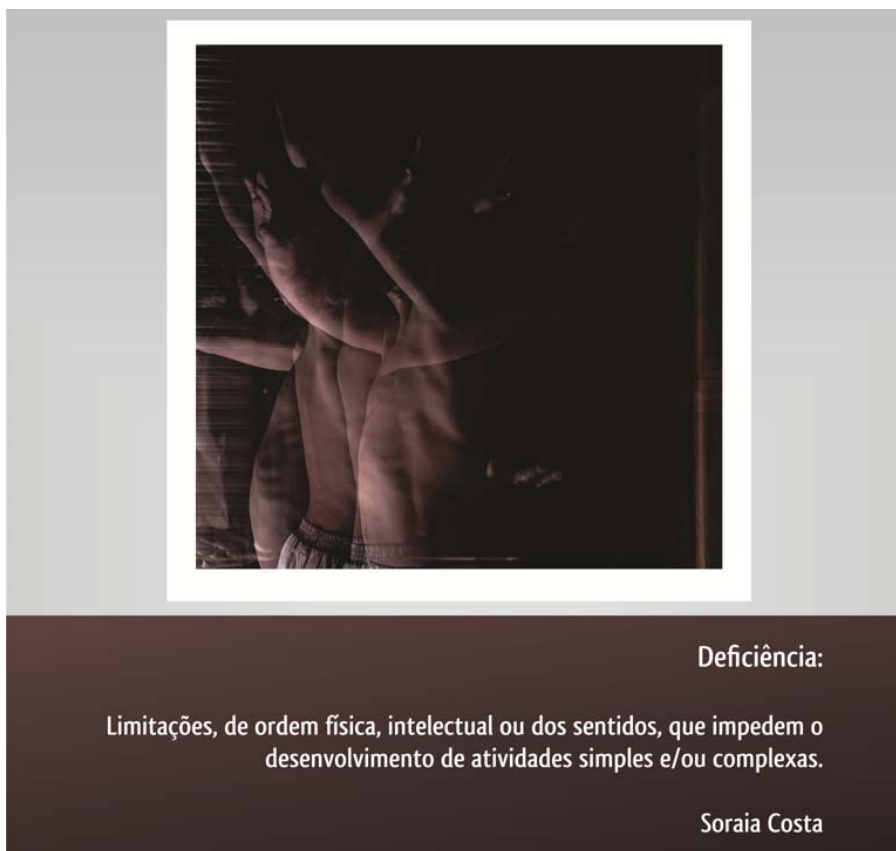
Antes de perceber a diferença do outro, nós tomamos consciência do nosso existir e do nosso lugar social, que se constituem em reflexos múltiplos e recíprocos em um espelho social individual – e, por consequência, em uma rede social. Essas imagens, a princípio, restritas a um indivíduo e às suas relações com o outro, se vêem ampliadas de um universo particular para outro bem mais amplo, a coletividade.

Para pensarmos juntos: O olhar para si mesmo e o olhar para o outro. O olhar de si e o olhar do outro. O olhar do outro sobre ele próprio. O olhar do outro sobre você. E muitos outros olhares que não somos capazes de enumerar. E ainda: A representação de si e a representação do outro. A representação do outro sobre ele próprio. A representação do outro sobre você. E muitas outras representações que não somos capazes de supor. E nessa perspectiva, as inúmeras encenações resultantes dos encontros sociais.

A partir do imbricamento desses olhares e possíveis representações os grupos sociais se sentiriam encorajados a falar e a emitir julgamentos, sempre tomando como referência a própria existência e a percepção que criamos com e a partir dos múltiplos imaginários. A descoberta da diferença ou das diferenças em si próprio provocaria em nós a desconstrução do imaginário completo, perfeito ou acabado. A nossa identidade estaria, assim, ameaçada, desencadeando o que Charaudeau (2008b) considera duplo movimento de atração e de rejeição em relação ao outro. E nós acrescentamos em direção à própria diferença. Se o olhar para o outro nos despertou para a diferença, movimentos de aproximação, de reconhecimento, de negação e de rejeição se dariam também em direção a ela, que se tornaria protagonista e antagonista da discursividade dos sujeitos e de suas práticas sociais.

A nosso ver, o imaginário da tradição sustentaria, nos dias atuais, barreiras atitudinais e físicas que impediriam as PcDs de acessar as mesmas condições das demais pessoas. Estar em uma condição diferenciada de desenvolvimento natural do ser humano é também estar em desvantagem no que diz respeito à autonomia, caso o imaginário da tradição justifique a permanência dessas barreiras ou, em outras palavras, de limitações.

Figura 50: Deficiência: limitações



Fonte: Dados da pesquisa.

Se a deficiência é constituída por limitações (Fig. 50), ela pode estar associada também, paradoxalmente, a representações do desafio, como no próximo caso.

Figura 51: Deficiência: desafio e ajuda



Fonte: Dados da pesquisa.

Para esse colaborador da nossa pesquisa (Fig. 51), a deficiência se apresenta como desafio por impor limitações e, ao mesmo tempo, uma ajuda para a socialização. Aliás, um pedido de ajuda contribuiria para despertar a semelhança e promover simultaneamente o apagamento da diferença nas relações sociais.

E se, para acessar esse mundo social, no qual circulam semelhança e diferença, é necessário ter imaginação; transgredir-se a realidade. Essa parece ser a representação de uma das colaboradoras da pesquisa, que se apresenta sob a máscara de um personagem, uma boneca.

Figura 52: Deficiência: condição diferente



Fonte: Dados da pesquisa.

Sob o avatar de Valentina ou Tina Descolada¹²⁹ (Fig. 52), uma profissional especializada em psicomotricidade relacional e educação infantil discute inclusão a partir das representações de realidade e de imaginação.

No imaginário da modernidade¹³⁰, o segundo apontado por Charaudeau, identifica-se a maneira como um grupo percebe o instante presente e, no geral, apresenta valor positivo em relação às representações do passado. A sociedade seria responsável por ela mesma.

¹²⁹ Valentina é uma jovem cadeirante descolada, que vive de bem com a vida. Gosta de passear e às vezes frequenta lugares inesperados, até por pessoas que não possuem uma mobilidade reduzida. Quando encontra barreira internas e externas, Tina não se inibe em pedir ajuda de uma "mão amiga" para superá-las. Ao mesmo tempo, estimula pessoas com deficiência a fazer valer o direito a um mundo acessível, de acordo com o conceito de Desenho Universal. Seu lema: Rodas pra que te quero? Vamos desvendar aos poucos a história dessa jovem? Nota: A personagem Tina descolada foi criada a partir da boneca "Share a Smile Becky" do fabricante Mattel, com o objetivo de colaborar com o processo de inclusão social.

¹³⁰ Charaudeau (2011) não usa modernidade como época da história da Europa que se opõe à Antiguidade nem como o sentido da Revolução Francesa com a queda da soberania monárquica e ascensão de populares. Também não se aplica o sentido de desenvolvimento industrial.

Evidencia-se o discurso da regulação controlada: dominantes (produtores de riqueza) dominados (executantes ou explorados) na lógica econômica. A tecnologia é um dos componentes de um discurso cuja representação social evoca a técnica a partir de uma abordagem valorativa. Se exagerada a Modernidade pode ter desvios como o economicismo e o tecnologismo.

Já no imaginário da soberania popular, tem lugar o desenvolvimento do mito da democracia em um mundo atual ou em construção no qual o povo é responsável pelo seu bem-estar. O povo seria uma entidade abstrata da razão, como se houvesse uma opinião consensual coletiva, fruto de uma deliberação nos mesmos moldes. São comuns os discursos de direito à identidade (o *eu* individual versus o *eu* coletivo: grupos sociais coexistem com outros em suas relações de inferioridade ou de superioridade), igualitarismo (apagamento de certas diferenças entre indivíduos que vivem em uma comunidade no que diz respeito à identidade e à possível ação em relação às instâncias que os governam), e solidariedade (necessidade de trabalhar para promover a igualdade cidadã).

O direito à identidade e à singularidade, bem como os atributos de cada um, compõem o conjunto de fios do dispositivo deficiência de uma das colaboradoras da nossa pesquisa, no exemplo a seguir. Apoiada em uma definição da Organização Mundial de Saúde (OMS), uma fonte especializada que detém autoridade e credibilidade sobre o assunto, a voluntária reúne a esse saber de conhecimento traços do imaginário da soberania.

Figura 53: Deficiência: singularidade e atributos



Fonte: Dados da pesquisa

Percebemos, neste caso (Fig. 53), o apagamento das diferenças, como nos enunciados a seguir: “**Cada ser é único**. Se alguém possui uma **deficiência essa é apenas** mais uma das diversas características que a pessoa tem”. Além desse apagamento, percebe-se a convicção de que o povo é responsável pelo seu próprio bem-estar e o ideal da solidariedade a partir do qual se trabalha para promover a igualdade cidadã, como no enunciado: “O papel de nós pais é preparar o filho para o mundo, e no caso de se ter filhos com deficiência **o papel é muito maior: preparar o mundo para eles!**”.

Esses três grandes grupos de imaginários, tradição, modernidade e soberania, associados a diversas outras categorias da vida cotidiana, dão origem a outros imaginários de grupos ou comunidades específicas, que são projetados em uma diversidade de encenações.

4.5 Considerações finais

Após acompanharmos algumas representações sobre a deficiência e circulações possíveis nas RSDs, apresentaremos, no último capítulo desta tese, a seguir, mais relações entre os dispositivos de encenação da deficiência e das redes sociais digitais, que constituem a estética da diferença.

DEFICIÊNCIA E REDES SOCIAIS DIGITAIS EM
MISE EN SCÈNE

5 DEFICIÊNCIA E REDES SOCIAIS DIGITAIS EM *MISE EN SCÈNE*

5.1 Fios iniciais

O presente capítulo reflete sobre algumas encenações sobre a deficiência nas RSDs nas quais as PcDs são protagonistas de roteiros sobre a própria deficiência. A contribuição da tecnologia e a formação de redes de compartilhamento, colocam a deficiência em conexão com as RSDs, dando origem à estética da diferença.

5.2 Encenações em redes

A definição de memória é sempre um enorme desafio. Para nós, nessa investigação, ela será tomada como um patrimônio imaterial, que reúne um conjunto de documentos, objetos, relações e lembranças que contribuem para efeitos de sentidos. A extensão da nossa memória na Internet reuniria pelo menos dois tipos de traços que contribuiriam para a sua compreensão: os traços explícitos e os implícitos (ERTZSCHEID; GALLETOT; SIMONNOT, 2013). Nos primeiros podemos incluir textos escritos, imagens, postagens em blogues, *tweets*, *hashtags*, entre outros registros que visem transmitir informações ou opiniões, por exemplo, no espaço digital. Já os segundos são um pouco mais delicados para se identificar e estariam mais afeitos ao campo das encenações. Seriam pistas deixadas pelo usuário. Ele se valeria dos recursos das próprias redes sociais para manifestar os seus gostos, concordância ou discordância com determinada postagem ou tema, como os botões de curtir do *Facebook* ou *retweetar* do *Twitter*.

É também por meio da memória que resgatamos os nossos saberes de conhecimento e de crença e os ressignificamos para nomear, rotular e julgar o outro, ou seja, para projetar imaginários sociodiscursivos envolvidos na *mise en scène* da linguagem. Para ilustrar brevemente como algumas encenações sobre a deficiência circulam pelas RSDs, em situações diversas, destacamos, de nossos levantamentos descritos na Etapa 1 dos procedimentos de pesquisa, alguns fragmentos de blogues, *Facebook* e *Twitter* que tiveram ampla repercussão nas próprias redes sociais em conexão com as RSDs por nós observadas.

Aliás, é cada vez mais frequente as RSDs pautarem a chamada grande mídia, gerando novas encenações. A repercussão do que se passa nas redes quase sempre tem lugar garantido em grandes veículos de comunicação. A maioria dos casos polêmicos envolve pessoas famosas se relacionando, pelas redes, com anônimos, que usam os mesmos meios para falar diretamente com essas pessoas conhecidas e com a sociedade. Esses fragmentos dão conta da memória e da herança discursiva que povoam algumas encenações envolvendo a deficiência. Percebemos que estas encenações estão presentes em situações diversas na sociedade e são publicizadas provocando reações inesperadas. Por conta disso, em algumas situações, as pessoas famosas acabam se tornando comuns, por alguns momentos, e sentem necessidade de tentar se explicar melhor ou de uma retratação pública.

Nos últimos anos o avanço e a ampliação da luta contra a desigualdade são notórios. As comunidades, organizadas em entidades ou não, têm obtido conquistas importantes de direitos não reconhecidos até muito recentemente. Mas os interesses conflitantes da sociedade, relacionados à economia e às classes sociais, fazem com que o debate da desigualdade se estabeleça e se sustente na dominação daqueles considerados mais frágeis (CROCHIK, 2006).

Se por um lado o clima geral contra o preconceito se fortaleceu, paradoxalmente, as suas formas mais sutis vêm se desenvolvendo e ganhando novas dimensões e formas de manifestação. Esses mecanismos de preconceito podem ter lugar na própria dificuldade de se delimitar fronteiras tênues entre a igualdade e a diferença e, ainda, em limites como a liberdade de sentimento, de opinião e de expressão e os constrangimentos sociais decorrentes dessa mesma liberdade. E, mais ainda, a complexidade do conceito estaria relacionada à nossa própria vida e à dificuldade de refletir sobre eles. Em tese, igualdade, liberdade e cidadania seriam princípios norteadores da emancipação da vida social, reconhecidos amplamente. Nesse sentido, a exclusão e a desigualdade não deveriam ser percebidas como normalidade e, sim, justificadas como exceção de um processo social (SANTOS, 1999).

No mundo das representações e das encenações a identidade possui ao mesmo tempo o seu primado e a sua falência. O pensamento moderno nasce, em suas muitas dimensões, também da falência das representações com a proliferação dos simulacros e suas identidades simuladas. Em outras palavras, identidades seriam produzidas como em um efeito óptico de um jogo entre a diferença e a repetição. Nessa *mise em scène* cujos protagonistas são diferença e repetição, cristalizam-se estereótipos que, por sua vez, podem alimentar

representações preconceituosas:

Nossa vida moderna é tal que, encontrando-nos diante das repetições mais mecânicas, mais estereotipadas, fora de nós e em nós, não cessamos de extrair delas pequenas diferenças, variantes e modificações. Inversamente, repetições secretas, disfarçadas e ocultas, animadas pelo deslocamento perpétuo de uma diferença, restituem em nós e fora de nós repetições nuas, mecânicas e estereotipadas. No simulacro, a repetição já incide sobre repetições e a diferença já incide sobre diferenças. São repetições que se repetem e é o diferenciante que se diferencia. (DELEUZE, 2000, p. 8).

A encenação das repetições óbvias e visíveis oscila com a das dissimuladas e encobertas em um ir e vir sobre o qual os sujeitos não têm muito controle nem reflexão. Em geral nesse jogo prevalecem os estereótipos, que vão sendo repetidos à exaustão. A nosso ver faz parte do jogo social projetar representações comumente aceitas e repetir sem se importar evitando-se, assim, que seja possível uma revisão de repetições perpetuadas, com adaptações sutis, por mero comodismo. A diferenciação ficaria mais evidente com essas representações reproduzidas na medida em que vai sendo criado um lugar de convicção social. Em outras palavras, acentuam-se repetições e diferenças automatizadas.

A palavra “retardado”, por exemplo, continua em uso, na maioria das vezes, como ofensa a alguém. O sentido genérico do termo é comumente aplicado em analogia às pessoas que não pensam¹³¹ como a maioria. Com Paveau (2013a) nos perguntamos se existe uma ética das virtudes discursivas ou uma dimensão moral dos enunciados ora perceptível na interação face a face entre os sujeitos ora na relação dos sujeitos com o ambiente e os valores que ele tem do mundo, como a sinceridade, a tolerância, o respeito, entre outros, que seriam objeto de negociação permanente entre grupos e sociedade em geral.

Vamos a alguns exemplos que podem nos ajudar a compreender um pouco melhor esse cenário discursivo. Uma página no *Facebook*, que se apresenta como a página do programa *TV Xuxa*, publicou uma postagem chamando o público para deixar de assistir o canal concorrente e passar a ver o início do programa. Ao convocar os telespectadores a postagem utilizou o termo *retardado* para falar com pessoas que assistem a outra programação, conforme a imagem a seguir.

¹³¹ Ver nos Anexos desse trabalho pesquisa por nós realizada sobre alguns termos que estão dicionarizados para se referir à pessoa com deficiência.

Figura 54: Telespectadores da concorrência como retardados



Fonte: Facebook TV Xuxa.¹³²

Os comentários na sequência da postagem apontam para pelo menos dois tipos de efeitos de sentido, de acordo com as reações registradas pelos próprios usuários, para a *mise en scène* proposta pelo *TV Xuxa*: cômicos e dramáticos que, em um primeiro momento seriam antagonônicos. Parte dos usuários teria achado engraçado o enunciado e a outra parte teria se irritado, preferindo devolver o xingamento. Aqueles para os quais a postagem teve efeitos de sentido de gozação ou de piada a resposta foi a sequência *kkkkkkkk*, uma onomatopeia símbolo da risada em RSDs, como o *Facebook*. Em outros, o efeito de sentido negativo, como ofensa ou violência verbal, a reação foi usar estratégia semelhante, como se *pagasse na mesma moeda*, para mencionar uma expressão popular.

Para termos ideia sobre a circulação de *retardado* nas RSDs recorremos ao exemplo da campanha “R-word – Spread the word to end the word”, em tradução livre seria algo “Palavra que começa com R – Espalhe a ideia para acabar com essa palavra”. A finalidade da campanha é acabar com o uso do termo retardado, *retard*, em inglês, associado a pessoas com deficiência intelectual, em seu sentido ofensivo.

¹³² Disponível em: <https://www.facebook.com/TVXuxa/posts/468359989868938?stream_ref=5>.

Figura 55: Campanha pelo fim do uso de retardado



Fonte: End the word.¹³³

Na apresentação da página (Fig. 55) nas RSDs, uma encenação que envolve vários atores em um alerta sobre a linguagem que afeta atitudes, as atitudes que afetam ações. E um pedido para que as pessoas façam um compromisso para usar uma linguagem respeitosa com as demais, conforme podemos perceber na lateral esquerda da imagem supracitada.

O uso de determinadas expressões relacionadas a síndromes e/ou deficiências para temáticas diversas, como a ofensa, pode ser encontrado facilmente em uma busca no *Google*. “Autismo”, por exemplo, é quase sempre associado a alguém que vive em seu próprio mundo, distante daquele que seria considerado um mundo real das outras pessoas, por vezes associado a atacar alguém. O termo está dicionarizado, tendo surgido em 1942 para uso da psiquiatria no seguinte sentido: “Polarização privilegiada do mundo dos pensamentos, das representações e sentimentos pessoais, com perda, em maior ou menor grau da relação com os dados e as exigências do mundo circundante” (HOUAISS; VILLAR, 2009, p. 223).

Vejamos um exemplo do protagonismo do autismo. No caso a seguir, o jornalista utiliza uma

¹³³ Disponível em: <<https://www.facebook.com/EndtheWord>>.

hashtag #autistanacopa para marcar vários textos que falam sobre o futebol, tema central das postagens. Nos textos não há referências ou menções diretas ao autismo. Aliás, não aparecem a palavra autismo e outras a ela relacionadas, mas a *tag* está presente em praticamente todas as postagens, como mostra a Figura 56.

Figura 56: Autista na copa



Fonte: Blog de Bola.¹³⁴

Em um refinamento da nossa busca dentro do próprio blogue citado encontramos o nome do jogador argentino Messi em todas as postagens etiquetadas como *autista na copa*. A partir daí fizemos nova busca no *Google* utilizando a combinação Messi + *autista* e para a qual obtivemos aproximadamente 359.000 resultados (0,29 segundos)¹³⁵. Na nossa interpretação o jornalista utiliza um jogo entre o explícito e o implícito, típico dos atos de linguagem, em uma articulação com conteúdo e ferramentas de busca.

O blogue estaria em busca de popularidade; por isso apresenta uma *mise en scène* cuja finalidade é uma tentativa de relacionar implicitamente o discurso das postagens a temas que tenham alto índice de procura nos motores de busca. Estaria se valendo de informações prévias de que o jogador teria Síndrome de Asperger, considerada como uma das formas

¹³⁴ Disponível em: <<http://www.blogdebola.com.br/?s=autista>>.

¹³⁵ A nova pesquisa no *Google* foi realizada no dia 19.01.2014. Grande parte dos resultados encontrados que conseguimos acessar pode ser dividida em *sites* de esportes e *sites* e blogues que têm o autismo como temática central.

manifestas de autismo e inclui todas as postagens com o seu nome na etiqueta *autista na copa* independentemente de ter qualquer relação com o tema *autismo*.

Em mais um exemplo de circulação de encenações, registramos o caso da música “Jodeci Freestyle”¹³⁶ produzida em parceria por dois *rappers*. A letra da canção chamou a atenção para o uso de *retardado* e *autista* na mesma estrofe, para se referir aos supostos desafetos dos autores, também chamados de *niggas*, que é considerado por muitos como uma palavra de cunho preconceituoso. Significaria *negão* e também pode ter o sentido de *mano*, aparecendo com frequência nas letras de músicas dos estilos *hip hop* e *rap*.

Em síntese, os *rappers* usaram *autista* e *retardado* como ofensa aos negros, reunindo em uma música duas representações pejorativas para as PcDs e associando-as a uma terceira representação estereotipada para a comunidade negra. O mal-estar provocado pela escolha levou os músicos a uma *mise en scène* pública cuja finalidade foi um pedido de desculpas. Em seu blogue¹³⁷, um dos *rappers* afirmou reconhecer que não devem ser feitos comentários maldosos sobre pessoas com autismo. Disse ainda que pretende pesquisar mais sobre o tema e vai retirar os versos da canção.

Assim como o exemplo supracitado outras encenações podem ser objeto de controvérsia nas RSDs. O jornalista Jairo Marques, que mantém o blogue *Assim como Você* no jornal *Folha de São Paulo*, denomina as *peessoas com deficiência* como *malacabados*, incluindo ele próprio, em todas as suas postagens. Um fragmento do blogue exemplifica a ocorrência do termo:

Por razões de segurança, só podem circular no barato sete *malacabados* em cada giro. Como eram Paraolimpíadas, o que mais havia em Londres naqueles dias eram pessoas sem braço, sem perna, prejudicadas das pernas [...] logo, eu só teria espaço dali a duas horas.¹³⁸

Note-se no fragmento supracitado o estilo escrachado utilizado pelo jornalista e o uso da expressão *malacabados* para substituir pessoas com deficiência, entre outros termos, usados em documentos oficiais de órgãos governamentais e pela sociedade em geral. Chamamos a atenção, ainda, para a grafia escolhida pelo autor para mal-acabados. Sem o hífen e entre

¹³⁶ Disponível em: <<http://www.vagalume.com.br/drake/jodeci-freestyle-feat-j-cole.html>>. Go check the numbers dummy, that's just me gettin' started. I'm artistic, you niggas is autistic, retarded. Started, hold your applause. Who gives a poker face when you jokers showed me your cards?

¹³⁷ Disponível em: <<http://www.dreamvillain.net/blog/>>.

¹³⁸ Disponível em: <<http://assimcomovoce.blogfolha.uol.com.br/2013/02/04/emergencias-e-malacabados/>>.

aspas simples *malacabados* – palavra que subverte a norma culta da Língua Portuguesa, que é mal-acabado. Ele destaca a palavra e, simultaneamente, cria um termo próprio, singular, mencionado diversas vezes ao longo do texto completo e nas demais postagens do blogue.

Podemos considerar que *malacabados* faz parte da *mise en scène* do blogue que, a princípio, teria como finalidade despertar a atenção da sociedade para o respeito à pessoa com deficiência e conscientizar sobre os seus direitos. Mas esse projeto está bem entendido pelos leitores? Eles compreenderão, concordarão e aderirão ao contrato de comunicação e à encenação propostos pelo blogue? Na postagem em análise foram feitos 43 comentários de leitores. Desse total, apenas uma pessoa questionou o uso de *malacabados*. Os demais ficaram restritos ao tema da segurança, aos acidentes em locais públicos e as regras e cuidados necessários para o salvamento de PcD.

O jornalista em questão, a nosso ver, se valeria de um termo com carga emocional forte como parte de sua estratégia de captação do leitor. A ironia e o humor, uma maneira excêntrica e ousada, pouco comum no espaço jornalístico, mas com ampla divulgação nas RSDs, possibilitaria efeitos de sentido que quebrariam tabus na representação das PcDs.

Com o intuito de nos ajudar nessa análise das representações e das encenações, retomamos o verbete mal-acabado, abordado nesse capítulo, agora pelo viés dos dicionários. Encontramos todos os sinônimos com apelo negativo, como desajeitado, desengonçado, malfeito, grosseiro, irregular, mal-apresentado, mal-arranjado, ordinário, porco e tosco, entre outros. *Mal-acabados* seriam indivíduos esquipáticos ou malfeitos de corpo, o que, a princípio, poderia causar certo desconforto nos leitores. Afinal, em um momento no qual se tenta privilegiar uma linguagem livre de estereótipos do ponto de vista dos direitos do cidadão com deficiência, o jornalista optou por escolher uma estratégia de captação com o uso de palavras que podem chocar ou podem provocar reflexão. O jornalista, a nosso ver, estaria brincando com a linguagem em analogia à própria estereotipagem das PcDs, a exemplo do que pensou Carlos Drummond de Andrade no poema Aula de Português: “Figuras de gramática, esquipáticas, atropelam-me, aturdem-me, sequestram-me”.

Apesar de associarmos *mal-acabado* imediatamente a um julgamento, ou seja, uma palavra que acrescentaria qualidade, estado ou atributo a uma pessoa, no blogue, no entanto, *mal-acabado* ganha a força de sujeito. Ele seria o sujeito que age, pensa, enfrenta situações

cotidianas e reivindica. Seria um sujeito que chama para si uma carga da diferença explicitada, que assumiria a sua condição de deficiência.

Mas quem estaria legitimado a chamar as pessoas com deficiência de *mal-acabadas*? O estatuto institucional do sujeito comunicante lhe permitiria o uso dessa estratégia? Um jornalista, vítima de paralisia infantil, cadeirante, com o blogue hospedado em um grande portal noticioso, teria condições de protagonizar a *mise en scène* que, em outra situação e posição social, poderia ser mal sucedida. Por isso, ele estaria apto a falar sobre deficiência com um discurso extrovertido e incomum – entendendo essa habilidade como estratégia de credibilidade – e por que não dizer, um discurso transgressivo.

Ainda na reflexão sobre *malacabado* e tendo em mente a ideia de circulação em rede, decidimos fazer uma consulta informal a dez colegas do Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos (Poslin)¹³⁹. A consulta, inspirada em Mendes (2004), foi aplicada via *e-mail* e visa a coleta de possíveis interpretativos de pessoas que, em tese, não estariam relacionadas ao tema da deficiência, e que poderiam ler os textos do blogue. Esclarecemos que não temos a pretensão de realizar uma pesquisa quantitativa. Nossa intenção foi buscar auxílio em um experimento desprezencioso. Foi solicitado aos estudantes que respondessem livremente sobre a impressão que tiveram ao ler o termo *malacabado*.

Um dos estudantes consultados disse que: “Trata-se de um juízo de valor pejorativo ligado ao tema deficiência, esse peso negativo cresce”. Outro estudante respondeu que: “Faz parte do ‘tom’ que o blogueiro quer dar a seu discurso, uma espécie de leveza e de “rir da própria desgraça. Não sei se esse tipo de tom contribuiria para cumprir o objetivo do blogue de conscientizar sobre a deficiência”.

Nesta RSD do exemplo supracitado, *malacabados* seria considerada, a nosso ver, uma expressão de cunho levemente carinhoso e provocativo. Simultaneamente, revelaria uma encenação cuja finalidade seria despertar a negação de pena, dó ou comiseração das pessoas com deficiência. O idealizador e editor do blogue, Jairo Marques, disse, em entrevista para esta pesquisa, ter feito a escolha dessa identidade discursiva, conscientemente para se referir a ele e às demais pessoas com deficiência. Ele admitiu já ter sido mal interpretado diversas vezes:

¹³⁹ Consulta realizada entre os dias 10 e 15 de junho de 2013.

O tema *deficiência* é cercado de estigmas, de coitadismos, de falsos moralismos e muito assistencialismo. Meu objetivo era mostrar aos leitores um caminho diferente e mais ousado para falar de nossas demandas. Não adianta atrair quem já sabe tudo sobre as necessidades e a realidade da pessoa com deficiência, é preciso atrair públicos distintos e a linguagem é fundamental nesse processo.¹⁴⁰

Encenações como a do caso anterior, que visam a normalidade, a igualdade e o combate ao preconceito para uma PcD são constituídas por algumas outras RSDs que pretendem combater a chamada “síndrome do coitadinho”.

No exemplo adiante, o sujeito se aproxima do leitor ao utilizar pronomes de primeira pessoa (eu e nós) para a sua própria identificação e de segunda pessoa (você) para se referir diretamente ao leitor. A aproximação e a pessoalidade criam uma atmosfera de intimidade e um tom confessional. Ele partilha histórias cotidianas com fragmentos de narrativa de vida, em uma *mise en scène*, como se estivesse em uma conversa em uma mesa de bar. Aliás, a propósito, a temática da postagem é mesmo a saída noturna e o cenário da encenação é uma casa noturna.

Figura 57: Parabéns por frequentar a balada



Fonte: Mão na Roda Blog.¹⁴¹

A informalidade com gírias (“balada”, “barai”, “numa boa”, “voar no pescoço”) nos indica o coloquialismo presente em toda a *mise en scène*. A qualificação, um elemento de semiotização do mundo na perspectiva charaudeana, se faz presente: “chato”, “fracos”,

¹⁴⁰ Entrevista realizada por e-mail, em 08.04.2013, exclusivamente para essa pesquisa.

¹⁴¹ Disponível em: <<http://maonarodablog.com.br/2014/09/11/parabens-nao-obrigado/>>.

“incapazes”. Associado a um contrato típico de artigos opinativos, cujo objetivo principal seria o combate ao preconceito e ao chamado coitadismo, está o efeito cômico. Apesar da temática delicada e do seu descontentamento, o sujeito busca uma *mise en scène* que o revele simpático para, então, fazer um desabafo com os leitores. A postagem mostra um cadeirante sorridente que encena a “extrema superação”, uma ironia para aqueles que pensam ser difícil uma PcD ir a um bar beber um chope, como ele próprio escreveu. E ao final, uma brincadeira típica da conversação oral com uma pergunta frequente, que já se tornou clichê nas próprias RSDs: “quantas curtidas ou quantos likes” merece o guerreiro? Guerreiro, por sua vez, tem efeitos de sentido de estereótipo, cristalizado para as PcDs que desempenham atividades consideradas muito difíceis por alguns.

A temática balada e preconceito contra a PcD é frequente nas RSDs. Vejamos outro caso: “Tudo bem o deficiente querer ir para a balada. Mas vir aqui fora e atrapalhar, aí já é demais”¹⁴². *O enunciado abre uma postagem* na qual a encenação é contrastante com o mencionado anteriormente. A PcD teria sido ofendida na balada e o blogueiro, que não é uma PcD nem tem blogue sobre essa temática, a chama de “super humano”. O motivo de ser “super humano” não é ir à balada, mas viver em uma cidade como São Paulo cuja acessibilidade não é ideal para cadeirantes. Ao abordar o tema, o blogueiro projeta o imaginário de um cidadão pouco consciente, que não se importa com a igualdade, a acessibilidade e a garantia dos direitos das PcDs:

Afim de contas, muitos de nós, cidadãos de bem, já se cansaram de serem molestados pela presença incômoda desse pessoal. Por que eles vêm perturbar meu senso estético? Por que eles têm que vir e me lembrar que este corpo que usamos é frágil e está sujeito a não funcionar como gostaríamos? Por que a cidade tem que gastar meus impostos para que esses aleijados saiam de casa e venham me perturbar com suas rodas sujas? Até as piadas do meu humorista preferido estão proibidas porque gozam da cara desse pessoal.¹⁴³ O politicamente correto me enoja. Cadê a minha liberdade de poder tripudiar essa gente? Eu, que sou perfeito.¹⁴⁴

E a qualificação pejorativa nessa mesma *mise en scène* vem por meio da própria palavra *deficiente*, que tem efeito de julgamento do autor do enunciado. Parece-nos comum a utilização de *deficiente* como xingamento tanto para quem desencadeia discursivamente o preconceito quanto para quem enuncia que o combate:

¹⁴² Disponível em: <<http://blogdosakamoto.blogosfera.uol.com.br/2013/01/09/deficiente-e-o-sujeito-que-se-acha-normal-e-exala-preconceito/>>.

¹⁴³ A postagem se refere ao humorista Rafinha Bastos cujas piadas foram analisadas na seção 4.2 desta tese.

¹⁴⁴ Disponível em: <<http://blogdosakamoto.blogosfera.uol.com.br/2013/01/09/deficiente-e-o-sujeito-que-se-acha-normal-e-exala-preconceito/>>.

[...] Deficiente é o frasista preconceituoso. Ele deve achar que garantir direitos iguais é todo mundo poder ter o mesmo espaço no fumódromo e não que todo mundo tenha acesso ao local. Deve achar que o cadeirante queria ter algum privilégio quando, em verdade, ele queria apenas poder fumar seu cigarro. Queria até sentir raiva do sujeito, seria mais fácil. Mas inútil. O que tem que ser feito é, com paciência, explicar que é feio falar e pensar esse tipo de coisa. E que o amiguinho sobre rodas tem direito a viver as mesmas coisas que ele. Assim, talvez, com muito amor e carinho, um dia, o menino possa crescer e aprender o que é viver em sociedade.¹⁴⁵

Retomando a encenação do “coitado”, o combate à síndrome de mesmo nome é abordada, no próximo caso (Fig. 58), a partir de outro viés, direcionado às PcDs com a projeção de uma *mise en scène* de luta e de combatividade do sujeito enunciador em tensão dialógica com a vitimização que se constituiria entre as próprias PcDs. O texto desta postagem apresenta elementos de um contrato informativo além de características de artigos opinativos. Há uma tentativa de quebra do distanciamento típico dos contratos mencionados com a informalidade do cumprimento (“olá”, “pessoal da paz”), o uso de pronomes de primeira pessoa (“eu”, “em minha opinião”) para a sua própria identificação e de segunda pessoa (“você”) ou ainda a interpelação direta do público (“leitor”). Busca constituir uma encenação na qual o blogueiro é conselheiro, por isso a abertura para momentos mais pessoais e de reconciliação com o leitor.

Figura 58: A síndrome do coitadinho



Fonte: Inclusão Diferente.¹⁴⁶

¹⁴⁵ Disponível em: <<http://blogdosakamoto.blogosfera.uol.com.br/2013/01/09/deficiente-e-o-sujeito-que-se-acha-normal-e-exala-preconceito/>>.

¹⁴⁶ A postagem completa pode ser conferida em: <<http://www.inclusaodiferente.net/2014/12/a-sindrome-do-coitadinho.html>>.

A postagem (Fig. 58) reúne embate e reconciliação, elementos típicos da agonística, naquela que seria não só uma luta individual, mas uma questão social mais ampla. Em alguns enunciados há tentativas de aproximação para justificar uma encenação na qual é constituído um *ethos* antipático, ríspido e impaciente. “Isso não é arrogância meus amigos, isso é sinceridade, uma coisa que cada vez mais estou aprendendo a desenvolver) –:”. Ou ainda: - “Agora eu vou falar o mais pesado de tudo. Não me leve a mal, mas eu preciso ser ríspido para falar de um tema como esse”.

O sujeito enunciativo no exemplo supracitado se vale de alguns questionamentos como estratégia de captação (“O que é a síndrome do coitadinho?”, “Sabe por quê?” “Por que as pessoas que se fazem de coitadinhos sofrem tanto?”) e ainda da qualificação positiva da postagem: [...] “o assunto dessa postagem é muito importante, Hoje eu vou falar de um tema inquietante e bastante questionador também”. O efeito de sentido acusatório é percebido em expressões **grifadas em letras maiúsculas e em negrito que, na linguagem das RSDs, são sinais de braveza e irritação, em uma demonstração de que o sujeito grita com o leitor** “VÍTIMA DAS CIRCUNSTÂNCIAS” e “SUGADORES DE ENERGIA”.

A ambiguidade identitária do militante à qual se refere Charaudeau (2011) sobre o modo de ação dos militantes pode ser percebida no deslocamento do “dizer é fazer” para o “fazer é dizer” em atos performativos, retirados da mesma postagem (Fig. 58) e mencionados a seguir:

Se alguém quiser esperar de mim uma alguma coisa que não posso fazer vai esperar sentado, porque não vou fazer nada;
Eu procuro de várias formas diferentes nutrir bons pensamentos;
Eu já comprovei por fatos que se você se distancia de um coitadinho ele vai pouco a pouco começar a refletir sobre a sua vida.¹⁴⁷

E, por fim, sobre o caso em questão (Fig. 58), a seriedade do discurso contrasta com a imagem de Hardy, uma hiena parceria do leão Lippy nos clássicos da Hanna Barbera. Lippy é autor de planos mirabolantes, mas Hardy é um pessimista crônico, que nunca se permitia imaginar o sucesso. As frases marcantes da personagem se tornaram um bordão repetido, em tom de brincadeira, quando alguém pensa em reclamar da vida ou da própria sorte: “Oh céus! Oh vida! Oh azar! Isto não vai dar certo!”.

¹⁴⁷ Disponível em: <<http://www.inclusaodiferente.net/2014/12/a-sindrome-do-coitadinho.html>>.

5.3 A estética da diferença

Reunimos aqui fragmentos de RSDs observadas na etapa netnográfica da nossa investigação bem como de achados de pesquisa na nossa busca realizada na Internet a partir das conexões das próprias redes observadas, conforme descrição no primeiro capítulo. Entendemos que, com esse conjunto de elementos, além das reflexões já apresentadas na tese, é possível vislumbrar como a *mise en scène* dos dispositivos – deficiência e redes sociais digitais – se materializa. Os exemplos da netnografia dialogam e, ao mesmo tempo, estão em tensão com os achados de pesquisa, em um movimento contínuo e indicativo da diversidade linguageira nas RSDs. Nosso objetivo é descrever outras encenações que encontramos, ilustrá-las com esses recortes, e refletir sobre a vinculação da linguagem e da encenação dessas representações, que caracterizam o dispositivo deficiência em conexão com o dispositivo redes sociais digitais. A partir desse vínculo acessamos a estética da diferença.

Esclarecemos que o estudo das representações e da *mise en scène* não pretende apontar um imaginário e uma encenação “corretos” ou “adequados” para as PcDs. Pretendemos, sim, descrever como os diversos imaginários circulantes contribuem para a constituição dessa *mise en scène* e da estética da diferença. Além disso, os imaginários por nós interpretados não devem ser tomados como representativos de uma comunidade. Eles são datados, inscritos em um período, e tratados a partir de uma teoria específica, a Semiolinguística, em um dispositivo específico, as RSDs.

O pano de fundo desse fenômeno do encontro da deficiência com as redes sociais digitais seria o rompimento com um conjunto cristalizado, ao longo dos séculos, de fatores político-sociais e discursivos. O objetivo desse encontro estaria centrado no empoderamento das PcDs e na visibilidade de uma ampla causa social.


Se Barnes (1992), Nelson (2003) e Cameron (2007) anotaram representações que desmerecem as PcDs e as associam invariavelmente a condições desfavoráveis em relação às demais pessoas e à vulnerabilidade social, nas RSDs, pessoas comuns subvertem essa lógica. Revelam suas vivências cotidianas, que sugerem um movimento em busca de um espelho reconfigurado, no qual a deficiência é a protagonista, mas é também cenário, linguagem, suporte e dispositivo, oscilando entre as funções e as posições como um elemento complexo

do dispositivo e em constante tensão com ele próprio e com as RSDs.

As pessoas comuns tentam, também, consciente ou inconscientemente, nas RSDs, romper os estigmas nos moldes propostos por Goffman (1975b), além de se lançarem no enfrentamento de questões contemporâneas pragmáticas que podem ser concebidas a partir dos três grandes grupos de imaginários descritos por Charaudeau (2011) para a instância política: a tradição, a modernidade e a soberania. Para compreender e caracterizar a deficiência como dispositivo de encenação, como tentamos mostrar ao longo da tese, voltamos o nosso olhar, além dos imaginários sociodiscursivos já descritos, para os seguintes elementos: a linguagem, os suportes e a interlocução com os demais usuários, isto é, uma rede de vínculos entre si.

Lembramos que o *dispositivo*, de acordo com a perspectiva charaudeana, é um componente do contrato de comunicação, conforme detalhamento no capítulo 3. A nossa análise da deficiência como dispositivo de encenação pode ser resumida a partir do quadro a seguir que reúne as características representativas dos sistemas significantes, sistemas semiológicos e suportes, sugeridos por Charaudeau. Acrescentamos algumas características dos sujeitos, dos imaginários, da interlocução e do tecnodiscurso, que foram discutidos nessa tese e, a nosso ver, são importantes para o dispositivo de *mise en scène*.

Quadro 8: Deficiência como dispositivo de encenação

Sistemas Polissignificantes	Sistemas Intersemiológicos	Suportes	Sujeitos	Imaginários Sociodiscursivos	Interlocução	Enunciados plurisemióticos
Oralidade Escrituralidade Gestualidade Iconicidade	Fônico Gráfico Mimogestual Icônico	Telas (computador e dispositivos móveis) Corpos de PcDs	Heterogeneidade Alteridade Polifonia	Simbolização e autorrepresentação instáveis	Imediata Interrompida Retomada Contínua	<i>Tweets</i> <i>Status</i> Postagens Botões:  <i>Emoticons</i> <i>Memes</i> <i>Hashtags</i>

Fonte: Elaborado pela autora.

A partir das conexões entre esses elementos, como acreditamos ter mostrado ao longo da tese, e reforçarmos agora, seguimos com algumas encenações possíveis. Um dos imperativos das RSDs é o registro do vivido no qual são constituídos contratos de comunicação que buscam, na maior parte das vezes, manter um vínculo com o interlocutor, que pode ser distante e respeitoso ou de aproximação e de amizade, como vimos na reflexão sobre o tema. Esse registro, no caso da nossa investigação, é realizado pelos próprios comuns, ou pessoas que

são, em tese, amadoras do ponto de vista da produção de discursos com vistas à sua divulgação. Justamente por isso lançam mão de recursos, que seriam mais espontâneos do que profissionais, por exemplo, para compor a sua postagem.

Nos casos pesquisados, a instância de produção do discurso é influenciada pela tecnologia, um dos componentes do imaginário da modernidade, descrito por Charaudeau. Por meio da tecnologia o comum pode fazer o registro de si em enunciados plurisemióticos, que lançados na rede se tornam também o enunciado do outro ou para o outro. Nesse sentido haveria uma espécie de encorajamento para a experimentação e para as relações geradas a partir desses enunciados. Eles podem envolver fotos cotidianas, de momentos privados, cujo ingrediente principal seria a busca da espontaneidade ou ainda a postagem de um *status* escrito, cujo objetivo é descrever o estado emocional do sujeito naquele dia ou revelar algo que pareça diferente.

Sabe-se que a suposta espontaneidade está cada vez mais sendo deslocada para papel secundário e gradativamente substituída por encenações previamente ensaiadas e por sequências numerosas de registros a partir dos quais se pode escolher o melhor. Nos próprios equipamentos é possível editar a partir de funcionalidades que evidenciam cores, eliminam marcas nos olhos e no rosto, definem o melhor ângulo para o perfil, retiram ou acrescentam, antes da publicação, elementos verbais e não verbais que interferem previamente e também durante a *mise en scène*.

Ainda sobre a influência do imaginário da modernidade na *mise en scène* levamos em consideração a necessidade dos interlocutores de demonstrar eficácia do ponto de vista das estratégias discursivas em dois aspectos: aqueles relacionados a cada situação de comunicação específica e os demais que podemos considerar como estratégias gerais que conduzem os perfis. Nesse cenário emergem postagens que despertem no outro o desejo de continuar seguindo aqueles perfis. Entre os fatores que motivam essa atitude estão a sensibilidade das postagens e a capacidade para produzir efeitos patêmicos, criando vínculos com os usuários. Essa encenação nas redes reserva espaço privilegiado para a *mise en scène* de si, aquela na qual, o sujeito é roteirista, cenógrafo, diretor, ator e também plateia.

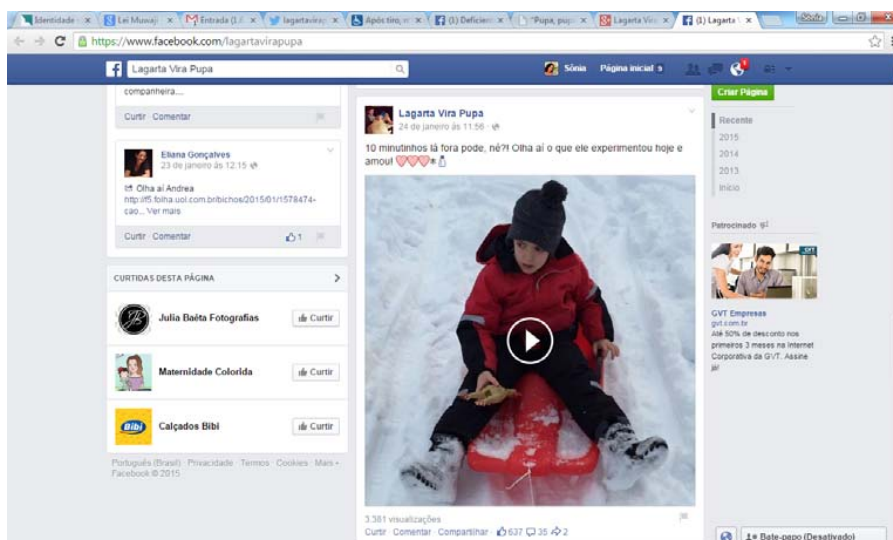
Navegando entre os papéis de protagonista e os demais papéis de bastidores, os sujeitos assumem as condições de produção que lhe são oferecidas pela sua própria condição, pelas funcionalidades das RSDs e também pelos equipamentos que dispõem para materializar a

encenação. Advém daí parte da justificativa para a proliferação de sistemas polissignificantes, isto é, no lugar de um sistema significativo supostamente homogêneo como oralidade ou a escrituralidade, são reunidos vários elementos de sistemas diferenciados em um só.

Se o produtor tem liberdade, por outro lado, são exigidas dele versatilidade e capacidade de adaptação à heterogeneidade de sistemas mistos, típicos dos blogues, *Facebook* e *Twitter*. Oralidade, escrituralidade, gestualidade e iconicidade, que isoladamente constituiriam sistemas significantes, se vinculam, em rede, em movimentos simultâneos, que serão afetados, por sua vez, pelo suporte definido pelos interlocutores. Essa é outra variável importante.

Podemos, enfim, dizer que estamos na era do suporte das telas, que são de televisão, de computador, de *tablets*, de telefones e de vários outros equipamentos móveis. Esses sistemas significantes que, em um primeiro momento, nos parecem estáveis se analisarmos o rádio, a televisão ou o jornal impresso, por exemplo, rompem o isolamento e se confundem para dar origem a outro, como no exemplo a seguir (figura 60), cuja heterogeneidade se mescla, por sua vez, à complexidade do outro dispositivo, a deficiência.

Figura 59: Sistemas polissignificantes



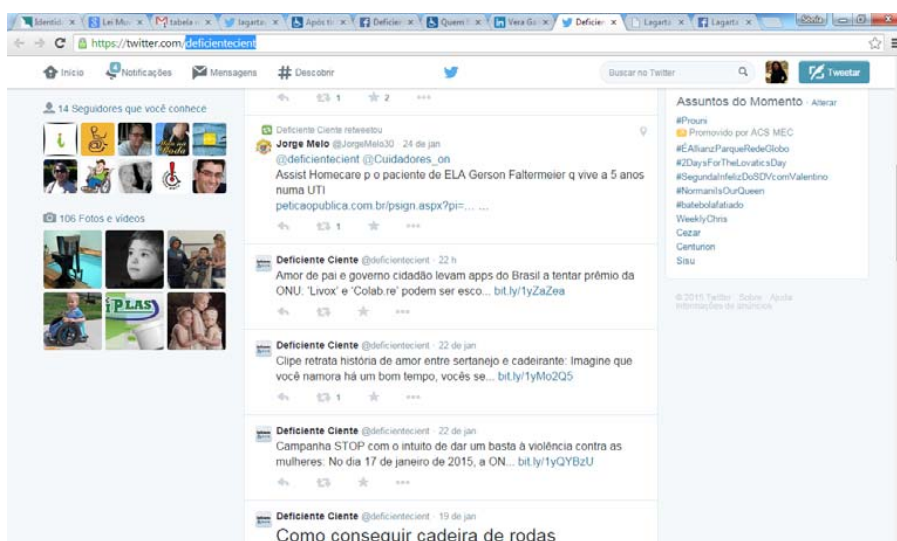
Fonte: Lagarta Vira Pupa.¹⁴⁸

Os sujeitos se valem de enunciados plurisemióticos para a *mise en scène* que, pode ser, por sua vez, inscrita em diferentes dinâmicas de temporalidade, como a imediata a partir da postagem, a

¹⁴⁸ Disponível em: <www.facebook.com/lagartavirapupa>.

contínua ou a interrompida, como podemos perceber por meio da sequência de *tweets* no próximo exemplo (Fig. 59). Em ordem decrescente percebemos quatro postagens de um perfil sobre PcDs que observamos na investigação. E por fim, no topo da tela, um *tweet* de um seguidor, se dirigindo diretamente ao perfil em questão, com sugestão de tema a ser abordado. Não houve resposta para esse *tweet* até o momento do recorte desse fragmento para a nossa pesquisa, o que não impede a *mise en scène* de ser retomada por um dos interlocutores.

Figura 60: Dinâmicas de temporalidade da *mise en scène*



Fonte: Twitter Deficiente Ciente.¹⁴⁹

O suporte das telas pode ser considerado um dos vínculos entre os dois dispositivos que nos interessam: a deficiência e as RSDs. Por meio desse suporte ganham vida a encenação e as representações da deficiência. Distantes do que pensaram alguns autores cujas representações são centradas em marcas pejorativas, vimos emergir movimentos de PcDs para um lugar de destaque, que deslocam a deficiência do eixo de invisibilidade para o eixo da visibilidade positiva e pró-ativa. E, mais, que falam por meio da deficiência.

A oposição entre capacidade e incapacidade, presente em grande parte das percepções sobre a deficiência, compõe a rede de encenações nas RSDs, e evidencia a mostraçõ de um estilo de vida que, hipoteticamente, não caberia no roteiro cotidiano de uma PcD. Fragmentos imagéticos do vivido, ou na linguagem da Internet, as *braggies*, ou fotos cujo objetivo é despertar a cobiça do outro para estar naquele lugar, colocam em cena o protagonismo da

¹⁴⁹ Disponível em: <www.twitter.com/deficienteciente>.

deficiência, com efeitos patêmicos e artísticos, que alimentam relações diversas e deslindam a estética da diferença.

5.3.1 *Mise en scène da transformação*

Em alguns casos, as encenações da deficiência estariam buscando o enfrentamento com o imaginário da tradição, descrito por Charaudeau para a instância política. Os fatos e as experiências do passado seriam bem sucedidos e em nome deles se justificariam determinadas ações do presente, incluindo crimes e ações condenáveis do ponto de vista dos direitos e garantias fundamentais.

Em oposição à tradição estaria não só o imaginário da modernidade como propôs Charaudeau, mas a *mise en scène* da transformação. Por meio dessa situação se questiona o vigente e a PcD se apresenta como ator para propostas alternativas, estabelecendo inúmeras interconexões com os diversos sujeitos que transitam pelas RSDs.

Figura 61: *Mise en scène da transformação*



Fonte: Deficiente Físico.¹⁵⁰

Esse tipo de encenação pode ser percebida em debates sobre legislação e políticas públicas, relacionadas a mudanças nas barreiras atitudinais, como no exemplo (Fig. 61), que anuncia a

¹⁵⁰ Disponível em: <www.facebook.com/deficientefisico>.

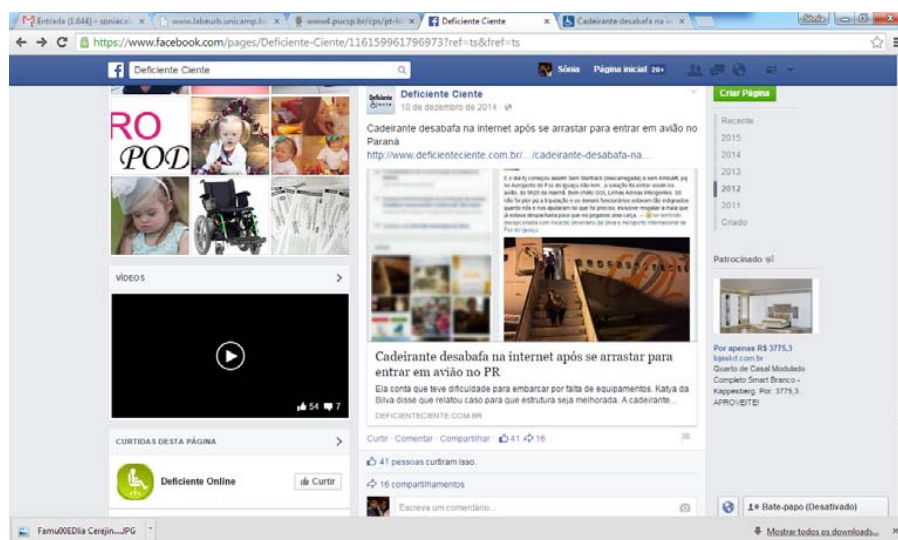
obrigatoriedade, a partir de determinada data, de legendas descritivas e Libras para filmes financiados com recursos públicos.

5.3.2 *Mise en scène da acessibilidade*

A encenação da deficiência como ator da acessibilidade pode ser identificada também por meio de representações com efeitos patêmicos, nas quais, situações que desencadeiam fortes emoções nos interlocutores podem ser motivadoras de denúncias de situações relacionadas a uma tradição ou pelo menos a condições dadas e não adaptadas. Da denúncia vem, como consequência, o movimento de encenação cujo pano de fundo é a acessibilidade.

O exemplo a seguir (Fig. 62) mostra uma PcD que precisou se arrastar pelas escadarias de um avião para conseguir embarcar.

Figura 62: *Mise en scène da acessibilidade*



Fonte: Deficiente Ciente.¹⁵¹

A *mise en scène* (Fig. 62), divulgada amplamente nas RSDs, desencadeou um debate em empresas privadas de avião e órgãos governamentais sobre a importância da acessibilidade para PcDs. Entendemos que esse tipo de articulação, entre o discurso e as instâncias da vida social, estabelecem conexões que nos dizem de uma consciência cidadã, nas palavras, de

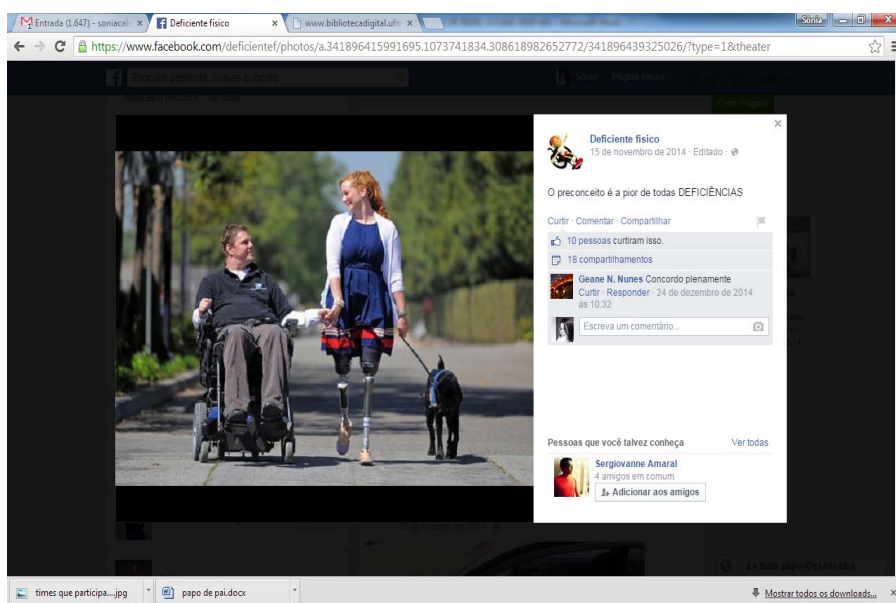
¹⁵¹ Disponível em: <www.facebook.com/deficienteciente>.

Charaudeau (2011), que está vinculada ao discurso, mas não só a ele – fazendo emergir vários elementos e instâncias sociais que extrapolam o relacionamento nas RSDs.

5.3.3 *Mise en scène do preconceito*

A noção de deficiência como defeito, que identificamos na pesquisa bibliográfica e em alguns perfis nas RSDs, faz parte do roteiro de inúmeras encenações, que buscam evidenciar o preconceito no próprio preconceituoso. Se a deficiência é concebida como um defeito ou lhe é atribuída uma qualificação negativa, esse tipo de postagem faz uma inversão dos julgamentos de mundo e qualifica o preconceito como a pior de todas as deficiências, como revela o próximo exemplo.

Figura 63: *Mise en scène do preconceito*



Fonte: Deficiente Ciente.¹⁵²

Os imaginários de igualdade e de diferença estão no centro dessa encenação (Fig. 63). O enunciado sobre o preconceito não está direcionado à perspectiva dicotômica da PcD e da pessoa sem deficiência: ele estaria promovendo um diálogo entre esses dois grupos e também entre os próprios PcDs e os inúmeros tipos de deficiência, como foi possível observar.

¹⁵² Disponível em: <www.facebook.com/deficienteciente/photos>.

5.3.4 *Mise en scène da normalidade*

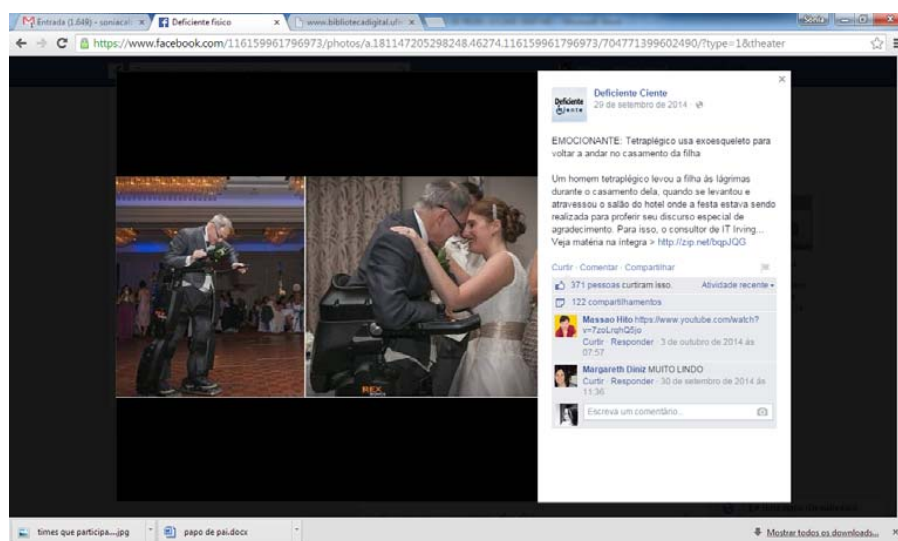
A adaptação do atributo que Goffman (1975a) descreveu como “defeito”, com as suas possíveis correções por meio de cirurgias e de procedimentos médico-científicos, pautam a *mise en scène* na qual os protagonistas são PcDs com o desejo de desempenhar funções e/ou atividades que as pessoas sem deficiência desempenhariam. No pensamento de Goffman, o estigmatizado reconfiguraria o seu ego, o que garantiria temporariamente esse pretensão *status* de “normal”, pelo menos durante a *mise en scène*, mas não sustentaria a sua manutenção. Vejamos dois exemplos (Fig. 64 e 65), a partir dos quais podemos ter uma ideia melhor sobre a busca pela suposta normalidade.

Figura 64: *Mise en scène da normalidade I*



Fonte: Deficiente Físico.¹⁵³

¹⁵³ Disponível em: <www.facebook.com/deficientefisico>.

Figura 65: *Mise en scène* da normalidade II

Fonte: Deficiente Ciente.¹⁵⁴

A encenação do casamento perfeito, com um suposto ideal de normalidade para se atingir a felicidade, apresenta cenas como a do noivo tetraplégico dançando a valsa com a noiva (Fig. 64) ou do pai com deficiência que entrega a filha ao genro (Fig. 65). Com o auxílio de equipamentos especiais o registro do vivido dá conta de uma retomada, uma volta a um estado típico do imaginário da normalidade, ou uma projecção para o futuro, quando seria possível atingir essa condição.

5.3.5 *Mise en scène* do tecnologismo

A tecnologia, a serviço do progresso e da ciência, teria como princípio primeiro, em seu uso exacerbado, a racionalidade e a inovação em detrimento do bem-estar humano. A ambiguidade do imaginário da modernidade, nesse caso, reside no tecnologismo, fenômeno caracterizado por Charaudeau (2011) como uma das modalidades de desvios do imaginário da modernidade.

O equipamento, que lê sinais do corpo e os envia de volta com o objetivo de movimentá-lo, simbolizou uma das maiores controvérsias sobre PcDs nas RSDS em 2014. Nos dois casos a seguir (Fig. 66 e 67), a deficiência, como dispositivo de encenação, nos conecta por meio das

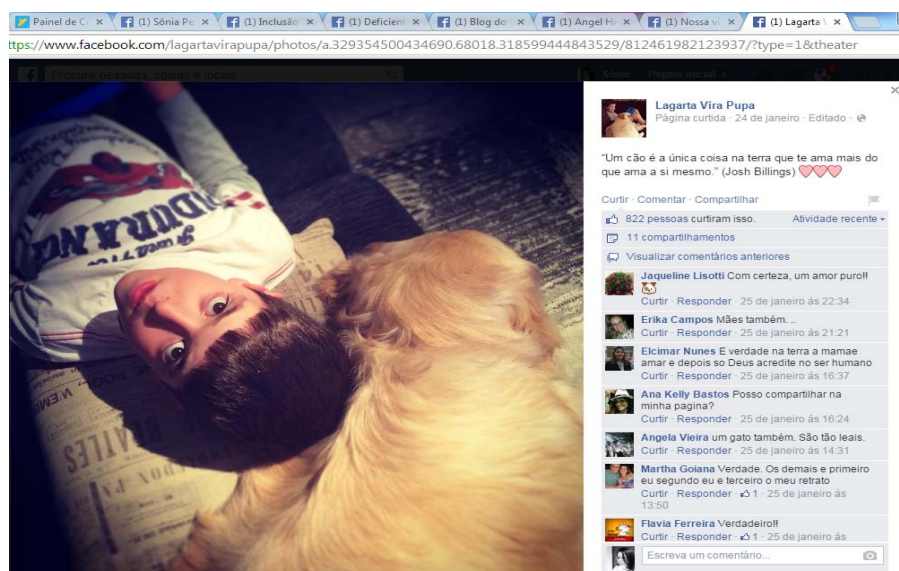
¹⁵⁴ Disponível em: <www.facebook.com/deficienteciente>.

usando o exoesqueleto, rapidamente surgiram inúmeros *tweets*, que nós captamos a partir da *hashtag* #exoesqueleto nos exemplos supracitados. Assim, o anúncio oficial do pontapé inicial da copa do mundo por uma PcD, com o uso deste exoesqueleto, equipamento que possibilita o movimento de PcDs, e o fraco desempenho dos jogadores brasileiros na competição ganharam novos efeitos de sentido baseados no humor e na tecnologia.

5.3.6 *Mise en scène da afetividade*

A convivência em sociedade cuja encenação se traduziria, em uma de suas possibilidades, em afetividade, é uma das fissuras entre o passado e o presente. Nas RSDs a *mise en scène* da afetividade costuma estar associada a vivências cotidianas indicativas de carinho. Elas ressaltam, preferencialmente, o contato físico entre as pessoas ou entre pessoas e animais e possuem a finalidade de conectar a PcD a vivências de afeto e de amor. Além disso, eterniza esses momentos – símbolos de um vivido agradável que se busca manter. Vejamos um caso.

Figura 68: *Mise en scène da afetividade I*



Fonte: Lagarta Vira Pupa.¹⁵⁵

Este garoto autista, por exemplo, retratado em momento de delicadeza e de meiguice com o seu cachorro evoca uma prova argumentativa contra uma das dificuldades apontadas para as pessoas deste espectro, ou seja, o desafio para a socialização e o contato físico. O olhar

¹⁵⁵ Disponível em: <www.facebook.com/lagartavirapupa>.

direcionado à mãe, que segura a câmera fotográfica, também constitui efeitos de sentido de alteridade. A ausência ou a limitação do contato visual pode ser um dos atributos do autismo que não deveria ser tomado como uma condição de igualdade entre as pessoas do espectro e sim em sua singularidade.

A encenação da afetividade se faz também pela proximidade de corpos e de atitudes que, de modo paradoxal, indica simultaneamente a ruptura com o isolamento social. Vejamos.

Figura 69: *Mise en scène* da afetividade II



Fonte: Nossa Vida com Alice.¹⁵⁶

O abraço e os sorrisos simbolizam, no exemplo (Fig. 69), o envolvimento entre os diferentes com a aceitação do outro. Se a mãe adotiva aceita a diferença o sujeito enunciador previne os leitores sobre um suposto estranhamento pelo fato de o jovem ter síndrome de Down, estabelecendo o jogo da rejeição *versus* aceitação, típico da regulação social na perspectiva charaudeana.

¹⁵⁶ Disponível em: <www.facebook.com/nossavidacomalice>.

5.3.7 *Mise en scène da maternidade*

Amor, sensualidade, sexualidade e maternidade das PcDs constituem tabus arraigados na sociedade e talvez até entre elas próprias. Vejamos um caso.

Figura 70: *Mise en scène da maternidade*



Fonte: Deficiente Ciente.¹⁵⁷

Esses tabus seriam consequência de costumes sociais e medidas que, algumas vezes, são consideradas protetoras do ponto de vista da segurança e da saúde da mulher com deficiência.

Na figura 70, o discurso evoca saberes de conhecimento, relacionados à medicina, e saberes de crença relacionados à vida adulta de uma PcD, para sugerir efeitos de sentidos que remetam à sociabilidade, à igualdade, à harmonia, ao direito ao amor e ao sexo, à liberdade de escolha da maternidade, à constituição de uma família.

Os seguidores da página na qual a publicação foi realizada demonstram, por meio dos comentários, participar da aceitação da ideia de desconstrução de imaginários sociais que negam à PcD as possibilidades mencionadas.

¹⁵⁷ Disponível em: <www.facebook.com/deficienteciente>.

5.3.8 *Mise en scène da sexualidade*

E se o discurso de algumas PcDs visa a desconstrução de estereótipos por meio da *mise en scène* de si, um dos componentes-chave é a revelação da intimidade, uma prática típica de perfis nas RSDs, que sublinharia a dialética da diferença e da repetição, conforme a metáfora deleuziana da caverna. A intimidade descortinada constitui uma estratégia de captação dos sujeitos destinatários com uma *mise en scène* que, além de escancarar a diferença, a torna um objeto de desejo. Vejamos um caso.

Figura 71: *Mise en scène da sexualidade*



Fonte: Deficiente Sim.¹⁵⁸

Alguns internautas, neste caso (Fig. 71), utilizaram ironias e piadas, ou *trolagem*, na gíria da Internet, para contestar o relacionamento afetivo-sexual do casal no qual o marido teve o crescimento alterado por conta de uma doença degenerativa. Pela aparência diferenciada por conta do tamanho, o anão pode ter despertado a zombaria e manifestações da ideologia da inferioridade (GOFFMAN, 1975b) para justificar o preconceito. Por meio da encenação da esposa, porém, ele é escalado para o papel de sedutor: “um demônio na cama”. O sujeito enunciativo revela, através da satisfação íntima do sujeito comunicante, um galã. A encenação o apresenta como o oposto ao que a sua aparência poderia induzir determinados grupos

¹⁵⁸ Disponível em: <www.facebook.com/deficientesim>.

sociais a interpretar. Imagens características de conto de fadas, publicizadas como prova de que esposa e marido são um casal comum e feliz, são reproduzidas, em uma *mise en scène* antiexclusão e a favor da sexualidade, que seria maior do que o corpo físico.

5.3.9 *Mise en scène da sensualidade*

Mais do que a exposição do corpo físico algumas encenações da sensualidade estariam vinculadas à atitude, uma demonstração de segurança sobre o próprio discurso, o pensar e o agir. O corpo desnudo diz de um posicionamento social, de um sair e mostrar-se publicamente, uma estratégia de visibilidade para a sensualidade da PcD. A encenação em prol da valorização da beleza e dos atributos físicos, que é um contraponto às representações de imperfeição, de disformidade e de feiura, circula pelas RSDs como inovador e ousado.

Figura 72: *Mise en scène da sensualidade I*



Fonte: Cantinho dos Cadeirantes.¹⁵⁹

O corpo da PcD, com sua deficiência, manifesta-se, fala, transgride e se faz discurso em uma *mise en scène* na qual a cadeira de rodas é tão protagonista quanto a modelo (Fig. 72).

¹⁵⁹ Disponível em: <www.facebook.com/cantinho.doscadeirantes>.

5.3.10 *Mise en scène da espiritualidade*

A encenação da deficiência como uma bênção secreta, descrita por Goffman (1975b), seria uma recompensa – a deficiência acarretaria o sofrimento, mas a partir dele ensinamentos sobre a vida e sobre outras pessoas. Vamos a alguns exemplos.

Figura 73: *Mise en scène da espiritualidade I*

DEUS ESCOLHE...

A maior parte das mães de hoje em dia tomam-se mães por acidentes, outras por escolhas próprias, outras por pressão social, outras por hábito. Esse ano quase 100 mil mulheres se tornarão mães de crianças deficientes. Você alguma vez já pensou como as mães dos deficientes são escolhidas?

Eu já. Uma vez visualizei Deus pairando sobre a Terra selecionando o seu instrumento de propagação com grande carinho e compassivamente. Enquanto Ele observava, Ele instruiu seus anjos a tomarem nota em um grande livro.

Para Beth, um menino, anjo da guarda Matheus.
Para Marjorie, uma menina, anjo da guarda Cecilia.
Para Carrie, gêmeos, anjo da guarda, mande o Gerard ele está acostumado com a profandidade.

Finalmente ele passa um nome para um anjo sorri e diz: Dê a ela uma criança deficiente. O anjo cheio de curiosidade pergunta: - Por que a ela senhor? Ela é tão alegre... - Exatamente por isso. Como eu poderia dar uma criança deficiente para uma mãe que não soubesse o valor de um sorriso? Seria cruel. - Mas será que ela terá paciência? - Eu não quero que ela tenha muita paciência porque aí ela com certeza se alojará no mar da auto-piedade e desespero. Logo que o choque e o ressentimento passar, ela saberá como se conduzir. - Senhor, eu estava observando hoje. Ela tem aquele forte sentimento de independência. Ela terá que ensinar a criança a viver no seu mundo e não vai ser fácil. E além do mais Senhor, eu acho que ela nem acredita na sua existência. Deus sorri. - Não tem importância. Eu posso dar um jeito nisso. Ela é perfeita. Ela possui o egoísmo no ponto certo.

TEMAS MUNDO INCLUSIVO:
A- Identificando Necessidades Educativas Especiais
Ações Inclusivas
Bullying contra alunos com deficiência
Educadores Especiais
Exames que detectam deficiências
Guia de Serviços para pessoas com deficiência
Inclusão e Altas habilidades/ superdotação
Inclusão e Autismo
Inclusão e Classe Hospitalar
Inclusão e Deficit Intelectual
Inclusão e Deficiência Auditiva
Inclusão e Deficiência Física
Inclusão e Deficiência Visual

Fonte: Blog Deficiente Visual.¹⁶⁰

¹⁶⁰ Disponível em: <<http://deficienciavisualsp.blogspot.com.br/2009/04/recados-animados-deus-escolhe.html>>.

Figura 74: *Mise en scène* da espiritualidade II

Fonte: Crônicas da Surdez.¹⁶¹

A encenação da deficiência como uma dádiva de Deus habita o imaginário de grupos sociais e é um dos focos das controvérsias do discurso sobre o tema nas RSDs (Fig. 73 e 74). Pelo menos dois são os argumentos principais para a tese da PcD como um enviado divino de acordo com a nossa investigação. Um deles é que Deus escolhe as mães de crianças “especiais”, como observamos na figura 73. O sujeito enunciatador convocou o próprio Deus para anunciar a escolha das mães e dos filhos com deficiência em um diálogo com o anjo, um mediador para as dúvidas terrenas. Por meio dos atributos da mãe, julgados e enunciados pelo anjo, Deus apresenta uma lista de argumentos cuja intenção é convencer os sujeitos destinatários, por meio de efeitos de real e de ficção, sobre a efetividade dessa escolha, como nos dois casos adiante.

Se as crianças com deficiência são anjos no imaginário de alguns grupos sociais, os pais são guardiões, aqueles cuja missão é protegê-los na terra, como no excerto adiante. E quem tem função tão importante e a desempenha com eficiência também é alçado a uma condição diferenciada, digna do reconhecimento público como herói. Esta parece ser a *mise en scène* proposta no caso 75: [...] “e ACEITAR o filho especial não é para qualquer homem. Parabéns a esses heróis mais do que especiais”, diz o enunciado cuja finalização é feita por um coração, recurso iconográfico que simboliza um encerramento afetivo. Nesta postagem, um

¹⁶¹ Disponível em: <<http://cronicasdasurdez.com/as-maes-de-criancas-com-deficiencia-auditiva-sao-anjos-conhecam-a-rafa-e-o-tom/>>.

apresentador de televisão e humorista, como se fosse uma pessoa comum, divulga que o filho foi diagnosticado com autismo. Ele compartilhou, ao mesmo tempo, uma publicação de uma revista especializada na temática e teve a sua postagem compartilhada por várias redes por nós observadas. Sujeitos enunciadores polifônicos projetam os imaginários em uma *mise en scène* que envolve a ambiguidade entre a facilidade de ter ou de fazer um filho e o desafio de ser pai.

Figura 75: *Mise en scène* da espiritualidade III



Fonte: Marcos Mion Oficial.¹⁶²

Vejamos mais um exemplo conectado ao anterior.

¹⁶² Disponível em: <www.facebook.com/marcosmionoficial>.

Figura 76: *Mise en scène da espiritualidade IV*

Fonte: Marcos Mion Oficial.¹⁶³

No exemplo supracitado, (Fig. 76), ainda sobre a encenação da espiritualidade, mais uma pista da crença na presença da figura divina, cujo poder de criação trouxe o autismo à terra. O efeito de real da *hashtag* #conscientização dialoga, com tensão, com o efeito de humor “pra compensar a quantidade de gente chata no mundo!”.

Os imaginários assim como as encenações revelariam, no caso das PcDs, não só modos de ver e de julgar o mundo, mas também modos de se posicionar socialmente e de reivindicar direitos. Por isso, percebemos perspectivas que são controversas, como mostram os dois próximos casos (Fig. 77 e 78), que também estão conectados aos anteriores.

¹⁶³ Disponível em: <www.facebook.com/marcosmionoficial>.

Figura 77: *Mise en scène* da espiritualidade V

Fonte: Blog CarolCam.¹⁶⁴

Figura 78: *Mise en scène* da espiritualidade VI

Fonte: Inclusão Diferente.¹⁶⁵

A negação de uma vinculação do divino, como observamos nos dois exemplos (Fig. 77 e 78), pode ser interpretada como estratégia de apagamento da PcD como alguém que esteja fora da sociedade, a quem não é dado o direito de exercer a cidadania. O anjo remete à perfeição, ao intocável, à virtuosidade, atributos que distanciam as pessoas dos dilemas e das mazelas

¹⁶⁴ Disponível em: <www.carolcam.blogspot.com.br>.

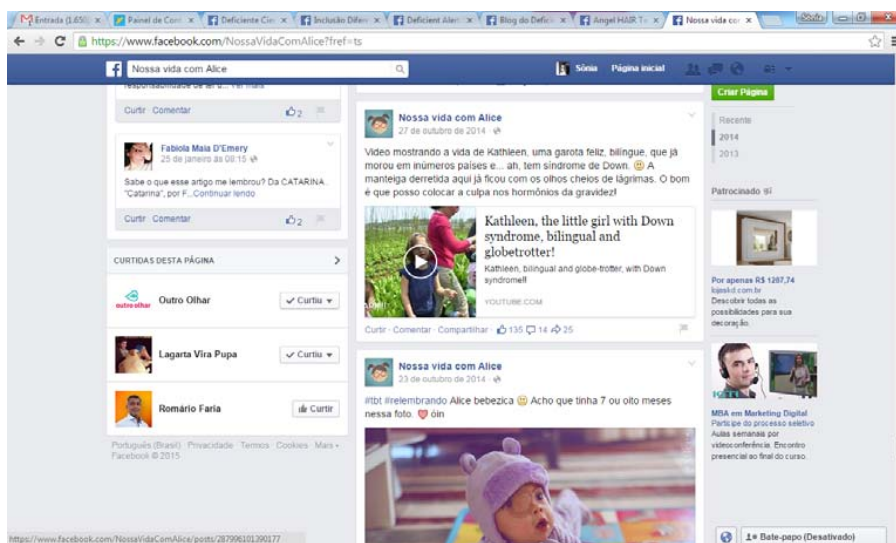
¹⁶⁵ Disponível em: <www.inclusaodiferente.net>.

terrenas e que, em certa medida, poderiam até reforçar o isolamento social das PcDs. Daí, a importância, para alguns grupos, de registrar essa negação.

5.3.11 *Mise en scène da superação*

Talvez uma das encenações de cunho positivo mais recorrentes sobre as PcDs especialmente nas RSDs estejam relacionadas à superação das dificuldades inerentes à deficiência. Na perspectiva de Goffman (1975a), o estigmatizado seria um herói da adaptação e, por isso, digno de reconhecimento público. A valorização de atributos intelectuais exerceria a função de prova de que as PcDs estão aptas a estudar e a trabalhar como as demais pessoas. Vejamos um caso.

Figura 79: *Mise en scène da superação I*



Fonte: Nossa Vida com Alice.¹⁶⁶

Falar mais de um idioma e ser feliz seriam atributos que mereceriam destaque em alguns grupos sociais. Se a criança tem síndrome de Down e pode ser incluída neste perfil (Fig. 79), a valorização é publicizada, como um reforço da capacidade intelectual, em uma encenação que, de maneira supostamente desprezenciosa, deixa o atributo da síndrome para o final: “ah, tem síndrome de Down”.

¹⁶⁶ Disponível em: <www.facebook.com/nossavidacomalice>.

Outras situações, como nascer sem braços e estudar matemática usando os pés (Fig. 80), estariam, de acordo com estas encenações, no campo da anormalidade para quem tem deficiência, ou seja, o suposto não esperado, e, por isso, se tornariam assuntos nos quais a diferença faz parte do enredamento típico de uma vida vitoriosa ou de superação.

Figura 80: *Mise en scène* da superação II



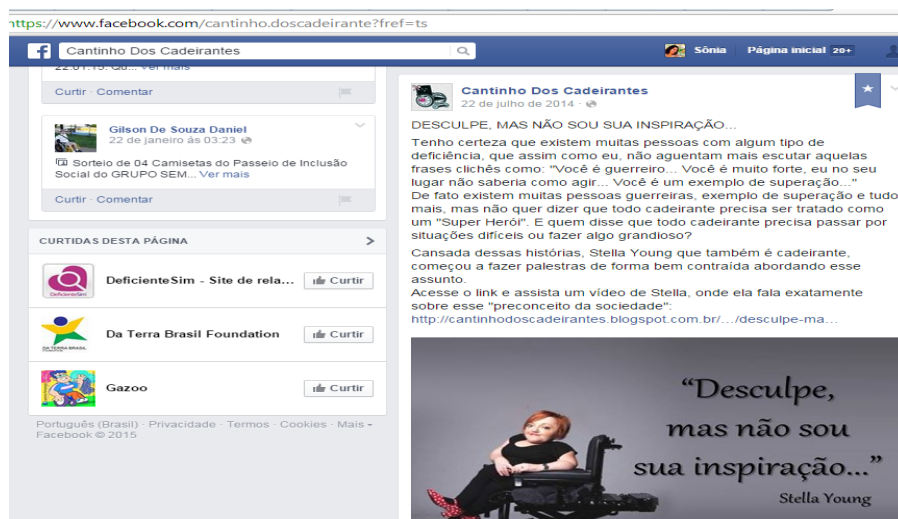
Fonte: Deficiente Ciente.¹⁶⁷

E mininarrativas, como esta (Fig. 80), são divulgadas por grupos compostos pelos administradores de páginas sobre a deficiência, a narrativa de vida do outro como exemplos inspiradores, a serem seguidos.

A valorização dos atributos que, algumas vezes, não são admitidos pela própria PcD, estimularia uma *mise en scène* na qual a deficiência, por si só, já torna a pessoa vencedora. Negar essa percepção seria uma estratégia para evidenciar a normalidade da vida da PcD ao passo que provocaria, como consequência, o esvaziamento e o apagamento da noção de anormalidade. Vejamos mais um caso, desta vez de negação da superação (Fig. 81).

¹⁶⁷ Disponível em: <www.facebook.com/papers/deficiente-ciente>.

Figura 81: *Mise en scène* da negação da superação



Fonte: Cantinho dos Cadeirantes.¹⁶⁸

O enunciado “DESCULPE, MAS NÃO SOU SUA INSPIRAÇÃO”, em letras maiúsculas, para chamar a atenção, reforça, por outro lado, o descontentamento de alguns grupos sociais constituídos por PcDs. Essa encenação seria baseada em uma necessidade de combater um imaginário coletivo que circula na sociedade e nas RSDs: supostos fortes guerreiros com deficiência travam batalhas inglórias com resultados vitoriosos. A postagem (Fig. 81), em consonância com a encenação proposta pela palestrante, desloca esse tipo de abordagem, em uma encenação cuja finalidade visa desmistificar a PcD como quem fez algo grandioso.

5.3.12 *Mise en scène do movimento*

O corpo forte e aparentemente saudável em um cenário cuja beleza chama a atenção é um dos atrativos da encenação da deficiência em oposição à imobilidade ou mobilidade reduzida. A finalidade da *mise en scène* do movimento é evidenciar a atividade esportiva para a PcD como lazer.

¹⁶⁸ Disponível em: <www.facebook.com/cantinhodoscadeirantes>.

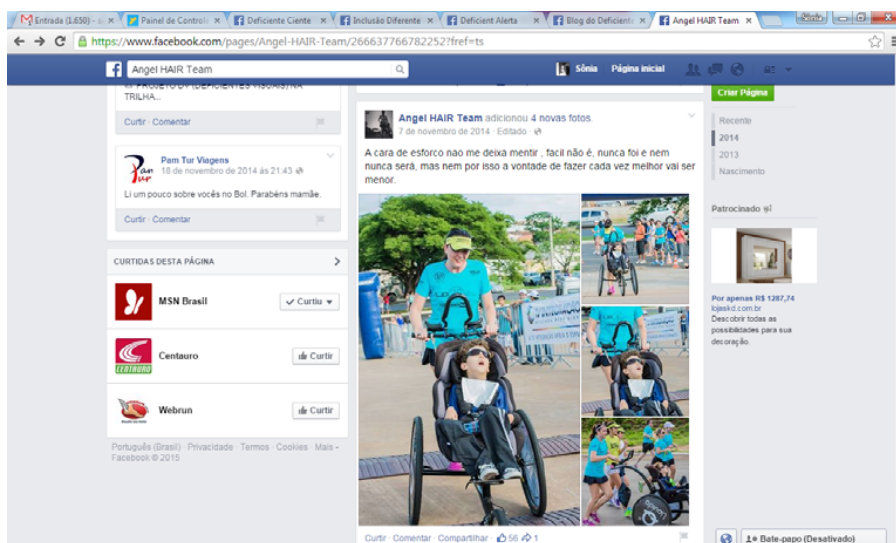
Figura 82: *Mise en scène* do movimento I

Fonte: Cantinho dos Cadeiraantes.¹⁶⁹

A analogia do esporte como prazer e não como reabilitação física reforça a encenação da liberdade e da capacidade (Fig. 82) que, em tese, seriam inerentes a todos os seres humanos ao passo que, para as PcDs, seria um diferencial. A mobilidade física estabeleceria um vínculo maior com a mobilidade social almejada por muitas PcDs. O movimento contínuo seria uma das marcas dessa encenação.

Vejamos mais um exemplo sobre o movimento (Fig. 83): “A cara de esforço não me deixa mentir, fácil não é, nunca foi e nem nunca será, mas nem por isso a vontade de fazer cada vez melhor vai ser menor”, registra a mãe de uma criança com deficiência que investe em corridas ao lado do filho que, hipoteticamente, não teria a chance de participar de tal modalidade esportiva.

¹⁶⁹ Disponível em: <www.facebook.com/cantinho.doscadeiraantes>.

Figura 83: *Mise en scène* do movimento II

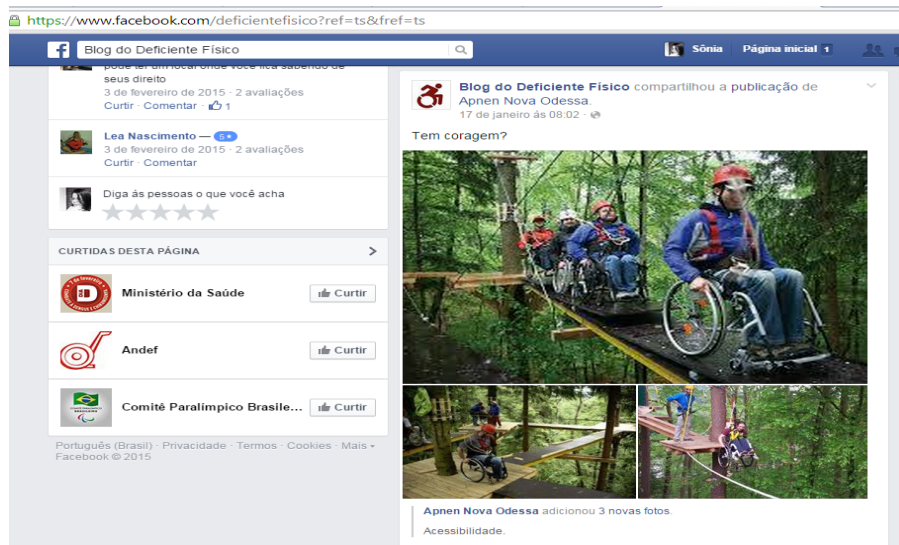
Fonte: Angel Hair Team.¹⁷⁰

A dicotomia entre facilidade e dificuldade, melhor e pior, maior e menor constitui parte da *mise en scène* cuja finalidade talvez extrapole o esporte como competição e alcance uma dimensão mais ampla, de um movimento que defenda e leve a presença das PcDs a ambientes sociais nos quais possa parecer impossível.

5.3.13 *Mise en scène da aventura*

A aventura pode ser concebida como uma atividade que envolve riscos, muitas vezes calculados, situações perigosas ou surpreendentes. A *mise en scène* da aventura está baseada na demonstração de coragem, ação, enfrentamento de desafios, sair da rotina e não ter medo de ousar. Todos esses atributos se apresentariam como um contraste ao que se poderia esperar, em uma visão tradicional, de uma PcD.

¹⁷⁰ Disponível em: <www.facebook.com/pages/angel-HAIR-team>.

Figura 84: *Mise en scène* da aventura

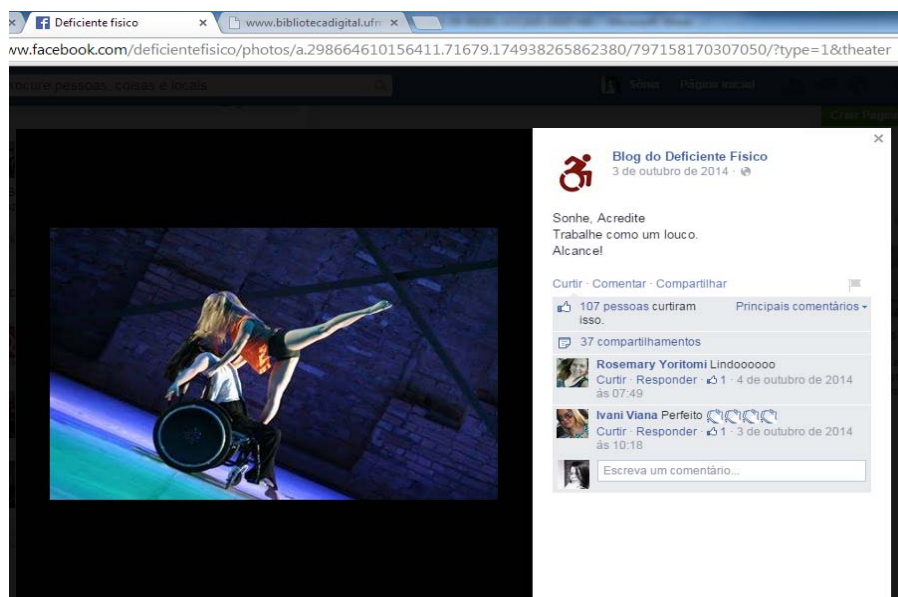
Fonte: Deficiente Físico.¹⁷¹

Se para muitas pessoas a aventura pode parecer uma loucura, nesta *mise en scène* a deficiência se faz aventureira, acrescenta um elemento a mais de estímulo, no mínimo incomum, que torna o vivido próximo da raridade.

5.3.14 *Mise en scène artística*

E, por fim, observemos mais dois casos. A pose estática ganha movimento por meio da arte. Os corpos sensíveis dividem a cena em harmonia com uma habilidosa combinação de gestos e de ritmo (Fig. 85 e 86). Vejamos os dois últimos exemplos de encenação apresentados nesta tese.

¹⁷¹ Disponível em: <www.facebook.com/deficientefisico>.

Figura 85: *Mise en scène* artística

Fonte: Blog do Deficiente Físico.¹⁷²

Figura 86: *Mise en scène* artística

Fonte: Angel Hair Team.¹⁷³

Na *mise en scène* artística (Fig. 85 e 86), a deficiência torna-se habilidosa, universal, tem energia e força como a dança, move-se com leveza e, paradoxalmente, está em tensão com

¹⁷² Disponível em: <www.facebook.com/deficientefisico/photos>.

¹⁷³ Disponível em: <www.angelhairteam.blog.br/blog>.

fatores sociais. Revela linguagens, estabelece vínculos com um conjunto de relações, busca diferenciar-se, de maneira dinâmica, se faz bela, entretenimento e socialização.

5.4 Considerações finais

Após relacionarmos algumas possibilidades da deficiência como dispositivo de *mise en scène* em encontros com as redes sociais digitais, seguimos para os apontamos finais desta tese.

CONCLUSÃO

6 CONCLUSÃO

A ideia de uma rede que é constituída, com suas fragmentações, controvérsias e fissuras, permeou toda a nossa investigação e também a redação desta tese. Nessa seção, ainda que intitulada Conclusão, não poderia ser diferente, estando presente a ideia de um *continuum* – as nossas considerações finais trazem apontamentos ao leitor, encaminhamentos e indagações, mas se distanciam de um encerramento: são mais uma etapa para prosseguir com a investigação em um universo ainda pouco conhecido por nós; são, sobretudo, indicações que buscam suscitar a reflexão para interessados em dois grandes dispositivos que protagonizaram o nosso trabalho: a deficiência e as redes sociais digitais.

Partimos de uma hipótese que posiciona a deficiência, a partir de um olhar semiolinguístico, como um dispositivo de *mise en scène* que se conecta a um outro dispositivo, as redes sociais digitais, para dar vida a um enredamento do vivido de pessoas comuns. A partir das encenações vimos que são projetados e circulam imaginários sociodiscursivos que, por sua vez, mantêm um elo entre representações de um passado que consideramos estigmatizante, do ponto de vista discursivo e de práticas sociais, e de um presente, que busca transgredir uma suposta lógica de saberes de crença e de conhecimento.

Decidimos percorrer um caminho que torna a teoria e a nossa investigação pragmática parte de um todo que, assim como os dois dispositivos em questão, não apresentam fronteiras definidas ou definitivas. Para tal, estabelecemos alguns critérios qualitativos para vislumbrar os elos entre a encenação e a sua circulação pelas redes. Tentamos deixar claro para o leitor o nosso gesto epistemológico em função da nossa relação com a temática e, nesse momento, admitimos que foram inúmeros os desafios para a produção da tese sendo o maior deles, talvez, a autocobrança para que o trabalho evidenciasse uma investigação acadêmica, profissional, e não fosse tomada por alguns grupos sociais, em seu objetivo primeiro, como apenas um desejo pessoal de promover reflexões sobre o tema.

Gostaríamos de compartilhar com o leitor algumas constatações que foram evidenciadas durante a investigação e a partir das quais acreditamos ser possível refletir sobre a *estética da diferença* em outras comunidades ou minorias, além daquelas que incluem a deficiência. Lembramos, porém, que os imaginários projetados e as encenações por nós interpretadas tanto

nas RSDs quanto na produção dos voluntários não devem ser compreendidos como representativos das PcDs como um todo por vários motivos.

O primeiro deles diz respeito ao fato de toda a pesquisa qualitativa ter sido realizada a partir de coleta de dados manual, como ressaltamos no capítulo I, o que nos dá uma pequena amostra em um universo amplo como as RSDs. Outro fator reside na opção por pessoas comuns, isto é, que não ocupam cargos em entidades ou instituições que representam as PcDs. E um terceiro ponto que gostaríamos de salientar é que o conteúdo aqui analisado é tomado como *mise en scène* pessoal de cada participante manifestada em local, data e contexto específicos, e analisada a partir de possíveis interpretativos de uma pesquisadora.

Se ressaltamos os aspectos singulares de cada produção não podemos, entretanto, esquivar-nos de considerá-los como manifestações que denotam um exercício individual de cada um em conexão com outros fatores sociais.

A presença social dos sujeitos se daria nas redes sociais digitais como o resultado de um conjunto de relações desenvolvidas a partir do encontro entre dois dispositivos que permitem não só a encenação, mas também a circulação do vivido de comuns, ou a semiotização do mundo a partir do olhar do outro que, por sua vez, reproduz parte do imbricamento entre a produção discursiva e as práticas sociais intimamente relacionadas. Associada a esse conjunto de relações está a sensibilidade de cada sujeito na constituição de seus imaginários, suas encenações e suas respectivas circulações.

Por que estética da diferença? Do ponto de vista da Semiologia entendemos que tal estética remete a elementos diversos que contribuem para a sua compreensão. O papel do sujeito nos parece primordial no encadeamento das relações constituintes da estética da diferença, afinal, é ele quem se vale do princípio da alteridade para se autorrepresentar e para simbolizar e se tornar símbolo da deficiência. É dele também a prerrogativa de escolher não só os recursos linguísticos, mas todos os demais componentes da *mise en scène*, apresentando-a como uma obra em constituição a partir da qual enreda-se a vida cotidiana com contratos de comunicação heterogêneos e múltiplos.

Por isso, observar e evidenciar esses sujeitos, tanto os que se propõem a produzir conteúdos de *mise en scène* quanto aqueles que se propõem a interagir, se torna um grande desafio

teórico-metodológico no percurso que visa deslindar a estética. Tão desafiador é estabelecer as conexões entre esses sujeitos e as noções de contrato e de imaginários, que também possuem destaque na *mise en scène*.

Por outro lado é importante registrar que identificar a estética da diferença não deve ser uma proposta rígida, pensada a partir de uma fórmula pré-concebida. No caso desse trabalho, por exemplo, é necessário compreender a presença de sistemas significantes ou polissignificantes, como preferimos, por reunir em uma mesma situação de comunicação oralidade, escrituralidade, gestualidade e iconicidade, elementos que evidenciam a caracterização de enunciados plurisemióticos; elementos resultantes da produção discursiva dos usuários de redes sociais digitais, que reúnem marcas linguísticas do discurso tradicional assim como do tecnodiscurso ou aquele cuja gênese está na Internet.

No que tange aos aspectos metodológicos gostaríamos de ressaltar a importância de um mergulho nas comunidades diferentes dos dispositivos que se pretende estudar. A netnografia se apresenta como uma opção de observação detalhada a partir da qual levantamos informações e movimentos além do discurso que nos apoiam na análise semiolinguística. A nosso ver, o estudo de dispositivos complexos em sua origem e em suas relações sociais requer um olhar ampliado, que extrapole o recorte de dados para análise. Esse tipo de análise se tornaria ainda mais social na medida em que as redes sociais nos confrontam com singularidades nos aspectos linguísticos, discursivos e de circulação. Acreditamos ser essa uma contribuição para aqueles que pretendem incursionar pelas redes sociais digitais em diálogo com outros dispositivos em busca da diferença.

A *estética da diferença* evidenciou, nesse estudo, que os dois dispositivos mencionados, a deficiência e as redes sociais digitais, em seus aspectos linguísticos e sociais, são transgressivas e antropofágicas e, em conjunto, permitem a compreensão de um fenômeno cada vez mais presente nas sociedades ou o enfrentamento de um isolamento social de uma comunidade estigmatizada, que se mostra artificial e incompatível com a contemporaneidade.

Por fim, se em épocas passadas as pessoas com deficiência precisavam se ocultar e se manter no anonimato para não “perturbar” os demais, as redes sociais digitais possibilitam a elas o extremo oposto: projetar seus imaginários sociais por meio da encenação da própria deficiência. Algumas encenações nos remetem à desmistificação da deficiência não aceita e

não mostrada, aquela que faria parte de um passado com o qual já se rompeu não estando mais conectado ao presente. Outras, no entanto, nos conduzem aos estereótipos. Essa tensão impõe às próprias PcDs mais um desafio: encenações languageiras que enfrentem essas controvérsias e encontrem um equilíbrio saudável em prol da luta que pretendem levar adiante.

REFERÊNCIAS

REFERÊNCIAS

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. *NBR 6023*: informação e documentação - referências - elaboração. Rio de Janeiro, 2002.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. *NBR 10520*: informação e documentação - apresentação de citações em documentos. Rio de Janeiro, 2002.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. *NBR 14724*: informação e documentação: trabalhos acadêmicos: apresentação. Rio de Janeiro, 2011.

AMARAL, L. A. *Conhecendo a deficiência em companhia de Hércules*. São Paulo: Robe, 1995.

AMOSSY, R. *L'argumentation dans le discours*. Paris: Armand Colin, 2010.

AMOSSY, R. (Org). *Imagens de si no discurso: a construção do ethos*. São Paulo: Contexto, 2011.

ANDRADE, G. C. *Corpografia em dança: da experiência do corpo sensível entre a informação e a gestualidade*. 2013. 324 f. Tese (Doutorado) - Universidade Federal de Minas Gerais, Escola de Ciência da Informação, Belo Horizonte.

ANDRADE, O. *A utopia antropofágica*. São Paulo: Globo, 1990. (Obras completas de Oswald de Andrade).

ARTHUIS, M. Handicap. In: MARZANO, M. (Org.). *Dictionnaire du corpus*. Paris: Presses Universitaires de France, 2007. p. 441-443.

AUGÉ, M. *Pour une anthropologie des mondes contemporains*. Paris: Flammarion: 1994.

BARATS, C.; LEBLANC, J-M.; FIALA, P. Approches textométriques du web: corpus et outils. In: BARATS, C. (Org.). *Manuel d'analyse du web*. Paris: Armand Colin, 2013. p. 100-124.

BARNES, C. *Disabling imagery and the media: an exploration of the principles for media representations of disabled people*. Halifax: The British Council of Organizations of Disabled People and Ryburn Publishing, 1992.

BENKLER, Y.; NISSENBAUM, H. Commons-based peer production is a socio-economic system of production that is emerging in the digitally networked environment. *The Journal of Political Philosophy*, Baltimore, v. 14, n. 4, p. 394-419, 2006.

BÍBLIA. Português. 1991. *Bíblia sagrada*. Tradução I. Storniolo, E. M. Balancin e J. L. Gonzaga do Prado. São Paulo: Paulus, 1991. Edição Pastoral.

BLUTEAU, R. *Vocabulario portuguez & latino: aulico, anatomico, architectonico*. Coimbra: Collegio das Artes da Companhia de Jesus, 1712-1728. 8 v.

CAMERON, C. *Whose problem?* Disability narratives and available identities. *Community Development Journal*, Oxford, v. 42, n. 4, p. 501-511, 2007.

CARDON, D. *La démocratie internet*. Paris: Seuil, 2010.

CASTELLS, M. *A galáxia da internet: reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2003.

CHARAUDEAU, P. *Grammaire du sens et de l'expression*. Paris: Hacette Education, 1992.

CHARAUDEAU, P. *Des conditions de la mise en scène du langage*. In: DECROSSE, A. (Org.). *L'esprit de société*. Liège: Mardaga, 1993. p. 25-64.

CHARAUDEAU, P. Une analyse sémiolinguistique du discours. In: MAINGUENEAU, D. (Org.). *Langages (117): les analyses du discours en France*. Paris: Larousse, 1995. p. 96-111.

CHARAUDEAU, P. Visadas discursivas, gêneros situacionais e construção textual. In: MACHADO, I. L.; MELLO, R. (Org.). *Gêneros: reflexões em análise do discurso*. Belo Horizonte: NAD/FALE/UFMG, 2004. p. 13-41.

CHARAUDEAU, P. *Discurso das mídias*. São Paulo: Contexto, 2007a.

CHARAUDEAU, P. Les stéréotypes, c'est bien. Les imaginaires, c'est mieux. In: BOYER, H. (Dir.). *Stéréotypage, stéréotypes: fonctionnements ordinaires et mises en scène*. Paris: L'Harmattan, 2007b. Disponível em: <<http://www.patrick-charaudeau.com/Les-stereotypes-c-est-bien-Les.html>>. Acesso em: 10 fev. 2015.

CHARAUDEAU, P. A patemização na televisão como estratégia de autenticidade. In: MENDES, E.; MACHADO, I. L. (Org.). *As emoções no discurso*. Campinas: Mercado Letras, 2007c. p. 1-19.

CHARAUDEAU, P. Contrato de comunicação. In: CHARAUDEAU, P.; MAINGUENEAU, D. *Dicionário de análise do discurso*. São Paulo: Contexto, 2008a. p. 130-133.

CHARAUDEAU, P. *Linguagem e discurso: modos de organização do discurso*. São Paulo: Contexto, 2008b.

CHARAUDEAU, P. *Petit traité de politique à l'usage du citoyen*. Paris: Librairie Vuibert, 2008c.

CHARAUDEAU, P. Identidade social e identidade discursiva, o fundamento da competência comunicacional In: PIETROLUONGO, M. (Org.) *O trabalho da tradução*. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2009a. p. 309-326.

CHARAUDEAU, P. Dis-moi quel est ton *corpus*, je te dirai quelle est ta problématique. *Revue Corpus*, Nice, n. 8, p. 1-13, 2009b. Disponível em: <<http://www.patrick-charaudeau.com/Dis-moi-quel-est-ton-corpus-je-te,103.html>>. Acesso em: 29 fev. 2012.

CHARAUDEAU, P. Pour une interdisciplinarité focalisée dans les sciences humaines et sociales. *Questions de Communication*, 2010. Disponível em: <<http://www.patrick-charau-deau.com/Pour-une-interdisciplinarite.html>>. Acesso em: 05 abr. 2013.

CHARAUDEAU, P. *O sujeito voltou*. Entrevista a Vicente Cardoso Júnior. Boletim da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, ano 36, n. 1.697, 31 maio 2010b. Disponível em: <<https://www.ufmg.br/boletim/bol1697/6.shtml>>. Acesso em: 05 jan. 2015.

CHARAUDEAU, P. *Discurso político*. São Paulo: Contexto, 2011.

CHARAUDEAU, P. Pour une interdisciplinarité focalisée. Réponses aux réactions. *Revue Questions de communication*, n. 21, 2012. Disponível em: <<http://www.patrick-charau-deau.com/Pour-une-interdisciplinarite,283.html>>. Acesso em: 02 fev. 2015.

CHARAUDEAU, P. Le chercheur et l'engagement. Une affaire de contrat. In: ANALYSES du discours et engagement du chercheur, revue en ligne argumentation et analyse du discours. 2013a. Disponível em: <<http://www.patrick-charau-deau.com/Le-chercheur-et-l-engagement-Une,308.html>>. Acesso em: 02 fev. 2015.

CHARAUDEAU, P. Histoire d'un emprunt. Histoire d'une coïncidence Un hommage à Jean Peytard. *Monde Synergies*. Actes du Colloque *Miroir*. Un hommage à Jean Peytard – Précurseur de l'analyse de discours et de la didactique des langues. *Revue du Gerflint*, Sylvains les Moulins, n. 10, p. 43-50, 2013b.

COMOLLI, J-L. *Ver e poder: a inocência perdida – cinema, televisão, ficção, documentário*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2008.

CORREA, R. (Org.). *O discurso sobre o outro e as práticas sociais*. Belo Horizonte: Editora PucMinas, 2012.

CROCHIK, J. L. *Preconceito, indivíduo e cultura*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2006.

D'ANDRÉA, C.; ZILLER, J. Imagens violentas nas manifestações de 2013: Multiplicidades, estética e dissenso nas narrativas em vídeo de comuns de instituições. In: SILVA, R. H.A. (Org.). *Ruas e redes: dinâmica dos protestos*br. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2014. p. 15-38.

DELEUZE, G. *O que é um dispositivo*. O mistério de Ariana. Lisboa: Vega, 1996.

DELEUZE, G. *Diferença e repetição*. Rio de Janeiro: Graal, 1998.

DELEUZE, G.; GATTARI, F. *Mil platôs*. São Paulo: Editora 34, 2006.

DELEUZE, G. *Différence et répétition*. Paris: Presses Universitaires de France, 2011.

DICIONÁRIO da língua portuguesa. Porto: Porto Editora, 2013.

DUCARD, D. La machine a lire e le scriptorium électronique. *SPIRALE - Revue de Recherches en Éducation*, n. 28, 2001. Disponível em: <<http://spirale-edu-revue.fr/spip.php?article952>>. Acesso em: 01 jun. 2013.

ECO, U. *Lector in fabula*. São Paulo: Perspectiva, 1988.

ECO, H. *A obra aberta*. São Paulo: Perspectiva, 1991.

ERTZSCHEID, O.; GALLEZOT, G.; SIMONNOT, B. À la recherche de la «mémoire» du web: sédiments, traces et temporalités des documents en ligne. In: BARATS, C. (Org.). *Manuel d'analyse du web*. Paris: Armand Colin, 2013. p. 53-73.

FARIA, M. D.; CASOTTI, L. M. Representações e estereótipos das pessoas com deficiência como consumidoras: o drama dos personagens com deficiência em telenovelas brasileiras. *Revista O&S*, Salvador, v. 21, n. 70, p. 387-404, jul./set. 2014.

FERREIRA, A. B. H. *Aurélio século XXI: o dicionário da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2013.

FIGUEIREDO, I. V. *Imaginários sociodiscursivos sobre a surdez: análise contrastiva de discursos do Jornal Visual a partir da produção e da recepção*. 2013. 373 f. Tese (Doutorado) - Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Letras, Belo Horizonte.

FLICHY, P. *L'imaginaire de l'internet*. Paris: La Découverte, 2001.

FOUCAULT, M. Le jeu de Michel Foucault (entretien avec D. Colas, A. Grosrichard, G. Le Gauchey, J. Livi, G. Miller, J.A. Miller, C., Millot, G. Wajeman). *Bulletin Périodique du champ freudien*, Ornicar, n. 10, p. 62-93, 1997.

GOFFMAN, E. *Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. 4. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1975a.

GOFFMAN, E. *Stigmate: les usages sociaux des handicaps*. Paris: Les Éditions de Minuit, 1975b.

GOFFMAN, E. *A representação do eu na vida cotidiana*. Petrópolis: Vozes, 2011.

GUIMARÃES, C. Algumas notas sobre a interlocução entre a análise do discurso e a teoria da comunicação. In: MARI, H. et al. (Org.). *Fundamentos e dimensões a análise do discurso*. Belo Horizonte: Carol Borges, 1999. p. 107-121.

GREIMAS, A. J. *Du sens II*. Paris: Seuil, 1983.

HASTINGS, M.; NICOLAS, L.; PASSARD, C. L'épreuve de la transgression. In: HASTINGS, M.; NICOLAS, L.; PASSARD, C. *Paradoxes de la transgression*. Paris: CNRS Éditions, 2002. p. 7-28.

HOBBS, T. *Os pensadores*. São Paulo: Editora Abril, 1974. v. XVIII.

HOUAISS, A.; VILLAR, M. S. *Dicionário Houaiss de língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

HOUAISS, A. *Dicionário Houaiss de sinônimos e antônimos*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2003.

- JENKINS, H. *Cultura da convergência*. São Paulo: Editora ALEPH, 2009.
- JOUET, J.; CAROFF, C. L'observation ethnographique en ligne. In: BARATS, C. (Org.). *Manuel d'analyse du web*. Paris: Armand Colin, 2013. p. 147-165.
- KERBRAT-ORECCHIONI, C. Quelle place pour les émotions dans la linguistique du XXe. siècle? In: PLANTIN, C.; DOURY, M.; TRAVERSO, V. (Ed.). *Les émotions dans les interactions*. Lyon: PU de Lyon, 2000. p. 33-74.
- KOZINETS, R. V. *Netnography. Doing ethnographic research online*. York: Sage Publications, 2010.
- LAKOFF, G.; JOHNSON, M. *Metáforas da vida cotidiana*. São Paulo: Mercado de Letras, 2002.
- LEVI, S. Eugenics. In: ALBRECHT, G.L. *Encyclopedia of disability*. Califórnia: Sage Publications, 2006.
- LÉVI-STRAUSS, C. *Pensamento selvagem*. Tradução Tânia Pellegrini. Campinas: Papirus Editora, 1989.
- LÉVY, P. *O que é virtual?* São Paulo: Editora 34, 1996.
- LIMONGI, M. I. *Hobbes*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.
- LOCKE, J. *Livro III: palavras*. São Paulo: Editora Abril, 1974. (Os pensadores, v. XVIII, p. 226-270).
- MACHADO, I. L. Algumas reflexões sobre a Teoria Semiolingüística. *Letras & Letras*, Uberlândia, v. 22, n. 2, p. 13-21, jul./dez. 2006.
- MACHADO, I. L. Teorias e discursos transgressivos. *Revista de Estudos da Linguagem*, Belo Horizonte, v. 15, p. 109-128, 2007.
- MACHADO, I. L. A AD, a AD no Brasil e a AD do Brasil. In: DE PAULA, L.; STAFUZZA, G. (Ed.). *Da análise do discurso no Brasil à análise do discurso do Brasil: três épocas histórico-analíticas*. Uberlândia: EDUFU, 2010. p. 203-230.
- MACHADO, I. L. Algumas reflexões sobre elementos de base e estratégias da Análise do Discurso. *Revista de Estudos da Linguagem*, Belo Horizonte, v. 20-1, p. 187-208, 2012.
- MACHADO, I. L. *Percursos de vida que se entremeiam a percursos teóricos*. 2013a. Trabalho apresentado na I Jornada de Estudos (auto) Biográficos e de Narrativas de Vida: a escrita de si e do outro, São João Del Rey, 2013a.
- MACHADO, I. L. A 'narrativa de si' e a ironia: um estudo de caso à luz da Análise do Discurso. *Cadernos Discursivos*, Catalão-GO, v. 1, n. 1, p. 01-16, ago./dez. 2013b. Disponível em: <https://cadis_letras.catalao.ufg.br/up/595/o/Ida_L%C3%BAcia_Machado.pdf>. Acesso em: 10 maio 2014.

MACHADO, I. L.; MENDES, E. A análise semiolinguística: seu percurso e sua efetiva tropicalização. *Revista Latinoamericana de Estudios del Discurso*, Caracas, v. 13, p. 36-56, 2013.

MAINGUENEAU, D. L'analyse des discours constituants. In: MARI, H. et al. (Org.). *Fundamentos e dimensões a análise do discurso*. Belo Horizonte: Carol Borges, 1999. p. 45-58.

MAINGUENEAU, D. Diversidade dos gêneros de discurso. In: MACHADO, I. L.; MELLO, R. (Org.). *Gêneros: reflexões em análise do discurso*. Belo Horizonte: NAD/FALE/UFMG, 2004. p. 43-58.

MAINGUENEAU, D. *Les termes clés de l'analyse du discours*. Paris: Éditions du Seuil, 2009.

MAINGUENEAU, D. Genres de discours et web: existe-t-il des genres web? In: BARATS, C. (Org.). *Manuel d'analyse du web*. Paris: Armand Colin, 2013. p. 74-97.

MARCÍLIO, M. L. *História social da criança abandonada*. São Paulo: Hucitec, 1998.

MARI, H. et al. (Org.). *Fundamentos e dimensões a análise do discurso*. Belo Horizonte: Carol Borges, 1999.

MENDES, E. *Contribuições ao estudo do conceito de ficcionalidade e de suas configurações discursivas*. 2004. 267 f. Tese (Doutorado) - Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Letras, Belo Horizonte.

MERCER, G. Emancipatory disability research. In: BARNES, C.; OLIVER, M.; BARTON, L. (Org.). *Disability studies today*. Cambridge: Polity Press, 2002. p. 228-249.

MERCKLÉ, P. *Sociologie des réseaux sociaux*. Paris: La Découverte, 2011.

MOSCOVICI, S. Des représentations collectives aux représentations sociales: éléments pour une histoire. In: JODELET, D. *Les représentations sociales*. Paris: PUF, 1989. p. 79-103.

MUSSO, P. A filosofia da rede. In: PARENTE, A. (Org.). *Tramas da rede*. Porto Alegre: Sulina, 2010. p. 17-38.

NELSON, A. The invisible cultural group: images of disability. In: LESTER, P.; ROSS, S. (Ed.). *Images that injure: pictorial stereotypes in the media*. Westport: Praeger Publishers, 2003. p. 176-192.

NIKEL, Séverine. Ivan Jablonka, fils d'orphelin. *Portraits*, Puiseaux, n. 373, mars 2012. Disponível em: <<http://www.histoire.presse.fr/actualite/portraits/ivan-jablonka-fils-d-orphelin-01-03-2012-43591>>. Acesso em: 10 jan. 2014.

OLIVEIRA, A. A. S. Formação de professores em educação especial: a busca de uma direção. In: MENDES, E. G.; ALMEIDA, M. A.; WILLIAMS, L. C. A. (Org.). *Temas em educação especial: avanços recentes*. São Carlos: Ed. UFSCar, 2004. p. 239-241.

OLIVER, M. Emancipatory research: realistic goal or impossible dream? In: BARNES, C.; MERCER, G. (Org.). *Doing disability research*. Leeds: The Disability Press, 1997. p. 15-31.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE. *Relatório mundial sobre a de ciência*. Tradução Lexicus Serviços Lingüísticos. São Paulo: SEDPcD, 2012. Disponível em: <http://whqlibdoc.who.int/publications/2011/9788564047020_por.pdf>. Acesso em: 10 jan. 2014.

ORKUT. In: WIKIPEDIA: a enciclopédia livre. Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Orkut>>. Acesso em: 20 jun. 2014.

PAVEAU, M.-A. Réalité et discursivité. D'autres dimensions pour la théorie du discours. *Semen*, Paris, v. 34, p. 95-115, 2012. Disponível em: <<http://hal.archives-ouvertes.fr/docs/00/77/31/87/PDF/PAVEAU-Semen34.pdf>>. Acesso em: 15 jun. 2014.

PAVEAU, M. A. *Langage et morale: une éthique des vertus discursives*. Paris: Éditions Lambert-Lucas, 2013a.

PAVEAU, M.-A. Technodiscursivités natives sur *Twitter*. Une écologie du discours numérique. In: LIÉNARD, F. (Coord.). *Culture, identity and digital writing*. Séoul: Université Korea, Center for Applied Cultural Studies, 2013b. Epistémè 9: Revue internationale de sciences humaines et sociales appliquées, p. 139-176.

PESSOA, S. C. A CBN BH no *Twitter*: a rádio que toca notícia em 140 caracteres. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, XXXIV, Recife, 2011. *Anais do XXXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação*. São Paulo: Intercom, Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2011. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2011/resumos/R6-0983-1.pdf>>. Acesso em: 10 maio 2014.

PESSOA, S. C. A marcha nas ruas e o movimento nas redes: autocomunicação de massa e mise en scène In: SILVA, R. H. A. (Org.). *Ruas e redes: dinâmicas dos protestosbr*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2014. p. 67-88.

PEYTARD, J. La place et le statut du “lecteur” dans l’ensemble “public”. *Semen*, Besançon Cedex, v. 1, p. 13-37, 1983.

PINTO, L. M. S. *Diccionario da lingua brasileira*. Lisboa: Typographia de Silva, 1832.

PLANTIN, C. La construction rhétorique des émotions. In: RIGOTTI, E. (Éd.). *Rethoric and argumentation* (Proceedings of the IADA International Conference, Lugano). Tubingen: Niemeyer, 1999. p. 203-219.

PLANTIN, C. Doxa. In: CHARAUDEAU, P.; MAINGUENEAU, D. *Dictionnaire d'Analyse du Discours*. Paris: Seuil, 2002. p. 197-198.

PLATÃO. *La Republica, o de la Justicia*. In: OBRAS completas. Madrid: Aguilar, 1972.

REY, A. *Le petit Robert*. Paris: Le Robert, 2012.

RICOEUR, P. Mundo do texto e mundo do leitor. In: TEMPO e narrativa. Campinas: Papyrus, 1995. v. III, p. 267-308.

RICOEUR, P. *A metáfora viva*. São Paulo: Loyola, 2000.

ROUSSEAU, J. J. *Os pensadores*. São Paulo: Editora Abril, 1974. v. XVIII.

SANTAELLA, L.; LEMOS, R. *Redes sociais digitais*. São Paulo: Paulus, 2010.

SANTOS, B. S. A construção multicultural da igualdade e da diferença. *Oficina do Centro de Estudos Sociais*, Coimbra, n. 135, jan. 1999. Disponível em: <<http://www.ces.uc.pt/publicacoes/oficina/135/135.pdf>>. Acesso em: 21 abr. 2013.

SANTOS, B. S. *Reconhecer para libertar: os caminhos do cosmopolitanismo multicultural*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

SANTOS, M. P. *Práticas de inclusão em educação para professores*. 2013a. Disponível em: <<http://pt.scribd.com/doc/37442573/Monica-Pereira-dos-Santos-Praticas-de-Inclusao-em-Educacao>>. Acesso em: 21 maio 2013.

SANTOS, M. P. Inclusão, diversidade e desigualdade no ensino superior. In: SANTOS, M. P.; SILVA, A. P.; FONSECA, M. P. S. *Universidade e participação: reflexões*. Petrópolis: Lapeade, 2013b. p. 13-22.

SANTOS, M. P.; LORENT, V. J. Legislação Educacional e Inclusão na Universidade Federal do Rio de Janeiro (Brasil) e na Universidade de Córdoba (Espanha). *Revista Galego-Portuguesa de Psicoloxía e Educación*, Ferrol, v. 20, p. 7-24, 2012.

SHIRKY, C. *A cultura da participação*. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

SILVA, A. M. *Diccionario da lingua portuguesa*. Lisboa: Typographia Lacerdina, 1813.

SIMMEL, G. Pont et porte. In: TRAGEDIE de la culture et autres essays. Paris: Rivages, 1988.

TRAVERS, J.; MILGRAM, S. Une étude expérimentale du petit monde. In: MENDRAS, H.; OBERTI, M. (Dir.). *Le sociologue et son terrain*. Paris: Armand Colin, 2000. p. 230-241.

VERÓN, E. *Fragmentos de um tecido*. São Leopoldo: UNISINOS, 2004.

VION, R. *La communication verbale*. Analyse des interactions. Paris: Hachette Supérieur, 1992.

VIZER, E. A. *A trama (in) da vida social: comunicação sentido e realidade*. Porto Alegre: Sulina, 2011.

ZILLER, J. *Qualidade da informação e produsage: semiótica, onformação e o usuário antropofágico*. 2011. 314 f. Tese (Doutorado) - Universidade Federal de Minas Gerais, Escola de Ciência da Informação, Belo Horizonte.

Referências eletrônicas das postagens analisadas nos estudos de caso e citadas nesta tese

<http://assimcomovoce.blogfolha.uol.com.br/2013/02/04/emergencias-e-malacabados/>

<http://atrevidinha.uol.com.br/teste-qual-princesa-voce-e/>

<http://blogdosakamoto.blogosfera.uol.com.br/2013/01/09/deficiente-e-o-sujeito-que-se-acha-normal-e-exala-preconceito/>

<http://brasil.estadao.com.br/blogs/vencer-limites/luta-que-nao-acaba/>

<http://cronicasdasurdez.com/as-maes-de-criancas-com-deficiencia-auditiva-sao-anjos-conhecem-a-rafa-e-o-tom/> 30.01.2012 republicado em 25.06.2013

<http://deficienciavisualsp.blogspot.com.br/2009/04/recados-animados-deus-escolhe.html>

<http://deficientealerta.blogspot.com.br/>

<http://deficientealerta.blogspot.com.br/2013/11/aposentadoria-especial-para-deficiente.html>

<http://deficientealerta.blogspot.com.br/p/reporter-por-um-dia.html>

<http://filhosespeciaispaisabencoados.blogspot.com.br/search/label/Desenvolvimento%20mês%20a%20mês>

<http://filhosespeciaispaisabencoados.blogspot.com.br/search/label/Manifestação>

<http://lagartavirapupa.com.br/?s=luto>

<http://lagartavirapupa.com.br/10-coisas-que-sua-esposa-gostaria-que-voce-soubesse/>

<http://lagartavirapupa.com.br/2014/>

<http://lagartavirapupa.com.br/pupanique-lugar-de-autista-e-em-todo-lugar/>

<http://lagartavirapupa.com.br/viajando-sem-filhos-guia-basico/>

<http://maonarodablog.com.br/2014/09/11/parabens-nao-obrigado/>

<http://www.assonoemi.fr/>

<http://www.avidacomlogan.com.br/index.php/2014/05/08/acontece-na-fono/>

<http://www.avidacomlogan.com.br/index.php/sobre/>

<http://www.blogativo.net/?p=5935>

<http://www.blogdebola.com.br/?s=autista>

<http://www.deficienteciente.com.br/2011/07/brasileiro-cria-bengala-eletronica-de-baixo-custo-para-deficientes-visuais.html>

<http://www.deficienteciente.com.br/2012/11/setenta-e-sete-por-cento-das-pessoas-com-deficiencia-acreditam-que-nao-tem-seus-direitos-respeitados-no-pais.html>

<http://www.deficienteciente.com.br/2013/03/cnh-para-pessoas-com-deficiencia-constrangimento-humilhacao-e-exploracao.html>

<http://www.deficienteciente.com.br/2013/11/usuarios-de-cadeira-de-rodas-fazem-protesto-em-portugal.html>

<http://www.deficienteciente.com.br/2014/01/para-combater-o-preconceito-princesas-da-disney-sao-retratadas-como-deficientes-fisicas.html>

<http://www.deficienteciente.com.br/2014/12/senado-aprova-pensao-vitalicia-para-lais-souza.html#comments>

<http://www.deficienteciente.com.br/2015/01/casal-cria-blog-encantador-onde-registra-o-cotidiano-da-filha-com-sindrome-de-down.html>

<http://www.deficienteciente.com.br/tag/vagas-preferenciais>

<http://www.deficientefisico.com/renovando-a-carteira-de-habilitacao-cnh-para-deficiente/>

<http://www.deficientefisico.com/veja-como-solicitar-sua-cadeira-motorizada-pelo-sus/>

<http://www.dreamvillain.net/blog/>

<http://www.inclusaodiferente.net/2014/12/a-sindrome-do-coitadinho.html>

<http://www.inclusaodiferente.net/2014/12/politicas-de-inclusao-do-governo.html>

<http://www.vagalume.com.br/drake/jodeci-freestyle-feat-j-cole.html>

<http://www.youtube.com/user/canalpoenaroda>

<https://nossavidacomalice.wordpress.com/2012/09/>

<https://nossavidacomalice.wordpress.com/2013/11/07/nossa-vida-com-inclusao/>

<https://nossavidacomalice.wordpress.com/2014/08/20/caindo-pelas-tabelas/>

<https://nossavidacomalice.wordpress.com/2014/10/01/estimular-e-um-barato-livro-personalizado/>

<https://nossavidacomalice.wordpress.com/category/nossa-vida-com/>

<https://www.facebook.com/116159961796973/photos/pb.116159961796973.-2207520000.1424289107./706726162740347/?type=3&theater>

<https://www.facebook.com/EndtheWord>

<https://www.facebook.com/pessoacdeficiencia?fref=ts>

https://www.facebook.com/TVXuxa/posts/468359989868938?stream_ref=5

<https://www.youtube.com/watch?v=1HnZq2KCLHU>

<https://www.youtube.com/watch?v=bnrqtScwGB0>

<https://www.youtube.com/watch?v=d9eokEretqc#t=22>

<https://www.youtube.com/watch?v=emVpYtChhbQ>

<https://www.youtube.com/watch?v=WB9UvjnYO90#t=72>

[Twitter.com/search/#exoesqueleto](https://twitter.com/search/#exoesqueleto)

www.angelhairteam.blog.br/blog

www.carolcam.blogspot.com.br

www.facebook.com/cantinho.doscadeirantes

www.facebook.com/deficienteciente

www.facebook.com/deficienteciente/photos

www.facebook.com/deficientefisico

www.facebook.com/deficientesim

www.facebook.com/lagartavirapupa

www.facebook.com/marcosmionoficial

www.facebook.com/nossavidacomalice

www.facebook.com/pages/angel-HAIR-team

www.facebook.com/papers/deficiente-ciente

www.inclusaodiferente.net

www.twitter.com/deficientecient

APÊNDICES

APÊNDICES

APÊNDICE A - Descrição comentada de blogues, *Twitter* e *Facebook*

1. Blogues

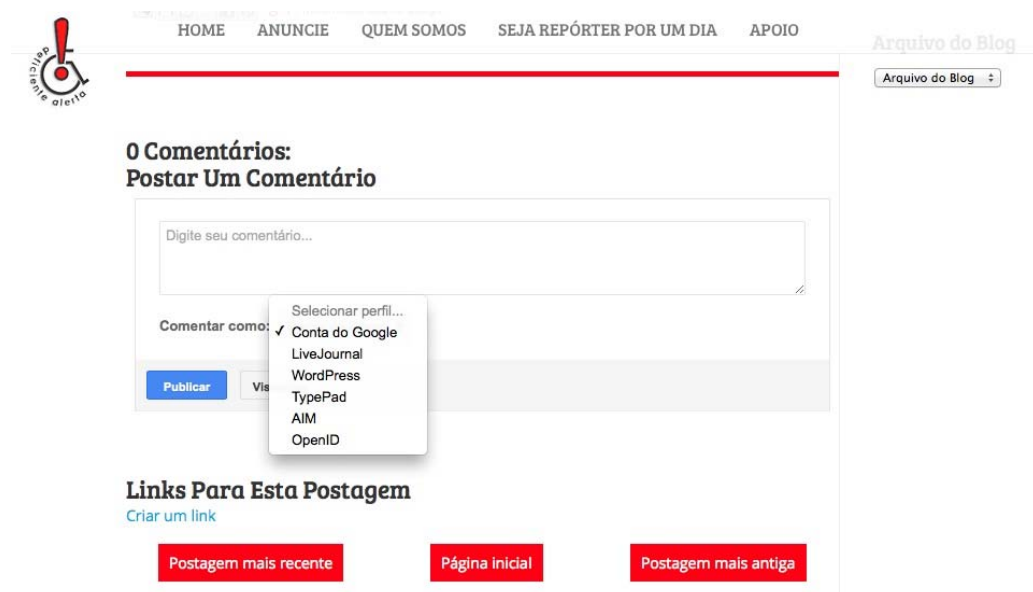
Os blogues nasceram em 1999 a partir de iniciativas espontâneas de diversos blogueiros que utilizam uma plataforma para atualização de informação de maneira ágil e fácil. O termo vem do inglês *blog* e foi considerado como um *diário pessoal*. Mas se firmou como um espaço para a publicação alternativa às mídias tradicionais e também como um espaço editorial livre, no qual cada um cria a própria linha de publicações a partir de sua temática de interesse. Os blogueiros podem trabalhar isoladamente, dispersos entre si, ou se conectar a outros blogueiros, formando a chamada *blogosfera*, ou ainda se conectar a pessoas interessadas, que não são necessariamente blogueiras, por meio de *e-mails*, comentários e outras redes. Eles teriam sido aqueles que fizeram as primeiras manifestações, segundo Cardon (2010), de exposição de si na Internet, em caráter bem mais intimista e discreto do que ocorre atualmente nas RSDs. O diário, feito em muitos blogues, no final da década de 1990, teria sido um passo importante para descortinar a intimidade de alguém para uma rede de desconhecidos. Talvez por isso eles ainda sejam considerados referências e um ponto de partida para aqueles que pretendem discutir temáticas como a deficiência, desempenhando um papel de *matriz* a partir da qual se inicia, em muitos casos, a interação.

As postagens dos blogues, em geral, são públicas e disponibilizadas em ordem cronológica decrescente e as interações costumam ser materializadas em comentários escritos ou por meio de botões com as palavras “curtir”, “recomendar” ou “compartilhar”, *emoticons* ou, em outras palavras, funcionalidade usada nas redes sociais para postar imagens semelhantes a expressões faciais que demonstram o humor ou o sentimento do usuário, entre outros. Os comentários, no entanto, costumam ser moderados e precisam de aprovação para se tornarem públicos. Ou podem ser feitos a partir de conexão em outra rede, como o *Facebook*, diretamente no blogue¹⁷⁴.

¹⁷⁴ Em outros blogues, como no <http://www.deficientefisico.com>, os leitores não têm a opção de fazer comentários nas postagens. Eles podem usar essa funcionalidade no *Facebook*.

Apresentamos a seguir um exemplo¹⁷⁵, que nos mostra a caixa de comentários onde podem ser registradas as opiniões dos leitores e o arquivo do blogue no qual ficam dispostas as postagens, em geral, por mês ou por ano de publicação:

Figura 1: Caixa de comentários de blogue



Fonte: Blogue Deficiente Alerta.

Há, ainda, outras modalidades de comentários, como o que é adotado por esse blogue, semelhante a um fórum de discussões cujas manifestações dos leitores e do blogueiro ficam abertas ao público, propiciando a interação de vários leitores em um debate sobre o mesmo assunto. Sujeitos múltiplos constituem um discurso polifônico e em permanente retomada de turnos.

¹⁷⁵ Disponível em: <www.deficientealerta.blogspot.com.br>.

Figura 2: Caixa de fórum de discussões

WALLPAPERS SOBRE FALE CONOSCO RSS

FEVEREIRO 2015

D	S	T	Q	Q	S	S
1	2	3	4	5	6	7
8	9	10	11	12	13	14
15	16	17	18	19	20	21
22	23	24	25	26	27	28

« jan »

FALE CONOSCO

Se você gostou do site e deseja entrar em contato conosco, mande um e-mail clicando aqui.

Search...

Like You and 6 others like this.

Discussion (28) [Comments RSS]

Dheine
22 de janeiro de 2013 at 15:11 | #
Oi, boa tarde!
Adorei a sua vida com Logan, vida com filho é sempre mais vibrante mesmo.... Mas onde estão as postagens mais recentes? Como está a família e como vai o Logan? Obrigada pela atenção!

Flavio F. Soares
22 de janeiro de 2013 at 15:27 | #
Olá, Dheine.
A correria do dia a dia tem atrapalhado bastante as postagens de textos e crônicas (infelizmente).
Nos últimos tempos temos feito mais atualizações da vida em família pelo Facebook por causa da praticidade e rapidez (mas agora, respondendo ao seu comentário, percebi que não há um direcionamento claro do site para nossa página no Face e isso precisa ser corrigido).

As melhores obras você encontra na **JURUÁ EDITORA!**

Esperanças Equilibradas

INCLUSÃO

Fonte: <http://www.avidacomlogan.com.br/index.php/fale-conosco/>.

Após esse exemplo sobre a descrição dos blogs, passamos ao *Twitter*.

2. Twitter

O *Twitter*, criado em 21 de março de 2006 por Jack Dorsey, é considerado um *microblogging* ou blogue em formato reduzido. Permite que o usuário crie um perfil personalizado com foto e algumas informações, como profissão, e publique atualizações em até 140 caracteres ou *tweets*, chamados de enunciados plurisemióticos, esses enunciados articulam simultaneamente elementos verbais e não verbais nascidos em típico em ambiente digital, o que os caracterizam como tecnodiscurso, na perspectiva de Paveau (2013).

Figura 03: Perfil no *Twitter*

Fonte: twitter.com/_thebest_.

Como nos mostra o exemplo acima, o perfil no *Twitter* ocupa o lado esquerdo da tela. O nome do usuário e logo abaixo o endereço no *Twitter*, que é sempre precedido pelo @, que simboliza como o usuário pode ser encontrado. O sinal de @ tem ainda a função de chamar a atenção de usuários quando alguém quer mencionar outra pessoa nominalmente, ou seja, uma interpelação. Abaixo do *tweet*, aparecem quatro botões que simbolizam “responder”, “retweetar”, “curtir” e “mais”, acompanhados de outras funcionalidades de compartilhamento (“compartilhar por mensagem direta”, “compartilhar por e-mail”, “incorporar *tweet*”, “denunciar”).

Abaixo do endereço de usuário está a Bio, a descrição propriamente dita sobre o usuário ou a sua identidade social, que deve ser elaborada em, no máximo, 160 caracteres. Ela apresenta o perfil aos demais seguidores ou o currículo do ator principal do espetáculo e é elemento importante na *mise en scène*.

A data a partir da qual o usuário participa do *Twitter* seria um dos fragmentos da estratégia de legitimidade prevista por Charaudeau (1995), que conferiria o poder de fala ao sujeito em determinada situação e posição social. Quanto maior for o período a partir do qual o usuário se inscreveu no *Twitter* mais ele teria o domínio da ferramenta e o perfil seria considerado de maior longevidade. Paradoxalmente, se ele estiver há muito tempo nesta RSD e tiver um pequeno número de seguidores, pode ser considerado um perfil de baixo interesse.

Registramos aqui que o endereço do *Twitter* *@thebest_*, no exemplo supracitado, conectado como perfil oficial do blogue *Deficiente Físico*, que é um perfil pessoal do administrador do blogue, que se conecta a ele por meio do endereço www.deficientefisico.com, citado logo abaixo da cidade referência do usuário. O estrangeirismo *the best* ou *o melhor* não mantém a padronização dos endereços dos demais perfis sempre relacionados ao sintagma deficiente físico. Por outro lado, reforça pistas para a nossa discussão sobre sujeitos múltiplos e identidades sociais e discursivas fragmentadas, percebidas também em outras RSDs.

Do ponto de vista da privacidade, um usuário pode escolher quem vê as suas postagens e as de quem quer ver. Essas são relações assíncronas, ou seja, apenas um dos usuários segue o outro e síncronas, quando dois ou mais seguem uns aos outros. É chamado por alguns como o SMS (*Short Message Service*) da Internet. Possibilita ao usuário depositar o conteúdo em um ambiente virtual. Entre as características do *Twitter* estão algumas semelhantes às dos blogues, como a atualização em ordem cronológica inversa e a possibilidade de interação, com *feedback*, de atores sociais (PESSOA, 2011).

Alguns perfis mantêm as postagens fechadas e é preciso pedir autorização ao usuário para segui-los para ter acesso ao conteúdo. Há também a opção de conteúdo aberto a todos os seguidores, sem autorização prévia, mas para isso, o usuário, inscrito naquela rede, deve tomar a iniciativa de seguir o perfil de seu interesse. As relações só se tornam síncronas se um usuário seguir o outro. É possível, no entanto, que um siga sem ser seguido, não configurando a reciprocidade. Outra questão diz respeito ao envio de mensagem direta: só é possível utilizar esse recurso, que é privado entre dois usuários, se um seguir o outro, o que, em tese, garante uma relação de mais proximidade.

3. Facebook

Lançado em 04 de fevereiro de 2004, o *Facebook* é considerado o serviço de rede social mais popular do mundo, tendo atingido, em 2012, um bilhão de usuários ativos. O usuário cria um perfil com foto a exemplo do que ocorre no *Twitter*, mas apresenta opções para disponibilizar muitos detalhes da vida que o usuário deseja revelar como local onde mora e trabalha, data de nascimento, nome do cônjuge, status de relacionamento, entre outras informações da vida privada profissional.

Há inúmeras opções para se relacionar no *Facebook*. A mais comum delas para usuários anônimos, em busca de redes, é criar um perfil pessoal e adicionar 'amigos' para relações síncronas. As publicações ficam disponíveis na *Timeline*, *Linha do Tempo* ou *Mural*. As configurações para visualizar as postagens dependem do desejo ou do conhecimento de cada usuário. Variam de postagens que só podem ser vistas pelo próprio usuário, aquelas que podem ser visualizadas pelos amigos, outras por amigos de amigos e há ainda a opção de postagens públicas, abertas a qualquer pessoa que tenha perfil no *Facebook*.

As postagens podem ser disponibilizadas de maneiras diversas. Identificamos pelo menos as possibilidades listadas a seguir: 1) Perfis pessoais individuais que aceitam amigos e, apesar de serem parte da rede do blogue que, por sua vez, é aberto, disponibilizam o conteúdo apenas para quem faz parte da lista de amizades; 2) Perfis pessoais individuais que aceitam amigos e aceitam seguidores, isto é, pessoas interessadas em acompanhar aquelas postagens sem, entretanto, ter os mesmos 'privilégios' dos amigos; 3) Grupos fechados (o usuário precisa ser convidado ou adicionado por um membro do grupo e somente os membros podem acessar o conteúdo); 4) Grupos abertos (qualquer usuário pode se inscrever para receber as postagens disponíveis para os interessados que tenham um perfil naquela rede social); 5) Páginas: destinadas a causas, empresas, organizações governamentais e não governamentais, redes de blogues, personalidades, em geral, mantêm as postagens públicas assim como as interações.

Na etapa etnográfica da pesquisa nos concentramos na observação das páginas destinadas a reproduzir ou a complementar o conteúdo dos blogues sobre PcDs, descartando os perfis pessoais dos blogueiros ou os considerando apenas quando as postagens tiveram configuração pública no *Twitter* ou no *Facebook*. Os usuários podem ter acesso às postagens da página ao entrar no endereço dela no *Facebook* ou receber as postagens a partir das opções *curtida* ou *seguir*.

Como consta no exemplo a seguir¹⁷⁶, a imagem dos amigos que curtiram a página aparece para cada visitante assim como é possível que cada um convide os outros amigos para fazer o mesmo. As postagens, no lado direito da tela, trazem o *link* do blogue onde está o texto completo. O sinal de um globo terrestre, ao lado da data, indica que ela está acessível por todos que desejarem, sem restrições nas configurações. Ao contrário da maioria dos blogues,

¹⁷⁶ Disponível em: <<https://www.facebook.com/NossaVidaComAlice?fref=ts>>.

para os quais é necessária a moderação dos comentários, no *Facebook* os usuários podem postar livre e imediatamente as suas opiniões logo abaixo da postagem, a menos que tenham sido bloqueados por algum motivo. A lógica espaço-temporal não obedece a critérios específicos. Os usuários podem fazer postagens sobre temas passados, podem compartilhar novamente uma postagem e podem “curtir” ou fazer comentários em postagens antigas, reacendendo uma discussão ou retomando a visibilidade da postagem. É possível o administrador da página apagar algum comentário indesejado ou considerado inadequado para o perfil, mas considera-se que essa postura seja uma prática antidemocrática, de acordo com a etiqueta das RSDs.

Figura 04: Página do *Facebook*



Fonte: Nossa vida com Alice.

A configuração do perfil, no entanto, não garante ao administrador a aceitação e o cumprimento das supostas normas por parte dos demais usuários. Não raras são as vezes em que uma postagem em um grupo fechado é compartilhada em um perfil pessoal ou em uma página aberta por qualquer um dos usuários cadastrados naquele grupo, quebrando a regra, em tese, aceita por todos do grupo. Em alguns casos a própria configuração restringe, mas é possível salvá-la e encaminhá-la para outro perfil.

Para exemplificar nossa discussão sobre as postagens públicas e privadas nas RSDs, partimos

da observação de dois blogues sobre deficiência em uma seleção feita a partir da nossa coleta de dados nos motores de busca, descrita na etapa 1. Ambos são escritos por jornalistas com deficiência e estão hospedados em dois grandes portais noticiosos brasileiros, *Folha de São Paulo* e *Estadão*. Apesar da institucionalização desses blogues as fronteiras entre as postagens públicas e privadas são bastante tênues, o que dificulta a disponibilização e a utilização de determinados dados.

Em *Assim como Você*¹⁷⁷ e seus respectivos perfis no *Twitter*¹⁷⁸ e no *Facebook*¹⁷⁹ e *Vencer limites*¹⁸⁰ e seus respectivos perfis nas redes sociais¹⁸¹ percebemos que não há uma separação demarcada entre os perfis dos blogues e os perfis pessoais dos blogueiros.

Por exemplo, as atualizações do *Assim como Você* são compartilhadas no *Facebook* no perfil pessoal do jornalista Jairo Marques, juntamente com outras postagens de suas vivências e opiniões sobre temáticas diversas, que não fazem parte do blogue. Além disso, ao contrário do blogue, trata-se de um perfil fechado na medida em que, para ter acesso às suas atualizações, é necessário que ele te aceite como “amigo”. Nós fazemos parte dessa rede, mas por questões éticas não nos sentimos à vontade para compartilhar ou analisar nessa pesquisa o que é compartilhado em caráter privado; reservando o uso de exemplos apenas para aquelas postagens que o próprio autor tornou públicas. No *Twitter* do mesmo blogue ocorre a seguinte situação: o perfil é registrado em nome do *Assim como Você* com as atualizações pessoais e profissionais também intercaladas em nome do jornalista e do próprio blogue, com postagens públicas. Já o *Vencer limites* optou por registrar uma *fanpage* ou página de fãs, geralmente destinada a empresas, marcas, causas ou eventos. O conteúdo é público e para acompanhar as atualizações o usuário deve curtir a página. Nesse espaço o jornalista compartilha apenas conteúdo relacionado ao blogue. Já no *Twitter* o perfil é registrado em nome do blogueiro, que também utiliza essa conta para outras temáticas que não são necessariamente relacionadas ao blogue. Apesar disso as postagens são públicas e qualquer pessoa pode ter acesso.

¹⁷⁷ Disponível em: <<http://assimcomovoce.bloguefolha.uol.com.br>>.

¹⁷⁸ Disponível em: <<https://twitter.com/assimcomovc>>.

¹⁷⁹ Disponível em: <<https://www.facebook.com/jornalistaJairoMarques?fref=ts>>.

¹⁸⁰ Disponível em: <<http://blogues.estadao.com.br/vencer-limites>>.

¹⁸¹ Disponível em: <<https://twitter.com/LexVentura> e <https://www.facebook.com/VencerLimites?fref=ts>>.

APÊNDICE B - Resumo comentado sobre termos dicionarizados sobre deficiência

Pesquisamos nos dicionários a partir de uma ótica do hipertexto que, a nosso ver, se aplica a produtos impressos e a outros bens culturais, a partir da qual podemos fazer consultas sem obedecer a um princípio linear. Ao consultar um verbete no dicionário¹⁸² seguimos as pistas que ele nos apresentou e estabelecemos vínculos com outros verbetes indicados por ele, criando uma rede de sentidos a partir de uma textualidade navegante (MAINGUENEAU, 2013).

Os dicionários reúnem textos que podem ser relacionados a algumas dimensões da vida social que contribuem para a compreensão da sociedade em nossa época (VIZER, 2011), explicados nesta tese, tais como o eixo de práticas e ações instrumentais, de organização política e o normativo-valorativo. No nosso entendimento os dicionários, de certa maneira, são uma referência documentada de imaginários sociais que materializam e refletem as maneiras como determinada sociedade tratavam discursiva e socialmente grupos sociais como as PcDs. A partir da etimologia das palavras e do emprego feito em determinada época temos uma ideia dos possíveis efeitos de sentido que os sujeitos poderiam produzir.

Sem a pretensão de querer estabelecer uma pesquisa histórica exaustiva, mas com o intuito de aproximar o leitor de um breve panorama sobre como a deficiência foi e como continua sendo *falada* ao longo dos séculos, apresentamos o que chamamos metaforicamente de linha discursiva do tempo. O objetivo é tentar compreender o uso de palavras e sintagmas para se referir à deficiência ou à pessoa com deficiência e as suas adaptações ao longo dos anos, bem como o uso atual.

A costura da nossa linha discursiva seguiu três traçados principais: os dicionários, a bibliografia e a legislação. Buscamos a relação entre as palavras encontradas no levantamento bibliográfico sobre a deficiência e o preconceito (AMARAL, 1995; MARCÍLIO, 1998, CROCHÍK, 2011; CORRÊA, 2012) e os significados nos principais dicionários da atualidade e em dicionários históricos disponíveis na internet.

¹⁸² Os dicionários são considerados hipertextos por alguns autores na medida em que a leitura é feita a partir da autonomia do leitor sem lógica linear ou definida pelo autor: “Um hipertexto, ao contrário, não tem um ordem preferencial para ser lido. Um bom exemplo de hipertexto são os dicionários; outro, as enciclopédias. Em ambos procuramos diretamente o verbete que nos interessa. E se, ao ler a definição do verbete, encontramos termos que nos são desconhecidos, vamos diretamente a eles. Não tenho notícia (mas certamente existem) de pessoas que leiam dicionários sequencialmente, uma página após a outra, da primeira à última” (TOMAGHI, 2005, p. 2).

O dicionário pode ser percebido também como um retrato letrado possível de uma época. E por meio dos dicionários é possível ter pistas sobre um conjunto de termos e expressões que uma dada formação social, em certa época da sua trajetória histórica, elegeu como representativos para falar de si e dos outros. De certa forma se pode dizer que o dicionário reúne o resultado linguístico de uma dada construção social, com suas ideologias, representações, fantasmas, tabus, não ditos e idiosincrasias. O dicionário estaria no campo do saber de conhecimento (CHARAUDEAU, 2011).

É fundamental entendermos, por exemplo, porque determinada sociedade utilizou o termo “retardado” para designar, de maneira genérica e evidentemente excludente, o conjunto das situações que caracterizam a deficiência. Parece-nos que “retardado” se refere ao atraso numa linha evolutiva que se pretendia única e imutável. O ser humano nascia, na primeira infância aprendia as primeiras letras e os primeiros números, adolescência e logo se tornava adulto, isto é, a resultante completa e acabada de um processo evolutivo que se pretendia linear e homogêneo.

Portanto, se, por um lado, termos como retardado, idiota, imbecil e deficiente, poderiam revelar o medo, a estranheza e a incerteza de como lidar, incorporar e incluir a PcD, chegando muitas vezes à rudeza, à crueldade e à exclusão, como mostrou o exemplo supracitado, por outro lado, revelam também a ignorância e o despreparo para encarar o outro e assumir - ele, ou ela, ou ele/ela, é diferente de mim, mas nem por isso é menos do que eu.

Esses medos, por sua vez, traduziriam um desconhecimento social mais amplo. Uma determinada ciência, também ela, por sua vez, como mencionado no último exemplo, reflexo e resultado de certa construção social, “ensinou” aos seus contemporâneos que aquele que fugia ao padrão se “retardava”, estava atrasado, ou, pior, apresentava uma “deficiência” que o tornava para sempre um “imbecil”.

Os dicionários antigos, cujas definições hoje podem nos parecer bizarras ou até mesmo assustadoras, nada mais nos parecem ser do que o arranjo, a organização e a classificação desses padrões que frequentavam e determinavam as relações sociais. Por outro lado, essa reflexão não nos permite eliminar ou justificar as atrocidades que tenham sido cometidas e não cessam de ocorrer seja por meio do discurso ou de práticas vigentes em determinadas sociedades.

É importante notar ainda que apesar da nossa compreensão dos contextos histórico-culturais, a dinâmica social alimenta o uso linguageiro, cristaliza-o ou modifica-o e o transforma, possibilitando a sua constituição de maneiras diversas ao longo dos anos, podendo ser pejorativa, estereotipada e até mesmo na condição de xingamento e insulto em relações pessoais iniciadas, muitas vezes, na infância, na escola e, até mesmo, no ambiente familiar.

Embora não haja muitos registros sobre como a deficiência era tratada na Antiguidade – os estudos costumam ser raros e pontuais –, encontramos correspondência entre o que está descrito pelos dicionários e o que foi registrado na história da humanidade. Antes de chegarmos aos termos dicionarizados consideramos importante fazermos um breve passeio pelas representações e o tratamento social dispensado às pessoas com deficiência ao longo dos anos. Eles também apontam pistas para a compreensão dos imaginários sociodiscursivos sobre a deficiência que encontramos nas RSDs na atualidade.

Retirar a vida das pessoas com deficiência ou retirá-las do convívio social já fez parte de muitas sociedades ou pelo menos dos seus imaginários. Platão, por exemplo, em sua obra considerada mais célebre, *A República*, escrita no século IV a.C, recomendava à medicina e à jurisprudência o encaminhamento aos casos de pessoas com deficiência: “[...] cuidarão apenas dos cidadãos bem formados de corpo e alma, deixando morrer o que sejam corporalmente defeituosos [...] é o melhor tanto para esses desgraçados como para a cidade em que vivem” (PLATÃO, 1972, p. 716). Na cidade fictícia Callipolis, ou cidade bela, não havia espaço para as pessoas consideradas inferiores, por isso, deveriam ser escondidas em um lugar interdito e oculto. No envidraçado do espelho, o lado da luz, brilhavam as pessoas com corpos saudáveis e *bem feitos*, quase esculpidos, legitimando o culto à beleza. Do lado opaco, o das sombras, se esgueiravam os de corpos ou mentes *mal feitos*.

A noção de defeito aparece na Bíblia, que teria sido escrita por diversos autores entre 1445 e 450 a.C. São várias menções aos defeitos tanto para os animais quanto para os humanos. Exigia-se que não houvesse “defeito” nem nos animais, oferecidos nos sacrifícios ou atos nos quais o homem entrega a Deus algo que ele estima muito, tornando-o sagrado. “Se for sacrifício da comunhão, e se você oferecer para Javé animal grande, macho ou fêmea, ele deverá ser sem defeito”, está profetizado em Levítico (3, 4), o livro da tribo de Israel que foi escolhida para exercer a função sacerdotal, e onde estão descritos vários rituais dos sacrifícios.

Os leprosos e aqueles que tinham sarna deveriam ser examinados pelos sacerdotes para uma série de procedimentos, que determinavam períodos de isolamentos. Confirmada a lepra, a pessoa era considerada impura, que pode estar impregnada de forças perigosas, o que não significaria algo de cunho físico ou moral. A lei sobre o leproso prevê: “Quem for declarado leproso, deverá andar com as roupas rasgadas e despenteado, com a barba coberta e gritando: Impuro! Impuro!” (Lv, 13). E assim, determinava-se que a pessoa fosse excluída do acampamento para viver separadamente da família e do restante da comunidade. As pessoas com deficiência não eram dignas de participar de rituais como os previstos na Santidade dos Sacerdotes, por exemplo:

Javé falou a Moisés: ‘Diga a Aarão: Nenhum dos seus descendentes, nas futuras gerações, se tiver algum defeito corporal, poderá oferecer o alimento do seu Deus. Não poderá apresentar-se ninguém defeituoso, que seja cego, coxo, atrofiado, deformado, que tenha perna ou braço fraturado, que seja corcunda, anão, que tenha defeito nos olhos ou catarata, que tenha pragas pustulentas, ou que seja eunuco. Nenhum dos descendentes do sacerdote Aarão se apresente, com algum defeito, para apresentar ofertas queimadas a Javé. É que tem defeito e, por isso, não se apresentará para oferecer o alimento do seu Deus. Ele poderá comer das porções sagradas e santíssimas, mas não ultrapassará o véu, nem se aproximará do altar: ele tem defeito corporal, e não deverá profanar as minhas coisas sagradas, porque eu sou Javé, que as santifico. Moisés falou tudo isso a Aarão e seus filhos, e a todos os filhos de Israel. (Lv, 21, 16).

O “defeito” corporal determinava às pessoas com deficiência o lugar da humilhação ou de bobo da corte, como disse Amaral (1995). Tinham que desaparecer dos locais públicos e ser escondidas para não incomodar a sociedade. Não podiam se conectar às redes sociais, fossem elas de familiares, de vizinhos ou comunitárias. Elas não podiam estar, não podiam tocar nem ser tocadas, não podiam ser... E em alguns momentos da história da humanidade, nasciam, mas não podiam viver. O atributo que a diferencia pode ser evidenciado à primeira vista ou pode ser ocultado dependendo dos encontros sociais (GOFFMAN, 1975).

Marcílio (1998), que estudou a história social da criança abandonada, lembra que na Grécia antiga, era consenso que as crianças *disformes* deveriam ser expostas, ou seja, deixadas na rua ou em algum lugar no qual não mais seriam encontradas, sendo mais comuns os casos de abandono para as meninas *disformes*. Refletindo brevemente sobre a deficiência e a beleza na sociedade grega, parece-nos que as representações da deficiência estariam para representações sobre o corpo perfeito como um dos lados opacos do espelho. É por esse lado que não se vê ou que não se deseja ver aquele ou aquilo que não é belo o suficiente, que não reflete um estilo de vida saudável, com corpos torneados, na mais alta expressão da beleza que se pode

almejar. E aqui nos perguntamos se esse ideal não estaria refletido nos imaginários da sociedade atual com grandes parcelas de pessoas dedicadas à busca incessante da vida saudável e corpos esculturais. À deficiência não seria permitido desfilar em praça pública ou nos ginásios frequentados por atletas que, com seus corpos quase sempre nus, simbolizavam a força, a energia, a coragem, o poder de uma sociedade.

O foco na limitação, algumas vezes, pode resultar em um roteiro de vida com viés aparentemente dramático descreve uma situação na qual a própria família estava apta a tomar a decisão se um *disforme* teria direito à vida ou se seria abandonado: “A deformidade da criança ou a pobreza da família bastavam para que a justiça doméstica decretasse a sua morte ou seu abandono. O aborto era legítimo e o infanticídio admitido” (MARCÍLIO, 1998, p. 23). A mudança nessa percepção da sociedade ocorreu depois do ano 318, quando o infanticídio passou a ser punido com morte. Mas aos *defeituosos*, o tratamento continuou o mesmo, sendo naturalizada a prática das famílias atirarem ao mar ou queimarem, matando os bebês com “defeito”, que trariam o mau agouro não só para aquela família, mas para toda a comunidade.

Qual seria, então, a relação entre o termo *defeito* ou *imperfeição*? No latim *Deficientia*, que significa falta, falha, carência, imperfeição ou defeito, está a origem de deficiência (AURÉLIO, 2013). Alguns dicionários costumam apresentar deficiência em sua concepção para a medicina e para o direito, ampliando para algumas outras poucas áreas, quando as consideram relevantes. Para a medicina, deficiência, significa, de acordo com a mesma fonte, insuficiência. E deficiente é aquilo ou aquele que apresenta deficiência, que é falho ou imperfeito. É do século XVI, mais precisamente em 1573, o registro do Houaiss para a aceção de deficiência como uma falha, algo que não funciona bem ou ainda: “Para a psiquiatria, insuficiência de uma função psíquica ou intelectual, deficiência mental ou deficiência sensorial” (HOUAISS, 2009, p. 606). A deficiência é também associada à invalidez, a partir de uma ótica jurídica com vistas a direitos trabalhistas: incapacidade física ou mental permanente que impossibilita o exercício de atividade profissional, sendo justificativa para a aposentadoria (HOUAISS, 2009, p. 1.104).

A ideia de imperfeição ou de defeito parece guiar a maior parte das definições para deficiência. No dicionário *Houaiss: Sinônimos e Antônimos*, por exemplo, deficiência é caracterizada como deformidade, defeito, deformação, disformidade, malformação/má formação, aplicados para deficiência física. E o verbete defeituoso, por sua vez, é:

“enguiçado, desarranjado, quebrado (para máquinas) ou defectivo, errado, falho, imperfeito, incompleto, malfeito” (HOUAISS, 2003, p. 189).

Continuando as nossas buscas por verbetes em dicionários e as suas relações com os imaginários sociodiscursivos atuais, encontramos inválido, que remete a 1537 e aponta para alguém desprovido de vigor físico e moral; fraco, débil; vão, nulo; que ou aquele que, por deficiência física ou mental, se tornou incapaz de levar uma vida ativa, especialmente de exercer atividades profissionais (HOUAISS, 2009). De débil, dicionarizado pelo menos a partir do século XV, surgem variações de débil mental, que para a psiquiatria significa quem apresenta debilidade mental, que ou quem carece de inteligência, ou ainda falta de discernimento, bobo, idiota, tolo (HOUAISS, 2009).

Também é do século XV o registro para aleijado e aleijão, sempre associados a quem tem alguma imperfeição física; que apresenta falha moral ou espiritual; defeituoso, deformado, imperfeito, mutilação, que apresenta grande deformidade física; monstro; qualquer coisa disforme, malfeita ou monstruosa. Um século antes, porém, defeito já havia sido relacionado à deformidade e imperfeição física (HOUAISS, 2009).

No século XVIII, Bluteau (1728) destacou verbetes como debil (fraco de forças), aleijado (aquele que não pode usar um braço ou uma perna, que tem alguma doença) e inválido (enfermo, que perdeu as forças), além de defeituoso (imperfeito). Já Morais e Silva (1789) mantêm os verbetes alejado, alejão, alejar, débil e debilidade com significados semelhantes. No século seguinte, Silva Pinto (1832) também registra aleijão e aleijar com os mesmos sentidos.

É importante registrar que no dicionário Houaiss (2009) consta ainda excepcional como indivíduo que tem deficiência mental, baixo QI, quociente de inteligência, deficiência física (deformação do corpo), ou sensorial (cegueira, surdez, etc).

Em países de língua inglesa e também na França a palavra *handicap* significa, genericamente, desvantagem ou, em sentido figurado, dificuldade, obstáculo ou impedimento (PORTO, 2013). Como ocorre nos dicionários brasileiros, o verbe tem a acepção da medicina destacada como deficiência. O termo seria de uso relativamente recente na língua francesa, tendo surgido na primeira metade do século XIX nas corridas hípcas. A etimologia está

relacionada ao idioma inglês, significando literalmente ‘mãos no chapéu’, uma analogia à escolha do nome do cavalo vencedor da prova escrito em pequenos papéis no fundo do chapéu. Usado em sua forma verbal, *handicaper* um concorrente, por exemplo, seria a ação de alguém para reduzir as chances de sucesso do outro (ARTHUIS, 2007).

Uma atualização dinâmica da língua teria levado países europeus a assumir o uso de *handicap* de acordo com o que preconiza a Organização Mundial de Saúde (OMS), como uma desvantagem que atinge uma pessoa particularmente em sua vida social. No verbete assinado por Arthuis (2007), no “Dictionnaire du corps”, há menção à sequência de termos *déficiencé-incapacité-handicap*, muito criticada na França por remeter a uma antiga e equivocada expressão de *inadaptação social*.

Após uma longa explicação sobre os direitos da pessoa com deficiência e sobre a criação da *Maison du handicap* o autor finaliza o verbete reforçando um discurso sobre a deficiência como diferença, que será explorado adiante nesse trabalho, conforme mencionado a seguir:

É imperativo que a sociedade possa olhá-los de forma diferente. Eles são, certamente, pessoas ‘diferentes’, mas a sua diferença não causa inferioridade. Iguais em direitos, eles merecem o mesmo respeito e a mesma consideração que os outros. Tanto mais que, por sua fragilidade, eles nos lembram de nossa humanidade e da nossa própria fragilidade. É por isso que, além de leis para melhorarem as suas vidas, devemos-lhes respeito e amor. Devemos dar-lhes e às suas famílias, compreensão, apoio e acompanhamento para uma vida digna, que, por sua vez, humanizará a nossa sociedade. (ARTHUIS, 2007, p. 443).¹⁸³

¹⁸³ Tradução nossa de: Il devient impératif que la société puisse les regarder autrement. Car elles sont certes des personnes «différentes», mais leur différence n’entraîne nullement leur infériorité. Égales en droits, elles méritent le même respect et la même considération que les autres. D’autant que, par leur fragilité, elles nous rappellent notre humanité et notre propre fragilité. C’est pourquoi, en plus des lois qui contribuent à améliorer leur vie, nous leur devons respect et amour. Nous devons leur apporter, ainsi qu’à leurs familles, compréhension, soutien et accompagnement en vue d’une vie digne qui, en retour, humanisera notre société.

APÊNDICE C - Entre leis e convenções: descrição comentada de algumas leis e convenções sobre as PcDs

De certa forma também o conjunto das normas legais, aquilo que comumente conhecemos como “legislação”, traduz em linguagem codificada um olhar social. Ainda que não seja sempre assim, via de regra, uma norma legal é editada após um trabalho de construção social, que envolve a participação de diversos atores, a maioria do campo institucional. Um parlamentar propõe um projeto de lei, que é discutido em comissões legislativas e no plenário da casa legislativa, e passa por pareceres técnicos. Pode envolver a consulta a grupos ou setores sociais envolvidos com o tema e a realização de audiências públicas em um trabalho de construção coletiva da lei. Pode até mesmo o projeto de lei ser proposto por iniciativa popular, isto é, por uma parcela representativa do conjunto da sociedade.

A norma legal resultante é, portanto, consequência da construção social ou de imaginários sociais dos quais ela é originária. Da mesma forma que os dicionários o são para o campo da linguagem falada e escrita, a legislação é o repertório do que se considerou válido no campo da normatização jurídica da vida social. Por que uma sociedade pune legalmente os maus tratos a pessoas com deficiência? Por que numa certa sociedade a assistência à saúde e a aposentaria às PcDs são garantias existentes há muitos anos? Quais motivos levam um país a adotar políticas de educação inclusiva e criminalizar a negação da vaga em escolas para crianças com autismo? Como entender o fato de que o *bullying* é crime e as PcDs são, muitas vezes, vítimas dessa prática prevista em lei? É evidente que a normatização legal em si, num caso e no outro, não é a origem das diferentes atitudes sociais perante o mesmo comportamento. Ela seria o resultado, o termo final ou temporário de um processo cuja origem deve ser o arcabouço ideológico, o conjunto de códigos e referências morais nos quais uma e outra sociedade acredita. E dentre os quais estão, sutil ou evidentemente, as representações sociais.

Novamente com Vizer (2011), a legislação, a nosso ver, estaria relacionada às dimensões culturais, de práticas e ações instrumentais, de organização política e normativo-valorativa necessárias para a compreensão da vida cotidiana e, conseqüentemente, da complexidade discursiva que nela tem lugar.

Portanto, pesquisar a legislação para entender como cada sociedade, no tempo e no espaço, tratou a questão da deficiência, significa abordar o conjunto de referências e representações dessa sociedade a partir de um dos resultados formais finais do processo. Supomos, assim, que a lei é a decantação social de um processo de construção ideológica cuja origem está nas representações, nos imaginários, nas crenças, nos tabus, nos interditos que certa sociedade construiu para si mesma. A legislação está relacionada a todos esses saberes de crença e paradoxalmente também aos saberes de conhecimento talvez nos dando conta da aplicação pragmática dos saberes em dois campos (CHARAUDEAU, 2011), conforme mencionamos. Como os dicionários, a normatização legal é um campo privilegiado de análise, ambos são fontes para o acesso à forma como essa ou aquela sociedade tratou determinado tema e como esse tratamento pode ter relações com a circulação das representações e das encenações.

E, em certa medida, no futuro, as redes sociais, ou seus arquivos, provavelmente também integrarão um universo, bastante diferente da legislação e dos dicionários, mas peculiar, bem próximo da linguagem cotidiana, registrada por instituições e anônimos em seus perfis públicos e privados, e que estaria relacionado, a nosso ver, a todas as dimensões apontadas por Vizer (2011) como aquelas que nos remetem à complexa vida cotidiana: as práticas e ações instrumentais (condições de vida e as relações com os meios), a organização política (Estado e práticas de democracia, igualdade/desigualdade, etc), as normas e valores em seu sentido informal e horizontal (igualdade e direitos à diferença entre indivíduos, grupos e setores sociais), a “realidade material e simbólica” (diferentes espaços e territórios), os vínculos e os laços sociais e de parentesco (emoção e sentimento) estão na quinta dimensão e a dimensão cultural (narrativas, cerimônias e rituais).

As expressões, sintagmas, enunciados e imaginários sociodiscursivos sobre as PcDs, como dissemos, compõem o universo de reivindicações dos movimentos que defendem os direitos e as garantias de cidadania à maior comunidade ou minoria do planeta. Na medida em que as conquistas desses movimentos avançam, ganha corpo também a ideia de que é preciso se libertar de palavras que estigmatizam ou estereotipam as PcDs ou que lhes imponham atributos pejorativos. Longe de ser um consenso é, antes de tudo, uma negociação permanente que se faz, periodicamente, interna e externamente nos próprios movimentos e com órgãos governamentais, instituições diversas e com a própria sociedade. O resultado desses acordos se materializa em documentos nacionais e internacionais, especialmente aqueles publicados pela Organização das Nações Unidas (ONU), que são referendados pelos governos de

diversos países e na participação ativa dos movimentos políticos e de anônimos em eventos sociais e nas redes digitais.

O início do uso de uma nova palavra ou sintagma não significa, porém, o fim dos demais. Como toda língua é dinâmica e, como a linguagem se constitui de componentes individuais e sociais, vai se adaptando de acordo com o próprio uso e com a cultura. É comum, como sabemos, haver uma profusão de termos, para denominar o mesmo, circulando simultaneamente. Assim como a própria deficiência, retomando a nossa reflexão anterior, a linguagem está intimamente relacionada aos aspectos individuais e coletivos. E mesmo entre os movimentos políticos que lutam por essa *unificação* ou *aprimoramento* dos enunciados linguísticos há divergências expressas em discursos distintos ao longo dos anos.

Para que possamos entender um pouco melhor a rede discursiva que se forma dos movimentos para os documentos, deles para a sociedade e dela para as redes, não necessariamente em uma ordem estática e hierarquicamente assim estabelecida, recuperamos alguns documentos internacionais considerados referência na luta pelos direitos das PcDs, além de fragmentos da história do movimento político no Brasil. De certa maneira, esse conjunto de documentos integra a memória coletiva das PcDs assim como a memória individual de muitos que tiveram as suas narrativas de vida a eles associadas.

Os movimentos sócio-políticos ou aqueles que tiveram sua trajetória politizada, tais como os que defendem os direitos das PcDs, estão intimamente ligados aos imaginários que permeiam a instância política e que podem ser reunidos em pelo menos três grandes grupos, segundo Charaudeau (2011), aqui resumidos por nós: Tradição, Modernidade e Soberania.



O imaginário da tradição é sustentado por discursos que, em algum momento histórico, mobilizaram as massas. Há o desenvolvimento de discursos que justificam guerras, extermínios, fobia contra o outro (homossexuais, judeus, negros, pessoas com deficiência) ou estigmatizam movimentos migratórios ou religiosos (imigrantes africanos na Europa, Islamismo como radicalidade). E também a defesa de valores passados como a mulher manter-se virgem para o casamento, a constituição de famílias somente heterossexuais ou a manutenção de PcDs em casa sem acesso ao estudo, trabalho e vida social. Serve para justificar ações violentas de eliminação do outro, macular a pureza identitária para resolver os problemas e reduzir as oportunidades de avanços.




Uma das pistas que nos indicam que as representações de cunho pejorativo persistem na sociedade foi materializada em um guia prático elaborado pelo governo brasileiro¹⁸⁴ com o objetivo de orientar a população com recomendações básicas sobre o discurso adequado para falar com a PcD ou se referir a ela. Este tipo de recomendação é compartilhado nas RSDs, ampliando a discussão sobre um discurso que evidencie uma percepção social da deficiência, que alguns denominam de politicamente correto. Paradoxalmente pode se configurar como uma necessidade de reconfiguração dos imaginários sociodiscursivos na medida em que orientaria a sociedade. Por outro lado pode ser considerado também uma “armadilha” já que tenta disciplinar um discurso, o que contribuiria, mas não garantiria consequências imediatas nas barreiras atitudinais cotidianas. O guia a seguir parece sintetizar parte da nossa percepção sobre a memória discursiva da sociedade sobre as PcDs.

Ao elencar, no seu lado direito, o NÃO USE, marcado com um X e em cor vermelha para indicar a proibição, aqueles termos que devem ser evitados, recapitula grande parte do que foi usado, discursiva e culturalmente, por séculos em todo o mundo: deficiente, inválido, doente, excepcional, necessidades especiais e defeituoso são alguns exemplos do que os movimentos em defesa dos direitos das PcDs buscam substituir. Já o lado esquerdo, com sinal de permitido e em verde, traz as novidades dos últimos anos, fruto do trabalho de movimentos políticos em uma proposta de imaginário social que já circula e que se pretende consolidar para as PcDs: pessoa com deficiência, e necessidades específicas são algumas das principais indicações.

¹⁸⁴ O guia compõe o primeiro conjunto de documentos encontrados na coleta genérica realizada através dos motores de busca na internet conforme descrição no capítulo I. Disponível em: <<http://www.sdh.gov.br/assuntos/pessoa-com-deficiencia>>.

Figura 01: Não use x Use

 NÃO USE	 USE
Deficiente, inválido, doente e excepcional	Pessoa com deficiência
Portador de síndrome de Down, retardado e portador de retardamento mental	Pessoa síndrome de Down
Doença genética	Condição genética
Pessoa especial, com necessidades especiais	Necessidade específicas
Trabalhadores com deficiência são melhores, pessoas com síndrome de Down são anjos, ingênuos e carinhosos	Evite estereótipos
Defeituoso, condenado, erro genético e anomalia	Palavras positivas ou neutras
O risco de ter uma criança com síndrome de Down	A probabilidade / as chances de ter uma criança com síndrome de Down

Fonte: Guia Viver Sem Limites (<http://www.sdh.gov.br/assuntos/pessoa-com-deficiencia>)

O Dia Internacional dos Direitos Humanos em 2006 marcou a adoção pela Organização das Nações Unidas (ONU) da Convenção sobre os Direitos das *Pessoas com Deficiência*, que seria assinada em 2007 e passaria a valer no Brasil oficialmente a partir de 2008. Vinte e cinco anos antes, o Ano Internacional da *Pessoa Deficiente* também representou um momento muito importante, a partir do qual, considera-se que as PcDs passaram a ter o respaldo internacional, do ponto de vista do direito, para a promoção efetiva da cidadania. No aspecto discursivo, percebe-se uma mudança de pessoa deficiente para pessoa com deficiência nos dois documentos. A terminologia acompanha, assim, as reivindicações dos movimentos políticos, garantindo legitimidade à luta em todo o mundo, ainda que alguns países não façam valer, na prática, o conteúdo dos documentos.

A constituição federal brasileira, promulgada em 05 de outubro de 1988, já apresentava garantias importantes, tais como a proibição de discriminação de salário e de critérios de admissão do *trabalhador portador de deficiência*, além de reservar vagas em concursos e empregos públicos para as PcDs. É considerada um dos documentos brasileiros, que são inspirados em duas importantes referências internacionais: a Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão (1789) e a Declaração Universal dos Direitos Humanos (1948). Note-se que **portador de** deficiência poderia despertar efeitos de sentido como carregar dando a ideia de que é possível entregar a alguém, retirar, deixar em algum lugar ou transportar por um tempo. O sentido de temporariedade não condiz com a condição da pessoa que nasceu com a deficiência ou a adquiriu em caráter permanente.

A primeira declaração, como se sabe, uma referência mundial, diz respeito ao homem que busca se libertar do absolutismo monárquico do século XVIII. A isonomia, nesse documento, é pensada para a sociedade como um todo, sem haver especificação sobre a PcD. Em seu artigo primeiro, manifesta o tom que perpassa todo o documento símbolo da Revolução Francesa, isto é, os direitos do homem como universais, um enunciado que é tomado como referência até os dias atuais: “Os homens nascem e são livres e iguais em direitos”. Quase três séculos depois, em 1948, a Declaração Universal dos Direitos Humanos teria sido o primeiro documento internacional a usar a palavra pessoa e a pensar especificamente naqueles que tenham algum tipo de deficiência provocado por doenças ou situações de *invalidéz*, palavra que permanece em uso até os dias atuais na legislação de diversos países.

Ainda como contribuição à abordagem da diferença e suas implicações nas relações sociais e educacionais, lembramos que o documento referência da Conferência Nacional da Educação 2014 trouxe como uma das temáticas centrais a diferença e a diversidade. Ambas seriam os pilares para a educação nacional inclusiva em um conjunto de representações que demonstram alguns anos de lutas de movimentos políticos: “A diversidade, como dimensão humana, deve ser entendida como a construção histórica, social, cultural e política das diferenças que se expressa nas complexas relações sociais e de poder”¹⁸⁵. O documento pede respeito às minorias e cita aquelas que trabalham com frequência para a conquista de direitos e contribuem para a ampliação de políticas públicas em prol da diferença. Entre elas, os quilombolas, os negros, as mulheres, a comunidade LGT, as pessoas com deficiência, entre outras. Notamos a presença de representações associadas à diversidade e à diferença em consonância com imaginários da modernidade, que visam transformar situações negativas, consolidadas, discursiva e politicamente, em benefício dessas comunidades.

¹⁸⁵ Disponível em: <http://fne.mec.gov.br/images/pdf/documentoreferenciaconae2014publicacao_numerada3.pdf>.

ANEXOS

ANEXOS

ANEXO A - Termo de uso de imagem e conteúdo - adulto

MODELO DE TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM

_____, nacionalidade _____,
 estado civil _____, portador da Cédula de identidade RG nº. _____,
 inscrito no CPF/MF sob nº _____, residente à Av/Rua
 _____, nº. _____, município de
 _____ / _____.

AUTORIZO o uso de
 minha imagem em todo e qualquer material entre imagens de vídeo, fotos e documentos, para
 ser utilizada em Teias Discursivas – a deficiência em discurso, uma pesquisa acadêmica
 realizada por Sônia Caldas Pessoa, doutoranda do Poslin, Programa de Pós-graduação em
 Estudos Linguísticos da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). A presente
 autorização é concedida a título gratuito, abrangendo o uso da imagem acima mencionada em
 todo território nacional e no exterior, das seguintes formas: na tese de doutorado, artigos
 acadêmicos, aulas, apresentações em eventos acadêmicos e divulgação da tese e dos trabalhos
 acadêmicos a ela relacionados em meios de comunicação e redes sociais digitais.

Fica ainda autorizada, de livre e espontânea vontade, para os mesmos fins, a cessão de direitos
 da veiculação das imagens não recebendo para tanto qualquer tipo de remuneração.

Por esta ser a expressão da minha vontade declaro que autorizo o uso acima descrito sem que
 nada haja a ser reclamado a título de direitos conexos à minha imagem ou a qualquer outro, e
 assino a presente autorização.

_____, dia ____ de _____ de _____.

(assinatura)

Endereço:

E-mail:

Telefones:

ANEXO B - Formulário de cadastramento dos interessados em participar da investigação

- Cadastramento de interessados em participar da pesquisa acadêmica Teias Discursivas

Por favor preencha todos os campos. Eles são muito importantes. Os dados pessoais serão preservados e os demais dados só serão usados para fins científicos.

- Nome *

Nome Sobrenome

- Relação com a deficiência *

- Pessoa com deficiência Trabalha com deficiência
 Familiar de pessoa com deficiência Simpatizante do tema deficiência
 Nenhuma relação com a deficiência

- Gênero *

- Masculino Feminino Outros

- Idade *

- 18 a 20 anos 21 a 25 anos 26 a 30 anos 31 a 35 anos
 36 a 40 anos 41 a 45 anos 46 a 50 anos 51 a 55 anos
 56 a 60 anos 61 a 65 anos 66 a 70 anos Acima de 70 anos

- Ocupação *

- E-mail *

- Usa blogues e redes sociais para falar sobre deficiência? *

Sim Não

- Cidade e país onde mora *

- Endereços dos seu perfis nas redes sociais (blogue, Facebook, Twitter, outros) *

- Qual a motivação para participar da pesquisa? *

- Enviar

ANEXO C - E-mail enviado aos participantes da pesquisa

Caros participantes,

Vocês devem se lembrar do cadastro que preencheram em junho de 2014 para participar da pesquisa acadêmica Teias Discursivas, desenvolvida pela doutoranda Sônia Caldas Pessoa.

É chegado o momento de produzir o conteúdo da pesquisa, conforme sugestão a seguir.

A nossa ideia é que cada um dos participantes produza uma foto de si próprio ou de uma pessoa que o autorize a fazer a produção, de um grupo que o autorize, de uma situação ou do que conseguir criar e achar adequado para ilustrar O QUE É DEFICIÊNCIA. Ao enviar a foto para o e-mail teiasdiscursivas@gmail.com o participante deve enviar também um pequeno texto, entre cinco e dez linhas, com uma definição de deficiência. É importante que tanto a foto quanto o texto sejam criações próprias da pessoa, ou seja, que não sejam reproduzidas imagens e/ou textos de outras pessoas. Seria uma produção criada por cada um como se fosse para publicar em suas próprias redes sociais digitais, como *Facebook*, blogue ou *Twitter*, por exemplo.

O prazo para o envio do material é de 15 dias a partir de hoje. Ou seja, a nossa data de entrega seria dia 20 de agosto de 2014.

Peço que façam a gentileza de pedir autorização por escrito para o caso de fotografar outra pessoa e, se for criança, que peça aos pais para preencher o formulário de autorização. Envio a autorização em anexo.

Peço também que cada um confirme o recebimento dessa mensagem e a participação no projeto o mais rápido possível.

Abaixo, está o texto de divulgação para lembrar a pesquisa. E em anexo duas autorizações para uso das imagens, uma para adultos e outra para crianças. A autorização precisa ser impressa, assinada, escaneada ou fotografada e enviada por email para mim.

Agradeço muito a colaboração de todos.

Um grande abraço,

Sônia Caldas Pessoa

ANEXO D - Termo de uso do *Twitter*

Termos de Serviço (<https://twitter.com/tos?lang=pt>)

Estes Termos de Serviço (os “Termos”) regem o acesso e o uso dos serviços, incluindo os vários websites do Twitter, SMS, APIs, notificações por e-mail, aplicativos, botões, widgets, anúncios e serviços comerciais (os “Serviços” ou “Twitter”), e quaisquer informações, textos, imagens, fotos ou outros materiais que sejam carregados, baixados ou apareçam nos Serviços (coletivamente denominados “Conteúdo”). Seu acesso a tais Serviços e o respectivo uso estão condicionados à sua aceitação destes Termos e à conformidade com eles. Ao acessar ou usar os Serviços, você concorda em cumprir estes Termos.

1. Termos Básicos

Você é responsável pelo uso dos Serviços, por todos os Conteúdos que você publicar em Serviços e por todas as consequências dos mesmos. O Conteúdo que você enviar, postar ou exibir poderá ser visto por outros usuários dos Serviços e por meio de serviços de terceiros e sites (acesse a página account settings (<http://twitter.com/settings/security>) para controlar quem pode visualizar seu Conteúdo). Você só deve fornecer Conteúdo que você consente em compartilhar com outras pessoas sob estes termos.

Dica O que você diz no Twitter pode ser visto instantaneamente em todo o mundo. Você é o que divulga no Tweet!

Você só poderá utilizar os Serviços se puder firmar um contrato de concordância e obediência com os termos de Serviço do Twitter e não for uma pessoa impedida, pelas leis dos Estados Unidos ou de outra jurisdição aplicável, de receber serviços. Se está aceitando estes Termos e usando os Serviços em nome de uma empresa, uma organização, um governo ou outra entidade legal, você representa e garante que está autorizado a fazê-lo. Você poderá usar os Serviços somente em conformidade com estes Termos e todas as leis locais, estaduais, nacionais e internacionais, regras e regulamentos aplicáveis.

Os Serviços que o Twitter oferece estão sempre evoluindo e a forma e natureza dos Serviços que o Twitter presta podem mudar ocasionalmente sem aviso prévio ao usuário. Além disso, o Twitter poderá parar (permanente ou temporariamente) de fornecer os Serviços (ou quaisquer funções dos Serviços) a você ou aos usuários em geral e talvez não possa enviar a você um aviso prévio. O Twitter também reserva o direito de criar limites de uso e armazenamento a seu critério exclusivo a qualquer momento sem notificação.

Os Serviços podem incluir anúncios, que podem ser direcionados ao Conteúdo ou

informações sobre os Serviços, consultas feitas por meio dos Serviços ou outras informações. Os tipos e a abrangência da publicidade do Twitter nos Serviços estão sujeitos a alterações. No que diz respeito ao Twitter conceder acesso aos Serviços e permissão para utilizá-los, você concorda que o Twitter e seus fornecedores e parceiros estão autorizados a publicar esses anúncios nos Serviços e relacionar essa publicidade à exibição do Conteúdo ou das informações nos Serviços, sejam elas enviadas por você ou por outros.

2. Privacidade

Quaisquer informações que você fornece ao Twitter estão sujeitas à nossa Privacy Policy (<http://twitter.com/privacy>), que rege a coleta e o uso de suas informações. Você entende que, com o uso dos Serviços, você concorda com a coleta e o uso (conforme estabelecido na Política de Privacidade) dessas informações, incluindo a transferência dessas informações para os Estados Unidos e/ou outros países para armazenamento, processamento e uso pelo Twitter. Como parte do fornecimento dos Serviços, o Twitter talvez precise fornecer a você algumas comunicações, como anúncios de serviços e mensagens administrativas. Essas comunicações são consideradas parte dos Serviços e de sua conta no Twitter, que você não poderá recusar-se a recebê-las.

Dica Você pode optar por desativar muitas das comunicações do Twitter, incluindo a nossa newsletter, e-mails sobre novos seguidores, etc. Acesse a aba Notificações em Configurações para saber mais.

3. Senhas

Você é responsável por proteger a senha que utiliza para acessar os Serviços e quaisquer atividades e ações que sejam protegidas por senha. Utilize senhas de alta segurança (senhas que usem uma combinação de letras maiúsculas e minúsculas, números e símbolos) com a sua conta. O Twitter não se responsabiliza por qualquer perda ou dano decorrente da não obediência aos requisitos descritos acima.

4. Conteúdo nos Serviços

Todo o Conteúdo, seja ele publicado ou transmitido particularmente, é de única responsabilidade da pessoa que o originou. Nós não monitoramos ou controlamos o Conteúdo publicado através dos Serviços, logo, não nos responsabilizaremos por este. A utilização do Conteúdo ou do material publicado através dos Serviços ou obtido por meio deles e a confiança de que ele é seguro são de sua total responsabilidade.

Não aprovamos, apoiamos, declaramos nem garantimos a integridade, a veracidade, a exatidão ou a confiabilidade de qualquer Conteúdo ou comunicado publicado por meio dos Serviços. Além disso, também não endossamos opiniões expressas por meio deles. Você

compreende e aceita que, ao usar os Serviços, pode estar exposto a Conteúdo ofensivo, prejudicial, impreciso ou inadequado ou, em alguns casos, publicações que foram identificadas de modo indevido ou são fraudulentas. Sob nenhuma circunstância, o Twitter será responsável, por qualquer Conteúdo, incluindo, mas não limitado a, quaisquer erros ou omissões em algum Conteúdo, ou qualquer perda ou dano de qualquer natureza decorrente da utilização de algum Conteúdo publicado, enviado por e-mail, transmitido ou disponibilizado por meio dos Serviços ou divulgado em qualquer outro local.

5. Seus Direitos

Você detém seus direitos sobre qualquer Conteúdo que enviar, postar ou exibir nos Serviços ou por meio deles. Ao enviar, postar ou exibir Conteúdo nos Serviços ou por meio deles, você nos concede uma licença livre de direitos autorais, não exclusiva e em âmbito mundial (com direito a sublicenciamento) de usar, copiar, reproduzir, processar, adaptar, modificar, publicar, transmitir, exibir e distribuir esse Conteúdo em qualquer e em todos os tipos de mídia ou métodos de distribuição (já disponíveis ou desenvolvidos posteriormente).

Dica Essa licença está autorizando a tornar seus Tweets disponíveis para o resto do mundo e permitindo que outros usuários façam o mesmo.

Você concorda que essa licença dá ao Twitter o direito de fornecer, promover e melhorar os Serviços e tornar esse Conteúdo enviado para ou através dos Serviços disponível para outras empresas, organizações ou pessoas que são parceiras do Twitter para fins de distribuição, transmissão ou publicação dele em outros tipos de mídia e serviços, estando sujeita aos nossos termos e condições de utilização de Conteúdo.

Dica O Twitter tem um evolutivo grupo de rules (<http://twitter.com/apirules>) que faz referência à forma como parceiros do ecossistema podem interagir com o seu Conteúdo. Essas regras existem para possibilitar a existência de um ecossistema aberto mantendo os seus direitos em mente. Mas o que é seu é seu: você é o dono do seu Conteúdo (e as fotos fazem parte desse Conteúdo).

Essas utilizações adicionais por parte do Twitter, ou de outras empresas, organizações ou parceiros do Twitter, podem ocorrer sem qualquer remuneração a você no que diz respeito ao Conteúdo que você envia, posta, transmite ou torna disponível por meio dos Serviços.

Podemos modificar ou adaptar seu Conteúdo para transmiti-lo, exibi-lo ou distribuí-lo em redes de computadores e em vários tipos de mídia e/ou fazer mudanças no Conteúdo que sejam necessárias para adaptá-lo a exigências ou limitações de quaisquer redes, dispositivos, serviços ou mídia.

Você é responsável pelo uso dos Serviços, por todos os Conteúdos que você fornecer e por

todas as consequências dos mesmos, incluindo o uso do Conteúdo por outros usuários e por nossos parceiros de terceiros. Você entende que o seu Conteúdo pode ser distribuído, transmitido ou publicado pelos nossos parceiros e, se você não tiver o direito de enviar o Conteúdo para tal uso, poderá ser responsabilizado por isso. O Twitter não se responsabilizará por qualquer uso que faça do seu Conteúdo de acordo com estes Termos. Você declara e garante que tem todos os direitos, poder e autoridade necessários para conceder os direitos aqui citados, a qualquer Conteúdo enviado por você.

6. Sua Licença para Usar os Serviços

O Twitter oferece o uso pessoal do software, em âmbito mundial, isento de direitos autorais, não atribuível e não exclusivo, providenciado pelo Twitter como parte dos Serviços. Essa licença tem a única finalidade de permitir que você utilize e usufrua do benefício dos Serviços fornecidos pelo Twitter, da maneira permitida por estes Termos.

7. Direitos do Twitter

Todos os direitos, títulos e interesse nos Serviços (exceto no Conteúdo fornecido pelos usuários) são e continuarão sendo propriedade exclusiva do Twitter e de seus licenciadores. Os Serviços são protegidos por direitos autorais, marcas registradas e outras leis dos Estados Unidos e de países estrangeiros. Nenhuma informação contida nos Termos dá a você o direito de usar o nome do Twitter ou de quaisquer marcas registradas, logotipos, nomes de domínios do Twitter ou outros recursos de marcas distintas. Qualquer comentário ou sugestão que você possa fornecer relacionado ao Twitter ou aos Serviços é totalmente voluntário e nos sentiremos livres para usá-lo de acordo com a nossa conveniência e sem qualquer obrigação com você.

8. Restrições de Conteúdo e Utilização dos Serviços

Analise as Regras do Twitter (que fazem parte destes Termos) para compreender melhor o que é proibido no Serviço. O Twitter reserva-se o direito (mas não assume a obrigação) de a qualquer momento remover ou recusar a distribuição ou disponibilização de qualquer Conteúdo nos Serviços, de suspender ou fazer cessar contas de usuários, assim como de reaver nomes de usuários, não podendo ser responsabilizado a qualquer título perante você em consequência destes atos. O Twitter reserva-se ainda os direitos de acesso, leitura, preservação e divulgação de qualquer informação que, na sua opinião razoável, acredite ser necessária para (i) cumprir com qualquer legislação aplicável, regulamento, decisão judicial ou administrativa ou pedido de entidade administrativa, (ii) aplicar efetivamente (por qualquer via legalmente admissível) os Termos, incluindo através da investigação de potenciais violações desses, (iii) detectar, prevenir ou de qualquer forma lidar com situações de fraude,

assim como com questões de segurança ou de natureza técnica, (iv) responder a pedidos de suporte de usuários, ou (v) proteger os direitos, propriedade ou a segurança do Twitter, dos seus usuários e do público.

Dica O Twitter não divulga dados pessoais a terceiros exceto nos termos da Política de Privacidade.

Exceto na medida do permitido pelos Serviços, estes Termos, ou os termos disponibilizados em dev.twitter.com, você deverá usar o API do Twitter caso pretenda reproduzir, modificar, criar obras derivadas, distribuir, vender, transferir, comunicar ao público através de exibição ou execução públicas, transmitir ou por qualquer forma utilizar o Conteúdo ou os Serviços.

Dica O Twitter encoraja e permite a reutilização de Conteúdo de forma ampla. A API do Twitter existe para permitir isto.

Se você usa as funções comerciais dos Serviços que necessitam de informações sobre cartão de crédito ou débito, como a função Compre agora, concorda com os Termos Comerciais do Twitter.

Quando acessar ou utilizar os Serviços você não está autorizado a: i) acessar, adulterar ou utilizar áreas não públicas dos Serviços, os sistemas de computadores do Twitter ou os sistemas de entrega técnica dos prestadores de serviços ou fornecedores do Twitter; (ii) sondar, examinar ou testar as vulnerabilidades de qualquer sistema ou rede, ou violar ou neutralizar qualquer medida de segurança ou autenticação; (iii) acessar, pesquisar, tentar acessar ou pesquisar os Serviços por quaisquer meios (automatizados ou outros) de qualquer outra forma que não através das interfaces publicadas e atualizadas disponibilizadas pelo Twitter (e sujeito aos respectivos termos e condições de uso), exceto quando você tenha sido especificamente autorizado a realizar esses atos por meio de um acordo separado com o Twitter (NOTA: o crawling ou recurso a indexadores automáticos nos Serviços é admissível desde que efetuado de acordo com os termos e condições constantes do arquivo robots.txt; não obstante, é expressamente proibido o scraping dos Serviços sem o consentimento prévio do Twitter); (iv) forjar o cabeçalho de qualquer pacote TCP/IP ou qualquer parte da informação constante do cabeçalho de qualquer e-mail ou publicação, assim como utilizar os Serviços de qualquer forma para enviar informação identificadora de origem alterada, enganadora ou falsa; ou (v) interferir com, ou prejudicar, ainda que apenas na forma tentada, o acesso de qualquer usuário, prestador de serviços de hospedagem (armazenamento principal ou em servidor) ou de rede, incluindo (sem limitação) através de atos como o envio de vírus, sobrecarga, inundação, envio de spam (comunicações não solicitadas) e e-mails em massa direcionados aos Serviços, ou através do uso de scripts para a criação de Conteúdos que

interfiram com os Serviços ou criem uma carga excessiva nestes.

9. Política de Direitos Autorais

O Twitter respeita os direitos de propriedade intelectual de terceiros e espera que os usuários dos Serviços façam o mesmo. O Twitter responderá a notificações sobre alegadas violações de direitos autorais e direitos relacionados que sejam efetuadas em conformidade com a legislação aplicável. Se você acredita que o seu Conteúdo foi reproduzido em violação de direitos autorais ou direitos relacionados, por favor forneça-nos a seguinte informação: (i) assinatura física ou eletrônica do titular dos direitos autorais ou direitos relacionados ou de pessoa por este autorizada para estes efeitos; (ii) identificação da obra ou prestação protegida objeto da alegada violação; (iii) identificação dos materiais que alegadamente violam ou sejam utilizados para violar obras ou prestações protegidas e que deverão ser objeto de remoção ou relativamente aos quais deve ser bloqueado o acesso, assim como informação razoavelmente suficiente para nos permitir a localização dos referidos materiais; (iv) a sua informação de contato, incluindo endereço, número de telefone e um endereço de e-mail; (v) uma declaração sua de que se encontra em boa fé e acredita que a utilização dos materiais na forma descrita na sua comunicação não se encontra autorizada pelo titular dos direitos autorais ou direitos relacionados, seus agentes ou representantes ou pela legislação aplicável; e (vi) uma declaração de que a informação constante da sua comunicação é exata e, sob pena de responsabilidade nos termos da lei por prestação de informações falsas, que se encontra autorizado a praticar estes atos por conta do titular dos direitos em causa.

O Twitter reserva-se o direito de, a seu critério e sem qualquer comunicação prévia, remover Conteúdo alegadamente violador, não podendo ser responsabilizado por quaisquer danos ou perdas daí resultantes. Em circunstâncias apropriadas, o Twitter cancelará ainda a conta de qualquer usuário que seja considerado reincidente. O nosso representante para efeitos de notificações de violações de direitos autorais ou direitos relacionados nos Serviços é o seguinte:

Twitter, Inc.

Aos cuidados de: Copyright Agent

1355 Market Street, Suite 900

San Francisco, CA 94103

Denúncias: <https://support.twitter.com/forms/dmca>

E-mail: copyright@twitter.com

10. Cessação da Vigência destes Termos

Estes Termos mantêm-se em vigor até que você ou o Twitter os terminem da seguinte forma.

Você poderá terminar o seu acordo com o Twitter a qualquer momento, por qualquer motivo, desativando as suas contas e descontinuando a utilização dos Serviços. Não é necessário informar especificamente o Twitter quando cessar a utilização dos Serviços. Se cessar de utilizar os Serviços sem desativar as suas contas, estas poderão ser desativadas com fundamento em ausência prolongada de atividade de acordo com a nossa Política de Contas Inativas.

O Twitter poderá suspender ou encerrar suas contas ou parar de fornecer a você, toda ou qualquer parte dos Serviços a qualquer momento e por qualquer motivo, inclusive, mas sem limitação, se o Twitter justificadamente acreditar que: (i) você violou estes Termos ou as Regras do Twitter, (ii) você cria riscos ou possível exposição legal para o Twitter, ou (iii) o fornecimento dos Serviços do Twitter a você não é mais viável comercialmente. O Twitter realizará esforços razoáveis para notificar-lhe nesse sentido por e-mail para o endereço associado à sua conta ou na ocasião do seu próximo acesso à sua conta.

Em qualquer dos casos referidos acima, terminará a vigência dos Termos, incluindo (sem limitação) a sua licença de uso dos Serviços, com exceção das seguintes cláusulas, as quais continuarão em vigor: 4, 5, 7, 8, 10, 11 e 12.

Nenhuma informação contida nesta cláusula afetará os direitos do Twitter de alterar, limitar ou terminar a prestação ou disponibilização dos Serviços sem comunicação prévia, tal como previsto na cláusula 1 supra.

11. Exclusões e Limitações de Responsabilidade

Por favor leia com atenção esta cláusula, que limita a responsabilidade do Twitter e sua matriz, subsidiárias, afiliadas, empresas relacionadas, escritórios, diretores, empregados, agentes, representantes, parceiros, colaboradores e licenciantes (designados conjuntamente como as “Entidades Twitter”). Cada uma das subcláusulas infra aplica-se apenas na medida do máximo permitido pela legislação aplicável. Algumas jurisdições não permitem a exclusão de garantias implícitas ou a limitação de responsabilidade por via contratual, pelo que a presente cláusula (ou parte desta) pode não se aplicar a você. Nada nesta cláusula deverá ser interpretado no sentido de limitar quaisquer direitos seus que a legislação aplicável não permita limitar por via contratual.

A. Os Serviços São Disponibilizados “COMO FORNECIDOS”

O risco do acesso aos Serviços e a qualquer Conteúdo, assim como da utilização dos mesmos, corre por sua conta. Você reconhece e aceita que os Serviços lhe são fornecidos “COMO FORNECIDOS” ou “COMO DISPONIBILIZADOS”. Sem prejuízo do referido anteriormente e na extensão máxima permitida pela legislação aplicável, AS ENTIDADES

DO TWITTER EXCLUEM TODAS E QUAISQUER GARANTIAS OU CONDIÇÕES, IMPLÍCITAS OU EXPLÍCITAS, DE ADEQUAÇÃO PARA COMERCIALIZAÇÃO, DE QUALIDADE SATISFATÓRIA, DE ADEQUAÇÃO A UMA FINALIDADE ESPECÍFICA OU DE NÃO VIOLAÇÃO DE DIREITOS.

As Entidades do Twitter não prestam qualquer tipo de garantia e excluem qualquer responsabilidade: (i) pela completude, exatidão, disponibilidade, tempestividade, segurança ou fiabilidade dos Serviços ou Conteúdos; (ii) por qualquer dano sofrido pelo seu sistema de computador, perda de dados, ou qualquer outro tipo de dano ou prejuízo resultante do seu acesso ou utilização dos Serviços ou Conteúdos; (iii) pela eliminação, falha de arquivo ou armazenamento ou transmissão de Conteúdos e outras comunicações através dos Serviços; e (iv) pela adequação dos Serviços aos seus requisitos ou pela disponibilidade dos Serviços de forma ininterrupta, segura ou livre de erros ou defeitos. Você reconhece e aceita que nenhuma informação, quer escrita ou oral, obtida das Entidades do Twitter ou através dos Serviços cria ou constitui qualquer garantia que não seja prestada expressamente nestes Termos.

B. Links

Os Serviços podem conter links para websites ou recursos de terceiros. Você reconhece e aceita que as Entidades do Twitter não são responsáveis: (i) pela disponibilidade ou exatidão desses websites ou recursos; ou; (ii) pelo conteúdo, produtos ou serviços disponibilizados por ou através de tais websites ou recursos. Os links para os referidos websites ou recursos não implicam qualquer apoio público ou recomendação pelas Entidades do Twitter dos mesmos, assim como do conteúdo, produtos ou serviços disponibilizados através de tais websites ou recursos. Você reconhece e assume em exclusivo a responsabilidade e risco resultantes do seu uso dos websites e recursos mencionados.

C. Limitação de Responsabilidade

ATÉ AO LIMITE MÁXIMO PERMITIDO PELA LEGISLAÇÃO APLICÁVEL, EM NENHUM CASO AS ENTIDADES DO TWITTER SERÃO RESPONSÁVEIS POR QUAISQUER DANOS INDIRETOS, INCIDENTAIS, ESPECIAIS, CONSEQUENCIAIS OU PUNITIVOS, ASSIM COMO POR QUALQUER PERDA DE LUCROS OU RECEITAS, QUER ESTA SEJA DIRETA OU INDIRETA, OU POR QUALQUER PERDA DE DADOS, USO, BENEVOLÊNCIA OU QUAISQUER PERDAS INTANGÍVEIS, DECORRENTES OU RELACIONADAS A (i) SEU ACESSO, UTILIZAÇÃO OU INCAPACIDADE DE ACESSO OU UTILIZAÇÃO DOS SERVIÇOS; (ii) QUALQUER CONDUTA OU CONTEÚDO DE TERCEIROS NOS SERVIÇOS INCLUINDO, SEM LIMITAÇÃO, QUALQUER CONDUTA DIFAMATÓRIA, OFENSIVA OU ILEGAL DE

OUTROS USUÁRIOS OU TERCEIROS; (iii) QUALQUER CONTEÚDO OBTIDO ATRAVÉS DOS SERVIÇOS; OU (iv) ACESSO, UTILIZAÇÃO OU ALTERAÇÃO NÃO AUTORIZADOS DAS SUAS TRANSMISSÕES OU CONTEÚDO.

EM NENHUMA CIRCUNSTÂNCIA A RESPONSABILIDADE AGREGADA DAS ENTIDADES DO TWITTER PODERÁ EXCEDER UM MONTANTE SUPERIOR AO MAIS ELEVADO DE ENTRE, ALTERNATIVAMENTE, CEM DÓLARES AMERICANOS (U.S. \$100,00), OU O MONTANTE PAGO AO TWITTER PELOS SERVIÇOS QUE DERAM ORIGEM À QUEIXA OU PEDIDO DURANTE OS SEIS MESES ANTERIORES, CASO TENHA EXISTIDO ESSE PAGAMENTO.

AS LIMITAÇÕES CONSTANTES DESTA SUBCLÁUSULA SÃO APLICÁVEIS A QUALQUER QUE SEJA A TEORIA DE RESPONSABILIDADE CIVIL A QUE O CASO CONCRETO ESTIVER SUJEITO, COMO POR EXEMPLO A RESPONSABILIDADE RESULTANTE DE GARANTIA, CONTRATO, DISPOSIÇÃO LEGAL OU REGULAMENTAR, RESPONSABILIDADE OBJETIVA, EXTRA CONTRATUAL SUBJETIVA (INCLUINDO NEGLIGÊNCIA OU MERA CULPA) OU RESPONSABILIDADE COM QUALQUER OUTRO FUNDAMENTO, TUDO ISTO INDEPENDENTEMENTE DE AS ENTIDADES DO TWITTER TEREM OU NÃO SIDO INFORMADAS DA POSSIBILIDADE DE OCORRÊNCIA DE TAIS DANOS OU PREJUÍZOS E AINDA QUE QUALQUER DAS FORMAS DE REPARAÇÃO DESCRITAS ACIMA NÃO TENHA CUMPRIDO A SUA FINALIDADE ESSENCIAL.

12. Termos e Condições Gerais

A. Não Exercício de Direitos; Invalidez e Inexequibilidade

A falha do Twitter em executar qualquer direito ou cláusula desses Termos não será considerada uma isenção a qualquer direito ou cláusula. Caso qualquer cláusula desses Termos seja considerada inválida ou inexequível, então essa cláusula será limitada ou eliminada na menor extensão possível a que a parte remanescente dos Termos de mantenha válida e produza os seus efeitos.

B. Lei Aplicável e Jurisdição

Estes Termos e qualquer ação relacionada aos mesmos são regulados pelas Leis do Estado da Califórnia, excluindo-se a aplicabilidade das normas de direito internacional privado das mesmas, devendo ser desconsiderados para este efeito o Estado ou País de residência do usuário. Todas as questões, queixas, ações, procedimentos legais ou contenciosos relativos a qualquer questão relacionada aos Serviços serão decididas exclusivamente no distrito de São Francisco, Estado da Califórnia, Estados Unidos da América, com expressa renúncia do

usuário a qualquer outra jurisdição ou foro, assim como a qualquer objeção ou defesa fundamentada na inconveniência ou falta de competência daquele foro.

Se você for uma entidade governamental local, federal ou estadual nos EUA e utilizar os Serviços nessa qualidade e estiver legalmente impedido de aceitar as cláusulas de lei e jurisdição aplicáveis tal como descritas acima, então as referidas cláusulas não se aplicarão a você. Para tais entidades governamentais federais dos EUA, estes Termos e qualquer ação relacionada a estes serão regulados pela Lei dos Estados Unidos da América (excluindo quaisquer normas de direito internacional privado) e, na ausência de legislação Federal aplicável, pelas Leis do Estado da Califórnia (excluindo quaisquer normas de direito internacional privado), na medida do permitido pela legislação federal aplicável.

C. Integralidade

Estes Termos, as Regras do Twitter e a nossa Política de Privacidade são um acordo integral e exclusivo entre o Twitter e você em relação aos Serviços (excluindo quaisquer serviços para os quais exista um acordo separado entre você e o Twitter e que refere expressamente ser em acréscimo ou em substituição destes Termos), substituindo e prevalecendo sobre toda e qualquer declaração, negociação ou acordo anterior entre você e o Twitter relativos aos Serviços. Com exceção de membros do grupo de sociedades das quais o Twitter, Inc. é a sociedade controladora, nenhuma outra pessoa física ou sociedade será considerado como um terceiro beneficiário destes Termos.

O Twitter poderá rever estes Termos periodicamente, encontrando-se a versão atualizada destes sempre disponível em twitter.com/tos. Se o Twitter (a seu critério) considerar que uma revisão dos Termos é substancial, o Twitter notificará os usuários através de uma atualização @Twitter ou de um e-mail para o endereço eletrônico associado à sua conta. Ao continuar a acessar ou utilizar os Serviços após a data em que uma revisão dos Termos entre em vigor, você aceita vincular-se à versão revista dos Termos.

Estes Serviços são operados e providos pelo Twitter Inc., 1355 Market Street, Suite 900, San Francisco, CA 94103. Se você tiver perguntas ou dúvidas sobre os nossos Termos, por favor entre em contato conosco.

Em vigor desde: 08 de setembro de 2014

Arquivo dos Termos Anteriores

ANEXO E - Termo de uso do *Facebook*

O idioma da versão original deste acordo é o inglês (EUA). Em caso de conflito de qualquer versão traduzida deste acordo com a versão em inglês, a versão em inglês prevalecerá. Observe que a seção 16 contém certas alterações aos termos gerais para usuários fora dos Estados Unidos.

Data da última revisão: 30 de janeiro de 2015

Declaração de Direitos e Responsabilidades (<https://www.facebook.com/legal/terms>)

Esta Declaração de Direitos e Responsabilidades (“Declaração”, “Termos” ou “DDR”) é baseada nos Princípios do Facebook e representa os termos de serviço que regem nosso relacionamento com os usuários e outras pessoas que interagem com o Facebook, bem como marcas, produtos e serviços do Facebook que não possuam termos separados ou que estejam vinculados a estes termos, que chamamos de “Serviços do Facebook” ou “Serviços”. Ao usar ou acessar os Serviços do Facebook, você concorda com esta Declaração, conforme atualizada periodicamente de acordo com a seção 13 abaixo. Adicionalmente, você pode encontrar recursos no final deste documento que lhe ajudarão a entender como o Facebook funciona.

Uma vez que o Facebook fornece uma ampla variedade de Serviços, podemos pedir que você analise e aceite termos complementares que se aplicam a sua interação com um aplicativo, produto ou serviço específico. Em caso de conflito destes termos complementares com esta DDR, os termos complementares associados ao aplicativo, produto ou serviço prevalecem com respeito ao seu uso do aplicativo, produto ou serviço limitado ao conflito.

1. Privacidade

Sua privacidade é muito importante para nós. Elaboramos nossa Política de Dados para divulgar como você pode usar o Facebook para compartilhar com outros e como coletamos e podemos usar seu conteúdo e informações. Recomendamos que você leia a Política de Dados e a utilize para tomar decisões conscientes.

2. Compartilhando suas informações e conteúdos

Você é proprietário de todas as informações e conteúdos que publica no Facebook, e você pode controlar como eles serão compartilhados por meio de suas configurações de privacidade e de aplicativos. Além disso:

- Para conteúdos protegidos por leis de direitos de propriedade intelectual, como fotos e vídeos (conteúdo IP), você nos concede especificamente a seguinte permissão, sujeita às

suas configurações de privacidade e de aplicativos: você nos concede uma licença global não exclusiva, transferível, sublicenciável, livre de royalties para usar qualquer conteúdo IP publicado por você ou associado ao Facebook (Licença IP). Essa Licença IP termina quando você exclui seu conteúdo IP ou sua conta, exceto quando seu conteúdo é compartilhado com outras pessoas e este não é excluído por elas.

- Quando você exclui um conteúdo IP, ele é removido de maneira similar ao esvaziamento da lixeira do computador. No entanto, entenda que o conteúdo removido pode permanecer em cópias de backup por um período razoável (mas não estará disponível para outros).
- Quando você usa um aplicativo, ele pode solicitar sua permissão para acessar seu conteúdo e suas informações, bem como o conteúdo e as informações que outras pessoas compartilharam com você. Exigimos que os aplicativos respeitem a sua privacidade e seu contrato com o aplicativo regerá a forma como ele poderá usar, armazenar e transferir seus conteúdos e informações. (Para saber mais sobre a plataforma, incluindo como você pode controlar quais informações as outras pessoas podem compartilhar com os aplicativos, leia a nossa Política de Dados e a Página da plataforma.)
- Quando você publica conteúdos ou informações usando a opção Público, você está permitindo que todos, incluindo pessoas fora do Facebook, acessem e usem essas informações e as associem a você (isto é, ao seu nome e foto do perfil).
- Seus comentários ou outras sugestões sobre o Facebook são sempre bem-vindos, mas entenda que podemos usar esses comentários ou sugestões sem qualquer obrigação de compensar você por eles (assim como você não tem a obrigação de oferecê-los).

3. Segurança

Fazemos todo o possível para manter o Facebook seguro, mas não podemos garantir isso. Precisamos da sua ajuda para manter o Facebook seguro, o que inclui os seguintes compromissos de sua parte:

- você não publicará comunicações comerciais não autorizadas (como spam) no Facebook.
- você não coletará conteúdos ou informações de usuários, ou acessará o Facebook, usando meios automatizados (como bots de coleta, robôs, spiders ou scrapers) sem nossa permissão prévia.
- você não fará parte de marketing multinível ilegal, como um esquema de pirâmide, no Facebook.
- você não carregará vírus ou outros códigos mal-intencionados.
- você não solicitará informações de login, nem acessará uma conta que pertença a outra pessoa.

- você não irá intimidar, assediar ou praticar bullying contra qualquer usuário.
- Você não publicará conteúdo que: contenha discurso de ódio, seja ameaçador ou pornográfico; incite violência; ou contenha nudez ou violência gratuita ou gráfica.
- Você não irá desenvolver nem operar um aplicativo de terceiros com conteúdos relacionados a álcool, encontros ou outro conteúdo adulto (incluindo anúncios) sem as restrições apropriadas com base em idade.
- Você não usará o Facebook para praticar qualquer ato ilegal, equivocado, malicioso ou discriminatório.
- Você não fará nada que possa desabilitar, sobrecarregar ou impedir o funcionamento ou a aparência adequados do Facebook, como um ataque de negação de serviço ou interferência no processamento da página ou de outra funcionalidade do Facebook.
- Você não facilitará nem incentivará a violação desta Declaração ou de nossas políticas.

4. Registro e segurança da conta

Os usuários do Facebook fornecem seus nomes e informações reais, e precisamos da sua ajuda para que isso continue assim. Veja a seguir alguns compromissos que você firma conosco em relação ao registro e à manutenção da segurança de sua conta.

- Você não fornecerá qualquer informação pessoal falsa no Facebook, nem criará uma conta para qualquer outra pessoa além de você sem permissão.
- Você não criará mais de uma conta pessoal.
- Se desativarmos sua conta, você não deverá criar outra sem nossa permissão.
- Você não usará sua linha do tempo pessoal para seu próprio ganho comercial. Para tais fins, use as Páginas do Facebook.
- Você não usará o Facebook se for menor de 13 anos.
- Você não usará o Facebook se for um criminoso sexual condenado.
- Você manterá suas informações de contato precisas e atualizadas.
- Você não compartilhará sua senha (ou, no caso de desenvolvedores, sua chave secreta), deixará outra pessoa acessar sua conta ou praticará qualquer ato que possa comprometer a segurança da sua conta.
- Você não transferirá sua conta (incluindo qualquer Página ou aplicativo administrado por você) para ninguém sem primeiro obter nossa permissão por escrito.
- Se você selecionar um nome de usuário ou identificador similar para sua conta ou Página, nós nos reservaremos o direito de remover ou recuperar este nome ou identificador se considerarmos adequado (por exemplo, quando um proprietário de uma marca comercial reivindicar um nome de usuário que não tem qualquer relação com o nome real do usuário).

5. Proteção dos direitos de outras pessoas

Nós respeitamos os direitos de terceiros, e esperamos que você faça o mesmo.

- Você não publicará conteúdo ou praticará qualquer ato no Facebook que infrinja ou viole os direitos de terceiros ou a lei.
- Nós podemos remover qualquer conteúdo ou informação publicada por você no Facebook se julgarmos que isso viola esta declaração ou nossas políticas.
- Nós fornecemos a você ferramentas para ajudá-lo a proteger seus direitos de propriedade intelectual. Para saber mais, acesse a nossa página Como denunciar reclamações de infrações de propriedade intelectual.
- Se removermos seu conteúdo por infringir os direitos autorais de alguém, e você acreditar que o removemos por engano, forneceremos a você a oportunidade de recorrer.
- Se você violar repetidamente os direitos de propriedade intelectual de terceiros, nós desativaremos sua conta quando apropriado.
- Você não usará nossos direitos autorais, marcas comerciais ou quaisquer marcas semelhantes que possam causar confusão, exceto conforme expressamente autorizado pelas nossas Diretrizes de uso de marcas ou com nossa permissão prévia por escrito.
- Se for coletar informações de usuários, você deverá: obter seu consentimento, deixar claro que é você (e não o Facebook) quem está coletando as informações e publicar uma política de privacidade explicando quais informações serão coletadas e como elas serão usadas.
- Você não deve publicar documentos de identificação ou informações financeiras confidenciais de terceiros no Facebook.
- Você não marcará usuários nem enviará convites por e-mail para não usuários sem o consentimento deles. O Facebook oferece ferramentas de denúncia social para permitir que os usuários façam comentários sobre a marcação.

6. Celular e outros dispositivos móveis

- Atualmente, fornecemos nossos serviços móveis gratuitamente, mas lembre-se de que as taxas e os impostos normais de sua operadora, como taxas de mensagens de texto, ainda se aplicam.
- Caso altere ou desative seu número de telefone celular, você deverá atualizar as informações de sua conta no Facebook dentro de 48 horas para garantir que suas mensagens não sejam enviadas para a pessoa que adquiriu seu número antigo.
- Você consente e fornece todos os direitos necessários para permitir que os usuários sincronizem seus dispositivos com quaisquer informações (inclusive através de um aplicativo) visíveis para eles no Facebook.

7. Pagamentos

Ao fazer um pagamento no Facebook, você concorda com os nossos Termos de pagamento a menos que seja declarado que outros termos se aplicam.

8. Disposições especiais aplicáveis aos desenvolvedores/operadores de aplicativos e sites

Se você é um desenvolvedor ou operador de um aplicativo ou site da plataforma, deve estar em conformidade com a Política de Plataforma do Facebook.

9. Sobre propagandas e outros conteúdos comerciais fornecidos ou aprimorados pelo Facebook

Temos como objetivo divulgar anúncios e outros conteúdos comerciais ou patrocinados que sejam importantes para nossos usuários e anunciantes. Para nos ajudar nesse aspecto, você concorda com os termos a seguir.

- Você nos concede permissão para usar seu nome, imagem do perfil, conteúdos e informações relacionadas a conteúdos comerciais, patrocinados ou relacionados (como uma marca que você curtiu) fornecido ou aperfeiçoado por nós. Isto significa, por exemplo, que você permite que uma empresa ou outra entidade nos pague para exibir seu nome e/ou imagem do perfil com seus conteúdos ou informações sem receber qualquer compensação por isso. Se você tiver selecionado um público específico para seus conteúdos ou informações, respeitaremos sua escolha ao usar esses dados.
- Não forneceremos seus conteúdos ou informações a anunciantes sem seu consentimento.
- Você entende que serviços pagos e comunicações relacionadas nem sempre serão identificados por nós.

10. Disposições especiais aplicáveis aos anunciantes

Se você usar nossas interfaces de autoatendimento de publicidade para criar, enviar e/ou veicular qualquer tipo de publicidade, ou outra atividade ou conteúdo comercial ou patrocinado (coletivamente, as “Interfaces de Autoatendimento de Anúncios”), estará aceitando os nossos Termos de Autoatendimento de Publicidade. Além disso, a atividade ou conteúdo comercial ou patrocinado que você veicular no Facebook ou em nossa rede de editores deverá cumprir nossas Diretrizes de Publicidade.

11. Disposições especiais aplicáveis a Páginas

Se você criar ou administrar uma página no Facebook, ou veicular uma promoção ou uma oferta a partir da sua Página, você concorda com nossos Termos de Páginas.

12. Disposições especiais aplicáveis a software

Se você baixar ou usar o nosso software, como um produto de software autônomo, um aplicativo ou um plug-in para navegador, você concorda que o software poderá baixar e instalar as

atualizações e recursos adicionais periodicamente de forma a aprimorar ou desenvolvê-lo.

Você não tentará modificar, criar trabalhos derivados de, descompilar ou tentar extrair código fonte, a menos que expressamente autorizado sob licença de open source ou que essa permissão expressa tenha sido fornecida por nós.

13. Alterações

Notificaremos você antes de fazer alterações nestes termos e lhe daremos a oportunidade de analisar e comentar os termos revisados antes de continuar a usar nossos Serviços.

Se fizermos alterações em políticas, diretrizes ou outros termos mencionados ou incorporados nesta Declaração, poderemos apresentar um aviso na Página de Governança do Site.

Se você continuar a usar os Serviços do Facebook depois do aviso de alterações em nossos termos, políticas ou diretrizes, isso constituirá sua aceitação dos termos, políticas ou diretrizes alterados.

14. Rescisão

Se você violar o texto ou a essência desta Declaração, ou gerar possível risco ou exposição legal para nós, podemos deixar de fornecer todo ou parte do Facebook para você. Notificaremos você por e-mail ou na próxima vez que você tentar acessar sua conta. Você também pode excluir sua conta ou desativar seu aplicativo a qualquer momento. Em todos esses casos, esta Declaração perderá sua vigência, mas as seguintes disposições ainda serão aplicáveis: 2.2, 2.4, 3-5, 9.3 e 14-18.

15. Disputas

Você resolverá qualquer reivindicação, causa de ação ou disputa (reivindicação) decorrente de ou relacionada exclusivamente à esta Declaração ou ao Facebook no tribunal distrital americano, para o distrito do norte da Califórnia, ou um tribunal estadual localizado no condado de San Mateo, e você concorda em submeter-se à jurisdição pessoal de tais tribunais com o propósito de pleitear todas essas reivindicações. As leis do estado da Califórnia regem esta Declaração, bem como as alegações que surjam entre você e nós, independentemente de conflitos nas disposições legais.

Se alguém fizer uma alegação contra nós em relação a suas ações, conteúdos ou informações no Facebook, você nos isentará da responsabilidade sobre todos os danos, perdas e despesas de qualquer espécie (incluindo os custos judiciais aplicáveis) em relação a essa alegação. Mesmo estabelecendo regras de conduta para os usuários, não controlamos nem orientamos as ações dos usuários no Facebook e não nos responsabilizamos pelo conteúdo ou as informações que os usuários transmitem ou compartilham no Facebook. Não nos responsabilizamos por qualquer conteúdo ou dado ofensivo, inadequado, obsceno, ilegal ou

questionável que você possa encontrar no Facebook. Não nos responsabilizamos pela conduta, on-line ou off-line, de qualquer usuário do Facebook.

NÓS TENTAMOS MANTER O FACEBOOK ATUALIZADO, SEGURO E LIVRE DE ERROS, MAS VOCÊ O USA POR SUA CONTA E RISCO. NÓS FORNECEMOS O FACEBOOK NO ESTADO EM QUE SE ENCONTRA, SEM GARANTIAS EXPRESSAS OU IMPLÍCITAS, INCLUINDO, SEM LIMITAÇÃO, GARANTIAS IMPLÍCITAS DE COMERCIALIZAÇÃO, ADEQUAÇÃO A UMA FINALIDADE ESPECÍFICA E NÃO INFRAÇÃO. NÃO GARANTIMOS QUE O FACEBOOK SERÁ SEMPRE SEGURO, PROTEGIDO, SEM ERROS, NEM QUE O FACEBOOK SEMPRE FUNCIONARÁ SEM INTERRUPÇÕES, ATRASOS OU IMPERFEIÇÕES. O FACEBOOK NÃO SE RESPONSABILIZA POR AÇÕES, CONTEÚDOS, INFORMAÇÕES OU DADOS DE TERCEIROS, E VOCÊ ISENTA A NÓS, NOSSOS DIRETORES, EXECUTIVOS, FUNCIONÁRIOS E AGENTES DE QUALQUER RECLAMAÇÃO OU DANOS, CONHECIDOS E DESCONHECIDOS, DECORRENTES DE OU RELACIONADOS DE QUALQUER FORMA A QUALQUER RECLAMAÇÃO QUE VOCÊ TENHA CONTRA TERCEIROS. SE VOCÊ FOR RESIDENTE NA CALIFÓRNIA, VOCÊ ABDICA DO CÓDIGO CIVIL DA CALIFÓRNIA §1542, QUE DIZ: A RENÚNCIA GERAL NÃO SE ESTENDE A RECLAMAÇÕES QUE O CREDOR NÃO CONHECE OU ESPERA EXISTIR EM SEU FAVOR NO MOMENTO DE EXECUÇÃO DA RENÚNCIA QUE, SE CONHECIDA POR ELE, AFETAM SUBSTANCIALMENTE SEU ACORDO COM O DEVEDOR. NÓS NÃO NOS RESPONSABILIZAMOS COM VOCÊ POR QUALQUER PERDA DE LUCRO OU OUTROS DANOS CONSEQUENTES, ESPECIAIS, INDIRETOS OU ACIDENTAIS DECORRENTES DE OU RELATIVOS A ESTA DECLARAÇÃO OU AO FACEBOOK, MESMO QUE TENHAMOS SIDO AVISADOS DA POSSIBILIDADE DE TAIS DANOS. NOSSA RESPONSABILIDADE AGREGADA TOTAL DECORRENTE DESTA DECLARAÇÃO OU DO FACEBOOK NÃO DEVERÁ ULTRAPASSAR O MONTANTE DE CEM DÓLARES (US\$ 100) OU O VALOR PAGO NOS EUA NOS ÚLTIMOS DOZE MESES. A LEGISLAÇÃO APLICÁVEL NÃO PODE PERMITIR A LIMITAÇÃO NEM A ISENÇÃO DA RESPONSABILIDADE POR DANOS ACIDENTAIS OU CONSEQUENTES. PORTANTO, A LIMITAÇÃO OU EXCLUSÃO ACIMA PODE NÃO SE APLICAR A VOCÊ. NESSES CASOS, A RESPONSABILIDADE DO FACEBOOK SERÁ LIMITADA AO LIMITE MÁXIMO PERMITIDO POR LEI.

16. Disposições especiais aplicáveis a usuários fora dos Estados Unidos

Nós nos esforçamos para criar uma comunidade global com padrões consistentes para todos,

mas também procuramos respeitar as leis locais. As seguintes provisões se aplicam a usuários e não usuários que interagem com o Facebook fora dos Estados Unidos.

Você concorda em ter seus dados pessoais transferidos para e processados nos Estados Unidos.

Se você residir em um país embargado pelos Estados Unidos ou fizer parte da lista do Departamento do Tesouro dos EUA de Nações Especialmente Designadas, você não deverá participar de atividades comerciais no Facebook (como propaganda e pagamento) nem operar um aplicativo ou site da plataforma. Você não usará o Facebook se estiver proibido de receber produtos, serviços ou software originado dos Estados Unidos.

Certos termos específicos que se aplicam somente a usuários alemães estão disponíveis aqui.

17. Definições

Os termos “Facebook” ou “Serviços do Facebook” abrangem os recursos e serviços que disponibilizamos, inclusive através de (a) nosso site www.facebook.com e qualquer outro site da marca Facebook ou sites de marca compartilhada (incluindo subdomínios, versões internacionais, widgets e versões para celular); (b) nossa Plataforma; (c) plug-ins sociais, como o botão Curtir, o botão Compartilhar e outras ofertas similares (d) e outras mídias, marcas, produtos, serviços, softwares (como uma barra de ferramentas), dispositivos ou redes já existentes ou desenvolvidos posteriormente. O Facebook se reserva o direito de definir, a seu critério, quais marcas, produtos ou serviços são regidos por termos separados e não por esta DDR.

O termo “Plataforma” envolve um conjunto de APIs e serviços (como conteúdo) que permitem que outras pessoas, inclusive desenvolvedores de aplicativos e operadores de sites, recuperem dados do Facebook ou forneçam dados para nós.

O termo “informações” envolve fatos e outras informações sobre você, incluindo as ações executadas por usuários e não usuários que interagem com o Facebook.

O termo “conteúdo” envolve tudo que você ou outros usuários publicam, fornecem ou compartilham usando os Serviços do Facebook.

O termo “dados” ou “dados do usuário” envolve qualquer dado, incluindo conteúdos ou informações de um usuário que você ou terceiros possam obter do Facebook ou fornecer ao Facebook pela plataforma.

O termo “publicar” envolve publicar ou disponibilizar conteúdos usando o Facebook.

O termo “uso” significa usar, executar, copiar, agir ou expor publicamente, distribuir, modificar, traduzir e criar trabalhos derivados.

O termo “aplicativo” envolve qualquer aplicativo ou site que use ou acesse a plataforma, bem como qualquer item que receba ou tenha recebido dados de nós. Se você não acessa mais a

plataforma, mas não excluiu os dados, o termo aplicativo se aplicará até que você os exclua. Com o termo “Marcas comerciais”, nos referimos à lista de marcas comerciais disposta aqui.

18. **Outros**

Se sua residência ou seu principal local de trabalho encontra-se nos Estados Unidos ou no Canadá, esta Declaração corresponde a um acordo entre você e a Facebook, Inc. Caso contrário, esta Declaração corresponde a um acordo entre você e a Facebook Ireland Limited. Referências a “nos”, “nós” e “nosso” significam a Facebook, Inc. ou a Facebook Ireland Limited, conforme apropriado.

Esta Declaração compõe todo o acordo entre as partes em relação ao Facebook e tem precedência sobre acordos anteriores.

Se qualquer parte desta Declaração for considerada inexecutável, a parte restante permanecerá em plena vigência.

Se nós falharmos em impor qualquer parte desta Declaração, isso não será considerado como abdicação de direitos.

As correções ou abdições de direitos desta Declaração devem ser efetuadas por escrito e assinadas por nós.

Você não deve transferir seus direitos nem obrigações sob esta Declaração para qualquer outra pessoa sem nosso consentimento.

Todos os nossos direitos e obrigações sob esta Declaração são livremente atribuídos por nós em relação a fusões, aquisições, vendas de bens, imposição legal ou outro fator.

Nada nesta Declaração nos impedirá de cumprir a lei.

Esta Declaração não confere direitos que beneficiam terceiros.

Nós nos reservamos todos os direitos não expressamente concedidos a você.

Você deve obedecer a todas as leis aplicáveis quando estiver usando ou acessando o Facebook.

Ao usar ou acessar os Serviços do Facebook, você concorda que podemos coletar e usar esses conteúdos e informações de acordo com a Política de Dados e suas eventuais alterações. Você também pode consultar os documentos a seguir, que fornecem mais informações sobre seu uso do Facebook.

- Termos de pagamento: Estes termos adicionais se aplicam a todos os pagamentos feitos no Facebook ou por meio dele, a menos que seja declarado que outros termos se aplicam.
- Página da plataforma: Essa página o ajuda a entender melhor o que acontece ao adicionar aplicativos de terceiros ou ao usar o Facebook Connect, incluindo como eles podem acessar e usar seus dados.

- Políticas da plataforma do Facebook: Essas diretrizes detalham as políticas que se aplicam a aplicativos, incluindo sites de Conexões do Facebook.
- Diretrizes de propaganda: Essas diretrizes detalham as políticas que se aplicam a propagandas publicadas no Facebook.
- Termos de Autoatendimento de Publicidade: tais termos são válidos quando você usa as Interfaces de Autoatendimento de Anúncios para criar, enviar e/ou veicular qualquer tipo de publicidade, ou outra atividade ou conteúdo comercial ou patrocinado.
- Diretrizes de promoções: Essas diretrizes descrevem as políticas que se aplicam à oferta de concursos, brindes e outros tipos de promoções no Facebook.
- Recursos da marca Facebook: Essas diretrizes descrevem as políticas que se aplicam ao uso de marcas comerciais, logotipos e capturas de tela do Facebook.
- Como denunciar reclamações de infrações de propriedade intelectual
- Termos de páginas: Essas diretrizes se aplicam ao seu uso das páginas do Facebook.
- Padrões da Comunidade: Essas diretrizes descrevem nossas expectativas em relação ao conteúdo que você publica no Facebook e às suas atividades no Facebook.

Para acessar a Declaração de direitos e responsabilidades em diversos idiomas, altere a configuração de idioma da sua sessão do Facebook clicando no link de idioma no canto esquerdo da maioria das páginas. Se a Declaração não estiver disponível no idioma selecionado, a versão em inglês será exibida por padrão.

ANEXO F - Termo de uso do *Blogspot*

Termos de Utilização do Google (<https://support.google.com/blogger/answer/41935?hl=pt-BR> / <http://www.google.com/intl/pt/policies/terms/>)

Última modificação: 14 de Abril de 2014 (ver versões arquivadas)

Bem-vindo ao Google!

Estamos gratos por utilizar os nossos produtos e serviços («Serviços»). Os Serviços são fornecidos pela Google Inc. («Google»), com sede em 1600 Amphitheatre Parkway, Mountain View, CA 94043, Estados Unidos da América.

Ao utilizar os nossos Serviços, o utilizador está a aceitar os presentes termos de utilização. Leia-os atentamente.

Os nossos Serviços são muito diversificados, pelo que, por vezes, podem aplicar-se termos de utilização ou requisitos de produto adicionais (incluindo requisitos de idade). Os termos de utilização adicionais estarão disponíveis em conjunto com os respetivos Serviços, tornando-se parte do contrato entre o utilizador e a Google, caso aquele utilize os referidos Serviços.

Utilização dos nossos Serviços

Deve seguir todas as políticas que lhe são disponibilizadas nos Serviços.

Não utilize indevidamente os nossos Serviços. Por exemplo, não interfira com os nossos Serviços, nem tente aceder aos mesmos através de outros métodos que não a interface e as instruções que fornecemos. Pode utilizar os nossos Serviços apenas nos termos permitidos por lei, incluindo leis e regulamentos de controlo de exportações e reexportações aplicáveis. Podemos suspender ou deixar de fornecer os Serviços ao utilizador, caso este não respeite os nossos termos ou políticas de utilização ou se estivermos a investigar uma possível conduta imprópria.

A utilização dos nossos Serviços não confere ao utilizador quaisquer direitos de propriedade intelectual sobre os nossos Serviços ou o conteúdo acedido. Não pode utilizar conteúdo dos nossos Serviços, salvo mediante autorização do respetivo proprietário ou em circunstâncias permitidas por lei. Os presentes termos de utilização não concedem o direito de utilizar nenhuma das marcas ou logótipos usados nos nossos Serviços. O utilizador não deverá remover, ocultar ou alterar qualquer aviso legal apresentado nos nossos Serviços ou juntamente com os mesmos.

Os nossos Serviços apresentam alguns conteúdos que não pertencem à Google. Estes conteúdos são da inteira responsabilidade da entidade que os disponibiliza. Poderemos avaliar

conteúdo para determinar se é ilegal ou se viola as nossas políticas e poderemos remover ou recusar apresentar conteúdo que, de uma forma razoável, considerarmos que viola as nossas políticas ou a lei. Não obstante, isso não significa necessariamente que avaliamos o conteúdo, pelo que não deve partir do princípio de que o fazemos.

Poderemos enviar-lhe anúncios de serviços, mensagens administrativas e outras informações relacionados com a sua utilização dos Serviços. Pode optar por não receber algumas dessas comunicações.

Alguns dos nossos Serviços estão disponíveis em dispositivos móveis. Não utilize estes Serviços de forma a que constituam uma distração e o impeçam de obedecer às leis rodoviárias ou de segurança.

A sua Conta Google

Para utilizar alguns dos nossos Serviços, é possível que seja necessário ter uma Conta Google. A Conta Google pode ser criada pelo próprio utilizador ou pode ser-lhe atribuída por um administrador, como, por exemplo, a sua entidade patronal ou estabelecimento de ensino. Se estiver a utilizar uma Conta Google que lhe foi atribuída por um administrador, poderão aplicar-se termos de utilização distintos ou adicionais e o seu administrador pode conseguir aceder à sua conta ou desativá-la.

Para proteger a sua Conta Google, mantenha a sua palavra-passe confidencial. É responsável pela atividade realizada na sua Conta Google ou através da mesma. Tente não reutilizar a palavra-passe da sua Conta Google em aplicações de terceiros. Se tiver conhecimento de qualquer utilização não autorizada da sua palavra-passe ou da sua Conta Google, siga estas instruções.

Privacidade e Proteção de Direitos de Autor / Copyright

As políticas de privacidade da Google explicam como tratamos os seus dados pessoais e protegemos a sua privacidade quando utiliza os nossos Serviços. Ao utilizar os nossos Serviços, o utilizador aceita que a Google pode utilizar esses dados de acordo com as respetivas políticas de privacidade.

De acordo com o processo definido no Digital Millennium Copyright Act dos EUA, respondemos a avisos de alegadas violações de direitos de autor / copyright e rescindimos as contas dos infratores reincidentes.

Providenciamos informações para ajudar os detentores de direitos de autor / copyright a gerir a respetiva propriedade intelectual on-line. Se acha que alguém está a violar os seus direitos de autor / copyright e pretender notificar-nos, pode encontrar informações sobre o envio de avisos e a política da Google acerca da resposta a avisos no nosso Centro de Ajuda.

O seu Conteúdo nos nossos Serviços

Alguns dos nossos serviços permitem ao utilizador carregar, submeter, armazenar, enviar ou receber conteúdo. O utilizador mantém a propriedade de todos os direitos de propriedade intelectual que detenha sobre o referido conteúdo. Em suma, o que lhe pertence continuará a pertencer-lhe.

Quando carrega, submete, armazena, envia ou recebe conteúdo para ou através dos nossos Serviços, está a conceder à Google (e àqueles com quem trabalhamos) uma licença internacional para utilizar, alojar, armazenar, reproduzir, modificar, criar trabalhos derivados (como os decorrentes de traduções, adaptações ou outras alterações que efetuarmos para que o conteúdo funcione melhor com os nossos Serviços), comunicar, publicar, executar e apresentar publicamente, bem como distribuir o referido conteúdo. Os direitos que o utilizador concede ao abrigo desta licença serão utilizados apenas para operar, promover e aperfeiçoar os nossos Serviços, assim como desenvolver novos serviços. Esta licença permanece em vigor mesmo que o utilizador deixe de utilizar os nossos Serviços (por exemplo, relativamente a uma ficha de empresa que o utilizador tenha adicionado ao Google Maps). Alguns Serviços podem disponibilizar ao utilizador formas de acesso e remoção de conteúdo que tenha sido fornecido a esse Serviço. Além disso, em alguns dos nossos Serviços, existem termos e definições que restringem o âmbito da utilização que fazemos do conteúdo enviado para esses Serviços. Certifique-se de que possui os direitos necessários relativos a qualquer conteúdo que envia para os nossos Serviços.

Os nossos sistemas automatizados analisam o seu conteúdo (incluindo emails) para lhe fornecer funcionalidades do produto pessoalmente relevantes, como resultados de pesquisa personalizados, anúncios adaptados às necessidades e deteção de spam e software maligno. Esta análise ocorre quando o conteúdo é enviado, recebido e quando é armazenado.

Se tiver uma Conta Google, poderemos apresentar o seu nome e a sua fotografia do Perfil, assim como as ações realizadas na Google ou em aplicações de terceiros associadas à sua Conta Google (como marcações com +1, críticas escritas e comentários publicados) nos nossos Serviços, incluindo a apresentação destas informações em anúncios e outros contextos comerciais. Respeitaremos as suas escolhas para limitar as definições de partilha ou de visibilidade da sua Conta Google. Por exemplo, pode configurar as suas definições de forma a que o seu nome e a sua fotografia não apareçam num anúncio.

Pode encontrar mais informações acerca da forma como a Google utiliza e armazena conteúdos na política de privacidade ou nos termos de utilização adicionais para determinados Serviços. Se enviar comentários ou sugestões acerca dos nossos Serviços, poderemos utilizá-

los sem assumir qualquer obrigação perante si.

Acerca do Software nos nossos Serviços

Quando um Serviço requer ou inclui software transferível, este software pode ser atualizado automaticamente no aparelho do utilizador, assim que a nova versão ou funcionalidade esteja disponível. Alguns Serviços poderão permitir que o utilizador ajuste as definições da atualização automática.

A Google concede ao utilizador uma licença internacional, intransmissível, não exclusiva e isenta de royalties para utilizar o software que lhe é fornecido pela Google como parte dos Serviços. Esta licença tem como único objetivo permitir a utilização e usufruto dos benefícios dos Serviços tal como são fornecidos pela Google, da forma que é permitido pelos presentes termos de utilização. O utilizador não pode copiar, modificar, distribuir, vender ou alugar qualquer parte dos nossos Serviços ou do software neles incluído, nem utilizar engenharia reversa ou tentar extrair o código fonte do software, salvo se estas restrições forem proibidas por lei ou se o utilizador tiver o nosso consentimento por escrito.

O software de código aberto é importante para nós. Algum software utilizado nos nossos Serviços poderá ser disponibilizado ao abrigo de uma licença de código aberto. Poderão existir disposições na licença de código aberto que substituem expressamente alguns dos presentes termos.

Modificação e Rescisão dos Serviços

Estamos constantemente a alterar e a melhorar os nossos Serviços. Podemos adicionar ou remover funcionalidades ou características, bem como suspender ou parar totalmente um Serviço.

O utilizador pode deixar de utilizar os Serviços a qualquer momento, embora tenhamos pena de o ver partir. A Google pode ainda deixar de fornecer os Serviços ao utilizador ou adicionar ou criar novos limites aos Serviços em qualquer momento.

Acreditamos que os seus dados lhe pertencem e que preservar o acesso a esses dados é importante. Caso descontinuemos um Serviço, sempre que possível, avisaremos os utilizadores com uma antecedência razoável e dar-lhes-emos a possibilidade de obterem informações fora desse Serviço.

Garantias e Exclusão de Responsabilidade

Fornecemos os nossos Serviços com um nível comercialmente razoável de competência e cuidado e esperamos que o utilizador se sinta satisfeito ao utilizá-los. No entanto, existem determinadas coisas que não prometemos em relação aos nossos Serviços.

SALVO SE EXPRESSAMENTE DEFINIDO NOS PRESENTES TERMOS DE

UTILIZAÇÃO OU NOS TERMOS DE UTILIZAÇÃO ADICIONAIS, NEM A GOOGLE NEM OS SEUS FORNECEDORES OU DISTRIBUIDORES FAZEM QUALQUER PROMESSA ESPECÍFICA ACERCA DOS SERVIÇOS. POR EXEMPLO, NÃO NOS COMPROMETEMOS QUANTO AOS CONTEÚDOS DOS SERVIÇOS, À FUNÇÃO ESPECÍFICA DOS SERVIÇOS, À FIABILIDADE, DISPONIBILIDADE OU CAPACIDADE DOS MESMOS DE SATISFAZEREM AS NECESSIDADES DO UTILIZADOR. FORNECEMOS OS SERVIÇOS «TAL COMO ESTÃO».

ALGUMAS JURISDIÇÕES OBRIGAM A FORNECER DETERMINADAS GARANTIAS, COMO A GARANTIA IMPLÍCITA DE COMERCIALIZAÇÃO, ADEQUAÇÃO A UM FIM ESPECÍFICO E A NÃO INFRACÇÃO. NA MEDIDA EM QUE TAL SEJA PERMITIDO POR LEI, EXCLUÍMOS TODAS AS GARANTIAS.

Responsabilidade pelos nossos Serviços

NOS CASOS EM QUE TAL SEJA PERMITIDO POR LEI, A GOOGLE E OS FORNECEDORES E DISTRIBUIDORES DA GOOGLE NÃO SE RESPONSABILIZAM PELA PERDA DE LUCROS, RECEITAS OU DADOS, PERDAS FINANCEIRAS OU DANOS INDIRECTOS, ESPECIAIS, DERIVADOS, EXEMPLARES OU PUNITIVOS.

NA MEDIDA EM QUE TAL SEJA PERMITIDO POR LEI, A RESPONSABILIDADE TOTAL DA GOOGLE E DOS SEUS FORNECEDORES E DISTRIBUIDORES POR QUALQUER QUEIXA AO ABRIGO DOS PRESENTES TERMOS DE UTILIZAÇÃO, INCLUINDO POR QUAISQUER GARANTIAS IMPLÍCITAS, ESTÁ LIMITADA AO VALOR QUE O UTILIZADOR PAGOU PARA UTILIZAR OS SERVIÇOS (OU, SE OPTARMOS POR TAL, AO FORNECIMENTO DOS SERVIÇOS NOVAMENTE).

EM TODOS OS CASOS, A GOOGLE E OS SEUS FORNECEDORES E DISTRIBUIDORES NÃO SERÃO RESPONSÁVEIS POR QUALQUER PERDA OU DANO QUE NÃO SEJA RAZOAVELMENTE PREVISÍVEL.

Utilização dos nossos Serviços por empresas

Se os nossos Serviços estiverem a ser usados por ou em nome de uma empresa, esta terá de aceitar os presentes termos de utilização. Compromete-se a isentar e a indemnizar a Google e as suas filiais, representantes, agentes e funcionários de quaisquer queixas, processos ou ações resultantes de ou relacionados com a utilização dos Serviços ou a violação dos presentes termos de utilização, incluindo quaisquer responsabilidades ou despesas resultantes de queixas, perdas, danos, processos, ações judiciais, custas e honorários de advogados.

Acerca dos presentes Termos de Utilização

Poderemos modificar estes termos de utilização ou quaisquer termos de utilização adicionais

que se apliquem a um Serviço para, por exemplo, refletir alterações à lei ou aos nossos Serviços. O utilizador deverá consultar os termos de utilização regularmente. Os avisos de modificação dos presentes termos de utilização serão publicados nesta página. Os avisos relativos à modificação dos termos de utilização adicionais serão publicados nos respetivos Serviços. As alterações não serão de aplicação retroativa e não entrarão em vigor num período inferior a catorze dias após a sua publicação. Contudo, as alterações relativas a novas funcionalidades de um Serviço ou as alterações efetuadas por motivos legais entrarão imediatamente em vigor. Caso o utilizador não aceite os termos de utilização modificados de um Serviço, deverá deixar de o utilizar.

Em caso de conflito entre os presentes termos de utilização e os termos de utilização adicionais, estes últimos prevalecem sobre os primeiros.

Os presentes termos de utilização controlam o relacionamento entre a Google e o utilizador, não criando quaisquer direitos a terceiros.

Se o utilizador não respeitar os presentes termos de utilização e a Google não tomar medidas de imediato, tal não implica qualquer desistência por parte da Google de quaisquer direitos que lhe assistam (como, por exemplo, o de tomar medidas no futuro).

Caso se venha a concluir que um determinado termo de utilização não é exequível, tal não afectará os restantes termos.

Para dirimir qualquer litígio decorrente de ou relacionado com os presentes termos de utilização ou os Serviços, aplicam-se as leis da Califórnia, EUA, com exclusão das normas sobre conflito de leis aplicáveis. Todas as queixas emergentes ou relacionadas com os presentes termos de utilização ou os Serviços serão resolvidas exclusivamente nos tribunais federais ou estatais do Condado de Santa Clara, na Califórnia, EUA, e o utilizador e a Google aceitam a jurisdição pessoal dos referidos tribunais.

Para obter informações sobre como contactar a Google, viste a nossa página de contacto.

ANEXO G - Termo de uso do *Wordpress*

Termos de Serviço (<https://br.wordpress.com/tos/>)

O resumo:

Nós da Automattic mantemos um blog e serviço de hospedagem de sites chamado WordPress.com, e adorariamos que você usasse. Nosso serviço básico é gratuito mas oferecemos upgrades pagos com funcionalidades avançadas, como hospedagem de domínios e espaço extra. Nosso serviço foi pensado para oferecer o máximo de controle e propriedade sobre seu site, e encorajá-lo a se expressar livremente. Contudo, seja responsável em suas publicações. Assegure-se de que seu site não contenha os itens proibidos listados abaixo, ou links para esse tipo de conteúdo (como spam, vírus ou incitação ao ódio).

Verifique esta página sobre tipos de blogs para entender os tipos de sites que são bem-vindos (ou não) ao nosso serviço.

Caso você encontre um site no WordPress.com que pareça estar violando nossos termos de serviço, acesse nossa página de relatório e solução de controvérsias.

(Observe que os Termos de Serviço abaixo estão disponíveis sob licença “Creative Commons Atribuição – Compartilhamento pela mesma licença”. Isto significa que você pode se apropriar deste conteúdo e utilizá-lo com outro propósito, lembrando de substituir as referências a nós por referências a você. Se você puder, adicione em seu site um link para o WordPress.com com créditos pela licença. Investimos muito tempo e dinheiro elaborando este documento. Outras pessoas não precisam fazer o mesmo!)

Termos de Serviço:

Os termos e condições a seguir governam todos os usos do site WordPress.com e de todos os conteúdos, serviços e produtos disponibilizados em ou por meio do site, incluindo, mas não se limitando a, o Jetpack by WordPress.com (“Jetpack”) e o serviço de hospedagem VIP do WordPress.com (“Serviço VIP”), que juntos formam o Site. O Site pertence a e é operado pela Automattic, Inc. (“Automattic”). A oferta do Site está sujeita à sua aceitação integral de todos os termos e condições aqui expressos e de quaisquer outras regras, políticas (incluindo, sem limitação, a Política de Privacidade da Automattic) e procedimentos operacionais que venham, de tempos em tempos, a ser publicados neste site pela Automattic (constituindo, coletivamente, o “Acordo”).

Leia atentamente este Acordo antes de acessar ou utilizar o Site. Ao acessar ou utilizar qualquer parte do Site, você concorda em se submeter aos termos e condições deste Acordo.

Se você não está de acordo com estes termos e condições, você não deve acessar o Site ou utilizar quaisquer dos serviços. Considerando estes termos e condições como uma oferta da Automattic, a sua aceitação está expressamente limitada a estes termos. O Site está disponível somente para indivíduos com 13 anos de idade ou mais.

- 1 Seu site e conta no WordPress.com. Ao criar um blog no Site, você se responsabiliza em manter a segurança da sua conta e do seu blog, e se torna inteiramente responsável por todas as atividades que ocorrerem em sua conta e pelas ações perpetradas em conexão com o blog. Você não deve descrever ou atribuir palavras-chave ao seu blog de maneira enganosa ou ilícita, inclusive com a intenção de aproveitar-se do nome ou da reputação de terceiros. A Automattic se reserva o direito de alterar ou remover descrições e palavras-chave consideradas inapropriadas ou ilícitas, ou que possam causar prejuízos à Automattic. Você deve notificar automaticamente a Automattic sobre qualquer uso não autorizado do seu blog ou conta ou outras brechas de segurança. A Automattic não se responsabilizará pelos atos ou omissões praticados por Você, incluindo danos de qualquer tipo que resultem desses atos ou omissões.
- 2 A responsabilidade dos colaboradores. Se você opera um blog, comenta em um blog, publica qualquer tipo de material no Site, publica links no Site ou disponibiliza algum tipo de material (“Conteúdo”) por meio do Site (ou autoriza terceiros a fazê-lo), Você fica inteiramente responsável pela natureza do Conteúdo e por qualquer dano causado por ele. Isto se aplica independentemente de o Conteúdo em questão constituir-se de texto, recursos gráficos, um arquivo de áudio ou software de computador. Ao disponibilizar o conteúdo, você garante que:
 - o download, cópia e utilização do Conteúdo não infringe os direitos do proprietário, incluindo, mas não se limitando a, direitos autorais, patente, marca registrada ou direitos de segredo comercial de terceiros;
 - caso o seu empregador possua direitos de propriedade intelectual sobre o seu trabalho, você (i) recebeu permissão do seu empregador para publicar ou disponibilizar o Conteúdo, incluindo mas não se limitando a softwares, ou (ii) obteve uma renúncia do seu empregador de todos os direitos relacionados ao Conteúdo;
 - você cumpriu com todas as licenças de terceiros relacionadas ao Conteúdo, e fez todo o necessário para comunicar os termos necessários aos usuários finais de forma efetiva;
 - o Conteúdo não contém ou instala vírus, worms, malware, Cavalos de Troia ou outros conteúdos danosos ou destrutivos;

- o Conteúdo não é spam, não é gerado por máquina ou aleatoriamente e não contém material comercial indesejado ou anti-ético criado para gerar tráfego para sites de terceiros, melhorar a colocação de sites de terceiros em mecanismos de pesquisa ou para dar suporte a atos ilícitos (p.ex. phishing) ou enganar os leitores quanto à fonte do material (p.ex. spoofing);
 - o Conteúdo não é pornográfico, não contém ameaças, não incita à violência e não viola os direitos de privacidade ou publicidade de terceiros;
 - seu blog não recebe divulgação por meio de mensagens eletrônicas indesejadas, como links de spam em grupos de discussão, listas de email, outros blogs e sites, e outros métodos de promoção não solicitada;
 - a apresentação do seu blog não induz seus leitores a pensarem que você é outra pessoa ou companhia; e
 - no caso de Conteúdo com códigos de computação, você categorizou e/ou descreveu exatamente o tipo, natureza, usos e efeitos dos materiais, quer tenha sido solicitado pela Automattic ou não.
- 3 Ao enviar o Conteúdo à Automattic para inclusão em seu Site, você concede à Automattic uma licença global não exclusiva a título gratuito para reproduzir, modificar, adaptar e publicar o Conteúdo unicamente com o propósito de exibir, distribuir e promover seu blog. Essa licença permite à Automattic disponibilizar qualquer conteúdo público a terceiros selecionados pela mesma (p.ex. por meio da Automattic Firehose) de modo que esses terceiros possam analisar e distribuir (mas não exibir publicamente) seu conteúdo através dos serviços deles. □ Você também concede permissão a outros membros do WordPress.com para compartilhar seu Conteúdo em outros sites no WordPress.com e adicionar outros Conteúdos a ele (p.ex. para reblogar seu Conteúdo), contanto que usem somente parte da sua publicação e deem a você os créditos como autor original, com um link para o seu site (a função Reblogar no WordPress.com faz isso automaticamente!). □ Caso você exclua o Conteúdo, a Automattic se esforçará para removê-lo do Site, mas você reconhece que referências ao conteúdo ou conteúdo armazenado temporariamente (“caching”) poderão não ficar indisponíveis imediatamente. □ Sem limitar quaisquer das representações ou garantias expressas anteriormente, a Automattic tem o direito (mas não a obrigação) de, segundo seu próprio critério, (i) recusar ou remover qualquer conteúdo que, na opinião da Automattic, viole alguma das políticas da companhia ou seja danoso ou questionável em qualquer sentido, ou (ii) bloquear ou negar o acesso e o uso do Site a qualquer indivíduo ou entidade por

qualquer razão, segundo critério exclusivo da Automattic. A Automattic não terá a obrigação de oferecer reembolso de quaisquer quantias pagas anteriormente.

4 Pagamento e renovação.

- Termos gerais. Serviços pagos opcionais, como espaço extra e compra de domínio, estão disponíveis no Site, sendo denominados “Upgrades”. Ao selecionar um Upgrade, você concorda em pagar à Automattic as taxas de assinatura mensais ou anuais indicadas para o serviço em questão. Os pagamentos serão cobrados de maneira prévia no dia em que você fizer a assinatura para um Upgrade, e servirão para cobrir a utilização do serviço por um período de um mês ou de um ano, conforme indicado. As taxas de Upgrade não são reembolsáveis.
- Renovação automática. A não ser que você notifique a Automattic antes do fim do período de assinatura pertinente que você deseja cancelar um determinado Upgrade, sua assinatura será renovada automaticamente para o Upgrade. Nesse caso, você nos autoriza a coletar a taxa de assinatura mensal ou anual aplicável neste momento para o Upgrade em questão (bem como eventuais impostos) usando qualquer cartão de crédito ou outro mecanismo de pagamento que estejam registrados em seu nome. Os Upgrades podem ser cancelados a qualquer momento na seção de Upgrades do painel do seu site.

5 Serviços VIP.

- Hospedagem e serviços de suporte. Os serviços de Hospedagem/Suporte VIP e Suporte VIP são oferecidos pela Automattic sob termos e condições específicos, que você pode acessar em vip.wordpress.com/hosting-tos e vip.wordpress.com/support-tos, respectivamente. Ao inscrever-se em uma conta de serviços de Hospedagem/Suporte VIP ou Suporte VIP, você concorda em obedecer tais termos e condições.

6 Firehose.

- Taxas; pagamento. Ao inscrever-se no WordPress.com Firehose, você concorda em pagar à Automattic as taxas mensais especificadas, em troca do acesso aos feeds. A partir do dia que o seu acesso for estabelecido, serão emitidas faturas adiantadas (em relação à prestação do serviço) das taxas aplicáveis. A Automattic se reserva o direito de alterar os termos e taxas de pagamento notificando-o por escrito a você trinta (30) dias antes da efetividade da alteração. Você pode cancelar seu acesso ao Firehose a qualquer momento, enviando um aviso prévio, por escrito, de 30 dias à Automattic.
- Uso permitido. Você pode utilizar o WordPress.com Firehose para desenvolver um

produto ou serviço que pesquise, exiba, analise, recupere e visualize informações disponíveis no WordPress.com. Você também pode utilizar o nome ou logotipos do WordPress.com, bem como outros elementos da marca disponibilizados pela Automattic, para identificar a fonte das informações dispostas.

- Uso restrito. Não é permitido utilizar o WordPress.com Firehose para replicar substancialmente produtos ou serviços oferecidos pela Automattic, por exemplo, para republicar conteúdos do WordPress.com ou para criar uma plataforma de publicação separada. Caso a Automattic determine, segundo seu próprio critério, que você violou ou tentou violar estas condições ou os presentes termos, ela poderá revogar, em caráter temporário ou permanente, com ou sem aviso, sua capacidade de utilização e acesso ao WordPress.com Firehose.
- 7 A responsabilidade dos visitantes do Site. A Automattic não revisou e não tem a capacidade de revisar todo o material, incluindo softwares de computador, publicados no Site, não podendo deste modo responsabilizar-se pelo conteúdo, uso ou efeitos do material. Como operadora do Site, a Automattic não representa nem necessariamente endossa o material aí publicado e não necessariamente acredita que esse material seja exato, útil ou inofensivo. Você fica responsável por tomar as precauções necessárias para proteger você e seus sistemas de computador contra vírus, worms, Cavalos de Troia e outros conteúdos danosos ou destrutivos. O Site pode conter material ofensivo, indecente ou questionável sob qualquer aspecto, bem como material com imprecisões técnicas, erros de tipografia ou outros tipos de erro. O Site também pode conter material que viole direitos de privacidade e publicidade, ou que infrinja a propriedade intelectual e outros direitos de propriedade de terceiros, ou cujo download, cópia ou uso esteja sujeito a termos e condições adicionais, seja isso declarado ou não. A Automattic se isenta de qualquer responsabilidade por quaisquer danos causados pelo uso do Site por visitantes ou pelo download por visitantes de conteúdos publicados no Site.
- 8 Conteúdo publicado em outros sites. Nós não revisamos e não temos a capacidade de revisar todo o material, incluindo softwares de computador, publicados em sites e páginas indicados por links no WordPress.com, e que contenham links para o WordPress.com. A Automattic não tem qualquer controle sobre esses sites e páginas alheios ao WordPress, e não se responsabiliza pelo conteúdo ou uso desses sites. A inclusão de um link para uma página ou site de fora do WordPress não implica que a Automattic represente ou endosse esse site ou página. Você fica responsável por tomar as precauções necessárias para proteger você e seus sistemas de computador contra vírus, worms, Cavalos de Troia e

- outros conteúdos danosos ou destrutivos. A Automattic se isenta de qualquer responsabilidade por quaisquer danos causados pelo seu uso de sites e páginas alheios ao WordPress.
- 9 Violação dos Direitos Autorais e DCMA. Tendo em vista a intenção de preservar seus próprios direitos de propriedade intelectual, a Automattic também respeita os direitos de propriedade intelectual de outros. Se você acredita que algum material hospedado pelo WordPress.com, ou que seja indicado por links presentes no WordPress.com, viola seu direito de autor, sugerimos que você envie uma notificação à Automattic de acordo com a Lei dos Direitos Autorais do Milênio Digital (“DMCA”, Digital Millennium Copyright Act). A Automattic responderá a todas as notificações desse tipo, e poderá remover o material infrator ou desabilitar todos os links que levam a ele, caso seja apropriado ou solicitado. A Automattic encerrará completamente o acesso e uso do Site a um visitante que, sob condições pertinentes, seja infrator reincidente dos direitos autorais ou de outros direitos de propriedade intelectual da Automattic ou de outros. No caso de um encerramento desse tipo, a Automattic não terá a obrigação de oferecer reembolso de quaisquer quantias pagas anteriormente à Automattic.
 - 10 Propriedade intelectual. Este Acordo não transfere a você nenhum direito de propriedade intelectual da Automattic ou de terceiros, e todos os direitos, títulos e interesses envolvidos por essa propriedade permanecerão (como entre colaboradores) somente com a Automattic. Automattic, WordPress, WordPress.com, o logotipo do WordPress.com, e todas as outras marcas comerciais, marcas de serviço, gráficos e logotipos usados em conexão com o WordPress.com ou com o Site são marcas registradas ou marcas registradas comerciais da Automattic ou de seus licenciantes. Outras marcas comerciais, marcas de serviço, gráficos e logotipos usados em conexão com o Site podem ser marcas registradas de terceiros. O uso que você faz do Site não lhe concede o direito ou a licença para reproduzir ou utilizar com outro propósito as marcas registradas da Automattic ou de terceiros.
 - 11 Publicidade. A Automattic se reserva o direito de exibir anúncios publicitários no seu blog, a não ser que você tenha comprado um Upgrade isento de propaganda ou uma conta de Serviços VIP.
 - 12 Atribuição. A Automattic se reserva o direito de exibir links de atribuição no rodapé ou na barra de ferramentas do seu blog, por exemplo, ‘Blog at WordPress.com’ ou ‘Blog no WordPress.com’, links de autor ou de atribuição da fonte. Os créditos no rodapé e a barra de ferramentas do WordPress.com não poderão ser alterados ou removidos, independentemente dos upgrades comprados.

- 13 Temas de Amigos do WP.com. Ao ativar um tema de um parceiro na seção Amigos do WP.com, em nosso diretório de temas, você concorda com os termos de serviço do parceiro em questão. Você pode se desligar dos termos de serviço do parceiro a qualquer momento. Para isso, basta desativar o tema do parceiro.
- 14 Nomes de domínios. Ao registrar um nome de domínio, usar ou transferir um nome de domínio registrado anteriormente, você reconhece e concorda que o uso do nome de domínio também está sujeito às políticas da Corporação da Internet para Atribuição de Nomes e Números (“ICANN”, Internet Corporation for Assigned Names and Numbers), inclusive aos Direitos e Responsabilidades de Registro.
- 15 Alterações. Estamos constantemente atualizando nossos serviços e, por isso, precisamos às vezes alterar os termos legais que regem os serviços que oferecemos. Caso sejam feitas alterações materiais, publicaremos essa informação em um dos seus blogs ou enviaremos a você um email ou outro tipo de comunicado antes que a alteração seja efetivada. A notícia informará um período de tempo razoável depois do qual os novos Termos entrarão em vigor. Caso você discorde das alterações, deverá deixar de usar o WordPress.com dentro do período designado. Ao continuar utilizando o WordPress.com, você estará sujeito aos novos Termos. No entanto, todas as disputas convocadas antes das alterações serão governadas pelos Termos (inclusive as cláusulas compromissórias e arbitrais) que estavam em vigor quando do surgimento da disputa.
- 16 Encerramento. A Automattic poderá encerrar definitivamente seu acesso a todas ou a qualquer parte do Site, a qualquer momento, com ou sem justificativa, com ou sem aviso e imediatamente. Caso deseje encerrar este acordo ou sua conta no WordPress.com (caso possua uma), você pode simplesmente deixar de utilizar o Site. Todas as disposições deste Acordo que, por sua natureza, perpassem o encerramento, deverão perpassar o encerramento, incluindo, sem limitação, disposições de propriedade, exclusões de garantias, indenização e limitação de responsabilidades.
- 17 Exclusão de garantias. O Site é fornecido “como tal”. A Automattic e seus fornecedores e licenciantes renunciam pelo presente a todas as garantias de qualquer tipo, expressas ou implícitas, incluindo, sem limitação, garantias de comerciabilidade, adaptabilidade a um fim específico e não violação. Nem a Automattic nem seus fornecedores ou licenciantes oferecem qualquer garantia de que o Site estará livre de erros ou que o acesso ao mesmo será contínuo ou ininterrupto. Se você está realmente lendo isto, aqui vai um presente. Você compreende que, ao fazer download de conteúdo, ou obter conteúdo ou serviços de outra maneira através do Site, você o faz sob sua única e exclusiva responsabilidade.

- 18 Limitação de responsabilidades. Sob nenhuma circunstância, serão responsáveis a Automattic ou seus fornecedores ou licenciantes, a respeito de qualquer conteúdo contido neste acordo, baixo qualquer contrato, negligência, responsabilidade estrita ou outra teoria legal ou equitativa, pelo seguinte: (i) danos especiais, incidentais ou consequenciais; (ii) pelo custo da aquisição de produtos ou serviços substitutos; (iii) pela interrupção do uso ou perda ou corrupção de dados; ou (iv) por valores que excedam as taxas pagas por você à Automattic sob este acordo durante um período de doze (12) meses antes do início da ação. A Automattic se isenta de qualquer responsabilidade por falha ou atraso causado por algo que esteja razoavelmente além do seu controle. O anterior não se aplica a instâncias proibidas pelas leis vigentes aplicáveis.
- 19 Representação geral e Garantia. Você representa e garante que (i) seu uso do Site será feito estritamente de acordo com a Política de Privacidade da Automattic, com este Acordo e com todas as leis e regulamentos aplicáveis (incluindo, sem limitação, quaisquer leis locais ou regulamentos do seu país, estado, cidade ou zona governamental relacionados à conduta online e aos conteúdos aceitáveis nesse ambiente, e também todas as leis aplicáveis relacionadas à transmissão de dados técnicos dos Estados Unidos ou do país em que você reside) e (ii) seu uso do Site não infringirá os direitos de propriedade intelectual de terceiros, e você não fará apropriações indevidas dos mesmos.
- 20 Indenização. Você concorda em indenizar e isentar de responsabilidades a Automattic, seus contratados e licenciantes, bem como seus respectivos diretores, executivos, empregados e agentes, por e contra quaisquer reivindicações e despesas, incluindo honorários advocatícios, advindas do seu uso do Site, incluindo sem limitação a violação dos termos deste Acordo.
- 21 Tradução. Estes Termos de Serviço foram escritos originalmente em Inglês (EUA). Esta é uma tradução. Na eventualidade de a versão traduzida ser conflitante com a original, a versão em Inglês deverá prevalecer.
- 22 Diversos. Este Acordo constitui integralmente o acordo entre a Automattic e você a respeito dos assuntos aqui tratados, e só poderá ser modificado por meio de uma emenda escrita assinada por um executivo autorizado da Automattic, ou caso a Automattic publique uma versão revisada do mesmo. Exceto em casos em que a lei aplicável, caso haja, exija o contrário, este Acordo, o acesso ao Site e seu uso serão governados pelas leis do estado da Califórnia, nos Estados Unidos, exceto as disposições relativas aos conflitos de leis. Os órgãos adequados para tratar das disputas advindas de ou relacionadas aos mesmos serão os tribunais estadual e federal do condado de São Francisco, na Califórnia. Exceto por

processos cautelares ou indenizações equitativas e reivindicações sobre direitos de propriedade intelectual (que podem ser demandadas por qualquer tribunal competente sem a publicação de uma nota promissória), as disputas que surjam sob a regência deste Acordo deverão ser resolvidas, de acordo com o Regulamento Abrangente de Arbitragem (“Comprehensive Arbitration Rules”) da Judicial Arbitration and Mediation Service, Inc. (“JAMS”), por três árbitros escolhidos de acordo com esse Regulamento. A arbitragem deverá acontecer em São Francisco, na Califórnia, em idioma inglês, e a decisão arbitral poderá ser executada por qualquer tribunal. A parte prevalecente de qualquer recurso deverá ser designada para arcar com os custos e honorários advocatícios de modo a cumprir com este Acordo. Se qualquer porção deste Acordo apresentar conteúdo inválido ou não aplicável, tal porção será interpretada de modo a refletir a intenção original das partes, e as porções remanescentes conservarão sua força e efeito. A renúncia de qualquer das partes a qualquer termo ou condição deste Acordo, ou qualquer violação do acordo, em qualquer instância, não anulará tal termo ou condição ou as violações subsequentes. Você poderá designar seus direitos sob este Acordo a qualquer parte que concorde com vincular-se a estes termos e condições; a Automattic poderá designar seus direitos sob este Acordo irrestritamente. Este Acordo é vinculante e terá efeito para o benefício das partes, de seus sucessores e concessionários autorizados.

Log de alterações:

- 7 de julho de 2009: Adicionado o texto “não é pornográfico” ao parágrafo 2, “A responsabilidade dos colaboradores”.
- 18 de dezembro de 2010: Adicionada a seção de renovação automática ao parágrafo 3, “Pagamento e renovação”.
- 1º de fevereiro de 2011: Esclarecimento do texto sobre o procedimento de encerramento do acesso a infratores reincidentes, no parágrafo 7.
- 27 de abril de 2011: Adicionado o parágrafo “Publicidade”, visando a esclarecer nossa política publicitária (<http://en.support.wordpress.com/advertising/>).
- 17 de maio de 2011: Adicionado o parágrafo “Temas de Amigos do WordPress.com”.
- 9 de setembro de 2011: Adicionado o parágrafo “Nomes de domínios”.
- 17 de outubro de 2011: Adicionado o parágrafo “Firehose”.
- 6 de março de 2012: Esclarecimento da definição do Site com a adição de “Jetpack by WordPress.com”.
- 6 de abril de 2012: Adicionado o parágrafo “Atribuição”, visando a esclarecer nossa política de atribuição.

- 12 de novembro de 2012: Os termos e condições de Serviços VIP foram substituídos por referências cruzadas aos termos e condições dos serviços de Hospedagem/Suporte VIP e Suporte VIP, que podem ser encontrados em vip.wordpress.com; removido o texto “em relação a indivíduos ou entidades” (“towards individuals or entities”) da proibição contra ameaças de violência na Seção 2.
- 12 de junho de 2013: Adicionado o parágrafo “Atribuição”, visando a especificar que os créditos do rodapé e a barra de ferramentas do WordPress.com não podem ser alterados.
- 3 de julho de 2014: Elaboração do texto sobre licenças relacionado à Firehose, esclarecimento da nossa política contra fraudes, adicionada terminologia sobre reblogar e removidos os direitos de alteração unilateral dos Termos de Serviço.
- 15 de julho de 2014: Adicionada a seção “Tradução”.